

UNIVERSIDADE DE LISBOA
Faculdade de Psicologia



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Psicologia e ciências da Educação



Estar Online, Viver Offline

Hábitos de utilização, ajustamento psicossocial, riscos/oportunidades online e comportamentos de risco offline/bem-estar, de jovens utilizadores do Facebook da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e de Macau

Teresa Paula de Oliveira Marques

Orientadores: Prof^a Doutora Maria Alexandra Penedo Marques Pinto
Prof^a Doutora Maria João Alvarez

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Educação

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
Faculdade de Psicologia



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Psicologia e ciências da Educação



Estar Online, Viver Offline

Hábitos de utilização, ajustamento psicossocial, riscos/oportunidades online e comportamentos de risco offline/bem-estar, de jovens utilizadores do Facebook da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e de Macau

Teresa Paula de Oliveira Marques

Orientadores: Prof^ª Doutora Maria Alexandra Penedo Marques Pinto
Prof^ª Doutora Maria João Alvarez

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Educação

Júri:

Presidente : Doutora Ana Margarida Vieira da Veiga Simão , Professora Catedrática

Vogais :

Doutora Maria Cristina Mendes da Ponte, Professora associada Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;

Doutora Ivone Alexandra Martins Patrão, Professora Auxiliar Convidada ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida;

Doutor Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira, Professor Catedrático Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra;

Doutora Maria Alexandra Penedo Marques Pinto , Professora Auxiliar Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, orientadora;

Doutora Maria Dulce Ribeiro Miguéns Gonçalves, Professora Auxiliar Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Página propositadamente deixada em branco

*Os homens criam as ferramentas.
As ferramentas recriam os homens*
Marshall McLuhan, 1967

*À minha mãe,
Em memória do meu pai e do meu irmão*

Página propositadamente deixada em branco

Agradecimentos

Quando ingressei no doutoramento, estava longe de saber que iria iniciar uma longa caminhada. Deixava para trás a experiência de uma licenciatura e de um mestrado que, pensava eu, já me tinham dado alguma estrutura para aguentar o ritmo deste novo desafio. Como estava enganada! Houve momentos muito penosos, mesclados por outros de muita satisfação à medida que ia conseguindo ultrapassar os (muitos) obstáculos que foram surgindo. Neste percurso fui ajudada por muitas pessoas, a quem estarei para sempre grata. Curiosamente, algumas apenas conheço virtualmente, mas o seu apoio permanente e incondicional sempre esteve muito para além das fronteiras do online !

Quero começar por agradecer às minhas Orientadoras, Professora Doutora Alexandra Marques Pinto e Professora Doutora Maria João Alvarez, o facto de terem acarinhado este projeto deste o primeiro dia. Todas as palavras serão insuficientes para agradecer o apoio científico, o rigor, a dedicação, mas também o carinho que me dispensaram. Nos momentos “menos bons” foi muito reconfortante saber que contava com o vosso apoio. Obrigada de coração!

Um agradecimento ao Professor Doutor Cícero Pereira e à Professora Doutora Magda Roberto, pelas preciosas ajudas ao nível da estatística e por toda a disponibilidade que demonstraram.

À Dr.^a Tânia Gregg, agradeço a dedicação e o profissionalismo com que efetuou as revisões e traduções dos artigos para língua inglesa. Agradeço também à Dr.^a Ana Barreira, Dr.^a Carla Pintor, Dr.^a Fátima Brandeiro e Dr. Manuel Alberto Lino, o precioso apoio nas traduções.

O meu muito obrigada aos profissionais cujos pareceres foram a base para elaborar o pedido ao Conselho de Ética e Deontologia da Faculdade de Psicologia de Lisboa (Por ordem alfabética) : Mestre Filipa Falcão Reis, Engenheiro Sérgio Pinto, Engenheiro João Gonçalves, Engenheiro Guilherme Carvalho, Engenheiro Miguel Cruz.

Agradeço também aos muitos profissionais me ajudaram a erguer este projeto, através das importantes sugestões nas suas áreas específicas (por ordem alfabética):

Professora Doutora Ana Nunes de Almeida – ICS, UL; Mestre André Pereira – Advogado, especialista em Bioética, Assistente na Universidade de Coimbra ; Dr.ª Cíntia Aguas – advogada da CNECV; Professora Doutora Cristina Ponte , Universidade Nova – Lisboa; Dr.ª Filipa Falcão Reis – projecto “Tu e a Internet”, Universidade do Porto; João Paulo Narciso (ISPA); Prof. José Alberto Simões – UNL, projecto EU Kids Online ; Dr. Lourenço Medeiros (SIC – especialista em tecnologia); Prof. Doutor Pedro Zany Caldeira – Universidade Lusíada; Professor Doutor Pedro Ventura; Prof. Doutora Rita Espanha – ISLA, OBERCON ; Dr. Tito de Moraes – MiudosSeguros@net.

Recolher amostra em todos os países da CPLP e em Macau poderia ter sido uma tarefa impossível de concretizar, não fosse a inestimável ajuda de muitas pessoas. Embora todas fossem importantes, não posso deixar de destacar a simpatia e disponibilidade da Professora Doutora Margarida Gaspar de Matos que sem hesitar acionou os seus contactos no Brasil e facilitou todo o processo. Muito obrigada !

Agradeço, então, (ordem alfabética) à Dr.ª Ana Baptista (ESCO – Escola de Serviços e Comércio do Oeste); Dr.ª Ana Catarina Queiroga (Escola Profissional de Economia Social – Academia José Moreira da Silva); Professora Doutora Ângela Fara (Colégio Técnico) Ana Ruth Cesário (Sapo Portugal); Dr.ª Cristina Rego (Escola Profissional de Teatro de Cascais); Dr.ª Cristina Monge Freitas (Colégio S. Francisco de Assis, Lisboa); Dr.ª Alexandra Melo (Escola Portuguesa de Moçambique); Professora Doutora Célia Costa (Faculdade Paraíso); Professora Doutora Cristina Miyazaki (Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto); Professora Doutora Carla Carvalho (Universidade de Coimbra); Dr Domingos Martinho (ISLA Santarém); Professora Doutora Edwiges Silves (Instituto de Psicologia da USP); Dr.ª Eliane Falcone (Instituto de Psicologia da universidade do Rio de Janeiro); Professora Doutora Edwiges Mattos Silves (Instituto de Psicologia da Universidade de S. Paulo); Dr.ª Filipa Martinho (ISLA Santarém); Dr.ª Helena Freitas (Colégio S. Francisco de Assis, Luanda); Dr.ª Isabel Soares (Colégio Moderno); Dr.ª Iolanda Neves (Escola Profissional de Comércio Externo); Professora Doutora Ianni Regia Scarcelli (Instituto Psicologia da Universidade de S. Paulo); Dr.ª Isaura Lourenço (Universidade Lusófona – Lisboa); Dr. João Tavares (Escola Profissional de Aveiro); Dr. Joaquim Martinho (Associação Pais Dom Martinho); Professor Doutor Jorge Brito

(Universidade Jean Piaget de Cabo Verde); e Professor Doutor Jacinto Estrela (Universidade Jean Piaget de Cabo Verde); Dr. José Pegada (Escola Profissional de Ourém); Dr. Jorge Soares (Universidade da Madeira) ; Dr Lucas Blanco (Brasil); Professor Doutor Lúcio Pinto (Instituto Politécnico de São Tomé e Príncipe); Professora Doutora Luísa Soares (Universidade da Madeira); Professor Doutor Luis Borges Gouveia (Universidade Fernando Pessoa); Professor Doutor Luis Armando Gomes (Universidade da Madeira); Dr.ª Maria da Luz Nogueira (Escola Profissional Bento de Jesus Caraça); Professora Doutora Margarida Gaspar de Matos (FMH/UTL & CMDT-LA/UND; Professora Doutora Maria Margarida Gonçalves (Universidade dos Açores); Dr. Marcos Feitosa (Brasil); Mayra Fernandes (SAPO Angola); Dr.ª Mabel Serra (Universidade Politécnica de Moçambique - ISPU); Professora Doutora Marina Carvalho (Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes); Dr. Nuno Gomes (Universidade Independente de Angola); Dr Paulo Quina (Escola Profissional de Aveiro); Professora Doutora Paula Castilho (Universidade da Madeira); Professor Doutor Paulo Marcondes; Dr.ª Raquel Raimundo (Colégio Valsassina); Dr. Serafim Assunção e Costa (Colégio Sagrado Coração de Maria); Dr.ª Sofia Ataíde (Colégio S. José Ramalhão); Dr.ª Sónia Duarte (Profissional de Rio Maior); Dr.ª Sónia Duarte (Escola Profissional de Rio Maior); Professora Doutora Suely Santana (Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP ; Professora Doutora Silvia Koller (Universidade Federal de S. Carlos); Dr.ª Suely Santana (Universidade Federal de S. Carlos); Professora Doutora Sandra Mendonça (Universidade da Madeira); Dr.ª Tânia Santos (Universidade Lusíada de Lisboa); Dr.ª Tânia Gaspar (Universidade Lusíada); Dr.ª Teresa Paiva Couceiro (Fundação Gonçalo da Silveira - Timor); Dr. Wilson Barbosa (Escola Portuguesa de Guiné-Bissau); Dr.ª Vânia Grácio (Associação Vidas Cruzadas); Professora Doutora Zilda A. P. Del Prette (Universidade Federal de S. Carlos) e a muitas outras pessoas que nos locais agilizaram o processo e permitiram que a amostra fosse recolhida.

Realizar uma tese de doutoramento e manter todas as atividades profissionais, nem sempre foi tarefa fácil. Agradeço ao Dr. Nuno Faria, Diretor Pedagógico do Externato João Alberto Faria, as facilidades que me concedeu.

Agradeço também aos colegas que trabalham diariamente comigo no Externato João Alberto Faria, sobretudo aos do pólo de Ensino Profissional, por todo o apoio. Em especial à Patrícia Marques, ao Pedro Silva, à Rute Rafael e à Vera Espinheira,

Às colegas de doutoramento, em especial à Elsa Costa Silva, à Isa Figueira, à Paula Costa, à Susana Ramalho, à Telma Carvalho e à Vânia Pinto de Jesus, agradeço todos os momentos que partilhámos, a energia positiva que sempre me transmitiram e a ajuda que me prestaram em muitos momentos. Obrigada !

Aos amigos, que muitas vezes foram o meu “balão de oxigénio” e sem eles teria sido muito, mas muito mais difícil, concretizar este trabalho. Cito-vos por ordem alfabética, porque seria injusto fazê-lo de outro modo. À Ana Paula Nunes, Catarina Carreira, Conceição Rodrigues, Cristina Oliveira, Isabel Almeida, Luis Costa Ribas, Maria dos Anjos Espada, Patrícia Appelt, Rita Marrafa de Carvalho, Sérgio Pinto e a muitos outros que me acarinharam ao longo deste percurso, inclusive via Facebook (e que nunca conheci presencialmente). Muito Obrigada !

RESUMO

O principal objetivo da presente investigação foi o de explorar as diferenças motivadas pela cultura de origem ao nível dos hábitos de utilização do Facebook com impacto nos riscos e nas oportunidades online, da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e Macau. Pretendeu-se também explorar as relações entre o online e o offline, assim como o papel moderador do (des)ajustamento psicossocial na relação entre os hábitos de utilização e os riscos e oportunidades online para os utilizadores. Houve ainda o objetivo de caracterizar os jovens portugueses no que respeita à utilização desta rede social.

A investigação, de carácter exploratório, incluiu quatro estudos e iniciou-se pela construção e estudo psicométrico de um instrumento para avaliação dos riscos/oportunidades dos jovens utilizadores do Facebook da CPLP e de Macau. Este instrumento foi utilizado nos três estudos posteriores. Os dados foram recolhidos através do preenchimento online deste questionário de autorrelato e a amostra foi composta por 4572 jovens da CPLP e Macau com idades entre os 14 e os 20 anos.

Os resultados mostraram que os jovens portugueses incluídos na nossa amostra acediam ao Facebook uma a duas vezes por semana, permaneciam online 31 a 60 minutos e tinham uma atitude favorável à utilização desta rede social. O género masculino, os menores de idade, e os residentes no centro do país, foram mais frequentemente cibervítimas. As oportunidades foram mais aproveitadas pelo género feminino, maiores de idade e residentes nas Ilhas.

O ajustamento psicossocial (ausência de solidão; ausência de ansiedade social) não revelou ser moderador do impacto dos hábitos de utilização, quer nos riscos quer nas oportunidades online.

Os hábitos de utilização e os riscos online predisseram os comportamentos de risco offline, assim como os hábitos de utilização e as oportunidades online predisseram o bem-estar total. Verificou-se, igualmente, que a diversidade cultural dos participantes contribuiu para explicar a variância dos riscos/oportunidades online e dos comportamentos de risco/bem-estar total.

Em conclusão, os resultados revelam a existência de uma estreita relação entre o online e o offline, ou seja, vive-se on e offline.

Palavras-chave: Facebook, jovens, riscos e oportunidades online, cibridismo, transcultural

ABSTRACT

The main aim of this research was to explore the differences, motivated by the culture of origin, in Facebook usage habits that impact online opportunities and risks, among the Community of Portuguese Speaking Countries and Macao. It also sought to examine online and offline relations, in addition to the moderating role of psychosocial adjustment in the relationship between usage habits and online risks and opportunities for its users. A further aim of the research was to characterize Portuguese youths and young adults in terms of their use of this social network.

This exploratory research included four studies and began with the construction and psychometric study of an instrument to evaluate the risks/opportunities of CPLP and Macau youth and young adult users of Facebook. This instrument was used in the three ensuing studies. Data was collected through the online completion of this self-report questionnaire and the sample consisted of 4572 youths and young adults aged between 14 and 20 years from the CPLP and Macao.

The results show that these Portuguese youths and young adults accessed Facebook once or twice a week, remained online from 31 to 60 minutes and had a favourable attitude towards the use of this social network. Male minors, and those living in the central region of the country, were more frequently cyber victims. Females, over the age of 18, and resident on the islands took more advantage of the opportunities.

Psychosocial adjustment (absence of loneliness, absence of social anxiety) did not moderate the impact of usage habits, both on online risks and online opportunities. While the usage habits and online risks predicted offline risk behaviours, the usage

habits and online opportunities predicted total well-being. The cultural diversity of the participants was also found to contribute towards explaining the variance of online risks/opportunities and risk behaviours/ total well-being.

In short, the findings point to a close online and offline relationship, in other words, life is lived both on and offline.

Key words: Facebook, youths and young adults, online risks and opportunities online, cybridism, transcultural

ÍNDICE GERAL

Resumo.....	xiii
Abstract	xv
Índice de tabelas e de quadros	xxi
Índice de figuras.....	xxiii
Capítulo I- Enquadramento.....	27
1.1 Referencial teórico	29
1.1.1. Cibercultura e cibridismo	30
1.1.2 As redes sociais e o Facebook	37
1.1.2.1 Facebook e (des)ajustamento psicossocial	40
1.1.2.2 Riscos do Facebook (online) e comportamentos de risco (offline).....	43
1.1.2.3 Facebook e oportunidades online	54
1.1.2.4 Facebook e bem-estar	60
1.1.3 Diferenças culturais e utilização do Facebook	67
1.1.3.1 Teoria das dimensões culturais de Hofstede	69
1.1.3.2 Dimensões culturais da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e de Macau	73
1.1.3.3 Diferenças culturais e hábitos de utilização do Facebook.....	77
1.1.3.4 Impacto das diferenças culturais nos riscos/ oportunidades online	81
1.1.4. Perspetiva geral da dissertação	82
Capítulo II – A Investigação.....	88
2.1 Modelo do estudo	91
2.1.1 Procedimentos para a constituição da amostra e recolha dos dados	94
2.1.2 Participantes	96
2.2 Instrumentos utilizados.....	100
2.2.1 Questionário sobre os Hábitos de Utilização do Facebook.....	101
2.2.2 (Des)ajustamento psicossocial	101
2.2.2.1 Índice de Ajustamento Psicossocial	101
2.2.2.2 Escala de Solidão Social e Emocional.....	102
2.2.2.3 Escala de Ansiedade Social para Adolescentes	104
2.2.3 Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook	106
2.2.3.1 Riscos online incluídos na EAROJUF.....	106
2.2.3.2 Oportunidades incluídas na EAROJUF	110
2.2.4 Escala de Avaliação dos Comportamentos de Risco Offline.....	112
2.2.5 Índice de Bem-Estar.....	119

2.3.6 Questionário de dados sociodemográficos e relativos à caracterização dos participantes como utilizadores do Facebook.....	121
Capítulo III – Estudos Empíricos.....	123
3.1 Estudo 1 - Estudo psicométrico da Escala de Avaliação dos Riscos e das Oportunidades Online dos jovens utilizadores do Facebook	125
3.1.1 Método.....	130
3.1.1.1 Participantes	130
3.1.1.2 Construção da Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook (EAROJUF)	130
3.1.2. Procedimentos.....	134
3.1.2.1. Questões éticas.....	134
3.1.2.2 Recolha da amostra	135
3.1.3. Procedimentos de análise	136
3.1.4. Resultados	138
3.1.4.1 Validade de Construto e Fiabilidade, Validade Fatorial, Análise Fatorial Exploratória (AFE).....	138
3.1.4.2 Análise Fatorial Confirmatória (AFC)	140
3.1.4.3 Validade Convergente, Divergente e Fiabilidade	141
3.1.5 Discussão e Conclusões	146
3.2 Estudo 2 - Hábitos de utilização, riscos e oportunidades criadas pelo Facebook para os jovens portugueses, segundo o género, a idade e a região geográfica	151
3.2.1 Método.....	156
3.2.1.1 Amostra	156
3.2.1.2 Instrumentos.....	157
3.2.1.3 Análise de dados	159
3.2.2 Resultados	160
3.2.2.1 Estatística descritiva e comparação de médias.....	160
3.2.3 Discussão dos resultados e conclusões	165
3.3 Estudo 3 - Facebook: Risks and opportunities in Brazilian and Portuguese youths with different levels of psychosocial adjustment	170
3.3.1 Method.....	177
3.3.1.1 Participants and Procedures	177
3.3.1.2 Measures.....	178
3.3.2 Analysis Procedures	181
3.3.3 Results	182
3.3.3.1 Descriptive statistics and comparison of means.....	182
3.3.3.2 Regression analyses	184
3.3.4 Discussion.....	187

3.4 Estudo 4 - Online and Offline: Cross-cultural study of young Facebook users from Portuguese-speaking countries.....	191
3.4.1 Method.....	197
3.4.1.1 Participants	197
3.4.2 Procedure.....	200
3.4.3 Data Analyses.....	200
3.4.4.Results	202
3.4.4.1 Sample Characterization (Hofstede Dimensions)	197
3.4.4.2 Descriptive statistics	203
3.4.4.3 Hierarchical linear models.....	205
3.4.4.3.1 Random intercept-only model (empty model)	205
3.4.4.3.2 Level 1 prediction model (fixed effects)	206
3.4.4.3.3 Regression analyses	209
3.4.5 Discussion.....	214
Capitulo IV- Discussão e considerações finais.....	221
4.1 Resultados mais significativos.....	225
4.1.1 Construção e estudo psicométrico de instrumentos de avaliação	225
4.1.2 O jovem utilizador português	226
4.1.3 Facebook e (des)ajustamento psicossocial	236
4.1.4 Facebook e aspetos culturais	238
4.1.4.1 Hábitos de utilização	238
4.1.4.2 Riscos e oportunidades online	243
4.1.5 Comportamentos de risco (offline) e bem-estar	255
4.1.6 Estamos online e vivemos offline?	257
4.2 Principais contributos.....	261
4.3 Algumas limitações.....	263
Capitulo V – Referências Bibliográficas.....	268
ANEXOS.....	315
Anexo 1 - Pedido de parecer à Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia	317
Anexo 2 - Parecer emitido pela Comissão Especializada de Deontologia (CED) do Conselho Científico (CC) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.....	323
Anexo 3 - E-mail de autorização do Ministério da Educação	324
Anexo 4 - E-mail enviado aos diretores das escolas	325
Anexo 5 - Documento de Consentimento informado (enviado aos pais).....	326
Anexo 6 - Itens informativos	327
Anexo 7 - Questionário sobre os Hábitos de Utilização do Facebook	330

Anexo 8 - Índice de Ajustamento Psicossocial	332
Anexo 9 - Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades do Facebook.....	334
Anexo 10 - Questionário sobre Comportamentos de Risco Offline	341
Anexo 11 - Índice de Bem-Estar	343
Anexo 12 - Exemplos de perfis/páginas/grupos do Facebook que podem ilustrar riscos, mas também oportunidades	344

INDICE DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1. Género dos participantes	96
Quadro 2. Idade categorial dos participantes	97
Quadro 3. Escolaridade dos participantes.....	97
Quadro 4. Pesos fatoriais e comunalidades para os dois fatores relativos aos Comportamentos de Risco Offline, correlações item-escala e valores de alfa.	114
Quadro 5. Média, desvio-padrão e correlações inter-item para cada comportamento de risco offline (fator 1)	117
Quadro 6. Média, desvio-padrão e correlações inter-item para cada comportamento de risco offline (fator 2)	118
Estudo 1 - Estudo psicométrico da Escala de Avaliação dos Riscos e das Oportunidades Online dos jovens utilizadores do Facebook.....	125
Quadro 1. Pesos fatoriais e comunalidades dos itens que definem os 7 fatores e correlações item- total da escala e valores de alfa obtidos na AFE.	139
QUADRO 2 . Médias e desvios-padrão dos itens e dos fatores	142
QUADRO 3. Correlações entre os 7 fatores que compõem a escala	144
Quadro 4. Correlações entre itens e fatores.....	145
Estudo 2 - Hábitos de utilização, riscos e oportunidades criadas pelo Facebook para os jovens portugueses, segundo o género, a idade e a região geográfica.....	151
Quadro 1. Características sociodemográficas da amostra (N = 3494)	156
Quadro 2. Médias (M) e desvios-padrão (DP) dos hábitos de utilização dos jovens utilizadores de Portugal, segundo o género, a idade e a região	160
Quadro 3. Médias (M) e desvios-padrão (DP) dos riscos online dos jovens utilizadores de Portugal, segundo a região, género e idade	163
Quadro 4. Médias (M) e desvios-padrão (DP) das oportunidades online dos jovens utilizadores de Portugal, segundo o género, idade e região.	164
Estudo 3 - Facebook: Risks and opportunities in Brazilian and Portuguese youths with different levels of psychosocial adjustment.....	170
Table 1. Characterization of the samples from Brazil and Portugal based on age, gender and schooling	178
Table 2. Means (M) and standard deviation (SD) of Psychosocial Adjustment, Facebook Usage Habits, Risks and Opportunities, by Age, in the Participants from Brazil and Portugal	183

Table 3. Results of regression analyses in the predictors of risks and opportunities	185
Estudo 4 - Online and Offline: Cross-cultural study of young Facebook users from Portuguese-speaking countries.....	191
Table 1. Socio-demographic characteristics of the sample, percentages related to gender, age and schooling	197
Table 2- Means, standard deviations and correlations of habits, online risks and opportunities, offline risk behaviours and total well-being	204
Table 3. Results of the multilevel models regarding offline behaviours (level 2 = 9 countries, level 1 = 4695 individuals)	207
Table 4: Results of the multilevel models regarding well-being (level 2 = 9 countries. level 1 = 4695 individuals)	208
Table 5. Multiple regression analysis of frequency, attitude, risks and opportunities, according to country.....	210

INDICE DE FIGURAS

Figura 1. Virtualidade contínua (baseado em Milgram & Kishino, 1994)	33
Figura 2. Diferentes níveis da cultura (baseado em Hofstede, 1980).....	68
Figura 3. Dimensões culturais dos países da CPLP e de Macau	76
Figura 4. Modelo global do estudo	91
Figura 5. Modelo do estudo 2 (a azul)	92
Figura 6. Modelo do estudo 3 (a azul)	93
Figura 7. Modelo do estudo 4 (a azul)	93
Figura 8. Estrutura em 3 fatores relativos à Escala SELSA-S na amostra deste estudo.....	103
Figura 9. Estrutura em 3 fatores relativos à Escala SAS-A ajustada à amostra deste estudo.....	106
Figura 10. Categorias e subcategorias de riscos online incluídas na EAROJUF	109
Figura 11. Categorias e subcategorias de oportunidades online da EAROJUF	111
Figura 12. Estrutura em 2 fatores relativos aos Comportamentos de Risco Offline ajustada à amostra deste estudo (n= 2286).....	116
Figura 13. Categorias e subcategorias da Escala de Comportamentos de Risco Offline	119
Figura 14. Estrutura em 3 fatores relativos à Escala MHC-SF ajustada à amostra deste estudo	120
Estudo 1. Estudo psicométrico da Escala de Avaliação dos Riscos e das Oportunidades Online dos jovens utilizadores do Facebook.....	125
Figura 1. Análise Fatorial Confirmatória dos fatores finais ajustada à amostra do estudo	141
Estudo 3 - Facebook: Risks and opportunities in Brazilian and Portuguese youths with different levels of psychosocial adjustment.....	170
Figure 1. Online opportunities according to the frequency of Facebook usage moderated by country.....	186
Figure 2. Online Risks according to frequency of Facebook use, moderated by country	187
Estudo 4. Online and Offline: Cross-cultural study of young Facebook users from Portuguese-speaking countries.....	191
Figure 1. Cultural dimensions of the countries, according to Hofstede's Theory	203

Anexo 12. Exemplos de perfis/páginas/grupos do Facebook que podem ilustrar riscos, mas também oportunidades.....344

Figura 1. Exemplo de post de expressão de emoções	344
Figura 2. Exemplo de um post com uma fotografia ousada(nude selfie) no mural	344
Figura 3. Exemplo de página para denúncia de perfis falsos	345
Figura 4. Exemplo de mudança de status.....	345
Figura 5. Exemplo de um grupo fechado com ideais xenófobos	345
Figura 6. Exemplo de um post com conteúdo racista	346
Figura 7. Exemplo de um grupo aberto com ideais homofóbicos	346
Figura 8. Exemplo de post com conteúdo homofóbico.....	346
Figura 9. Exemplo de página de incentivo ao suicídio	347
Figura 10. Exemplo de uma página de incentivo à fuga de casa.....	347
Figura 11. Exemplo de um perfil de instigação à bulimia (Mia) e anorexia(Ana)	348
Figura 12. Exemplo de post de incentivo à anorexia	348
Figura 13. Exemplo de uma página de instigação à automutilação.....	348
Figura 14. Exemplo de uma página que instiga ao consumo de álcool	349
Figura 15. Exemplo de uma página que instiga ao consumo de álcool (desafio de necknomination)	349
Figura 16. Exemplo de uma página e de uma fotografia de planking (tirada no meio de uma autoestrada).....	349
Figura 17. Exemplo de uma página e de uma fotografia de Horsemaning	350
Figura 18. Exemplo de uma página de desafios em vídeo e de uma fotografia.....	350
de “tourear carros”	350
Figura 19. Exemplo de um post onde jovens aparecem a consumir alcóol e tabaco.....	350
Figura 20. Exemplo de post/fotografia em que há consumos (tabaco).....	351
Figura 21. Exemplo de selfie	351
Figura 22. Exemplo de perfil, desbloqueado, com dados sobre o próprio (local onde estuda, número de telemóvel, e-mail)	351
Figura 23. Exemplo de post onde há expressão de sentimentos/emoções (desejo de arranjar namorada).....	352

Figura 24. Exemplo de post onde há a procura de apoio emocional.....	352
Figura 25. Exemplo de uma página de apoio a deficientes auditivos	352
Figura 26. Exemplo de página com o objetivo de organizar Flash Mobs.....	353
Figura 27. Exemplo de página de informação (sobre drogas).....	353
Figura 28. Ferramenta do Facebook com o objetivo de apoiar pessoas com ideação suicida, ou que sintam o impulso de se automutilarem.....	353
Figura 29. Ferramenta do Facebook que pode ser acionada caso alguém detecte que que há o risco de suicídio ou de automutilação.....	354
Figura 30. Exemplo de um grupo dedicado à procura/oferta de emprego.....	354
Figura 31. Post de jovem com o objetivo de obter “Likes”	354
Figura 32. Exemplo de uma página de ódio contra alguém específico	355
Figura 33. Exemplo de um post de ódio contra o género masculino (misandria)	355
Figura 34. Exemplo de página de cyberbullying.....	355
Figura 35. Exemplo de uma página/post de cibersexting.....	356
Figura 36. Exemplo de uma página de informação sobre o país	356
Figura 37. Exemplo de página de informação (Associação de Apoio à Vítima).....	356
Figura 38. Exemplo de uma página com informações relativas a saúde	357
Figura 39. Exemplo de uma página em memória de um falecido (expressão de emoções).....	357
Figura 40. Exemplo de post onde é expressa a dor pela morte de alguém	357

Página propositadamente deixada em branco

Capitulo I- Enquadramento

Página propositadamente deixada em branco

1.1 Referencial teórico

Quando este estudo foi iniciado, a Internet (*World Wide Web* - *www*) tinha surgido há duas décadas (1992) e muito já havia sido escrito sobre ela. Contudo, o Facebook existia há apenas seis anos e escasseavam investigações científicas sobre esta rede social. Parecia, então, que seria uma área que interessava explorar, já que a popularidade que o Facebook atingia entre os jovens traria certamente novos desafios para a Psicologia.

Começavam a surgir trabalhos¹, mas apesar do crescente interesse pelo estudo do Facebook, não existiam instrumentos específicos para a avaliação dos riscos e oportunidades por ele criados, pelo que houve necessidade de se iniciar este trabalho exatamente pela construção, adaptação e validação de um instrumento para esse fim. Este foi o ponto de partida para que se pudesse traçar o perfil dos jovens utilizadores portugueses do Facebook em termos de hábitos, riscos e oportunidades online e suas repercussões offline, assim como explorar a relação destas variáveis com o género, idade e regiões de Portugal. Havia, no entanto, o desejo de ir mais além e (1) contribuir para um conhecimento mais aprofundado dos hábitos de utilização do Facebook, dos riscos e das oportunidades online, e (2) explorar o impacto da cultura na utilização desta rede social. Este objetivo levaria a alargar o estudo aos restantes países de língua portuguesa.

Outro interesse prendia-se com a exploração do papel moderador do (des)ajustamento psicossocial na relação entre os hábitos de utilização e os riscos e oportunidades para os

¹ e.g., a pesquisa da rede Europeia Eu Kids Online, iniciada em 2006, é coordenada por Sonia Livingstone da London School of Economics (LSE) e começou por reunir investigadores de 21 países Europeus (atualmente são já 33) entre os quais Portugal. Incide sobre “os usos da Internet, telemóvel e outras tecnologias em linha por parte de crianças.” (<http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>)

utilizadores. Os estudos existentes (e.g., Gross, Juvonen, & Shelly, 2002), não reuniam consenso entre os autores pelo que seria uma importante área a explorar.

Estes objetivos/áreas de interesse, levaram à concretização de outros três estudos empíricos, de carácter exploratório, incluídos no presente trabalho.

Partia-se por outro lado, do pressuposto de que o mundo online não existiria separado do offline, tendo como base a noção de cibridismo e os estudos de autores como Beiguelman (2010), Gabriel (2012) e Turkle (1999). Além disso, a maioria das investigações centrava-se na compreensão dos riscos e das oportunidades associadas à utilização do Facebook, sendo escassos os estudos sobre a relação dos riscos e oportunidades com os comportamentos de risco offline e o bem-estar. Daí a importância de se compreender também o impacto dos riscos online nos comportamentos de risco offline e das oportunidades online no bem-estar dos utilizadores.

1.1.1. Cibercultura e cibridismo

Situada entre as décadas de oitenta e de noventa, a Geração Y (Tapscott, 1999), também chamada Geração do Milénio, foi a primeira a crescer com computadores em casa, sendo os indivíduos dessa geração considerados nativos digitais (Pew Research Center's Social & Demographic Trends Project, 2014). Contudo, foi a geração posterior, a Geração Z (iGeneration, Plurais, Centennials ou Geração digital), surgida após a década de noventa, quem assistiu à eclosão da maioria das tecnologias, encontrando-se por isso totalmente familiarizada com a sua utilização (Rosen, 2010a). Os jovens da Geração Z não vivem sem Internet, são *multitasking*², utilizam as tecnologias sobretudo com o objetivo de socializar e

² Ato de conseguir desempenhar várias tarefas em simultâneo - multitarefa (Dicionário infopédia de Inglês|Português, 2003-2017).

têm muita criatividade principalmente no que concerne aos conteúdos virtuais (Rosen, 2010b).

Em fevereiro de 2004, surgiu o Facebook resultado do engenho de três jovens americanos (Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, e Chris Hughes) e um brasileiro (Eduardo Saverin). O nome é uma alusão ao livro facultado nos EUA por algumas administrações universitárias, com o objetivo de ajudar os estudantes a conhecerem-se uns aos outros quando ingressam na universidade. Rapidamente, as Gerações Y e Z se tornaram grandes utilizadoras desta rede social, fundamentalmente para “iniciar e manter relacionamentos, aprender com/sobre os outros, procurar reconhecimento social” (Capua, 2012, p.37). Milhares de jovens em todo o mundo respondem diariamente à pergunta “*em que estás a pensar?*”, ou seja, é inegável que as redes sociais e, especificamente o Facebook, se tornaram parte das suas vidas de tal modo que, em 2009, *unfriend/desamigar*³, foi considerada a palavra do ano, sendo por isso adicionada ao New Oxford American Dictionary (Rosen, 2010a).

Atualmente, “através da comunicação mediada por computador combinam-se encontros, fala-se da escola, do dia-a-dia, ou seja, essa comunicação mediada não deixa de revelar formas de interação entre o que se passa online e offline” (Cardoso, Espanha, & Lapa, 2009, p. 43). Assim sendo, há todo um “conjunto de atitudes, rituais e hábitos desenvolvido no contato com a tecnologia e que reflete a cultura offline” (Barwinski, 2010, §7) que constitui a cibercultura. Há uma relação bidirecional, no sentido em que os comportamentos offline são incrementados pela Internet e o oposto também se verifica, por exemplo, grande parte da Geração Y e Z prefere enviar mensagens de texto ao invés de telefonar (Barwinski, 2010).

³ Eliminar (alguém) da lista de amigos ou contatos numa rede social (Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico, 2003-2017).

Segundo Santaella (2003), o computador é o representante máximo da cibercultura já que, uma vez ligado às redes sociais, permite a troca de mensagens entre utilizadores, o acesso às informações que estão disponíveis no mural, e o desenvolvimento de amizades. O telemóvel e o computador tornaram-se objetos essenciais à vida social contemporânea.

Neste contexto surge o ciberismo. O termo deve-se ao arquiteto norte-americano Peter Anders (2001, citado por Kinsley, 2003) que foi quem primeiro o utilizou para indicar a projeção de elementos virtuais no mundo real. Beiguelman (2010), anos mais tarde, retomou este conceito para designar a interseção entre redes on e offline, como uma forma de extensão do ser humano para além do seu corpo biológico (ciber + híbrido). Tendo em conta que vivemos permanentemente ligados, inserimos as tecnologias no nosso dia-a-dia e “deixou de fazer sentido falar em dois mundos separados, sendo mais adequado falar-se “do virtual e do resto da vida”” (Turkle, 1999, p. 2), ao invés de se contrapor o virtual ao real. Para Gabriel (2012) o século XXI é ciber, já que a sociedade se caracteriza pela integração do online no offline, isto é, passou-se de “estar ligado” a “ser ligado”.

“Estar” conectado⁴ significa que você eventualmente entra e sai da Internet, como era na época das conexões discadas à rede na década de 1990. [...] “Ser” conectado significa que parte de você está na rede – você vive em simbiose com ela.

Gabriel (2010, p. 74)

Os conceitos de *Realidade Aumentada* (RA) e *Realidade Mista* (RM), estão na base do ciberismo, sendo a RM resultante da fusão dos mundos físico e virtual com o objetivo de produzir novos ambientes (Milgram & Kishino, 1994). Por seu turno, a *Virtualidade Contínua* (Figura 1) consiste numa expressão adotada por estes autores, com o objetivo de caracterizar

⁴ O mesmo que “ligado”.

o espaço de transição entre o mundo real e o mundo virtual. Neste espaço, o virtual pode ampliar o Real (Realidade Aumentada) ou o Real aumentar o Virtual (Virtualidade Aumentada).

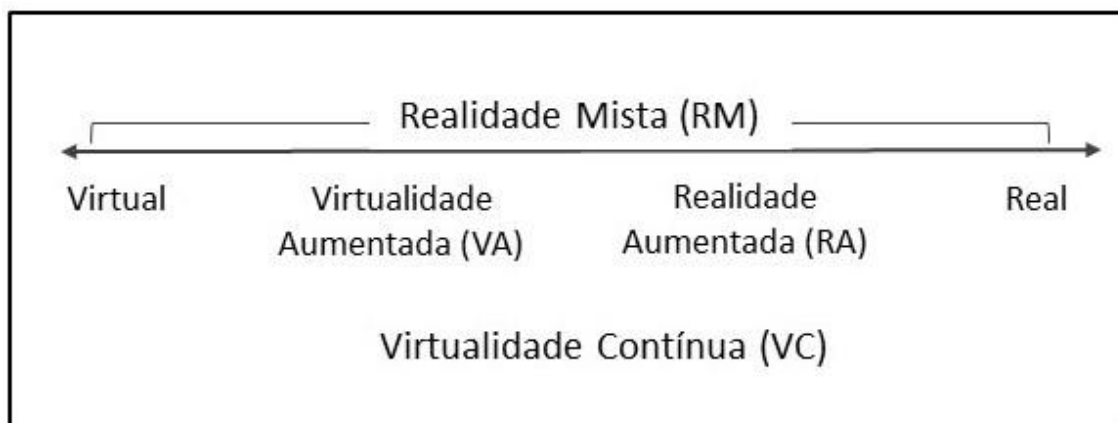


Figura 1 – Virtualidade contínua (baseado em Milgram & Kishino, 1994)

A *Virtualidade Contínua* relaciona-se, para os referidos autores, com a maneira como os seres humanos comunicam entre si (Milgram & Kishino, 1994), muitas vezes com recurso aos *SMS*, aos *e-mails* e às *salas de chat*, ou seja, estas atividades difundiram-se na sociedade e à medida que as pessoas as incorporaram nas suas realidades diárias, a distinção clara entre online e offline começou a esbater-se.

Até ao surgimento das tecnologias móveis necessitávamos de um equipamento fixo para estarmos ligados, mas o cenário alterou-se, a barreira entre on e off foi derrubada e o cibridismo permite agora este estado de “ser conectado” (Gabriel, 2011). A utilização de um smartphone⁵, por exemplo, é uma experiência híbrida já que, num mesmo momento, o indivíduo situa-se on e offline.

⁵Telemóvel com conectividade e funcionalidades semelhantes às de um computador pessoal, nomeadamente com um sistema operativo capaz de correr várias aplicações. Telefone inteligente. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

O que caracteriza essencialmente o cibridismo é estar entre redes. Usar o celular é uma experiência cíbrida. Você está on e offline. O celular hoje, no tempo do 3G, onde você está o tempo todo entre redes, entre experiência on e offline. (...) O celular nos ciborguizou.

Beiguelman (2010, p.9)

O digital passou a fazer parte do quotidiano, constituindo um complemento da vida analógica (Hamdan, 2009). Deste modo, tendo em conta que se vive permanentemente ligado, as tecnologias foram incorporadas, a ponto de não ser possível fazer-se a divisão entre OFF Line e ON Line, havendo apenas *ONE Line* (Gabriel, 2011a).

Os telemóveis, em especial os smartphones² estão de tal modo inseridos na vida diária que começam a ser encarados não como ferramentas, mas como elemento constitutivo da cognição humana (Beiguelman, 2013). Sendo omnipresentes, mesmo quando os indivíduos se desligam, continuam ligados e podem até produzir conteúdos enquanto se dorme⁶ (Carrapatoso, 2010).

O que parecia ficção científica faz hoje parte do dia-a-dia e a integração desses dispositivos pode chegar ao ponto de transformar os homens em ciborgues⁷, no sentido em que os telemóveis passaram a funcionar como extensões do corpo humano (Beiguelman, 2013; Haraway, 2000; Siqueira & Medeiros, 2011). Os jovens envolvem-se em múltiplas atividades e interagem com mais de um dispositivo, por exemplo, enquanto assistem a um programa de televisão (primeiro ecrã) utilizam outro dispositivo (segundo ecrã) para aceder a conteúdos adicionais que lhes interessam, tipicamente relacionados com o que estão a ver (Marquioni, 2014). A televisão surge muitas vezes associada à utilização de redes sociais, nas quais o

⁶ Existe um aplicativo para o telemóvel da Apple iPhone, chamado *Sleep Cycle*, que monitoriza o sono do utilizador e publica o resultado automaticamente no Facebook.

⁷ Mistura de humanos e de máquina.

público é convidado a interagir com os programas, ou quando não assistiu ao programa, permite-lhe ficar a par do que aconteceu, através dos comentários das redes sociais (Marquioni, 2014).

A banda larga e a tecnologia *touch screen*⁸ operaram uma grande expansão tecnológica. Tudo cabe agora na palma da mão e, através do simples deslizar dos dedos no ecrã, passa-se instantaneamente do online para o offline e vice-versa (Santaella, 2003). Ao personalizar o telemóvel com *apps*⁹, o utilizador inclui elementos da virtualidade no seu dia-a-dia, o que leva a que a *ubiquidade*¹⁰ surja a par do cibridismo (Beiguelman, 2010). Pode-se, inclusivamente, dar um beijo à distância bastando para isso que ambos os utilizadores possuam a app indicada e um acessório que colocam diretamente no smartphone (Stickland, 2016). Assim, graças à portabilidade, os smartphones “permitem o deslocamento físico e/ou virtual de seus usuários, bem como a mobilidade de suas atividades, conforme suas escolhas e/ou suas necessidades. Isso os coloca em total interação com seu mundo pessoal e com o mundo à sua volta” (Santos Pereira, 2016, p. 4).

Atualmente quase todas as nossas atividades (locomoção, alimentação, lazer, etc....) são perpassadas por algum tipo de tecnologia que, por ser algo tão natural, se tornou invisível para os utilizadores (Melro & Oliveira, 2013). Ou seja, a mediação ecrã-utilizador integra as

⁸ “Ecrã sensível ao toque. Consiste numa tecnologia que permite a interação e comando direto e intuitivo de determinado dispositivo eletrónico através do toque. Esta tecnologia está presente em vários aspetos da vida moderna, seja nos smartphones, tablets, computadores, televisões e etc. O utilizador pode realizar todos os comandos de determinado aparelho a partir do toque direto no ecrã do dispositivo”. (Hammerschmidt, 2008)

⁹ “Abreviatura de *application*, (aplicação). As aplicações são instaladas num smartphone com o objetivo de facilitar a vida aos utilizadores, proporcionando-lhes um acesso direto a serviços de notícias, informação meteorológica, jogos, serviços de mapas, ou utilitários com o mais variado tipo de finalidades” (Marketing Tecnológico, 2010)

¹⁰ Facto de estar presente em toda a parte ao mesmo tempo. = onnipresença. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

práticas sociais dos sujeitos e torna os ecrãs invisíveis e onnipresentes (Deuze, 2012; Vanderbeeken, 2011). A invisibilidade constitui, segundo Weiser (1991), uma característica imprescindível para o desenvolvimento e massificação de qualquer nova tecnologia.

Bastam alguns cliques para os jovens do século XXI gerarem conteúdos, formarem círculos de amizades, ouvirem música e conversarem, em tempo real, com pessoas em qualquer parte do mundo (Carrapatoso, 2010; Xie, 2008). A proximidade, a mobilidade e a interação, são traços determinantes nas relações sociais promovidas na cibercultura (Beiguelman, 2010). Esta geração, caracteriza-se por uma procura constante de novidades, pela exploração de ambientes múltiplos, locais onde podem encontrar pessoas com diversas culturas e hábitos (Jenkins, 2009).

Levy (1999, p 11) considera que “importa explorar as potencialidades mais positivas do ciberespaço nos planos económico, político, cultural e humano”. Para o mesmo autor:

Do mais básico ao mais elaborado, três princípios orientaram o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão para a interatividade é supostamente boa, quaisquer que sejam os terminais, os indivíduos, o lugares e momentos que ela coloca em contato. As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, económicas ou intelectuais, quer seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos. A inteligência coletiva, enfim, seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos a priori em direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais.

Levy (1999, p. 132)

A inteligência coletiva, para Levy (1999) constitui o produto final, sendo favorecida pelo cibridismo, já que este opera profundas alterações na relação dos indivíduos com o saber, havendo uma tendência para a aprendizagem cooperativa. As novas possibilidades de aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam

novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas como nas escolas. Dentro do contexto da cibercultura, as redes sociais constituem uma abordagem diferenciada de comunicação e também proporcionam novas formas para produção de conhecimento.

Em resumo, os jovens do século XXI fazem parte de um mundo híbrido, no qual uma ténue membrana separa o online do offline. Assim, todas as ações que têm lugar online têm repercussões offline e vice-versa.

1.1.2 As redes sociais e o Facebook

Para Recuero (2009), de entre as diversas mudanças sociais trazidas pela Internet, a mais significativa é a possibilidade de expressão e socialização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador. Quando falamos em redes sociais, referimo-nos a:

Sítios da Web¹¹ que permitem aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema delimitado, (2) articular uma lista de outros utilizadores com quem partilham uma conexão e (3) e uma rede social transversal que se encontra publicamente articulada e associada ao perfil. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de uma rede social para outra.

Boyd & Ellison (2007, p. 211)

Cada um destes elementos desempenha uma função: os perfis personalizados por cada utilizador permitem integrar o indivíduo na rede, enquanto os comentários representam a interação social mediada pelo computador.

As redes sociais constituem ainda “espaços específicos onde o perfil funciona como um bilhete de identidade combinado com uma espécie de currículo do utilizador” (Barwinski,

¹¹ Palavra inglesa, redução de world wide web, rede mundial (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

2010, para 14), ou seja, o perfil é uma “versão digital” do utilizador. Tal como face-a-face, nestes locais virtuais trocam-se impressões sobre o dia-a-dia, mostram-se fotografias, comentam-se vídeos, criam-se vínculos e estabelecem-se relações próximas. Atualmente tudo é partilhado online, seja em que lugar ou a que horas for, estabelecendo-se um permanente contato entre o mundo virtual e o mundo físico. A interdependência e o esbatimento dos dois mundos é cada vez maior, sendo que para alguns autores (e.g., Carrapatoso, 2010; Gabriel, 2012), deixaram de existir barreiras entre o on e o offline :

Estar no Facebook é semelhante a ficar sentado na porta de casa, na calçada, como nos velhos tempos, nas cidades do interior, uma vez que lá a vida passa num ritual diário de convivência e lá encontramos e conversamos com pessoas que conhecemos, reforçamos laços de amizade, adicionamos, excluimos pessoas e, acima de tudo, aprendemos. Não há solidão no Facebook, a vida social acontece e o tempo passa rapidamente tirando do isolamento sujeitos que pertencem a diferentes origens sociais.

Lisboa, Mendes, & Salvucci (2013, p.4)

As redes sociais, segundo Boyd (2007), possuem quatro propriedades: a persistência; a capacidade de busca; a replicabilidade e a audiência invisível. A persistência relaciona-se com o facto de não ser possível apagar por completo uma publicação, ou seja, esta permanecer no ciberespaço. A capacidade de busca, diz respeito à facilidade com que se pode procurar online uma pessoa e encontrá-la com alguma facilidade. A replicabilidade está associada à possibilidade de tudo o que é publicado online, imediatamente poder ser replicado (tornar-se viral) sem que se consiga ter controlo sobre esse aspeto e, para além disso, é difícil, ou mesmo impossível saber a autoria de uma publicação. Relativamente à audiência invisível, segundo a mesma autora, esta resulta dos três aspetos anteriormente referidos (persistência, capacidade de busca e replicabilidade), uma vez que “(...) nas redes sociais existe todo um público que se mantém invisível e que não estava sequer presente no momento em que

publicámos algum comentário” Boyd (2007, p. 3). Graças à persistência dos conteúdos, a audiência invisível pode sempre ter-lhes acesso, basta que para isso faça uma pesquisa na Internet. Depois, se assim o desejar, tem a possibilidade de os replicar.

Para Gabriel (2011, p. 196), o Facebook consiste numa “estrutura social ligada por um ou mais tipos de interdependência, como a amizade, o parentesco ou a proximidade”. Qualquer pessoa que declare ter, no mínimo, 13 anos pode abrir uma conta e criar um perfil. De seguida, pede/aceita pedidos de amizade, acrescenta conteúdos no mural e troca mensagens publicamente, ou em privado. Além disso, pode participar em grupos que tanto podem ser formados em torno de interesses comuns a outros utilizadores, como organizados por escola, trabalho, faculdade, ou por outras características. É ainda possível listar os amigos segundo algum tipo de critério, como por exemplo o grau de intimidade (conhecidos, colegas de escola, família, amigos íntimos). Os recursos desta rede social incluem no mural o botão *gosto/like*^{12,13}, através do qual os utilizadores podem assinalar que apreciam certos conteúdos, tais como atualizações de estatuto relacional, comentários, fotografias, *links*¹⁴ partilhados por amigos e toques e/ou acenos (que se destinam a atrair a atenção de outro

¹² Palavra inglesa que significa “gostar”. Colocar um *like* numa publicação de um amigo é uma forma de manifestar que gostou e aprovou aquilo, seja uma foto, um texto, um vídeo, ou outro formato de publicação. A ação de gostar no Facebook é simbolizada por uma mão com o polegar para cima (Significados Tecnologia).

¹³ Posteriormente, em Outubro de 2015, foram lançados os emojis. Primeiro foram testados em três países (Irlanda, Espanha, Chile), Portugal foi o quarto país, seguindo-se-lhe as Filipinas, posteriormente o Japão e a Colômbia e por fim, em fevereiro de 2016, seria alargado a todo o mundo. Tratam-se de cinco reações emocionais (adorno, riso, surpresa, tristeza, ira 🍷😂😱😭😡), que servem tanto para responder ao conteúdo publicado, como para acentuar o que possa ser comentado pelos amigos (Jornal Público, Nov 2015)

¹⁴ Palavra inglesa que significa elo, ligação. hiperligação (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

utilizador, ou apenas saudá-lo). Há ainda a possibilidade de organizar eventos (como uma festa de aniversário) e utilizar diversas aplicações.

1.1.2.1 Facebook e (des)ajustamento psicossocial

A literatura tem explorado as relações entre a utilização do Facebook e determinados estados emocionais que indiciam maior, ou menor, adaptação do indivíduo ao seu ambiente social (ajustamento psicossocial).

Os estudos existentes mostraram não existir um efeito social importante desta rede social nos jovens que à partida já são ajustados psicossocialmente, uma vez que estes jovens encaram o Facebook como mais uma oportunidade, entre outras, para interagir com os amigos e obter apoio social (Afsar, 2013; McKenna & Bargh, 2000; Valkenburg, Peter, & Schouten, 2006). Já para os mais desajustados, o Facebook pode criar algumas oportunidades, sobretudo no que concerne à compensação de competências sociais mais deficitárias havendo, por isso mesmo, um impacto positivo ao nível da solidão (Teppers, Luyckx, Klimstra, & Goossens, 2013). Posto isto, os jovens fisicamente menos atraentes ou, por qualquer outro motivo, excluídos pelos seus pares, encontraram nesta rede social uma oportunidade para interagir socialmente que de outro modo não teriam (Kimberly & Ybarra, 2009; Subrahmanyam & Lin, 2007), uma vez que “interagir numa situação de ausência física do outro, elimina muitos dos fatores situacionais responsáveis pela ansiedade” (Leary, 1983 citado por McKenna, 2014, p. 208). Ou seja, os indivíduos socialmente ansiosos sentem-se mais confortáveis e confiantes a comunicar online do que face-a-face (McKenna, 2005, 2006, citado por McKenna, 2014).

Ainda que a sociabilidade online possa aumentar a sociabilidade offline também a reflete (Hampton & Wellman, 2003). Deste modo, apesar de estes jovens serem os que mais tempo

utilizam o Facebook, a quantidade de amigos acrescentados nas suas páginas é habitualmente reduzida (Craig et al., 2009). Assim, de algum modo estes reproduzem online o que acontece offline, já que o discurso frequentemente negativista acaba por provocar reações indesejáveis nos outros, o que vai dificultar a interação social e fazer com que tenham menos pedidos de amizade, ou que sejam mais frequentemente desamigados (Forrest & Wood, 2012; McKenna, Green, & Gleason, 2002). Por seu turno, a tendência para acederem ao Facebook simplesmente para observarem os posts e fotografias publicadas pelos outros sem interagirem com ninguém (utilização passiva), sendo algo muito comum nos jovens mais desajustados, favorece o aumento do sentimento de solidão (Subrahmanyam & Lin, 2007). Esta situação é mais comum no género masculino, uma vez que as raparigas são mais ativas no Facebook e tendem a envolver-se mais em atividades que implicam a interação social com os pares (Gross, Juvonen & Shelly, 2002). Como referem Ponte e Simões (2014, p. 65) “o modo como rapazes e raparigas vivem as redes sociais aponta diferenças, entre uma orientação dos primeiros mais virada para interesses e uma orientação das segundas em torno dos afetos”.

Apesar de tudo, mesmo que sejam poucos os contatos que estabelecem online, a utilização desta rede social, segundo alguns autores (e.g. Kimberly & Ybarra, 2009; Rosen, 2010b; Subrahmanyam & Lin, 2007) permite que os jovens desajustados psicossocialmente desenvolvam algumas competências sociais e capacidades de empatia, aspetos que não ficam circunscritos ao ambiente online, sendo frequentemente alargados às interações face-a-face. No entanto, Patrão (2017) alerta para o risco da socialização estritamente digital, já que segundo esta autora os jovens que interagem quase exclusivamente com recurso a meios digitais:

Ao vivo, não conseguem conversar, não conseguem manter contacto visual. E assim não concretizam uma das tarefas da adolescência que lhes trará competências essenciais para ingressar no mercado do trabalho. Perdem a oportunidade de serem espontâneos, de experimentarem estratégias diferentes para a resolução de conflitos e de lidarem com a frustração. Deixam de viver em direto as emoções positivas que estar com os outros pode trazer.

Patrão (2017, p. 6)

Ou seja, apesar de a utilização de redes sociais poder constituir uma oportunidade para os jovens mais desajustados se relacionarem com os seus pares, as relações online parecem ser mais pobres, uma vez que não estão presentes algumas características fundamentais para que se efetue um desenvolvimento psicossocial harmonioso.

Uma utilização passiva, ainda assim, gera oportunidades, já que a observação de fotografias e leitura de posts¹⁵ dos outros utilizadores permite o conhecimento dos hábitos dos seus pares, o que contribui para a aprendizagem social e, conseqüentemente, para o seu processo de socialização (American Psychological Association, 2011).

Contudo, no uso do Facebook as oportunidades caminham a par dos riscos, e deste modo, para usufruírem dos benefícios os jovens desajustados também se expõe a alguns riscos. Os jovens mais frágeis, com baixa autoestima, com problemas psicológicos e “que acham difícil gerir as suas emoções, conduta e comportamento social “no mundo offline” têm mais probabilidades de se sentir incomodados e perturbados no “no mundo online”” (Ponte, 2013, p. 1), sobretudo no que concerne a riscos de exposição a conteúdo sexual, cyberbullying e cybersexting. Assim, a perturbação emocional decorrente da exposição aos riscos online é superior nos mais desajustados, até porque estes “reagem de um modo mais passivo ou fatalista aos riscos que os perturbam na Internet” (Ponte, 2013, p. 2).

¹⁵ Mensagem que se publica numa página de internet (Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico, 2003-2017).

Em resumo, quer para jovens ajustados quer para os desajustados, a utilização da Internet no geral e das redes sociais, em particular, acarreta riscos, mas também cria oportunidades.

1.1.2.2 Riscos do Facebook (online) e comportamentos de risco (offline)

Os riscos online fazem referência a um conjunto de ações no âmbito da utilização do Facebook em que o jovem pode desempenhar um papel ativo ou passivo¹⁶, e que provocam danos físicos e/ou emocionais. Em contrapartida, os comportamentos de risco ainda que impliquem do mesmo modo a “participação em atividades que possam comprometer a saúde física e/ou mental dos adolescentes” (Feijó & Amaro de Oliveira, 2001, p.125), ocorrem em ambiente offline, podendo ser influenciados pela adesão a algum grupo/página existente nesta rede social.

Estudos como o da Office of Communications, [Ofcom], 2008) mostram que alguns utilizadores desconhecem que se estão a colocar em risco, outros avaliam previamente os riscos e consideram que os conseguem facilmente contornar e outros ainda, estão convictos que as redes sociais cuidam integralmente da segurança e da privacidade dos utilizadores (Ofcom, 2008). As redes sociais são também encaradas como locais menos perigosos, quando comparados com “sites de encontros online, sites bancários e de compras que envolvem a transferência de dinheiro” (Ofcom, 2008, p. 55). Paralelamente é necessário ter em conta aspetos de ordem desenvolvimental, associados ao funcionamento emocional dos jovens e ao modo destes lidarem com os riscos no geral, e não só com os riscos online. Assim sendo, os utilizadores mais jovens “sentem-se "invencíveis" e consideram que, mesmo que sejam afetados pelos riscos, facilmente lidam com eles” (Ofcom , 2008, p. 56). Assim sendo, os

¹⁶ Na presente investigação apenas tivemos em conta a postura passiva, isto é, os sujeitos como vítimas.

jovens ou têm uma fraca percepção dos riscos, ou tendem a desvalorizá-los, optando por centrar-se nas oportunidades que o Facebook oferece ao nível da partilha de informação, da comunicação e da interação social.

Fernández (2013) considera que os perigos das redes sociais não dependem apenas do utilizador, sendo que o modo como funcionam as redes sociais pode contribuir para o aumento das situações de risco e eventual surgimento de danos. O autor refere-se a aspetos como o facto de este tipo de locais guardarem informações sobre o utilizador, ou a possibilidade infinita de ampliar o leque de conhecidos, levando muitas vezes a que o utilizador perca a noção de quem foi a sua referência inicial. Ainda assim, a maior parte dos estudos alerta para o facto de que o modo como se utiliza a Internet no geral e as redes sociais em particular, possa acentuar os seus aspetos negativos ou positivos. A este propósito, Ponte e Vieira (2008, p. 2739) sublinham que “para a questão dos riscos e oportunidades, deve tomar-se em consideração a seguinte premissa: a Internet em si mesma não é boa nem má, depende do uso que se faça dela”.

Um dos riscos prende-se com a autorrevelação, a qual consiste na divulgação de informações íntimas acerca do próprio (Joinson, 2001; Tidweel & Walther, 2002) e pode abrir caminho para o surgimento de riscos ligados à violação de privacidade ou a interações hostis, mas tudo depende de quem o jovem interage. Caso se tratem de pessoas com quem mantém um relacionamento offline, a autorrevelação não é particularmente arriscada (Manago, Graham, Greenfield, & Salimkha, 2008). Esta pode ser utilizada como uma espécie de catarse

para emoções positivas¹⁷, e negativas e também com o objetivo de os adolescentes obterem respostas às suas perguntas e preocupações (Buhrmester & Prager, 1995).

Coloca-se, então, a questão de saber se a aceitação de pedidos de amizade da parte de desconhecidos conduz a riscos e, sobretudo, a danos. Os estudos existentes apontam para que os jovens portugueses, principalmente as raparigas e os utilizadores mais novos, revelem especial cautela na aceitação dos pedidos de amizade, sendo que “cerca de um terço dos internautas utilizadores de redes declara aceitar apenas pedidos de contacto por parte de pessoas que conhece bem” (Simões, Ponte, Ferreira, Doretto, & Azevedo, 2014, p.19). Baixos níveis de autoestima e bem-estar constituem fatores de vulnerabilidade para o estabelecimento de contacto com estranhos (Livingstone & Brake, 2010). Ainda assim, não é linear que os riscos sejam superiores às oportunidades, uma vez que é necessário ter em conta que quando o jovem interage com desconhecidos, a autorrevelação pode constituir um meio para o surgimento de oportunidades como a obtenção de apoio socio emocional (Kim & Hancock, 2015). No mesmo sentido, Baptista (2014, p.156) refere que “a partilha do privado, e do íntimo, faz-se (...) muitas vezes com uma intenção positiva, como seja a de receber apoio alargado de uma comunidade de amigos, seja num momento difícil, seja num momento de sucesso.” Ou seja, os riscos não implicam necessariamente consequências negativas para os jovens, no sentido em que os “preditores de riscos não são preditores de danos” (Hasebrink, Görzig, Haddon, Kalmus, & Livingstone, 2011, p. 13). Riscos e oportunidades aparentam ser ambas faces da mesma moeda.

¹⁷ Ver Anexo 12 – Figura 1

O facto de os jovens usufruírem de um leque de oportunidades encontra-se positivamente correlacionado com as suas experiências de risco online (...) e quanto mais utilizam a internet, mais estratégias aprendem para lidar com os riscos, de forma que estes se repercutam em oportunidades, ou seja, não evitam os riscos mas sim convertem-nos em algo positivo

Livingstone & Brake (2010, p. 7)

A marcação de encontros com pessoas que conheceram online¹⁸ (Lin & Subrahmanyam, 2007) apesar de constituir um risco, pode não se repercutir num dano:

As crianças poderem conhecer alguém online e serem persuadidas a encontrar-se com as mesmas offline, acabando por ser abusadas num encontro face-a-face (...) é raro quando comparado com a proporção de crianças que afirmam encontrar-se pessoalmente com alguém que conheceram na internet.

Barbovschi, Marinescu, Velicu, & Laszlo (2012, citado por Simões et al., 2014, p.31)

Segundo dados do estudo de Simões et al. (2014), enquanto a média Europeia de contactos offline com alguém conhecido online é de 26%, em Portugal é apenas de 11%, sendo mais acentuada nos mais velhos e equilibrada nos dois géneros.

Os contactos online podem também incentivar comportamentos como a utilização da *webcam*¹⁹ para interagir online, situação que permite abrir caminho para riscos de assédio²⁰ e/ou de cibersexting (Caetano, 2009; Falcão-Reis, 2008). Contudo, em Portugal “a incidência do cibersexting é reduzida: apenas 5% das crianças e adolescentes portugueses afirmam ter experienciado essa situação (...) as raparigas (...) e os adolescentes mais velhos (15-16 anos) parecem deparar-se mais com esta situação” (Simões, et al., 2014 p.31). Segundo o mesmo

¹⁸ Fenómeno conhecido como “Stranger danger”

¹⁹ Pequena câmara de vídeo digital que se liga ao computador e permite a captação e o envio de imagem em tempo real através da internet (Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico, 2003-2017).

²⁰ *Grooming* / aliciamento

estudo, os valores do cybersexting em Portugal diminuíram de 15% para 5%, de 2010 para 2014, à semelhança do que ocorreu no resto da Europa.

A publicação de fotografias ousadas/íntimas no mural²¹, assim como a manutenção de diálogos com temas sexuais com desconhecidos, aumentam a vulnerabilidade dos jovens ao assédio e constituem riscos que, mais uma vez, se iniciam online, mas tendencialmente passam para o offline (Morais, 2007; Sengupta & Chaudhuri, 2011; Wolak, Finkelhor, & Mitchell, 2008; Ybarra & Mitchell, 2008).

Outro risco frequente nas redes sociais está diretamente relacionado com a desinibição tóxica. Este tipo de perigo tornou-se onnipresente e diz respeito ao facto de, em ambiente virtual, “as pessoas dizerem e fazerem coisas que normalmente não diriam, nem fariam se estivessem face-a-face” (Suler, 2004, p.321) e inclui desde linguagem grosseira, a ameaças, crime e violência em ambiente online. Assim, a desinibição tóxica surge frequentemente associada ao *trolling*, expressão que vem dos *trolls* escandinavos, seres imaginários sobrenaturais, antissociais e agressivos. Os ciber trolls partilham muitas características do Joker²² (Buckels, Trapnell & Paulhus, 2014), já que estão ao serviço do caos e parecem ser a manifestação online de personalidades caracterizadas pelo sadismo. Os ciber trolls podem, por exemplo, deixar comentários desagradáveis em publicações pessoais ou respostas fora do tópico em grupos de discussão (Parker, s.d.). A distinção entre cyberbullyies e ciber trolls reside no facto de os ciber trolls terem como único objetivo irritar os outros utilizadores, de

²¹ Ver Anexo 12 – Figura 2

²² Vilão do filme Batman

forma a atrair a atenção para si mesmos, enquanto os cyberbullies pretendem usar as redes sociais para magoar as suas vítimas (McDunnigan, s.d.).

Deste modo, muitos riscos online resultam da desinibição tóxica, (Suler, 2004). Este é fenómeno favorecido por diversos fatores que passam pelo anonimato e pela natureza assíncrona da Internet, ou seja, pelo facto de o utilizador poder publicar um comentário agressivo e se assim o desejar poder não efetuar novamente *login*²³ (Boyer, 2012; Cyber bullying, n.d.). Além disso, os jovens frequentemente encaram o ciberespaço como um local onde as regras habituais de interação quotidiana não se aplicam, havendo por isso uma dissociação entre online e offline, com consequente desempenho de diferentes papéis (Suler, 2004).

A associação da desinibição tóxica ao *ciberbullying* resulta do facto de aquela favorecer o surgimento de comentários rudes e agressivos, cujas graves consequências não ficam circunscritas ao online e têm igualmente um impacto no offline (Joinson, 2007; Lenhart et al., 2009; Recuero, 2012). Aliás, os jovens que são vítimas de cyberbullying são também, na maioria das vezes, vítimas de bullying offline (Kimberly & Ybarra, 2009). Por outro lado, a tendência crescente para que os jovens comuniquem com os seus pares através das redes sociais, favorece que os conflitos iniciados offline passem para o ambiente online (Olweus, 2012).

²³Processo de identificação do utilizador perante um computador que permite que este o reconheça; entrada no sistema (Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico, 2003-2017).

O cyberbullying (Amado & Matos, 2014) pode apresentar diversas formas: insulto (*harassment*)²⁴, exclusão (*exclusion*)²⁵, discussão acesa online (*flaming*)²⁶, revelação de segredos/chantagem (*outing*)²⁷, difamação (*denigration/put down / misinformation*)²⁸, cyberperseguição (*ciberstalking*)²⁹, dissimulação/usurpação de identidade (*catfish* ou *impersonation*)³⁰, fingir-se amigo (*trickery*)³¹, mensagens de cariz sexual (*cibersexting*)³². As taxas de vitimização nos países europeus rondam os 10%, mas em Portugal são mais reduzidas. Nos estudos de Livingstone, Haddon, Görzig e Ólafsson (2011) Portugal é descrito como um país de baixo risco e apenas 7% dos inquiridos refere ter sido incomodado online, ou ter-se colocado em risco. A investigação de Ventura (2011) aponta para que os valores de vitimização sejam superiores. Segundo este autor, cerca de 27% dos jovens portugueses já foi vítima de cyberbullying.

²⁴ Utilização da internet com o objetivo de fazer ataques verbais, ameaças, etc.

²⁵ Expulsão de alguém de um grupo online “de uma forma cruel e intencional, criando na vítima fortes sentimentos de rejeição” (Amado & Matos, 2014, p. 85).

²⁶ Utilização de mensagens com linguagem grosseira e agressiva.

²⁷ Partilha de “informações pessoais, secretas ou embaraçosas de alguém, bem como as suas imagens privadas, provocando vergonha ou humilhação e como forma de chantagear e obter benefícios materiais, sexuais, etc.” (p.85).

²⁸ Trata-se de falar mal de alguém em ambiente online.

²⁹ Assédio repetido, que inclui ameaças.

³⁰ Termo utilizado para designar um perfil falso, em que alguém coloca uma fotografia de outra pessoa e faz-se passar por ela. Desde 2016 que o próprio Facebook possui uma ferramenta que ao detetar uma conta falsa envia um alerta para o utilizador, solicitando verifique se alguém está a usar indevidamente informações pessoais ou fotografias, ou se se trata de um falso alarme (Bogart, 2016). É também possível denunciar um perfil falso, tanto através da própria rede social, como por via de páginas que se dedicam a esses fins (ver anexo 12 – figura 3)

³¹ Simular uma amizade com o objetivo de levar alguém a revelar segredos para depois os partilhar online.

³² Divulgação pública de fotografias íntimas com o intuito de envergonhar e provocar sérios danos ao nível da reputação.

Um outro risco online relaciona-se com a receção de fotografias/vídeos de cariz sexual explícito, o que, dependendo da idade, (Davies, 2009; Dias Neves, 2008; Ponte, 2013) e do género, assim terá maior ou menor impacto emocional. Posto isso, “as raparigas são mais sensíveis em relação aos riscos online de cariz sexual (...) sentem-se ofendidas ou perturbadas com mais frequência e intensidade que os rapazes” (Ponte, 2013, p.1), assim como os mais novos.

O estabelecimento de novas amizades constitui, como já referido, uma das grandes motivações para os jovens utilizarem redes sociais. Uma amizade inicia-se através de um pedido na rede social que pode ser aceite pelo recetor, ignorado ou recusado. Se o pedido for aceite, os dois utilizadores tornam-se amigos na rede social ou, seja, “amigos virtuais”. Este processo, no entender de autores como Sibona e Walczak (2011, p. 2), “espelha o que se passa com a formação de amizades no mundo offline, com a diferença que no Facebook existem marcadores, como o pedido visível e a posterior ligação, igualmente visível”. O mesmo acontece com o início de um namoro, já que no Facebook há uma mudança de *status*³³ de relacionamento que fica visível para os outros amigos adicionados ao perfil. No entanto, o processo de dissolução online das amizades (*desamigar*³⁴) e/ou namoros é bastante distinto daquilo que se passa offline (Lafferty, 2012; Sibona & Walczak, 2011).

No quotidiano offline alguns relacionamentos (seja amizade ou namoro) terminam em conflito, outros acabam naturalmente. (...) Nas redes sociais o processo é distinto, uma vez que é possível apenas com um clique deixar de ser amigo e/ou namorado/a de alguém,

³³ Descrição da situação atual em termos de estado civil (e.g., casado, solteiro, numa relação com ... , é complicado, numa relação de facto). Ver Anexo 12 – Figura 4

³⁴ Diz respeito a “retirar alguém de uma rede social da Internet, abolindo o seu estatuto de “amigo”. (Coutinho, 2009, p.2). Este termo, em novembro de 2009, passou a fazer parte do New Oxford American Dictionary, sendo também escolhido como palavra do ano

sendo que a pessoa desamigada não recebe qualquer notificação da rede social³⁵ que a possa avisar do que aconteceu.

Sibona & Walczak (2011, p. 2)

O ato de desamigar surge habitualmente como resultado de algo ocorrido offline, o que vem, uma vez mais, acentuar a estreita relação existente entre o online e o offline. Sabe-se que ser desamigado no Facebook pode desencadear um conjunto de emoções negativas, que inclui ruminância, inveja e tensão interpessoal (Bevan, Pfy, & Barclay, 2012; Nauert, 2012a). É também mais difícil esquecer o conflito que levou à quebra da relação, já que a recordação permanece online, tanto ao nível de conteúdos, como de imagens. “Em caso de conflito nas relações de amizade ou de amor, o “dito por não dito” e o perdão são agora mais difíceis por ser impedido o esquecimento” (Filipe, 2014, citado por Amado & Matos, 2014, p. 84-85). O estudo de Bevan (2012) acrescenta que a dinâmica do ato de desamigar muda dependendo de quem fez o contato original, ou seja, quando é desamigada a pessoa que iniciou a relação no Facebook (quem pediu amizade), as emoções negativas são mais intensas. Além do mais, os resultados do estudo de Sibona e Walczak (2011) mostraram que as pessoas que são desamigadas passam a evitar conviver offline com quem as desamigou, o que testemunha o impacto que a quebra da relação online tem no offline.

Por seu turno, o terminar de um namoro, através de uma rede social é acompanhado por reações emocionais ainda mais intensas do que as descritas relativamente ao término da amizade, já que pode surgir “uma tempestade emocional” composta por emoções muito negativas, que incluem a raiva e a tristeza” (Sbarra & Ferrer, 2006, citados por Bevan, et al., 2012, p. 1459).

³⁵ Há uma aplicação disponível para este fim <http://www.facebook.com/unfriendfinder>.

As redes sociais tornaram-se também terreno fértil para a proliferação de grupos ligados ao movimento de *hate speech* / *discurso de ódio*, que não só defendem ideais nazis, xenófobos³⁶, racistas³⁷ e homofóbicos³⁸, como procuram aliciar os mais jovens a juntarem-se a eles (Citron & Norton, 2011; Council of Europe, 2012; Recuero, 2009; Suler, 2008). Há também o risco de os jovens receberem convites para aderir a grupos/páginas onde há incitamento a comportamentos de risco como o suicídio³⁹, fuga de casa⁴⁰, mudanças no comportamento alimentar que possam conduzir à anorexia⁴¹, automutilação⁴², consumo de drogas e/ou álcool⁴³, *planking*⁴⁴ e/ou *horsemaning*⁴⁵, ou filmar pequenos vídeos em situações arriscadas para os colocar online ⁴⁶(Becker, Mayer, Nagenborg, El-Faddagh, & Schmidt, 2004; Emmer, 2013; Litt & Stock, 2011; Niwa & Mandrusiak, 2012; Recuero, 2005; Morais, 2007).

Simões e colaboradores (2014, p. 34) concluíram que “8% das crianças portuguesas já viram mensagens de ódio contra certos grupos, 6% viram conteúdos de automutilação e 5%

³⁶ Ver Anexo 12 – Figura 5

³⁷ Ver Anexo 12 – figura 6

³⁸ Ver Anexo 12 – Figuras 7 e 8

³⁹ Ver Anexo 12 – Figura 9

⁴⁰ Ver Anexo 12 – Figura 10

⁴¹ Ver Anexo 12 – figuras 11 e 12

⁴² Ver Anexo 12 – figura 13

⁴³ Ver Anexo 12 – figuras 14 e 15

⁴⁴ O 'jogo de deitar de barriga para baixo' ou 'planking' (empranchar) consiste em deitar-se de barriga para baixo com os braços ao longo do corpo e fazê-lo no local o mais insólito possível. Depois há que fotografar a pose e publicá-la na rede social (Jornal Sol, 2011) – Anexo 12 – figura 16

⁴⁵ Fotografias onde são simuladas decapitações (Jornal Correio da Manhã, 2011) – Ver Anexo 12 – figura 17

⁴⁶ Ver Anexo 12 – Figura 18

tiveram contato com conteúdos de incentivo a distúrbios alimentares”. Ainda assim, os mesmos autores referem que as percentagens portuguesas são inferiores à média Europeia.

Deste modo, aderir a um grupo/página deste tipo pode levar a que os jovens corram acentuados riscos, não só online, mas também offline (Carbonated.tv, 2011; Marcusa, 2011; Salgueiro, 2011).

É frequente surgirem no mural dos adolescentes, fotografias de festas onde estes aparecem divertidos e muitas vezes a consumir bebidas alcoólicas e/ou tabaco⁴⁷ (Nauert, 2013 b). Este tipo de conteúdos/imagens transmite aos pares a ideia de se tratarem de comportamentos normativos e socialmente aceitáveis e, deste modo, há o risco que estes os imitem offline (Kimberly & Ybarra, 2009). Por outro lado, tratando-se de imagens onde foram cometidos excessos, ou de comentários xenófobos, racistas ou que de algum modo se enquadrem num discurso de ódio, há a possibilidade de estas fotografias/conteúdos virem a provocar danos irreparáveis na imagem do jovem a quem pertence o perfil e ter um impacto negativo no seu futuro. Por exemplo, no que concerne às oportunidades de emprego, atualmente muitas empresas de recursos humanos fazem pesquisas online dos últimos cinco anos (Kimberly & Ybarra, 2009) e para a obtenção de vistos, países como os EUA admitem consultar o Facebook antes de os emitir (Pplware, 2016).

Vive-se, então, cada vez mais on e offline, num mundo de fronteiras esbatidas, sobretudo os jovens das gerações Y e Z. Como consequência, a maioria dos riscos não fica circunscrita ao virtual, tendo claramente um impacto no quotidiano offline dos utilizadores do Facebook.

⁴⁷ Ver Anexo 12 – Figuras 19 e 20

1.1.2.3 Facebook e oportunidades online

As oportunidades dizem respeito ao conjunto de vantagens fruto da utilização do Facebook. Ao contrário das expectativas iniciais, a Internet no geral e as redes sociais em particular, mostraram ter benefícios para a maioria dos adolescentes (Lonnqvist & Deters, 2016; Valkenburg & Peter, 2009). Para Ferreira, Lopes, Loureiro, Caetano & Gaspar de Matos (2013, p.273), “o Facebook não funciona apenas como uma ferramenta de convívio e lazer, podendo ser útil para muitas outras questões, tanto a nível educativo, profissional, cultural, de divulgação e ainda de pesquisa de informação”.

Deve-se a Elkind (citado por Valença, 1985, p. 63) os conceitos de audiência imaginária e fábula pessoal:

O adolescente acredita ser o foco das atenções gerais (audiência), entretanto, na realidade, tal não ocorre. A fábula pessoal origina-se da audiência imaginária e o mecanismo é mais ou menos assim: "já que sou tão observado, tão comentado; já que sou motivo de preocupação para tanta gente (audiência imaginária), devo ser uma pessoa muito especial, possuo sentimentos muito especiais, sou único e imortal (fábula pessoal)".

Esta ideia ilusória faz com que os jovens estejam permanentemente preocupados com o que os outros pensam deles (Ryan & Kuczkowski, 1994). Neste contexto, a enorme quantidade de utilizadores do Facebook funciona como um vasto público imaginário, motivo que leva o jovem a ter bastante cuidado na elaboração de perfil, uma vez que é através dele que se autorrevela e autoapresenta. Tanto “a autorrevelação como a autoapresentação constituem pré-requisitos para o desenvolvimento das relações sociais, e estão ambas intimamente ligadas à construção da identidade, reforço da autoestima, bem-estar e desenvolvimento do pensamento crítico” (Derlega, Metts, Petronio, & Margulis, 1993, citados por Schouten, 2007, p. 10). A autoapresentação faz referência a como o jovem controla o modo como os outros o

percecionam através da seleção das informações que revela (Joinson, 2001; Tidweel & Walther, 2002). No entanto, no processo de construção da identidade, o aspecto mais importante não é a descrição que cada jovem faz de si próprio no perfil, mas sim os feedbacks recebidos, já que é por referência a eles que vai existindo “um posicionamento face aos pares, que passa pela validação das suas opiniões e atitudes, e pela clarificação de valores” (Schouten, 2007, p. 10).

Como alguns autores referiram (e.g., Ellison, Steinfield, & Lampe, 2007; Wolak & Finkelhor, 2008), as oportunidades surgem frequentemente a par dos riscos. Livingstone (2008, p. 397) acrescenta que a “complexa relação entre oportunidades e riscos não é específica da internet, sendo uma característica da adolescência”. A mesma autora cita Erikson (1980 [1959]):

O adolescente necessita de desenvolver a sua identidade, que é simultaneamente autónoma e socialmente valorada, e que resulta do equilíbrio entre o julgamento crítico e a confiança, a unidade interior e a aceitação das expectativas da sociedade. Assim, do mesmo modo que o faz offline, nas redes sociais o jovem tem de aumentar capacidades em termos de avaliação do seu interlocutor (e.g., se deve ou não aceitar o pedido de amizade, em quem confiar, o que deve ou não revelar ...).

Livingstone (2008, p. 397)

Posto isto, os riscos podem muitas vezes resultar em oportunidades, como é o caso das *selfies*⁴⁸, já que estas podem ser:

Importantes para o processo de desenvolvimento da identidade, assim como para o entendimento das expectativas sociais, no sentido em que através das selfies os jovens estão muitas vezes, e de uma forma ativa, a transmitir uma imagem mais de acordo com o que os outros apreciam e as impressões que eles esperam dar, tornando essas imagens uma forma significativa de autoexpressão. Assim, representam uma atividade mais socializada e até

⁴⁸ *Selfie* é um termo inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e partilhada na internet. Normalmente uma selfie é tirada pela própria pessoa (www.significados.com.br/selfie/) – Ver Anexo 12 – Figura 21

menos focada individualmente do que a fotografia tradicional, no fundo o oposto do que comumente é reivindicado.

Miller et al. (2016, p.158)

Estudos como os de Ellison, et al. (2007) levaram a concluir que a necessidade de aprovação social e a procura de popularidade, constituem fortes preditores de divulgação de informações pessoais, ou seja, podem levar a que os jovens divulguem dados sobre si mesmos⁴⁹, colocando-se em risco caso o façam no contexto de interações online com desconhecidos. No entanto, os estudos mostram que as interações online são maioritariamente usadas como um meio adicional para apoiar relacionamentos com os colegas/amigos que conhecem offline, e este aspeto é de particular utilidade quando se trata de manter amizades entre pessoas distantes geograficamente (e.g., Ferreira et al., 2013; Gross et al., 2002; Lampe, Ellison, & Steinfield, 2007). Assim, as redes sociais podem facilitar não só o estreitamento de laços com amigos pré-existentes, mas também a formação de novas amizades e início de namoros (Carroll & Kirkpatrick, 2011; Lenhart & Madden, 2007b).

Nas redes sociais a socialização faz-se de um modo *escalonado*⁵⁰ (Miller et al., 2016), isto é o utilizador lida simultaneamente com vários públicos dentro da mesma plataforma e pode manter as pessoas na distância certa, através da criação de listas onde posiciona os amigos segundo diversos graus de intimidade (e consequente privacidade), em que uns podem visionar todos os conteúdos e outros apenas alguns. Além disso, o facto de o jovem comentar/colocar likes com frequência nos posts de um determinado amigo, é uma forma de lhe transmitir a ideia de que é alguém próximo, enquanto que os comentários ocasionais

⁴⁹ Ver Anexo 12 – Figura 22

⁵⁰ Do original *scalable sociality*.

testemunham uma distância afetiva e relacional. Ou seja, este tipo de socialização reflete a importância que o utilizador confere às relações que estabelece via rede social, “as relações sociais online podem ser encaradas como vitais para manter as amizades preexistentes, ou, para alguns, até mais importantes do que os relacionamentos offline” (Miller et al., 2016, p.107).

A socialização escalonada torna-se possível devido às características das redes sociais que podem ser exploradas para tais propósitos, como a assincronicidade⁵¹, já que para os amigos próximos a resposta/comentário é muitas vezes imediata e tal não acontece em relação a outros com quem não se pretende incentivar que a comunicação se estabeleça com frequência (Miller et al., 2016).

Patrão (2017), adianta que a socialização dos jovens é hoje de três tipos: digital, presencial e mista. “a socialização mista, com supervisão parental adequada à idade, é considerada a mais saudável (...)” no entanto considera que:

As plataformas nas quais se pode comunicar *online* vieram trazer muitas oportunidades de: não estar só; receber a atenção do outro; partilhar o que é privado e às vezes até íntimo; ser direto e autêntico, desenvolver competências sociais, ainda que digitais; aproximar, apesar da distância física; ter mais registos e memórias.

Patrão (2017, p. 5)

Em ambiente online as relações estabelecem-se segundo outros parâmetros, como sejam os interesses comuns, ao invés da atração e aparência físicas que constituem aspetos muito explorados nas ligações face-a-face (Bargh & McKenna, 2004). Este aspeto é particularmente importante para os jovens tímidos já que, num meio virtual, estes sentem-se protegidos pelo ecrã e estão mais à vontade para expressar o seu verdadeiro *self* (McKenna, 2015; Rosen,

⁵¹ Que não se realiza ao mesmo tempo que outro (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

2010a). O efeito, designado por *desinibição benigna* facilita a autorrevelação, propiciando que os jovens mais facilmente “revelem segredos, medos, expressem pensamentos, sentimentos⁵², emoções, crenças e atitudes perante a vida” (Suler, 2004, p. 321), assim como procurem outros jovens com quem se identifiquem e possam interagir. Apesar disso, os utilizadores que têm um grande número de amigos apenas online, ou que interagem muito com desconhecidos, não beneficiam particularmente do Facebook, ou seja, a qualidade dos amigos parece ser muito mais importante do que a sua quantidade (Valkenburg et al., 2006).

Certo é que o Facebook oferece possibilidades de entretenimento aos jovens, mas também permite que desabafem com os amigos virtuais⁵³, sabendo que há sempre alguém disponível para os ouvir e, se necessário, apoiar (Cardoso, et al., 2009; Manago, Taylor, & Greenfield, 2012). Cohen (2013, citado por Carona, 2017, p. 105) considera que “as redes sociais oferecem três fantasias gratificantes: (1) podemos direccionar a nossa atenção para onde quisermos; (2) seremos sempre ouvidos; (3) nunca teremos de ficar sozinhos. Nesse mesmo sentido, Nabi, Prestin e So (2013, p. 174) concluíram que:

As oportunidades de afiliação oferecidas pelo Facebook oferecem benefícios para a saúde física e psicológica, em tudo semelhantes aos das redes sociais offline, já que o apoio social percebido tem um impacto positivo ao nível da ansiedade o que por sua vez vai ter importantes repercussões no bem-estar psicológico.

A rede social facilita também que possam encontrar uma enorme variedade de grupos formados em torno de problemas e/ou interesses comuns⁵⁴, o que permite a partilha

⁵² Ver Anexo 12 – Figura 23

⁵³ Ver Anexo 12 – Figura 24

⁵⁴ Ver Anexo 12 – Figura 25

/aquisição de valores ligados ao respeito e à tolerância, por via da troca de opiniões sobre questões pessoais e globais (Bargh & McKenna, 2004; Recuero, 2009). É ainda promovido o envolvimento na comunidade através de ações de voluntariado, apoio a Causas, organização de manifestações e *flash mobs*⁵⁵, sendo que todos estes aspetos têm um impacto direto no desenvolvimento da identidade dos jovens utilizadores (Carroll & Kirkpatrick, 2011; Nauert, 2013a; Recuero, 2009). Além disso, a adesão a grupos no Facebook:

Preenche a necessidade de pertença que constitui a base das relações interpessoais e está associada a três necessidades fundamentais do ser humano: inclusão, afeto e controlo. De certo modo, nas redes sociais, existe o preenchimento de todas estas necessidades, uma vez que qualquer pessoa pode aderir e manter relacionamentos com os amigos através desta rede, quando e por quanto tempo desejar.

Gangadharbatla (2008, p. 8)

A procura de informações é também um motivo que leva à utilização do Facebook. Os jovens procuram informações sobre depressão, violência, álcool e drogas⁵⁶, o que pode abrir caminho para o surgimento de páginas dedicadas à prevenção destes e de outros tipos de problemas, assim como à criação de campanhas de prevenção específicas para este contexto (Kimberly & Ybarra, 2009; Recuero, 2009; Samuelson-Glushko, s.d.). Inclusive, os utilizadores mais depressivos são mais propensos a utilizar um aplicativo do Facebook para ler informações sobre depressão, o que mais uma vez vem destacar as potenciais oportunidades criadas pelo Facebook como recurso de saúde mental ou intervenção nesta área (Park, Lee, Kwak, Cha, & Jeong, 2013). A própria rede social, em alguns países⁵⁷, possui uma ferramenta

⁵⁵ Aglomerações instantâneas de pessoas num certo lugar para realizar determinada ação inusitada previamente combinada nas redes sociais, que se dispersam tão rapidamente quanto se reuniram. – Ver Anexo 12 – Figura 26

⁵⁶ Ver Anexo 12 – Figura 27

⁵⁷ Alemanha, Austrália, Áustria, África do Sul, Bélgica, Brasil, Chile, Canadá, Coreia do Sul, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Gana, Grécia, Hong-Kong, Hungria, Índia, Israel, Itália, Japão, Quênia, Letónia,

que pode ser acionada quer pelo próprio num momento em que sente estar com ideação suicida⁵⁸ e/ou com o impulso de se automutilar, ou por outro utilizador⁵⁹ que detete que um dos seus amigos corre esse risco (Globo.Com, 2016).

A nível profissional e/ou académico há a possibilidade de divulgação de trabalhos, assim como a partilha de dúvidas entre colegas ou professores, ao mesmo tempo que permite que se sintam acompanhados durante o estudo (Carroll & Kirkpatrick, 2011; Samuelson-Glushko, s.d.). Autores como Pfeil, Arjan e Zaphiris (2008), referem também que esta rede social se transformou num importante meio para encontrar estágios académicos ou emprego⁶⁰.

Em suma, o Facebook, à semelhança das outras redes sociais, pode trazer benefícios para os jovens, pelo papel que desempenha na construção da sua identidade, no iniciar e desenvolver amizades, na partilha/expressão de opiniões, no acesso a informações acerca da saúde, aspetos que fazem parte do desenvolvimento do adolescente saudável (Kimberly & Ybarra, 2009).

1.1.2.4 Facebook e bem-estar

O bem-estar corresponde a uma ampla categoria de fenómenos que inclui as respostas emocionais dos indivíduos, os julgamentos globais de satisfação de vida, e os funcionamentos psicológico e social positivos (Keyes, 2009).

Lituânia, Luxemburgo, México, Nova Zelândia, Nigéria, Noruega, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido/Irlanda, Republica Checa, Sérvia, Singapura, Suécia, Suíça, Taiwan.

⁵⁸ Ver Anexo 12 – Figura 28

⁵⁹ Ver Anexo 12 – Figura 29

⁶⁰ Ver Anexo 12 – Figura 30

Sabemos que em plena adolescência, os jovens são muito sensíveis à opinião dos seus pares (fruto da audiência imaginária), pelo que a grande adesão às redes sociais pode estar, em parte, associada à necessidade de apreciação por parte daqueles (Schouten, 2007). Online os jovens desejam:

Consolidar a sua rede de relações íntimas entre pares, testar a sua popularidade, chamar a si a necessidade de se sentirem socialmente reconhecidos por atributos, muitas vezes passageiros, como a sua beleza, charme ou pelas suas ideias ou interesses e conteúdos que disponibilizam na rede.

Cardoso, et al. (2009, p. 45)

Neste sentido, os estudos (e.g., Schouten, 2007) apontam para um efeito indireto da frequência de utilização do Facebook na predição da autoestima social e do bem-estar, moderada pelo tom dos comentários. O mesmo autor acrescenta que o fato de os comentários ficarem muitas vezes no mural, isto é, acessíveis a todos, constitui uma exposição pública que pode afetar, positiva ou negativamente, a autoestima social e ter um impacto (positivo ou negativo) ao nível do bem-estar. Areias da Silva (2016) concluiu que a idade, a autoestima percebida na rede social e o nível de bem-estar são preditores da vulnerabilidade dos jovens a esta rede social, ou seja, quanto maior for a idade e os níveis de bem-estar e mais positiva for a autoestima, menor o impacto emocional do que ocorra no Facebook. Assim, um comentário negativo, ou a ausência de likes num post, tem em regra um forte impacto emocional nos jovens, sobretudo nos mais novos, mas à medida que a idade vai avançando esse impacto vai sendo menor. Segundo Areias da Silva (2016, p. 57) este facto deve-se a que “à medida que os jovens vão envelhecendo começam a ponderar mais seriamente os seus objetivos de vida, incluindo o percurso escolar, definem melhor os seus verdadeiros amigos e começam a relativizar a importância das redes sociais”.

Obter muitos likes nos posts e/ou fotografias está diretamente relacionado com a popularidade e com a posição social que o jovem ocupa no grupo de pares (Falcão Reis, 2008), daí que os jovens mais preocupados com estes aspetos, tendam a modificar o perfil alguma frequência com o objetivo de obterem mais likes e comentários em tom positivo (Carroll & Kirkpatrick, 2011; Huang, 2010; Nauert, 2012b; Steinfield, Ellison, & Lampe, 2008; Valkenburg et al., 2006). Há, inclusive, alguma rivalidade entre jovens para contabilizarem quem obtém mais feedbacks positivos/likes⁶¹.

Esta competição contribui para o aumento do *Fear Of Missing Out* – F.O.M.O. que é definida como:

Ansiedade social em que o indivíduo está permanentemente preocupado com a hipótese de poder estar a perder algo, que tanto pode ser uma oportunidade para interagir socialmente, um post, ou não ter visto que já conseguiu mais um like naquilo que publicou.

Dossey (2014, p. 69)

Esta constante apreensão repercute-se na necessidade de estar a todo o momento a aceder ao Facebook. Przybylski, Murayama, DeHaan e Gladwell (2013) efetuaram o primeiro estudo empírico sobre a F.O.M.O. e concluíram que este tipo de ansiedade estava muito associado à utilização de redes sociais, a incidência era maior nos jovens do género masculino e as pessoas com F.O.M.O. apresentavam níveis baixos de satisfação com a vida e elevada distratibilidade. As conclusões de um estudo de Dossey (2014, p. 69) revelaram ainda que:

Nas pessoas com níveis mais elevados de FOMO gera-se um ciclo vicioso, já que estes acabam por sentir-se cada vez mais solitários já que substituem os contactos offline pelo online, o que aumenta a sensação de isolamento, o que por sua vez aumenta a FOMO. Isso sugere que as redes sociais para algumas pessoas podem ser um paradoxo, já que não desempenham um papel de socialização.

Contudo, as conclusões de Przybylski e colaboradores (2013) devem ser interpretadas com alguma cautela uma vez que, tratando-se apenas de estudos correlacionais, não se podem

⁶¹ Ver Anexo 12 – Figura 31

estabelecer *nexus* de causalidade, apenas associações, entre a utilização do Facebook e o aumento deste tipo de ansiedade.

Em suma, os comentários e os likes obtidos nas fotografias e posts, são de extrema importância para os adolescentes utilizadores do Facebook podendo ter um impacto, positivo ou negativo, no seu bem-estar.

O bem-estar é igualmente ameaçado caso os jovens experimentem sentimentos de inveja, o que por sua vez pode desencadear sintomas depressivos. Tandoc, Ferrucci e Duffy (2015) chamaram a este fenómeno *Inveja Facebook*, que consiste na emoção negativa que resulta da observação do sucesso dos outros no contexto desta rede social. De facto, o Facebook pode ser um recurso muito positivo, mas quando utilizado como uma forma de dimensionar as suas próprias realizações, comparando-as com as dos outros, pode ter um efeito emocional negativo, causando uma diminuição do bem-estar (Appel, Crusius, & Gerlach, 2015; Blease, 2015). A inveja tende a incidir nas atividades/estilos de vida que os amigos exibem nesta rede social, desde as imagens de perfil, passando pelas atualizações no mural e, inclusive, pelas mensagens de felicitações de aniversário, likes ou comentários obtidos nas fotografias/posts. Todos estes aspectos propiciam a comparação/autoavaliação social que sendo negativa, ou comparativamente negativa, pode ter um impacto negativo no bem-estar (Mitchell, Ybarra, & Finkelhor, 2015; Smith & Kim, 2007; Steers, Wickham, & Acitelli, 2014). Os utilizadores mais jovens são os que mais facilmente sentem inveja e se colocam em risco de desenvolver sintomatologia depressiva (Hayes, Stolk-Cooke, & Muench, 2015).

A *Depressão Facebook* é, por seu lado, definida como um estado depressivo que se desenvolve nos utilizadores desta rede social, sobretudo nos adolescentes (O'Keeffe & Clarke-Pearson, 2014). Embora a depressão não seja um resultado direto da inveja, consiste

frequentemente num dano colateral desta (Tandoc et al., 2015). Certo é que os jovens comparam a vida que têm, não com a vida real dos outros jovens, mas com a vida que estes lhes querem mostrar (e que muitas vezes não corresponde inteiramente à verdade), já que sendo a autoapresentação positiva uma motivação importante para a utilização do Facebook, é de se esperar que muitos só publiquem conteúdos onde transpareçam felicidade e sucesso (Krasnova, Wenninger, Widjaja, & Buxmann, 2013).

Neste mesmo sentido, Wright, Rosenberg, Egbert, Ploeger e King (2013) assim como Steers e colaboradores (2014) concluíram que permanecer muito tempo no Facebook pode, indiretamente, conduzir ao desenvolvimento de um quadro depressivo, mas somente se o utilizador se envolver na comparação social. Assim, a comparação social e a ruminação são provavelmente mediadoras na relação entre a utilização do Facebook e o surgimento de sintomas depressivos. Feinstein, Hershenberg, Bhatia e Davila (2013) concluíram também, que a comparação social no Facebook pode ser muito mais prejudicial para o bem-estar psicológico do que a comparação social offline já que offline há acesso a dados mais concretos (como as expressões faciais, linguagem corporal ou o contexto), enquanto que online o utilizador confia no que está a ler ou a ver nas fotografias, conteúdos que são selecionados pelo proprietário do perfil, sem ter meios para aferir da sua veracidade (Feinstein, et al., 2013).

Em resumo, a utilização passiva do Facebook pode desencadear sentimentos de inveja que por sua vez poderão levar ao surgimento de situações depressivas, e à diminuição do bem-estar dos jovens.

Os/as adolescentes publicam selfies com bastante frequência, o que, como já referimos, poderá constituir uma oportunidade, mas também um risco uma vez que propicia o

surgimento de comparações, aspeto que se encontra positivamente correlacionado com o aumento de distúrbios da imagem corporal, nomeadamente insatisfação com o peso, desejo de emagrecer e internalização de uma imagem ideal (Evelyn, Meier, & Gray, 2014). Esta tendência está mais presente no género feminino, daí que tanto a Depressão Facebook como a Inveja Facebook, surjam também maioritariamente nos utilizadores deste género (Blease, 2005; O Globo, 2014; Steers et al., 2014) mas tendam a diminuir com a idade, à medida que aumenta a maturidade e decresce a tendência para a comparação online (Ozimek & Bierhoff, 2016).

A Depressão Facebook pode levar os jovens a aderirem a páginas / grupos perigosos da Internet que, teoricamente, oferecem apoio, mas que na realidade incentivam ao abuso de substâncias, práticas sexuais inseguras, comportamentos agressivos ou autodestrutivos (Steers et al., 2014).

Um estudo de Rosenthal, Buka, Marshall, Carey e Clark (2016) mostrou uma clara associação entre as experiências negativas no Facebook e sintomas depressivos, no entanto os autores não esclarecem se as experiências negativas online causam depressão ou exacerbam a depressão preexistente. Por seu turno, Konnikova (2013) concluiu que a utilização desta rede social pode afetar negativamente o bem-estar ao longo do tempo.

Outros autores (e.g., Baker & Algorta, 2016; Davila et al., 2012; Jelenchick, Eickhoff, & Moreno, 2013) não encontraram qualquernexo de causalidade entre as experiências negativas na rede social e o surgimento de depressão. Ao invés, associaram a sintomatologia depressiva a determinadas circunstâncias (como os jovens possuírem mais amigos online que offline), às interações online não serem percebidas como satisfatórias, e ao facto de os jovens passarem muito tempo a ler as atualizações no mural dos amigos quando o conteúdo destas

tende a ser de autoelogio. Assim, o impacto emocional negativo associado ao Facebook, pode não ser inerente a esta rede social e, ao invés disso, constituir um dano colateral relacionado com a forma como as pessoas utilizam a rede (Steers et al., 2014). Ou seja, pode não ser o Facebook que aumenta a solidão e diminui o bem-estar, mas os jovens mais sós e com menor bem-estar é que tenderão a optar por uma utilização passiva desta rede social, o que por sua vez poderá trazer estes danos colaterais (Kross et al., 2013; Selfhout et al., 2008). Em contrapartida, uma utilização mais interativa pode promover a formação /manutenção dos laços interpessoais, aspeto fundamental para o desenvolvimento saudável, e que se encontra associado a maiores índices de bem-estar (Gross et al., 2002).

Tendo em conta estas perturbações e o seu impacto negativo ao nível do bem-estar, foi sugerida a criação de uma nova categoria de perturbações psicológicas associadas ao uso das tecnologias – a *iDisorder*, “definida como a relação negativa entre uso de tecnologia e saúde psicológica” (Rosen, 2013, p. 1) que incluiria diversos sinais e sintomas de distúrbios psicológicos como “depressão, distímia e mania, bem como distúrbios de personalidade, incluindo narcisismo, transtorno de personalidade antissocial, TOC, paranoia, transtorno de personalidade histriônica, desordem de personalidade esquizoide e ansiedade F.O.M.O.” (Rosen, 2013, p. 1). No entanto a existência da estreita relação entre a utilização de redes sociais e o surgimento da *iDisorder* está longe de ser consensual. Um recente estudo de Hobbs, Burke, Christakis e Fowler (2016) mostrou, inclusive, que os utilizadores do Facebook vivem mais tempo quando comparados com os não utilizadores, e tudo depende, efetivamente, do tipo de utilização. Assim, quando os utilizadores se envolvem online em atividades semelhantes às que ocorrem offline, como a publicação de fotografias e a interação com os outros utilizadores, sentem-se socialmente integrados online (do mesmo

modo que acontece offline), o que lhes provoca um acréscimo de bem-estar, diminuindo a taxa de mortalidade, reduzindo a incidência de doenças cardíacas, overdoses de drogas e suicídio (Hobbs, et al., 2016). No entanto, os autores enfatizam que se trata de um estudo correlacional, pelo que não pode identificar a direção da relação.

Em resumo, o conjunto de estudos referidos requer ainda um maior aprofundamento, por forma a poderem tirar-se conclusões mais seguras. A maioria diz respeito a estudos correlacionais, pelo que não se podem retirar conclusões de causa-efeito. Contudo as conclusões parecerem orientar-se no mesmo sentido, ou seja, que o Facebook não é, em si mesmo, responsável pelo decréscimo do bem-estar dos seus utilizadores, sendo este resultado de múltiplos fatores como por exemplo, a utilização passiva desta rede social ou o estado emocional prévio. Citando Ferreira e colaboradores (2013, p. 275) o Facebook “quando usado com moderação pode agregar valores construtivos, contribuir para o bem-estar das pessoas, promover o crescimento pessoal de cada um e das comunidades”.

1.1.3 Diferenças culturais e utilização do Facebook

O conceito de cultura tem múltiplos significados, sendo também multidisciplinar. A cultura pode ser considerada como:

Conjunto de características distintivas, espirituais e materiais, intelectuais e afetivas que caracterizam uma sociedade ou um grupo social. Abrange, além das artes e letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do Homem, os sistemas de valores, as tradições e as crenças, dado que a cultura proporciona ao Homem a capacidade de refletir sobre si mesmo. É ela que faz de nós seres especificamente humanos, racionais, críticos e eticamente comprometidos. Através dela, o Homem expressa-se, toma consciência de si mesmo, reconhece-se como um projeto não terminado, põe em questão as suas próprias relações, busca incansavelmente novas significações e cria obras que o transcendem.

UNESCO (1982, p. 3)

Por sua vez, Hofstede (2011, p. 3) define cultura como “a programação mental coletiva que distingue os membros de um grupo dos demais”.

Para o mesmo autor, mudanças culturais só são possíveis caso o indivíduo seja afastado da sua cultura de origem. Para este autor, a cultura possui diversos níveis, os símbolos, os heróis, os rituais e os valores, estando uns expostos e outros ocultos (Figura 2).

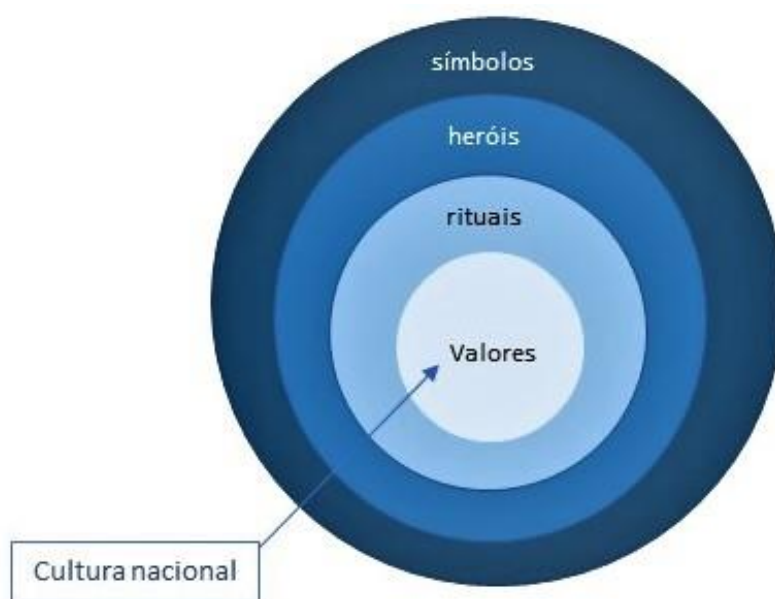


Figura 2 – Diferentes níveis da cultura (baseado em Hofstede, 1980⁶²)

A nível mais superficial encontram-se os símbolos e os heróis. Os símbolos constituem, por exemplo, as palavras ou os gestos que têm um significado para as pessoas que fazem parte da mesma cultura e que podem ser imitados. Os heróis são as personagens (pessoas ou figuras fictícias) que determinada sociedade aprecia e que muitas vezes funcionam como modelos de comportamento. Numa camada mais oculta/interna, surgem os rituais e os valores, incluindo-se nos rituais o modo como as pessoas se cumprimentam e nos valores morais os conceitos,

⁶² In <https://geert-hofstede.com/cultural-dimensions.html>

juízos e pensamentos considerados certos ou errados por determinada sociedade. As diferentes culturas têm sido estudadas com base nestes elementos.

Tendo como objetivo a criação de uma tipologia que permitisse a comparação de sociedades, Hofstede desenvolveu um modelo explicativo das diferenças culturais que estão na base das relações sociais, o qual se transformou num dos mais importantes no estudo das influências culturais na Internet e permite compreender as diferenças encontradas. Hofstede (1980) pretendeu demonstrar a inexistência de culturas universais e criar uma terminologia que, com base empírica, fosse capaz de descrever e comparar culturas. Com esses objetivos, entre 1967 e 1978, o autor analisou os dados de 100 000 indivíduos de cinquenta países diferentes e em 1983 construiu o seu modelo.

1.1.3.1 Teoria das dimensões culturais de Hofstede

No início da década de oitenta, foram formalizadas as primeiras quatro dimensões do modelo: Distância ao poder; Individualismo/Coletivismo; Masculinidade / Feminilidade; Aversão à incerteza.

A dimensão *distância ao poder* refere-se ao modo como as pessoas, em diferentes sociedades, lidam com a desigualdade ao nível da distribuição de poder. Em culturas com elevada distância, há uma assimetria de poder e as decisões são tomadas por quem está no topo da hierarquia (Hofstede, 1980). As pessoas com esta cultura acreditam que o poder e a autoridade são inquestionáveis (Samovar & Porter, 2004). Em contrapartida, nas culturas de baixa distância ao poder, a sociedade é menos hierarquizada, o poder não está centralizado e as desigualdades sociais são questionadas (Cao & Everard, 2008).

O individualismo / coletivismo constitui a dimensão mais utilizada nos estudos transculturais. Diz respeito à relação entre os indivíduos, a sua família e a comunidade e

procura aferir quem/que fatores, são mais importantes. Os valores individualistas estão mais associados a fracos laços interpessoais e à autonomia pessoal (Hofstede, 2001). Nestas culturas as pessoas são incentivadas a preocuparem-se apenas consigo e com a família mais próxima (Bassett, 2004; Cao & Everard, 2008), havendo um distanciamento emocional para com os indivíduos fora do grupo familiar. Nestas sociedades, os jovens começam a trabalhar cedo para poderem ter independência económica e procurar independência dos pais (Hofstede, 2001). Por seu turno, nas sociedades coletivistas as pessoas estão inseridas em grupos e cuidam umas das outras, numa base de reciprocidade / lealdade. Ao contrário do polo anterior, a identidade individual provém, em grande parte, da identidade grupal. Há uma acentuada dependência do grupo inclusive ao nível do bem-estar individual. Existe uma proximidade emocional entre os membros do grupo e mais distância aos indivíduos fora do grupo. Estes dois polos diferenciam-se pelo uso em maior ou menor grau dos pronomes pessoais, ou seja, 'eu' para as sociedades individualistas e 'nós' para as coletivistas (Hofstede, 2011)

A dimensão *masculinidade / feminilidade* está focada na atribuição de papéis de género dentro da sociedade. A cultura masculina está mais associada a valores como a assertividade, ambição e progressão na carreira (Hofstede, 1980). Numa cultura masculina há pouco interesse em estabelecer amizades fora do grupo já que isso pode aumentar o risco de competição. As ligações intragrupais são estimuladas e consideradas mais seguras e confiáveis (Triandis, 1989). Os indivíduos sentem-se motivados pelos triunfos materiais e profissionais. A ambição é recompensada e motivada e valoriza-se mais a profissão do que os afetos. Este tipo de cultura resolve os conflitos por meio do confronto, “permitindo que os mais fortes ganhem” (Intercultural link news magazine 2011, p.3). Em contrapartida, numa

cultura feminina, promove-se a qualidade de vida, as relações sociais calorosas e um ambiente cooperativo. Para estas sociedades, as relações interpessoais são tão importantes como a profissão, já que o sucesso é encarado como algo mais abrangente – implica não só ter êxito profissional como obter a admiração das pessoas que os rodeiam. O trabalho é encarado como um meio, de entre outros, para conseguir qualidade de vida. Quando surgem conflitos, estes são resolvidos “através do compromisso e da negociação” (Intercultural link news magazine, 2011, p. 3)

A dimensão *aversão à incerteza* é definida pelo grau de ansiedade que os elementos de uma sociedade sentem perante o surgimento de situações inesperadas (Hofstede, 2001). Sociedades com elevada aversão tendem a munir-se de regras/leis que as protejam de riscos. São resistentes à mudança por temerem que estas tenham consequências negativas, e sentem-se menos atraídas pelas inovações (Wen, Zhan, & Rodney, 2007). A nível comportamental, Hofstede (2001) refere que os indivíduos inseridos numa sociedade com elevada aversão à incerteza são emocionalmente mais contidos, ou seja, menos expressivos e emotivos. Em contrapartida, nas sociedades com baixa aversão à incerteza as pessoas são pragmáticas, recetivas a novas situações e mais flexíveis ao nível das regras (Hofstede, 2001). As “diferenças de opinião são aceitáveis e a incerteza é encarada como algo que faz parte da vida” (Intercultural link news magazine, 2011, p. 3). A inovação é vista como importante e necessária, sendo estimulada a criatividade e o desenvolvimento intelectual. As pessoas expressam as suas emoções/sentimentos com mais intensidade e frequência (Hofstede, 2001). Mais tarde, em 1991, Hofstede acrescentou duas dimensões: orientação a longo prazo

e indulgência *versus* contenção⁶³. A dimensão *orientação a longo prazo* descreve como cada sociedade encara os desafios do presente e do futuro. Uma orientação a curto prazo, significa ser pouco recetivo às mudanças sociais. “Há um predomínio no “aqui e agora”, sendo as relações sociais preteridas face aos lucros financeiros imediatos” (Intercultural link news magazine, 2011, p. 4)). Culturas com orientação a longo prazo revelam que a perseverança é estimulada tendo em conta os objetivos a atingir, por exemplo os jovens são incentivados a prosseguir os estudos, como forma de preparar o futuro (Hofstede, 2001). Embora neste tipo de sociedades, as regras e as tradições sejam respeitadas, há uma adaptação destas aos contextos e às mudanças sociais.

Por fim, a dimensão *indulgência versus contenção relaciona-se*, segundo Hofstede⁶⁴ com o modo como as pessoas controlam os seus desejos e impulsos. Varia entre fraco controlo (indulgência) e forte controlo (contenção). As culturas podem, portanto, ser descritas como indulgentes ou como contidas (Hofstede, 2001). Uma sociedade indulgente tende a apreciar a vida e a dedicar algum do seu tempo ao divertimento e a conviver com os amigos, as pessoas são mais “positivas e otimistas, extrovertidas e simpáticas” (Intercultural link news magazine, 2011, p.4). Por seu turno, numa sociedade contida, existe um maior respeito por regras e pela disciplina moral e as pessoas são “mais pessimistas, cínicas, reservadas, o lazer e as amizades são menos importantes” (Intercultural link news magazine, 2011, p. 4).

⁶³ Do original “Indulgence versus Restraint “. A denominação varia consoante as traduções, sendo encontradas diversas denominações, como por exemplo *Complacência versus Repressão* (Intercultural link news magazine, 2011)

⁶⁴ <https://geert-hofstede.com/countries.html>

1.1.3.2 Dimensões culturais da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e de Macau

Foi possível identificar as dimensões culturais da maioria dos países que fizeram parte do presente estudo (com exceção de São Tomé e Príncipe por não existirem dados) acedendo ao site de Geert Hofstede⁶⁵ onde é disponibilizada esta informação. Para a caracterização da Guiné Bissau, país que não consta no site de Hofstede, foram usadas as informações disponibilizadas para o Senegal, à semelhança do estudo de Sousa (2016). De entre os dados recolhidos relativos aos países da CPLP não foram tidos em conta os da Guiné Equatorial (porque não foi possível recolher amostra neste país), nem os de Timor-Leste, uma vez que, apesar de ter sido recolhida amostra, esta mostrou-se muito reduzida (apenas cinco participantes). Apesar de não fazer parte da CPLP, incluiu-se Macau por existir neste país uma considerável comunidade de língua portuguesa. Para a caracterização de Macau, e uma vez que este país também não consta da listagem do referido site, foram tidos em conta os valores sobre Hong-Kong (à semelhança do estudo de Leng, 2013). Pôde-se, então, construir um gráfico comparativo das dimensões culturais nos países em estudo (Figura 3) e caracterizar a maioria dos países que fez parte da amostra do presente estudo:

A sociedade portuguesa é hierárquica, tolera que as pessoas que ocupam cargos de poder usufruam de maiores privilégios (alta *distância ao poder*). Na dimensão *individualismo vs. coletivismo*, Portugal é coletivista, ou seja, os portugueses tendem a criar fortes e duradouros laços emocionais, sobretudo com a família (nuclear e/ou alargada). Apesar destes dados, autores como Alves Marques (1994, p7), já tinham referido que “ainda que não existam

⁶⁵<https://geert-hofstede.com/countries.html>

dados empíricos comprovativos, não será difícil de imaginar que o crescimento e riqueza nacional verificado nos últimos anos provocou um aumento dos índices de individualismo”. Mais recentemente Carvalho (2009, p. 52), concluiu que a sociedade portuguesa continua a caminhar no sentido do individualismo, uma vez que constatou no seu estudo a existência de uma “diminuição de valores, que já eram baixos há dez anos atrás, e que são os externos à família – o caso da religião e da pátria”. Na dimensão *masculinidade vs. feminilidade*, é um país com uma pontuação baixa, o que remete para características femininas, isto é, segundo Hofstede (citado por Rego 2004, p. 108), “os portugueses são simpáticos e bons negociadores, tentando sempre encontrar soluções por uma via pacífica, dão valor à qualidade de vida e ao bem-estar”. Na dimensão *aversão à incerteza*, Portugal apresenta um valor muito elevado, sendo inclusive o fator que “define Portugal muito claramente”⁶⁶. Tendo em conta que este fator determina o grau de ansiedade da sociedade face ao desconhecido, o nosso país revela bastante resistência à inovação. A sociedade portuguesa tem também uma baixa orientação a longo prazo, o que significa que prefere manter as tradições e normas e encara as mudanças sociais com alguma desconfiança. Por último, a sociedade é mais contida (baixa indulgência), característica que se encontra associada ao cumprimento de regras, mas também a um comportamento tendencialmente “mais pessimista, mais reservado, que coloca em segundo plano o lazer e as relações sociais que se situem fora do grupo familiar” (Intercultural link news magazine 2011, p. 4).

No que respeita ao Brasil, a distância ao poder é elevada, a sociedade é coletivista, tem características equilibradas entre a masculinidade e a feminilidade (pode dizer-se que é um

⁶⁶ <https://geert-hofstede.com/portugal.html>

misto dos dois polos), possui uma elevada aversão à incerteza e apresenta uma média orientação a longo prazo. É uma sociedade com valores médios de indulgência.

Já a cultura moçambicana possui a maior distância ao poder de entre os países em análise e é também a mais coletivista. Possui características femininas, média aversão à incerteza, é muito orientada a curto prazo e muito indulgente.

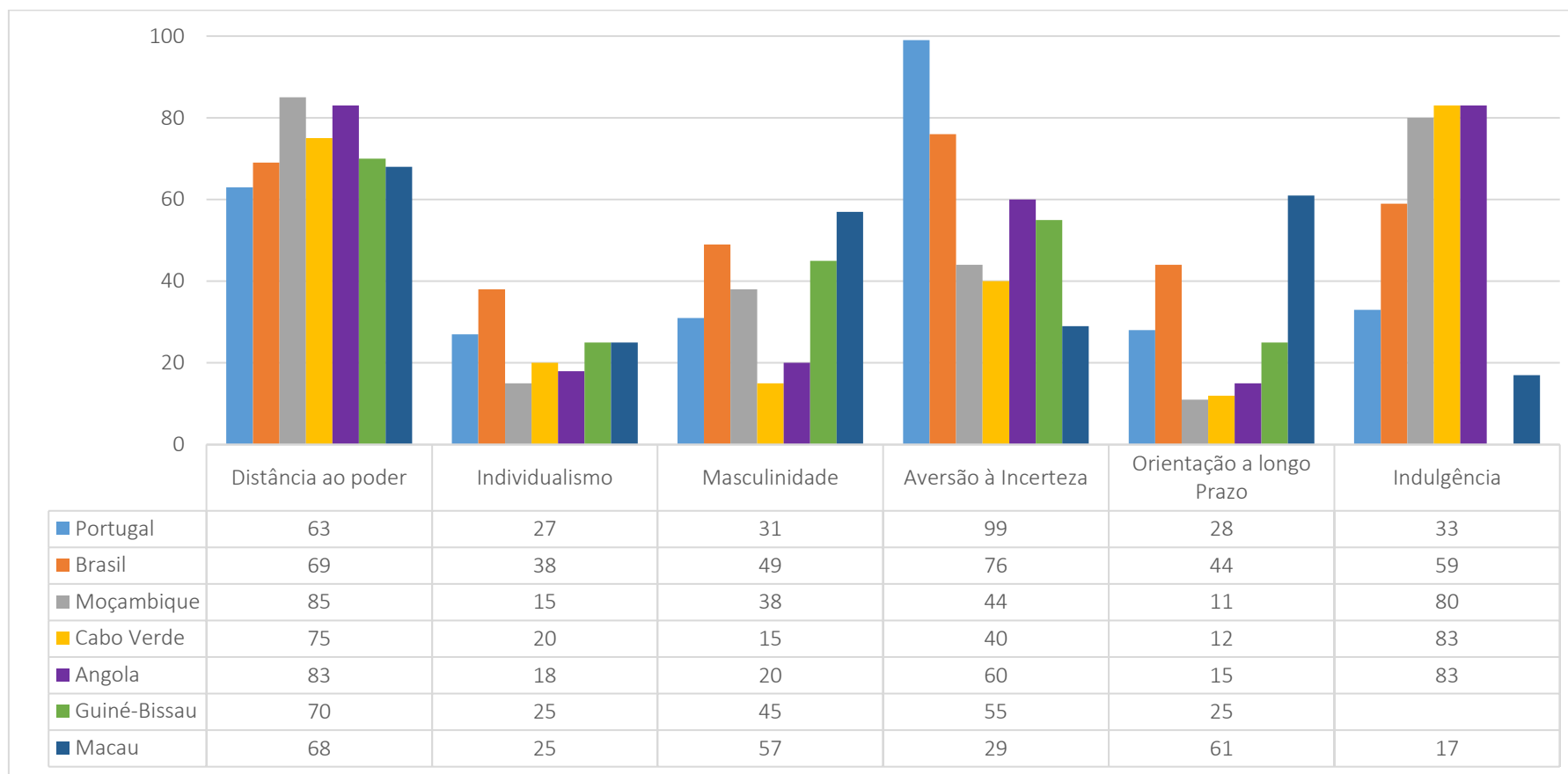


Figura 3 - Dimensões culturais dos países da CPLP⁶⁷ e de Macau

⁶⁷ Não existem dados disponíveis sobre a Guiné-Bissau na dimensão “Indulgência”.

Por seu turno, Cabo Verde tem uma elevada distância ao poder, é coletivista, feminino (o mais feminino da amostra), tem média aversão à incerteza, é muito orientado a curto prazo e muito indulgente.

Também a sociedade angolana revela uma distância ao poder muito elevada, é coletivista, feminina, tem média aversão à incerteza, muito orientada a curto prazo e muito indulgente.

A Guiné-Bissau revela uma elevada distância ao poder, é coletivista, valores médios de masculinidade/feminilidade, evita a incerteza e é orientado a curto prazo. Não existem dados relativos à dimensão “Indulgência”.

Por fim, Macau revela uma elevada distância ao poder, é coletivista, masculino, baixa aversão à incerteza, orientado a longo prazo e é uma sociedade muito contida.

Em suma, os países da nossa amostra possuem maioritariamente uma elevada distância ao poder, são coletivistas, femininos (com duas exceções, o Brasil que tem características mistas e Macau que é masculino).

Nas restantes dimensões observam-se níveis bastante diversificados, ou seja, aversão à incerteza (Portugal com os maiores níveis e Macau com os mais reduzidos), orientação a longo prazo (varia entre muito baixo nos países africanos, e elevado em Macau) e Indulgência (varia desde muito elevada nos países africanos e muito baixa em Macau).

1.1.3.3 Diferenças culturais e hábitos de utilização do Facebook

São ainda escassos os trabalhos que abordam a influência da cultura na utilização do Facebook. Os poucos que existem partem do modelo de Hofstede para caracterizarem os países em causa e, de entre as dimensões do modelo, a de

Individualismo/coletivismo tem sido a mais amplamente utilizada nos estudos transculturais (Almakrami, 2015).

Os estudos têm mostrado que os hábitos e os tipos de utilização do Facebook são largamente influenciados pelos fatores culturais (Hofstede, 2001; OfCom, 2008). No que respeita aos hábitos de utilização, nas culturas coletivistas a importância dos familiares, amigos e grupo podem ser parcialmente responsáveis pela utilização menos frequente das redes sociais, já que há tendência para obter apoio nas relações offline (Elmasry, Auter, & Peuchaud, 2014; Kim, Sohn, & Choi, 2013; Quiu, Lin, & Leung, 2013). Nas culturas individualistas, os jovens habitualmente estabelecem relações mais distantes e superficiais, aspeto que os leva a utilizar mais frequentemente o Facebook. Além disso, os jovens inseridos numa cultura individualista têm uma perceção mais positiva das redes sociais e, portanto, utilizam-nas mais (Pumper, Yaeger, & Moreno, 2013).

Os jovens de países coletivistas partilham informações úteis não só para si próprios, mas também para os outros, frequentemente revelam informações políticas e/ou religiosas, não exibem o status de relacionamento (ou colocam solteiro), e são mais propensos a exibir perfis com nomes falsos ou com imagens de algo/alguém (Lustig & Koester, 2006; Yum & Hara, 2006). Por exemplo, nos países do médio Oriente, como a Turquia⁶⁸, publicar fotografias de membros da família dentro dos espaços privados da casa, imagens de casais, ou comentários sobre tópicos privados é muito mal visto pela

⁶⁸ Segundo Hofstede (<https://geert-hofstede.com/turkey.html>) trata-se de um país com elevada distância ao poder, coletivista, feminino, elevada aversão à incerteza e média orientação a longo prazo.

sociedade (Costa, 2016). Apesar disso, os utilizadores rompem essa barreira cultural e mostram nas redes sociais aspetos mais íntimos do seu quotidiano:

O que a cultura ocidental descreve como o efeito de autorrevelação do Facebook, para a cultura oriental é encarado como uma grave ameaça para o mundo social. Certo é que apesar dos orientais tentarem manter a sua privacidade, esta rede social criou uma porta de entrada para o íntimo no domínio público (...). Existem agora novos espaços privados online que facilitam as comunicações secretas e as relações entre pessoas de diferentes sexos a um nível que nem sequer era imaginável há alguns anos.
Costa (2016, p. 168)

Por seu turno, em sociedades individualistas, os jovens fazem mais atualizações de status, publicam fotografias/ vídeos sobre si próprios para fins de autorrevelação e autopromoção, a imagem no perfil é muitas vezes da face do utilizador em zoom-in, mais frequentemente assinalam estar “numa relação” e o foco dos seus perfis é habitualmente a sua vida social e atividades do dia-a-dia (Elmasry et al., 2014; Huang & Park, 2013; Kim et al., 2013; Qiu et al., 2013).

Os estudos existentes indicam que existem poucas diferenças na autorrevelação em sociedades individualistas segundo a variável género, havendo apenas uma diferença significativa no número de imagens publicadas, uma vez que o género feminino tende a publicar mais fotografias que o género masculino (Yum & Hara, 2005). Estes resultados contrastam com as descobertas do estudo de Dominick (1999). Este autor concluiu que a variável género não influenciava a autorrevelação nas redes sociais no que respeita à quantidade de imagens publicadas, mas observou que o género feminino incluía mais informações íntimas, declarações sobre a sua filosofia de vida e informações sobre a família e o namorado. Outros estudos (e.g., Hong, Morris, Chiu, & Benet-Martinez, 2000; Qiu et al., 2012) sugerem não ser nem o género nem a cultura os fatores

responsáveis pelas diferenças na autorrevelação, mas sim as características da própria rede. Lamoreaux e Morling (2008) concluíram que os utilizadores tendem a mudar de comportamento online por forma a coincidir com o dos outros utilizadores. Tratando-se o Facebook de uma rede social criada por um país com características individualistas (América), poderá haver um fenómeno de “aculturação Facebook”⁶⁹, em que os seus utilizadores tendem a assumir um comportamento segundo os valores que subjazem à própria rede social (individualistas) e, paralelamente, esse comportamento é propenso a homogeneizar-se. Certo é que Qiu et. al. (2012) concluíram que as pessoas se comportam de modo diferente em distintas redes sociais, sendo que os utilizadores biculturais agem de um modo, numa determinada rede social e de outro modo noutra.

Segundo os mesmos autores, este aspeto pode ter importância para a aquisição de experiências multiculturais através de interações sociais online. Assim, o aumento do individualismo nas relações interpessoais pode estar associado à estrutura das redes sociais, já que “o que ocorre é que indivíduos constroem as suas redes, online e offline, com base nos seus interesses, valores, afinidades e projetos” (Castells, 2003, citado por Barcelos, Passerino, & Behar, 2010, p. 3). Este aspeto poderá contribuir para uma homogeneização cultural, ou para um consenso a este nível, no entanto desconhece-se até que ponto “as experiências multiculturais online podem facilitar a formação de uma identidade cosmopolita que venha a transcender as fronteiras culturais e ajude os indivíduos a desenvolver uma sensação de ser um cidadão do mundo” (Cannon &

⁶⁹ Denominação por nós adotada para designar este fenómeno que se opera nos utilizadores do Facebook, que consiste na modificação de alguns aspetos do seu modelo cultural de base, resultado do contato permanente destes quer com uma rede social criada segundo um sistema cultural diferente do seu sistema de origem, quer com utilizadores oriundos de outras culturas.

Yaprak, 2002; Gillespie, McBride, & Riddle, 2010, citados por Qiu et al., 2012, p. 116).

Autores como Kelly (2009), discordam que a utilização da Internet no geral, e das redes sociais em particular, estejam a aumentar o individualismo da sociedade, e argumentam que estas tecnologias não só maximizam a autonomia individual, mas também podem estar a contribuir para a criação de uma sociedade coletivista a nível global, devido a favorecerem a partilha de conteúdos e de ideias.

1.1.3.4 Impacto das diferenças culturais nos riscos/ oportunidades online

Os estudos de Vazire e Goslin (2004) sugerem também que os comportamentos nas redes sociais se assemelham aos comportamentos offline e, consequentemente, refletem as características de personalidade do utilizador, bem como processos sociais, como a influência dos pares, havendo igualmente bastantes influências do contexto cultural (Lewis, Gonzalez, & Kaufman, 2012; Na Kosinski & Stillwell, 2015). Ao mesmo tempo, sendo a comunicação moderada pela cultura (Bettencourt & López, 1993; Chen, 1995) e a autorrevelação uma forma de comunicação, esta irá também diferir entre culturas (Cho, 2010; Wheelless & Grotz, 1976). Posto isto, e embora o número de pesquisas transculturais sobre a autorrevelação online seja reduzido, tudo aponta para que os utilizadores se mostrem coerentes com as suas próprias normas culturais (Yum & Hara, 2005).

Numa cultura coletivista os jovens não se colocam tanto em risco como numa cultura individualista, já que tendem a fazer menos autorrevelações e quando as fazem é num ambiente mais restrito / seguro (Wheelless et al., 1986). No entanto, já que a autorrevelação não se encontra necessariamente associada aos riscos (Ellison et al., 2007), esta característica pode privá-los de usufruírem de oportunidades.

Em contrapartida, numa cultura individualista, há mais revelações de informações pessoais uma vez que os jovens inseridos neste tipo de sociedade pretendem alargar o seu leque de relações sociais (Adams, Anderson, & Adonu, 2004; Qiu, et al., 2012; Ting-Toomey, 1991), aspeto que os pode conduzir a maiores riscos, mas também a oportunidades acrescidas.

Os poucos estudos transculturais existentes (e.g., Livingstone & Haddon, 2009) levam a concluir que a ordenação dos riscos online é semelhante em todos os países europeus, ou seja, a autorrevelação encabeça a lista de riscos mais frequentes, em segundo lugar surge a exposição indesejada a conteúdos (pornográficos; violentos; de discurso de ódio), seguindo-se-lhe o cyberbullying e, por último, a receção indesejada de conteúdos sexuais. Segundo Livingstone e Haddon (2009, p. 16) “ir ao encontro de alguém que se conheceu online, apesar de ser pouco comum, é o risco que mais danos poderá causar ao utilizador”. Os mesmos autores, concluem ainda que existe “uma correlação positiva entre o uso e o risco, sendo de “alto uso, alto risco” para os países do norte da Europa, “baixo uso, baixo risco” nos países do sul da Europa e “novo uso, novo risco” nos países do Leste Europeu (Livingstone & Haddon, 2009, p. 1).

Em resumo, os estudos apontam para que as diferenças culturais tenham impacto nos riscos e oportunidades do Facebook, mas muito ainda há a explorar relativamente a esta temática.

1.1.4. Perspetiva geral da dissertação

As redes sociais situam-se entre as formas de comunicação que mais se propagaram mundialmente, sobretudo entre os jovens, e que acabaram por operar mudanças nos comportamentos e relacionamentos sociais. Posto isto, de forma a assegurar a sua boa

utilização torna-se essencial “compreender as suas dinâmicas, potencialidades e ameaças” (Gabriel, 2011, p. 198).

Apesar da existência de alguns trabalhos sobre redes sociais, muito ainda está por fazer. Este trabalho, de carácter exploratório, inclui um primeiro estudo empírico que teve por objetivo a construção e validação de um instrumento para avaliação dos riscos /oportunidades dos jovens utilizadores do Facebook dos países de língua portuguesa, uma vez que à data desconhecia-se a existência de uma ferramenta para esse fim. Só após a construção e estudo psicométrico deste instrumento se puderam realizar os outros estudos.

Tendo em conta que Portugal é um dos países europeus que mais utiliza o Facebook (INE, 2015), ainda assim escasseiam estudos sobre os hábitos de utilização, os riscos e as oportunidades associados à utilização do Facebook pelos jovens portugueses e, em especial, sobre a sua relação com o género, idade e regiões do país. Assim sendo, o presente trabalho visou, por um lado, caracterizar os hábitos de utilização do Facebook, os riscos e as oportunidades online, segundo o género, a idade e a região, na subamostra de jovens portugueses e, por outro, estudar a relação destas variáveis com as diferentes regiões de Portugal. Procurou-se, assim, no segundo estudo conhecer a relação entre os hábitos de utilização do Facebook, os riscos e as oportunidades online e destas variáveis com o género, a idade e as regiões de Portugal.

Desconheciam-se estudos sobre o papel das variáveis nacionalidade e fase de desenvolvimento dos jovens, nas relações entre os hábitos de uso do Facebook e os riscos e as oportunidades ou que comparassem especificamente Portugal e Brasil. Além disso, os estudos existentes sobre o papel do desajustamento psicossocial nesta relação

eram inconclusivos. Posto isto, o terceiro estudo guiou-se pela interrogação de saber qual o papel do (des)ajustamento psicossocial, da nacionalidade e da idade, na relação entre os hábitos de utilização e os riscos e oportunidades online de jovens utilizadores do Facebook do Brasil e de Portugal.

Conforme atrás referido, é hoje praticamente consensual que fruto das tecnologias móveis, as fronteiras entre online e offline estão cada vez mais esbatidas, dando lugar a um mundo híbrido. São, no entanto, ainda escassas as investigações que abordam o cibridismo, neste caso a relação entre riscos online e comportamentos offline, por um lado, e oportunidades online e bem-estar offline, por outro. Muito mais raros são os trabalhos que abordem também as diferenças culturais no uso desta rede social em países de língua oficial portuguesa, já que a maioria dos estudos interculturais sobre o Facebook tem sido realizada entre utilizadores leste-asiáticos e americanos. Assim, com o quarto estudo pretendeu-se conhecer o contributo da diversidade cultural na explicação das diferenças nos hábitos de utilização, nos riscos / oportunidades online, nos comportamentos de risco e bem-estar (offline) nos jovens da Comunidade de Países de Língua Portuguesa e de Macau. Procurou-se também avaliar qual o papel desempenhado pelos hábitos de utilização e pelos riscos/ oportunidades (online) nos comportamentos de risco e bem-estar (offline) dos jovens utilizadores do Facebook destes países.

Dois conceitos são fundamentais na presente dissertação. O primeiro refere-se à assunção da inexistência de fronteiras entre virtual e real (cibridismo). Os smartphones,

*tablets*⁷⁰ e outros instrumentos eletrónicos, fazem hoje parte do dia-a-dia, sobretudo dos jovens, ouve-se música no Youtube, colocam-se fotografias na rede social Instagram, está-se a par das notícias no Facebook e é até possível beijar à distância, bastando para isso associar um *gadget*⁷¹, o *Kissenger*⁷², a um smartphone (Stickland, 2016). Este mundo híbrido em que vivemos, operou mudanças na forma como as pessoas se relacionam. São poucas as informações que não partilhamos online, uma vez que o conceito de privacidade é agora algo mais abrangente e parece englobar, sem restrições, os conteúdos que são partilhados online. Por seu turno, os riscos a que os jovens se expõem no Facebook, seguem a lógica do cibridismo e não ficam circunscritos ao virtual, tendo impacto no quotidiano offline (e.g., Marcusa, 2011). Por exemplo, a adesão a grupos/páginas que incentivam os jovens a ter determinados comportamentos de risco offline, como a participação em eventos contra minorias. O mesmo se passa com os estados emocionais, isto é, os jovens mais desajustados psicossocialmente podem encontrar no Facebook um meio único para se relacionarem e alargarem o seu leque de amizades, sobretudo se fizerem uma utilização mais ativa desta rede social (Subrahmanyam & Lin, 2007). Por seu turno, uma utilização mais ativa,

⁷⁰ “*Tablet* é um tipo de computador portátil, de tamanho pequeno, fina espessura e com ecrã sensível ao toque (*touchscreen*). É muito usado para navegar na internet, para a leitura de livros, jornais e revistas, para visualização de fotos e vídeos, reprodução de músicas, jogos, etc.” (<https://www.significados.com.br/tablet/>).

⁷¹ “Pequeno utilitário desenvolvido para facilitar o acesso a funcionalidades disponibilizadas por determinadas aplicações mais abrangentes” (Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico, 2003-2017).

⁷² Junção de kiss (beijo) com Messenger (Software criado pela Microsoft que permite a comunicação instantânea entre dois ou mais utilizadores) (Pinho, 2012).

apesar de poder abrir caminho para o surgimento de riscos, gera também oportunidades, com conseqüente relação no aumento do bem-estar (Kimberly & Ybarra, 2009).

Outro conceito estruturante para o presente trabalho, relaciona-se com a influência da cultura quer nos hábitos de utilização, quer nas atividades que o jovem tem online e que pode favorecer o surgimento de riscos e/ou oportunidades. Os estudos existentes mostram a existência de diferenças entre culturas no que respeita sobretudo aos hábitos de utilização (Elmasry, et al., 2014) e à profundidade de revelações que os jovens fazem acerca de si mesmos (Wheless et al., 1986), aspetos que por sua vez poderão ter impacto nos riscos e nas oportunidades online (Ellison et al., 2007).

Estes conceitos foram aprofundados ao longo do Capítulo I, apresentando os principais estudos que constituíram a base da presente investigação. Num primeiro momento foi abordada a literatura sobre os aspetos relativos à cibercultura/cibridismo, num segundo as principais variáveis relacionadas com o Facebook, e num terceiro momento, incidiu-se sobre os aspetos culturais e a sua influência na utilização do Facebook.

As questões relativas ao desenho da investigação e metodologia fazem parte do Capítulo II, que se segue, no qual se apresentam as variáveis em estudo, os instrumentos utilizados, os procedimentos para recolha da amostra e também a caracterização dos participantes.

O Capítulo III inclui os estudos empíricos, todos de metodologia quantitativa. O Estudo 1, envolveu a construção, adaptação e validação de um instrumento para

avaliação dos riscos/oportunidades dos jovens utilizadores do Facebook dos países de língua portuguesa.

O Estudo 2 pretendeu caracterizar os jovens portugueses no que respeita à utilização da rede social Facebook. Tiveram-se em consideração as variáveis relacionadas com o ambiente online (hábitos, riscos e oportunidades) e analisaram-se as diferenças nestas variáveis em função da idade, do género e da região do país.

O Estudo 3, com base numa amostra transcultural de jovens de Portugal e Brasil, explorou o papel moderador do (des)ajustamento psicossocial, do país e da idade na relação entre os hábitos de utilização do Facebook e os riscos e oportunidades online.

O Estudo 4 envolveu a amostra total dos nove países estudados (oito da CPLP e Macau), e explorou o papel dos hábitos de utilização e dos riscos e oportunidades online, no offline (comportamentos de risco e bem-estar). Pretendeu-se também avaliar se o facto de os participantes serem oriundos de diferentes países contribuía para explicar a variância dos hábitos de utilização, dos riscos online/oportunidades e dos comportamentos de risco/bem-estar total

O Capítulo IV refere-se à Discussão e Considerações finais - integra uma visão holística dos estudos desenvolvidos, salientando-se os principais resultados.

Apresentam-se igualmente algumas limitações do presente estudo que poderão servir de ponto de partida para futuras investigações dentro deste tema e ainda as implicações decorrentes do estudo. Por fim inclui-se a Bibliografia e os Anexos.

Página propositadamente deixada em branco

Capitulo II – A Investigação

Página propositadamente deixada em branco

2.1 Modelo do estudo

Além do estudo 1, relativo à construção e estudo psicométrico de um instrumento de avaliação de riscos e oportunidades dos jovens utilizadores do Facebook, o presente trabalho incluiu mais três estudos empíricos. Nestes, destacam-se os “hábitos de utilização do Facebook” como variável independente no estudo 3 e dependente nos estudos 2 e 4; o “país de residência”, “o ajustamento psicossocial” e a “idade” como variáveis moderadoras no estudo 3; os “riscos online” e as “oportunidades online” como variáveis dependentes nos estudos 2 e 3; no estudo 4, os “comportamentos de risco offline” e o “bem-estar” como variáveis dependentes, os “hábitos de utilização”, os “riscos” online e as “oportunidades online” como variáveis independentes e o “país” como variável de nível 2 na análise multinível realizada; na segunda parte do estudo 4, foram realizadas regressões, assumindo os “hábitos de utilização”, os “riscos online” e as “oportunidades online” como variáveis dependentes e como variável independente o “país”.

A Figura 4 apresenta o modelo de investigação dos estudos.

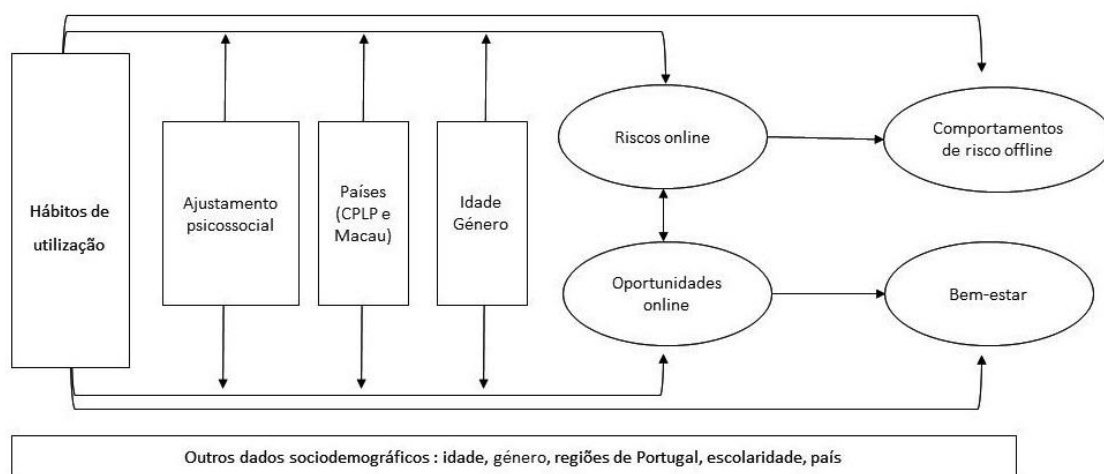


Figura 4 – Modelo global do estudo

A figura 4 representa graficamente as principais variáveis investigadas e as relações exploradas entre elas. Estas relações foram sendo estudadas de um modo faseado.

No segundo estudo, apenas com a amostra portuguesa, pretendeu caracterizar-se os jovens portugueses no que respeita à utilização da rede social Facebook (Figura 5).

Tiveram-se em consideração as variáveis relacionadas com o ambiente online (hábitos, riscos online e oportunidades online) e analisaram-se as diferenças nestas variáveis em função da idade, do género e das regiões do país.

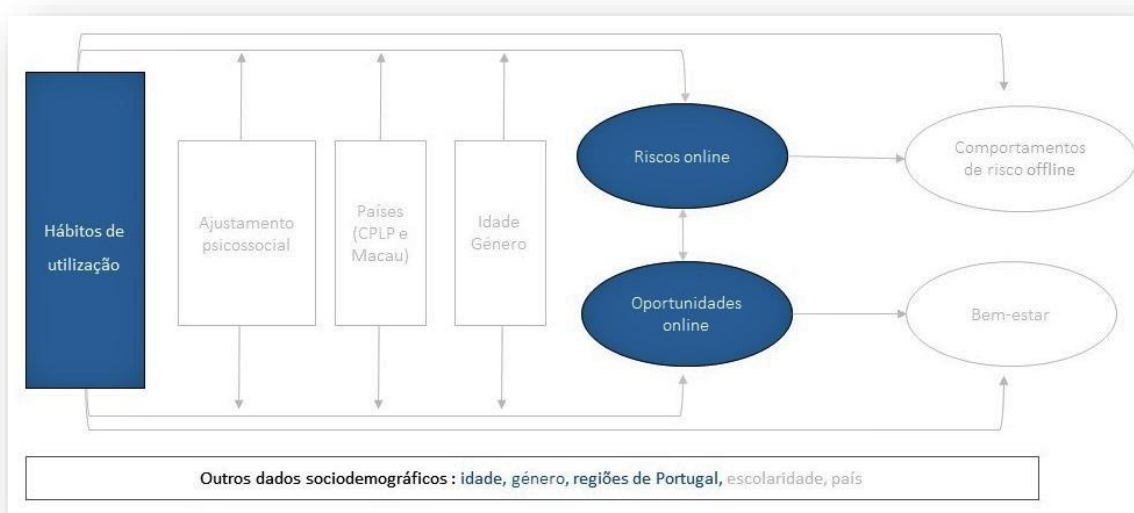


Figura 5 – Modelo do estudo 2 (a azul)

No terceiro estudo utilizou-se a amostra brasileira e uma parte da amostra portuguesa (500 participantes escolhidos aleatoriamente) para estudar as variáveis ajustamento psicossocial, país e idade como moderadoras na relação entre os hábitos de utilização do Facebook e os riscos e as oportunidades online (Figura 6). Como dados sociodemográficos consideraram-se o género e a escolaridade dos jovens.

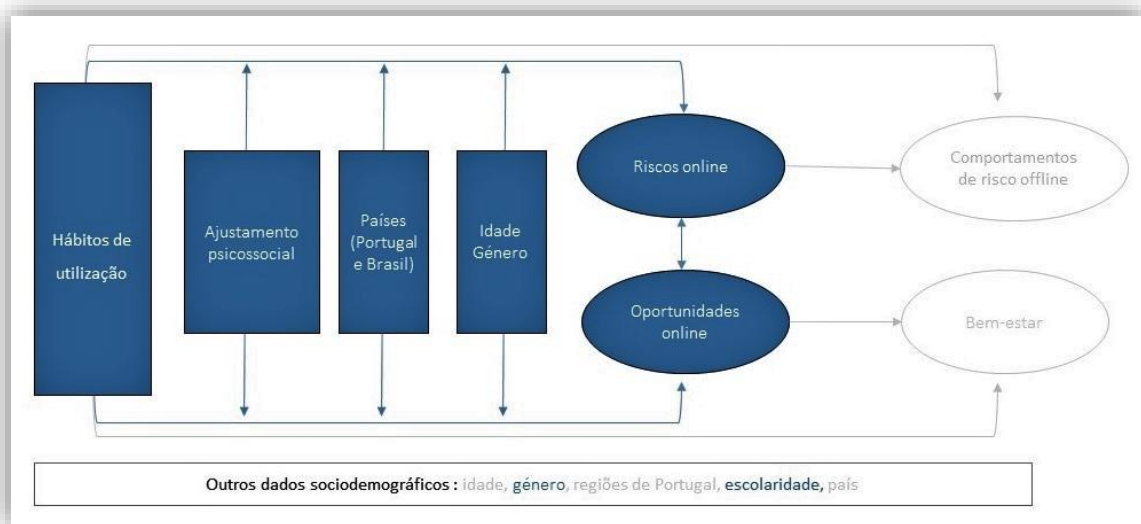


Figura 6 – Modelo do estudo 3 (a azul)

No quarto estudo pretendeu-se explorar o papel dos hábitos de utilização e dos riscos e oportunidades online, no offline (comportamentos de risco offline e bem-estar). Outro objetivo consistiu em avaliar se o facto de os participantes serem oriundos de diferentes países contribuía para explicar a variância dos hábitos de utilização, dos riscos online/oportunidades e dos comportamentos de risco/bem-estar (Figura 7).

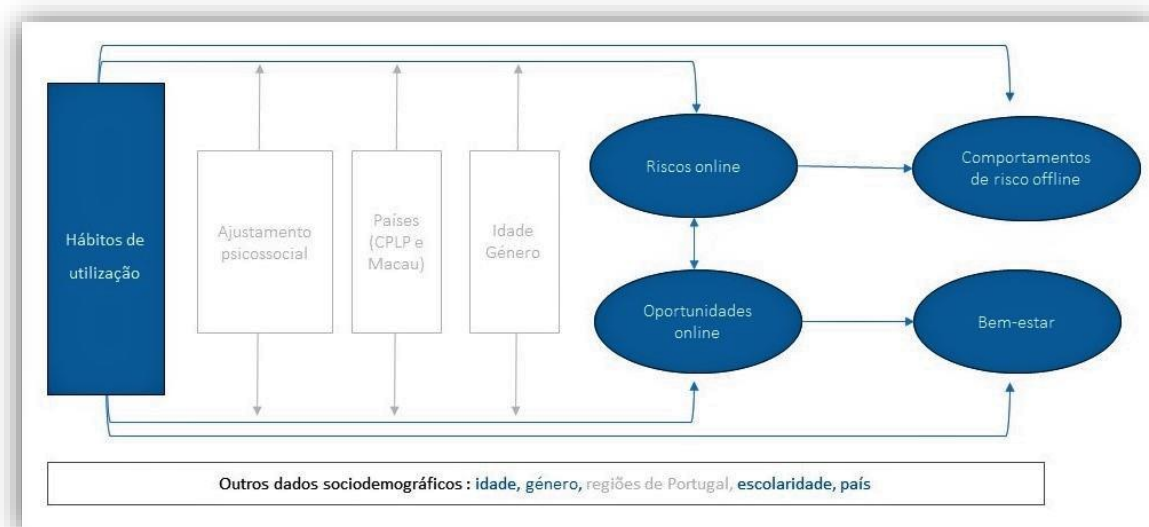


Figura 7 – Modelo do estudo 4 (a azul)

2.1.1 Procedimentos para a constituição da amostra e recolha dos dados

A recolha da amostra foi realizada em tempo único, através do preenchimento online dos instrumentos que serão descritos mais adiante⁷³. A utilização de um questionário online permitiu que os dados recolhidos fossem mais facilmente quantificados e relacionados, sendo esta uma das principais vantagens deste processo (Quivy & Campenhoudt, 1998). Outra das vantagens disse respeito à diversidade de locais de recolha da amostra, uma vez que esta opção permitiu recolher um maior número de respostas e alargar o estudo à CPLP e a Macau. As exceções foram os dados recolhidos num colégio de Lisboa que considerou mais prático que as respostas fossem dadas em papel e a amostra de S. Tomé e Príncipe que, devido a dificuldades de cobertura de rede, recebeu o questionário em papel via CTT, sendo depois as respostas rececionadas pela mesma via.

Os critérios de inclusão na amostra foram a idade (14-20 anos), a nacionalidade (jovens oriundos de Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Timor Leste, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Macau) e o consentimento informado dos pais no caso dos participantes menores.

A amostra foi obtida através de três procedimentos realizados em simultâneo. Foi efetuada uma pesquisa intensiva na Internet com o objetivo de recolhermos o maior número possível de contactos de Associações de Pais e de escolas (públicas e privadas) do ensino Básico, Secundário e Superior dos países em estudo. Foi depois enviado um

⁷³ Ver 2.3 – Instrumentos utilizados

e-mail (Anexo 4) a todos estes contatos. No caso de Timor, foi contactada a Fundação Gonçalo da Silveira⁷⁴, uma vez que não foi possível obter respostas, nem de escolas nem de universidades. Nesse e-mail constava a explicação do estudo e o pedido de colaboração. Obtidas as respostas positivas por parte de alguns estabelecimentos de ensino⁷⁵ e Associações de Pais, foi-lhes solicitada informação acerca do número de alunos menores de idade. Com base nesta informação foram enviados por correio, os documentos de consentimento informado⁷⁶, que foram distribuídos aos pais dos menores e posteriormente recolhidos. No caso das escolas esta tarefa ficou a cargo dos diretores de turma, nas Associações e na Fundação, o responsável nestes locais encarregou-se de entregar os documentos de consentimento informado e posteriormente de os recolher. Nas Associações, no momento da recolha, foi entregue a cada pai um documento onde constava o endereço de acesso online ao questionário. Deste modo os pais puderam apoiar os filhos no seu preenchimento. Na Fundação timorense, um dos monitores encarregou-se de reunir os jovens (apenas 5) e após acederem ao questionário puderam responder às questões. Relativamente às escolas, enviou-se via e-mail, para o diretor de turma, o link de acesso ao questionário (alojado na plataforma freeonlinesurveys.com). Num dia/hora estipulado, um professor destacado para o efeito, reuniu apenas os alunos cujos pais permitiram a participação

⁷⁴ Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD).

⁷⁵ Portugal: 11 Escolas Profissionais; 5 colégios privados; 11 Instituições de Ensino Superior; 2 Associações de Pais. Macau: 1 colégio privado. Moçambique: 2 Escolas Secundárias; 1 colégio privado. Brasil: 12 Universidades. Angola: 1 Escola Secundária; 1 Universidade. Cabo Verde: 1 Escola Básica; 1 Escola Secundária; 1 Universidade. São Tomé: 1 Escola Secundária; Príncipe: 1 Escola Profissional. Guiné-Bissau: 1 Escola Secundária. Timor: 1 Fundação.

⁷⁶ Anexo 5

no estudo e supervisionou o acesso e o preenchimento do questionário online.

Paralelamente a este procedimento acabado de descrever, foi pedida, na página do Facebook e também no site pessoal da responsável pelo estudo, a colaboração a pais de jovens dentro da faixa etária pretendida, no sentido de autorizarem e incentivarem os filhos a acederem ao link e responderem ao questionário online. Aos jovens maiores de idade foi-lhes pedida diretamente a colaboração através do Facebook. O questionário manteve-se online seis meses, de novembro de 2011 a abril de 2012.

2.1.2 Participantes

A amostra foi constituída por 4572 jovens entre os 14 e os 20 anos, sendo 74.6% de Portugal, 9.9% do Brasil, 5.6% de Macau, 3.9% de Moçambique, 1.9% de Guiné, 1.7% de S. Tomé e Príncipe, 1.1 % de Angola, 0.8% de Cabo Verde, e 0.1% de Timor.

No que respeita às características sociodemográficas das subamostras do estudo, o género feminino prevaleceu, e em Angola, Brasil, Cabo Verde e Timor foi superior a percentagem de maiores de idade (Quadros 1 e 2).

Quadro 1. Género dos participantes

País	Género	
	F	M
Portugal	56.2%	43.8%
Angola	35.3%	64.7%
Brasil	61.1%	38.9%
Cabo Verde	66.7%	33.3%
Guiné-Bissau	61.6%	38.4%
Moçambique	49.6%	50.4%
Macau	59.0%	41.0%
São Tomé e Príncipe	66.7%	33.3%
Timor	100%	0%
Total	57.0 %	43.0%

Quadro 2. Idade categorial dos participantes

País	Idade	
	14-17	18-20
Portugal	53.1%	46.9%
Angola	23.5%	76.5%
Brasil	18.6%	81.4%
Cabo Verde	38.5%	61.5%
Guiné-Bissau	59.3%	40.7%
Moçambique	89.4%	10.6%
Macau	84.0%	16.0%
São Tomé e Príncipe	65.4%	34.6%
Timor	40.0%	60.0%
Total	53.3%	46.7%

Na maior parte dos países (Angola, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe) os jovens frequentavam o ensino secundário (Quadro 3).

Quadro 3. Escolaridade dos participantes

País	Escolaridade		
	Básico	Secundário	Superior
Portugal	14.8%	64.5%	20.7%
Angola	13.7%	49.0%	37.3%
Brasil	6.4%	14.2%	79.4%
Cabo Verde	15.4%	30.8%	53.8%
Guiné-Bissau	0.6%	98.8%	0.6%
Moçambique	23.6%	74.6%	1.8%
Macau	5.1%	94.1%	0.8%
São Tomé e Príncipe	7.7%	87.2%	5.1%
Timor	0%	40.0%	60.0%
Total	13.4%	62.3%	24.3%

Para além destas informações sociodemográficas, recolheram-se dados informativos que permitiram caracterizar mais aprofundadamente os participantes enquanto utilizadores de redes sociais / do Facebook (Anexo 6). Assim, as redes sociais que estes mais utilizavam⁷⁷ (para além do Facebook) eram o Youtube (74 % no total da amostra,

⁷⁷ Os jovens podiam optar por várias hipóteses em simultâneo

sobretudo os jovens brasileiros - 81%), seguindo-se o Twitter (15% no total, mais utilizado pelos angolanos e moçambicanos - 18% e 16%, respetivamente), e o hi5⁷⁸ (13% no total, muito utilizado em São Tomé e Príncipe e Cabo Verde - 44% e 33%, respetivamente).

No que respeita ao tipo de utilização⁷⁹, no geral, os jovens optavam pelo Facebook como um meio adicional para se relacionarem socialmente. Assim, no geral, esta rede social era utilizada para se “manterem a par da vida dos amigos” (57%) e “conhecer pessoas, fazer amigos e arranjar namorados/as” (47%). Em alguns países, ainda que as opções fossem as mesmas, apenas a ordem se encontrou invertida, ou seja, esta rede social foi utilizada, sobretudo para “conhecer pessoas, fazer amigos e arranjar namorados/as” (Angola - 66%, Cabo Verde - 46%, Guiné-Bissau - 74% e São Tomé - 79%) e em segundo lugar para se “manterem a par da vida dos amigos” (Angola - 46%, Cabo Verde - 44%, Guiné-Bissau - 59% e São Tomé - 55%). Noutros países (Brasil e Macau) a primeira opção foi coincidente (“manter-se a par da vida dos amigos” - 73% Brasil; 77% Macau), mas a segunda opção diferiu. Assim, para os jovens brasileiros em segunda posição surgiu o estabelecimento de “contactos com jovens que estejam a frequentar o mesmo curso que pretendes seguir” (54%) e para os jovens de Macau “saber notícias do teu país e do Mundo” (33%). Ou seja, embora tenha estado presente o objetivo de

⁷⁸ O hi5 foi uma rede social criada em 2003 e que em 2007 era muito popular entre os jovens portugueses, sendo depois progressivamente substituída pelo Facebook. Porém, na altura em que foi realizada a recolha da amostra (2012) ainda muitos portugueses a utilizavam.

⁷⁹ Os jovens podiam optar por várias hipóteses em simultâneo

relacionamento social, houve também outras motivações relacionadas com o futuro profissional e a procura de informação.

A lista de amigos foi superior a 400 (95% dos jovens da amostra) e dela constavam⁸⁰ os amigos que conheciam também offline (88%), os colegas de escola/ginásio (86%) e os elementos da família (76%). Este perfil diferiu para os jovens brasileiros e guineenses. No caso dos brasileiros, ainda que a primeira opção fosse também os amigos (91%), a segunda foi a família (88%), seguindo-se-lhe os professores/chefes (78%). Relativamente aos guineenses, adicionaram sobretudo os colegas de escola ou do ginásio (79%), a família (69%) e os amigos (64%).

O principal critério para aceitar um pedido de amizade⁸¹ foi conhecerem-se pessoalmente (81%), serem colegas de escola (73%) ou tratarem-se de familiares (67%). Esta hierarquização de critérios mostrou-se comum a todos os países com exceção da Guiné-Bissau, onde o principal critério foi tratarem-se de familiares (76%), ao que se seguiu serem colegas de escola (71%) e amigos que conheciam pessoalmente (69%).

Apenas 39% dos jovens tinha os pais adicionados na sua página, sendo que os jovens de Macau foram os que mais referiram adicionar os pais (56%) e os de São Tomé foram os que menos o fizeram (29%).

Os jovens da CPLP ilustraram o perfil com uma fotografia sua “só de cara” (42%), ou de corpo inteiro (25%), enquanto que os macaenses optaram preferencialmente por “uma imagem, um boneco, uma paisagem” (80%).

⁸⁰ Era possível escolher várias opções em simultâneo

⁸¹ *idem*

A esmagadora maioria dos jovens (92.6%) sempre que iniciava um namoro mudava o status do perfil para “numa relação com ...”. A percentagem mais reduzida (81.9%) surgiu nos macaenses e a mais elevada (100%) nos cabo-verdianos.

2.2 Instrumentos utilizados

Os objetivos que nortearam o estudo tornaram claro que seria imprescindível criar um instrumento que pudesse auxiliar a sua concretização. Do estudo 1 (Capítulo III) resultou o principal instrumento, a Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook [EAROJUF] (Marques, Marques-Pinto, & Alvarez, 2016) com cinco categorias de riscos online e duas categorias de oportunidades online. Nos subpontos que se seguem, caracterizam-se os diversos instrumentos utilizados, designadamente, o Questionário sobre os Hábitos de Utilização do Facebook⁸², o Índice de (Des)ajustamento Psicossocial⁸³, a Escala de Avaliação de Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook⁸⁴, a Escala de Avaliação dos Comportamentos de Risco Offline⁸⁵ e o Índice de Bem-Estar⁸⁶. Sempre que relevante, referem-se informações sobre a construção / adaptação, e/ou qualidades psicométricas nas amostras do estudo.

⁸² Anexo 7

⁸³ Anexo 8

⁸⁴ Anexo 9

⁸⁵ Anexo 10

⁸⁶ Anexo 11

2.2.1 Questionário sobre os Hábitos de Utilização do Facebook

Com base no estudo de Ellison et al. (2007), foram utilizados como indicadores dos hábitos de utilização do Facebook, a frequência de utilização, o tempo de utilização e a atitude perante o Facebook.

Como indicador de frequência recorreu-se à média das respostas a quatro perguntas relativas à frequência com que os utilizadores procediam a alterações na página da rede social, ou seja, realizavam as seguintes ações: “alterava o perfil”; “colocava posts no seu próprio mural”; “acedia só para ler os comentários”; “colocava comentários no mural dos amigos”. A cotação variava de 1 = *acedeu todos os dias* a 6 = *nunca acedeu* (escala invertida).

Para quantificar o tempo despendido na rede social, foi perguntado aos jovens quantos minutos permaneciam no Facebook. As opções de resposta variaram entre 1 = *zero minutos* e 5 = *mais de três horas*.

A atitude foi avaliada através da resposta a seis afirmações (e.g., “O Facebook faz parte da minha atividade diária”) assinalada numa escala de 5 pontos que variava entre 1 = *nada favorável* e 5 = *totalmente favorável*.

2.2.2 (Des)ajustamento psicossocial

2.2.2.1 Índice de Ajustamento Psicossocial

No estudo 3 foi considerado o ajustamento psicossocial dos jovens, criando-se para tal uma medida geral de ajustamento psicossocial (Índice de Ajustamento Psicossocial) através do cálculo da média das respostas à Escala de Solidão Social e Emocional (SELSA-S) adaptada para a população portuguesa (Fernandes & Neto, 2009) e à Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A) de Cunha, Pinto Gouveia, Salvador e

Alegre (2004). As respostas aos itens destas escalas foram invertidas para traduzirem “ausência de solidão” e “ausência de ansiedade social” e, deste modo, ajustamento e não desajustamento psicossocial.

2.2.2.2 Escala de Solidão Social e Emocional

A Escala de Solidão Social e Emocional ⁸⁷ de DiTommaso, Brannen e Best (2004) foi adaptada por Fernandes e Neto (2009) para a população portuguesa. É constituída por 15 itens, distribuídos por três subescalas: relações com os amigos, relações com a família e romântica. A subescala relações com os amigos inclui itens como “não tenho nenhum amigo que me compreenda, mas gostaria de ter”, na subescala relações com a família, surgem itens como “sinto-me próximo da minha família” e na subescala romântica as afirmações são do tipo “tenho um/a parceiro/a”⁸⁸ com quem partilho os meus pensamentos e sentimentos mais íntimos”. As opções de resposta variam entre 1= *totalmente em desacordo* e 7 = *totalmente de acordo* existindo um ponto médio 4 = *indiferente*. Alguns itens são invertidos. No estudo de adaptação de Fernandes e Neto (2009) a análise dos componentes principais, com rotação varimax, observou que os 15 itens explicavam 52.68% da variância total. A consistência interna (Alfa de Cronbach) foi de .71 para a subescala de relações com os amigos e para a subescala de relações com a família e .80 para a subescala de solidão romântica. Os resultados obtidos ao nível das intercorrelações entre escalas levaram os autores a concluir que se tratavam de três aspetos distintos da dimensão solidão.

⁸⁷ Social-Emotional Loneliness Scale for Adults (SELSA-S).

⁸⁸ A denominação foi substituída por “namorado/a” por se considerar mais adaptada às faixas etárias da amostra em estudo.

Para este estudo, efetuou-se uma análise fatorial confirmatória que revelou um fraco ajustamento dos dados da amostra ao modelo inicial de três fatores (CFI = .805; GFI = .782; TLI = .764; RMSEA = .137; $\chi^2/df = 89.048$) [Figura 8].

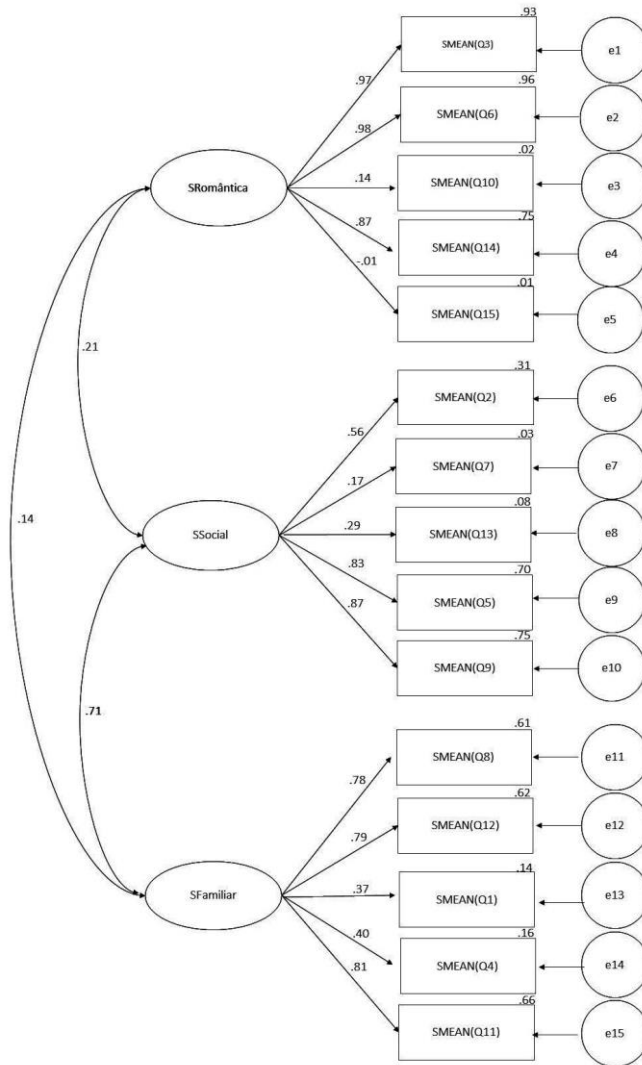


Figura 8 – Estrutura em 3 fatores relativos à Escala SELSA-S na amostra deste estudo

Realizou-se seguidamente uma análise fatorial exploratória que permitiu isolar dois fatores⁸⁹ que explicaram 70.3% da variância total: solidão sociofamiliar ($\alpha = .86$) e solidão romântica ($\alpha = .96$).

2.2.2.3 Escala de Ansiedade Social para Adolescentes

A Escala de Ansiedade Social para Adolescentes⁹⁰ destina-se a avaliar a ansiedade social dos adolescentes no contexto das relações com os pares (La Greca & Lopez, 1998, traduzida e adaptada por Cunha, et al., 2004). É uma escala de autorresposta, composta por 22 itens, 18 relacionados com a ansiedade e 4 neutros. Os 18 itens encontram-se distribuídos por três fatores. O primeiro fator - *Medo de Avaliação Negativa (FNE⁹¹)*, é constituído por itens associados a uma avaliação negativa por parte dos outros (por exemplo, “preocupo-me com o que os outros dizem acerca de mim”), o fator *Desconforto e Evitamento Social em Situações Novas - SAD-N* (e.g., “fico nervoso quando tenho de falar com colegas que não conheço bem”) e o facto *Desconforto e Evitamento Social Geral* (SAD-G, avaliado através de afirmações como “sinto-me tímido mesmo com colegas que não conheço bem”). Os itens são respondidos segundo uma escala de Likert de 5 pontos (desde 1 = *de forma alguma*, até 5 = *todas as vezes*).

Na versão portuguesa (Cunha, Pinto Gouveia, & Salvador, 2008) a análise fatorial revelou uma estrutura semelhante à da versão americana, ou seja, em três fatores (FNE, SAD-N, SAD-G) que explicaram 51% da variância total. O alpha de Cronbach

⁸⁹ Os restantes itens, correspondentes aos itens invertidos da escala, saturaram todos num único fator não interpretável teoricamente, motivo pelo qual optou-se por eliminá-lo.

⁹⁰ Social Anxiety Scale for Adolescents - SAS-A.

⁹¹ No original “Fear of Negative Evaluation” (FNE), Social Avoidance and Distress in New Situations (SAD-N) e Social Avoidance and Distress-Geral (SAD-G) (Cunha et al., 2004).

revelou valores elevados de consistência interna, tanto para o total da escala ($\alpha = .88$) como para os factores FNE($\alpha = .87$), SAD – N, ($\alpha = .74$) e SAD-G ($\alpha = .71$) .

Por forma a tornar o questionário mais curto, no nosso estudo foram retirados os quatro itens neutros da subescala SAD-G (“gosto de fazer coisas com os meus amigos”, “gosto de ler”, “gosto de praticar desportos”, “gosto de fazer coisas sozinho(a)”), por não acrescentarem conteúdo à escala e, ainda, os itens com pesos fatoriais abaixo de .60 para utilizar os itens mais ilustrativos dos factores. Restaram 11 itens, cinco dos quais pertencentes à subescala de “medo da avaliação negativa” (itens 3, 8, 9, 12 e 14 da escala original), três itens da subescala de “desconforto social e evitamento” (itens 4, 10 e 13 da escala original) e três itens da escala de “desconforto e evitamento social geral” (itens 17, 21 e 22 da escala original).

Os itens retirados das subescalas SAD-N e SAD-G foram, na sua totalidade, relativos às situações de evitamento. Assim, o facto destes itens terem sido eliminados levou a rebatizar as duas subescalas, passando estas a designar-se *Desconforto social em situações novas* “(SD-N) e *Desconforto social geral* (SD-G).

Através da análise fatorial confirmatória apuraram-se três factores (FNE, SD-N, SD-G), tendo sido necessário eliminar dois itens da subescala FNE (itens 3 e 9 na escala original) cujos erros se correlacionavam com os erros de outras escalas, conseguindo-se assim obter bons índices de ajustamento ($X^2/df = 22.170$; CFI = .981; GFI = .978; TLI = .969; RMSEA = .067). No final a escala ficou composta por nove itens, três de cada factor atrás descrito (figura 9). O alpha de Cronbach revelou valores elevados de consistência interna, FNE ($\alpha = 0.89$), SD – N, ($\alpha = 0.85$) e SD-G ($\alpha = 0.81$).

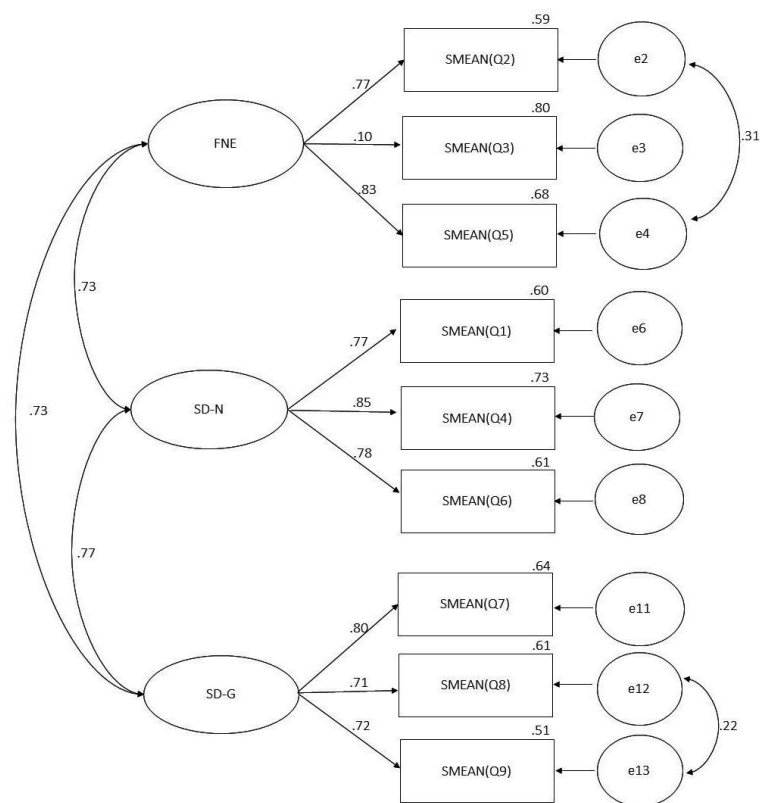


Figura 9 – Estrutura em 3 fatores relativos à Escala SAS-A ajustada à amostra deste estudo

2.3.3 Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook

De seguida vamos enunciar os riscos e as oportunidades que estiveram na base da construção e estudo psicométrico da EAROJUF (Capítulo III – estudo 1).

2.3.3.1 Riscos online incluídos na EAROJUF

Um dos perigos mais presentes nas redes sociais, em especial no Facebook, é a existência de perfis/grupos/páginas que instigam os jovens a terem determinados comportamentos que possam colocá-los em risco, inicialmente online, mas posteriormente também offline, ou que difundam ideais negativos. Muitas destes perfis/grupos/páginas são denunciados aos administradores do Facebook e passadas

algumas horas acabam por ser eliminados, podendo ressurgir com outros nomes. Alguns incentivam os jovens a fugir de casa, ou apoiam o suicídio, ou instigam ao consumo de drogas e/ou álcool, ou defendem a automutilação, outros também tentam influenciar os jovens a alterar os seus hábitos alimentares de tal modo que corram o risco de desenvolver distúrbios alimentares (e.g. Recuero, 2005; Morais, 2007). Além destes perfis/grupos/páginas há também os que se dedicam a desafios lançados nas redes sociais, incentivando os jovens a gravar vídeos em situações perigosas (como “tourear carros” ou seja, colocar-se no meio da estrada e passar com uma capa vermelha pela frente de um carro em andamento) para partilhar com os outros utilizadores, ou tirar fotografias de planking e/ou horsemaning (e.g., Becker et al., 2004; Litt & Stock, 2011; Niwa & Mandrusiak, 2012). O planking consiste em tirar fotografias numa posição em que os braços devem estar esticados ao lado do corpo e depois publicá-las na rede social (Chang, 2011). O horsemaning, ou “falsa decapitação”, “envolve uma fotografia de duas pessoas que parecem ter um único corpo com uma cabeça destacada. É um renascimento de um tipo de fotografia popular em 1920, decorrente de um romance de Washington Irving, o “Cavaleiro sem cabeça” (Friar, 2011, § 4). Certo é que o planking e o horsemaning foram, em 2011, considerados duas das dez maiores sensações do Facebook (Seshan, 2011). O que constitui um risco é o facto de, na maioria das vezes, tanto o planking como o horsemaning serem praticados em lugares arriscados (e.g., no alto de edifícios), tendo como objetivo impressionar os outros utilizadores do Facebook.

Existem também perfis/grupos/páginas onde são defendidos valores negativos, ligados ao racismo e/ou xenofobia, homofobia, ou seja, apresentam um discurso de

ódio dirigido a alguém específico⁹² ou a um grupo⁹³ (e.g., Recuero, 2009; Suler, 2008).

O facto de um jovem aderir a estas páginas ou grupos existentes nas redes sociais, poderá fazer com que posteriormente seja convidado a fazer parte de ações (offline) organizadas por eles, o que já constitui comportamentos de risco offline que mais à frente serão abordados. Os riscos associados à adesão a perfis/grupos/páginas foram agrupados na categoria de “Riscos online e Defesa de Valores/ideologias de Discurso de Ódio”.

O *ciberbullying*, o *cibersexting* e o *ciberstalking* foram reunidos na categoria de “Riscos do ciberespaço”. Considerou-se como *ciberbullying* todo o tipo de ação agressiva, como ameaças, insultos, disseminação de fotografias humilhantes⁹⁴, via rede social. O *cibersexting*⁹⁵ refere-se à partilha, não voluntária, de fotografias em poses sensuais, com pouca roupa, ou de conversas íntimas, sendo este tipo de ações habitualmente perpetrado por ex-namorados/as (Dias Neves, 2008). O *ciberstalking*, ou perseguição online, pode assumir diversas formas, sendo neste estudo considerada apenas a situação em que o utilizador se sente incomodado por haver da parte de outro utilizador a tendência para a colocação muito frequente de comentários no seu mural, ou imagens, ou mesmo o envio de mensagens privadas.

Na categoria de “Riscos ligados a desconhecidos” incluiu-se a receção de pedidos de amizade por parte de pessoas desconhecidas, aceitar esses pedidos e ser vítima de

⁹² Ver exemplo – Anexo 12 – Figura 32

⁹³ Ver exemplo – Anexo 12 – Figura 33

⁹⁴ Ver exemplo – Anexo 12 – Figuras 34

⁹⁵ Ver exemplo – Anexo 12 – Figura 35

assédio (grooming). O assédio incluiu o elogio, o aliciamento através da oferta de algum bem material e o convite para ir ao encontro de pessoa desconhecida (e.g., Caetano, 2009; Falcão-Reis, 2008). [Figura 10]

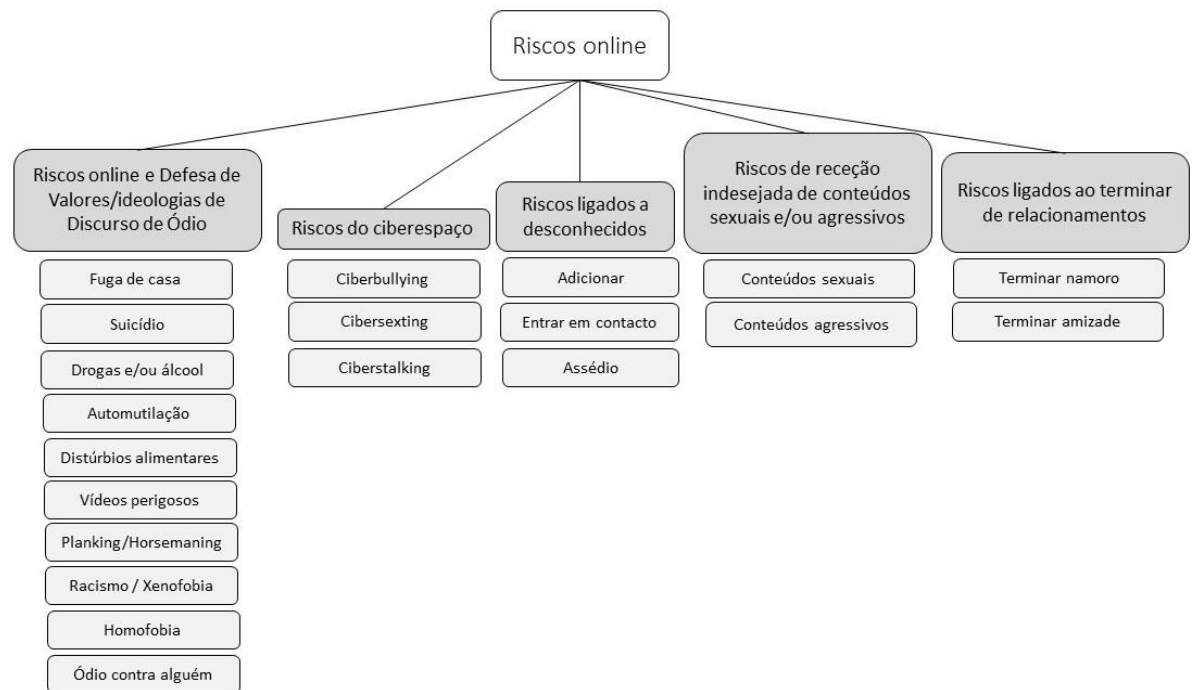


Figura 10 – Categorias e subcategorias de riscos online incluídas na *EAROJUF*

É frequente que os jovens recebam conteúdos agressivos ou sexuais explícitos nas redes sociais (Davies, 2009; Dias Neves, 2008; Wallace, 2010). Pode suceder que alguém coloque diretamente este tipo de conteúdos no mural do jovem, lho envie por mensagem privada ou até surja “camuflado” por um pedido de amizade. Este tipo de riscos foi reunido na categoria de “Receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos”.

O Facebook é, acima de tudo, um local onde se promovem os relacionamentos interpessoais, mas existe também a outra face da moeda, ou seja, poderá constituir um

meio privilegiado para a quebra de relacionamentos, seja de amizade seja de namoro (Lafferty, 2012; Sibona & Walczak, 2011). Estes perigos fizeram parte de uma última categoria de “Riscos ligados ao terminar de relacionamentos”.

2.3.3.2 Oportunidades incluídas na *EAROJUF*

Relativamente às oportunidades geradas pela utilização do Facebook e incluídas na Escala, foram destacadas as possibilidades de a utilização desta rede social propiciar um primeiro contato com o mundo do trabalho, ou dar hipóteses de o jovem encontrar locais onde possa realizar um estágio académico (Pfeil, et al., 2008). Além disso, facilmente os jovens podem adicionar-se a páginas criadas por jornais⁹⁶ o que lhes permite manterem-se sempre a par das notícias do seu país e do mundo, assim como recorrer a páginas de associações (e.g., Associação de Apoio à Vitima⁹⁷) no sentido de procurarem informações sobre algum tema do seu interesse, seja relativo à saúde⁹⁸ ou sexualidade, por exemplo (e.g. Recuero, 2009; Samuelson-Glushko, s.d). Estas duas subcategorias foram englobadas na categoria de “Oportunidades de inserção social e cultural”.

A categoria de “Oportunidades de crescimento afetivo-social” disse respeito a aspetos como a obtenção de apoio emocional a qualquer hora, por parte dos amigos virtuais. Há igualmente a possibilidade de reencontrar amigos com os quais o jovem tenha perdido o contato ou estreitar relações com os colegas da escola, ou seja, o

⁹⁶ Ver exemplo – Anexo 12 – Figura 36

⁹⁷ Ver exemplo – Anexo 12 – Figura 37

⁹⁸ Ver exemplo – Anexo 12 – Figura 38

Facebook permite que os contatos interpessoais sejam efetuados com maior frequência do que seria possível offline (Carroll & Kirkpatrick, 2011; Lenhart & Madden, 2007b). Outra possibilidade criada por esta rede social relaciona-se com a expressão de afetos já que comunicar através do Facebook pode constituir uma forma eficaz para ultrapassar dificuldades a este nível (e.g., expressar a dor perante a morte de alguém⁹⁹) e, também, alguns constrangimentos típicos da adolescência (e.g. convidar um/a amigo/a para sair). Para além do referido, através da observação das fotografias e posts dos outros utilizadores, o jovem mantém-se a par dos hábitos da juventude, como por exemplo os locais que frequentam, o modo como se vestem, os filmes a que assistem, havendo um impacto positivo ao nível das habilidades sociais (Kimberly & Ybarra, 2009) As duas grandes categorias de oportunidades online distribuíram-se, assim, por seis subcategorias (Figura 11).

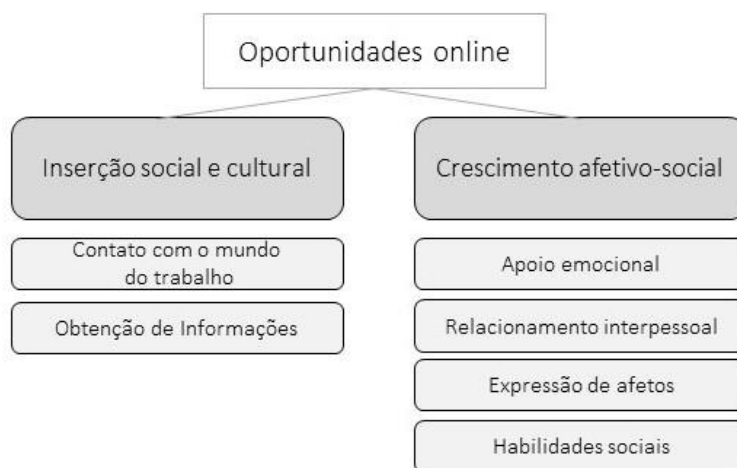


Figura 11 - Categorias e subcategorias de oportunidades online da *EAROJUF*

⁹⁹ Ver exemplo – Anexo 12 – Figuras 39 e 40

2.3.4 Escala de Avaliação dos Comportamentos de Risco Offline

Outro instrumento utilizado nos estudos foi a Escala de Comportamentos de Risco Offline. Nesta categoria consideraram-se como comportamentos de risco offline, os jovens terem estabelecido contacto, planeado ou executado alguma das ações organizadas por grupos/páginas a que tivessem aderido no Facebook. Mais concretamente entrar em contato, planejar ou executar ações ligadas à xenofobia e/ou racismo (CXenorac), à homofobia (CHomof), ao planking e/ou horsemaning (CPlank), ao ódio contra alguém específico (COdio), à filmagem de vídeos perigosos para colocar online (CVideo), à fuga de casa (CFuga), à automutilação (CAutomut), ao suicídio (CSuic), ao consumo de drogas e/ou álcool (CDroga) ou a alterações alimentares que levem ao desenvolvimento de distúrbios alimentares (CDalim). Assim sendo, pressupõe-se que os comportamentos de risco offline se iniciam online e podem ter impacto offline.

Tratando-se de uma escala construída de raiz para esta investigação, não existia informação sobre a sua possível estrutura fatorial. Deste modo, e tal como realizado para o estudo da EAROJUF, dividiu-se aleatoriamente a amostra em duas partes e utilizou-se uma para realizar a Análise Fatorial Exploratória (AFE) dos itens inicialmente considerados nesta escala de comportamentos offline, recorrendo ao método de análise de componentes principais, seguido de rotação Varimax (efetuada com o programa SPSS versão 19.0 para Windows). Com a outra metade da amostra avaliou-se a qualidade do ajustamento do modelo de medida decorrente da solução da análise fatorial exploratória, recorrendo à Análise Fatorial Confirmatória (efetuada com o

software AMOS 18.0). Todos os fatores foram estandardizados fixando as suas variâncias em 1.00.

Na AFE utilizaram-se três critérios para a exclusão de itens: peso fatorial do item no facto inferior a .45; itens que saturavam noutro facto acima de .35; fatores de item único. Na AFC o refinamento dos modelos de medida foi realizado com base nos índices de modificação calculados pelo AMOS só se aceitando os modelos adequados do ponto de vista estatístico e substantivo (Byrne, 2010). Alteraram-se trajetórias para índices de modificação superiores a 11 [(1) =10.86, p=0.001] (Marôco, 2010). De acordo com o recomendado calculou-se a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade (χ^2/df), a raiz da média quadrática dos erros de aproximação (RMSEA; Steiger & Lind, 1980, citado por Byrne, 2010), o índice de ajustamento comparativo (CFI; Bentler, 1990), e o índice de Tucker-Lewis (TLI; Tucker & Lewis, 1973, citado por Byrne, 2010).

A validade convergente, i.e, a correlação dos itens de cada fator foi calculada através da VEM (Variância Extraída Média) e comparação desta com a correlação entre os diferentes fatores.

Resultados da Análise Fatorial Exploratória

A melhor solução decorrente das AFE realizadas isolou dois fatores tendo sido retirado o item CDroga por não satisfazer os critérios considerados. A solução final revelou valores de KMO (.750) e do teste de Bartlett ($p<.001$) que deram suporte à possibilidade de fazer a análise fatorial exploratória. A solução retida explicou 55.11% da variância.

Conforme se pode observar no Quadro 4, ambos os fatores se referem ao jovem ter assumido algum comportamento sob influência de uma página/grupo a que

anteriormente aderiu no Facebook. O primeiro fator (F1) refere-se a comportamentos de risco e defesa de valores e ideologias de discurso de ódio, incluiu itens de comportamentos de risco relacionados com as redes sociais, isto é, o jovem ter tirado fotografias em posições perigosas para as colocar na rede social, planking e/ou horsemaning (CPlank) e/ou filmar vídeos em situações perigosas (CVideo). No que respeita à defesa de valores/ideologias de discurso de ódio, incluiu itens relativos a ter feito parte de alguma ação de ódio, seja contra alguém específico (COdio), contra homossexuais (CHomof) ou contra pessoas de outra raça/ país (CXenorac) [Quadro 4].

Quadro 4. Pesos fatoriais e comunalidades para os dois fatores relativos aos Comportamentos de Risco Offline, correlações item-escala e valores de alfa.

Itens	Fatores		Comunalidades h ²	Correlação Item-total da escala	Alfas se o item for apagado
	1	2			
F1 - comportamentos de risco e defesa de valores e ideologias de discurso de ódio (α = .74)					
CXenorac	.793	.143	.649	.613	.653
CHomof	.674	.230	.507	.516	.695
CPlank	.669	.159	.472	.478	.719
COdio	.646	.180	.450	.488	.697
CVideo	.643	.161	.439	.478	.701
F2 - comportamentos de risco face ao próprio (α = .77)					
CFuga	.175	.921	.879	.467	.774
CAutomut	.127	.898	.823	.689	.644
CSuic	.194	.631	.435	.776	.592
CDalim	.276	.479	.305	.378	.797

O segundo fator (F2), relativo a comportamentos de risco face ao próprio, incluiu os itens relativos a comportamentos que embora decorram da utilização do Facebook (e, novamente, da adesão a determinados grupos/páginas), não têm como objetivo direto, a publicação de posts/fotografias/vídeos nesta rede social. Ou seja, as alterações

comportamentais são circunscritas ao offline, ainda que se iniciem por influência do online. Referimo-nos ao jovem ter fugido de casa (CFuga), ter-se automutilado (CAutomut), tentado suicídio (CSuic) ou alterado hábitos alimentares (CDalim) [Quadro 4].

O item ligado aos distúrbios alimentares (CDalim) obteve a comunalidade mais baixa, enquanto os itens de fuga de casa (CFuga) e automutilação (CAutomut) obtiveram os valores mais elevados.

Resultados da Análise Fatorial Confirmatória

A AFC foi realizada para os dois fatores isolados na AFE. Os índices de ajustamento finais foram considerados bons, tendo sido necessário correlacionar os erros dos itens relativos ao comportamento de racismo/xenofobia (CXenorac), e de homofobia (CHomof) e entre o de planking e/ou horsemaning (CPlank) e filmagem de vídeos em situações perigosas (CVideo).

Manteve-se a composição dos fatores já revelada na AFE, ou seja, confirmaram-se os dois fatores (Figura 12), um relacionado com os comportamentos de risco e defesa de valores e ideologias de discurso de ódio ($\alpha = .76$) e outro referente a comportamentos de risco face ao próprio ($\alpha = .78$).

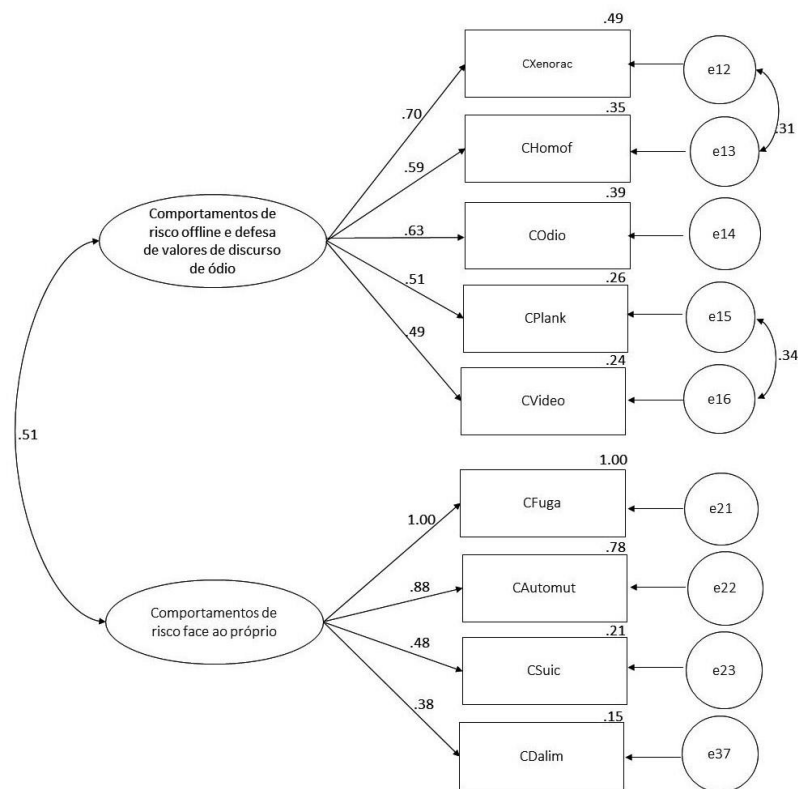


Figura 12 - Estrutura em 2 fatores relativos aos Comportamentos de Risco Offline ajustada à amostra deste estudo (n= 2286).

Os itens CVideo e CDalim revelaram pesos fatoriais inferiores a 0.5 (.48 e .38, respetivamente). O peso fatorial mais elevado (.99) referiu-se aos comportamentos de fuga de casa (CFuga).

Os comportamentos de risco e defesa de valores de discurso de ódio (fator 1) e os comportamentos de risco face ao próprio (fator 2) revelaram uma correlação entre si de .51.

Validade e Fiabilidade

A fiabilidade dos fatores revelou-se elevada para os dois fatores (fator 1 $\alpha = .80$; fator 2 $\alpha = .73$). A VEM, um indicador de validade convergente dos fatores, mostrou-se adequada para o fator 1 (.54) e para o fator 2 (.35).

Análise descritiva e correlacional

No fator 1 destacou-se a média dos comportamentos de ódio contra alguém específico (COdio), sendo que as maiores correlações surgiram entre os comportamentos de homofobia (CHomof) e os comportamentos de xenofobia/racismo (CXenorac) e entre os comportamentos de planking/horsemaning (Cplank) e comportamentos ligados à filmagem de vídeos perigosos (CVideo), conforme podemos ver no Quadro 5¹⁰⁰.

Quadro 5. Média, desvio-padrão e correlações inter-item para cada comportamento de risco offline (fator 1)

	M	DP	CXenorac	CHomof	COdio	CPlank	CVideo
CXenorac	.042	.321	--				
CHomof	.030	.267	.596*	--			
COdio	.092	.454	.452*	.388*	--		
CPlank	.049	.340	.404*	.268*	.274*	--	
CVideo	.044	.342	.324*	.263*	.314*	.504*	--

*p<0.001

Legenda: comportamento de xenofobia e racismo (CXenorac); comportamento de homofobia (CHomof); comportamento de ódio contra alguém (COdio); comportamento de planking e/ou horsemaning (CPlank); comportamento de filmagem de vídeos em situações perigosas (CVideo).

No fator 2 (Quadro 6), as médias dos comportamentos¹⁰¹ nele constantes mostraram-se substancialmente superiores às do fator 1, sendo mais acentuadas nos comportamentos ligados aos distúrbios alimentares (CDalim) e tentativa de suicídio (CSuic).

¹⁰⁰ A escala varia entre 0 (nunca) e 3 (elevado) pontos.

¹⁰¹ A escala varia entre 0 (nunca) e 3 (elevado) pontos.

Quadro 6. Média, desvio-padrão e correlações inter-item para cada comportamento de risco offline (fator 2)

	M	DP	CFuga	CDalim	CAutom	CSuic
CFuga	.171	.639	--			
CDalim	.129	.564	.189*	--		
CAutom	.179	.570	.140*	.287*	--	
CSuic	.175	.491	.170*	.291*	.401*	--

*p<0.001

Legenda: comportamento de fuga de casa (CFuga); comportamento de distúrbios alimentares (CDalim); comportamento de automutilação (CAutom); comportamento de tentativa de suicídio (CSuic)

No que respeita às correlações, os comportamentos de automutilação (CAutomut) mostraram-se fortemente correlacionados com as tentativas de suicídio (CSuic).

Em síntese, os nove comportamentos do questionário, resultado de ter aderido e entrado em contato com um grupo/página da rede social, distribuíram-se por duas grandes categorias “Comportamentos de risco e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio”¹⁰² e “Comportamentos de risco face ao próprio”. A primeira categoria incluiu planejar e/ou fazer parte de uma qualquer ação (e.g., manifestação) contra pessoas de outro país, de outra raça, contra homossexuais ou contra uma pessoa, em específico. Ter tirado fotografias em lugares/posições perigosas, ou filmado vídeos em contextos arriscados, com o intuito de os publicar no Facebook, foram também comportamentos inseridos nesta categoria (Figura 13).

¹⁰² “todas as formas de expressão que propagam, incitam, promovem ou justificam o ódio racial, a xenofobia, a homofobia, o antissemitismo e outras formas de ódio baseadas na intolerância” (Council of Europe, 2012).

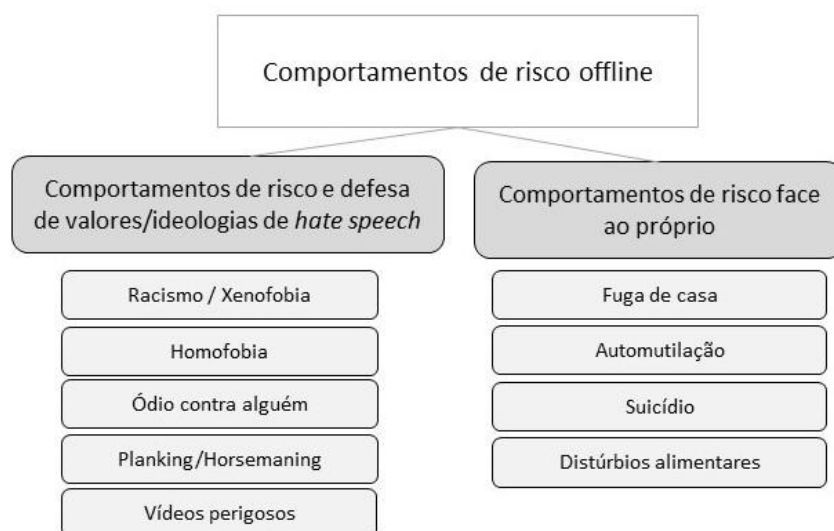


Figura 13 - Categorias e subcategorias da Escala de Comportamentos de Risco Offline

Na segunda categoria, “Comportamentos de risco face ao próprio”, contemplaram-se, como já se referiu, outro tipo de comportamentos (Figura 13), como fugir de casa, automutilar-se, tentar o suicídio, alterar os hábitos alimentares de tal modo que tenha desenvolvido um distúrbio alimentar.

2.3.5 Índice de Bem-Estar

O bem-estar foi avaliado de acordo com a proposta de Keyes (2008), isto é, como uma ampla categoria de fenómenos que inclui as respostas emocionais dos indivíduos, os julgamentos globais de satisfação de vida e o funcionamento psicológico e social positivos. Para avaliar a variável “Bem-Estar” recorreu-se ao Mental Health Continuum – Short Form - MHC-SF (Keyes, 2009 - traduzido e adaptado por Matos, André, Cherpe, Rodrigues, Figueira, & Marques Pinto, 2010). Este questionário é constituído por 14 questões relativas aos sintomas mais representativos do bem-estar (emocional, psicológico e social), durante o último mês, que os participantes avaliaram numa escala de 6 pontos, desde 1 = *nunca* até 6 = *todos os dias*. Nos estudos realizados pelo autor

(e.g. Keyes, 2005) a consistência interna das três subescalas revelou-se elevada ($> .80$, Keyes, 2005), sendo que as medidas de Bem-Estar Emocional, Social e Psicológico foram validadas e posteriormente utilizadas em diversos estudos (e.g. Keyes, 1998; Ryff, 1989; Ryff & Keyes, 1995).

A análise fatorial confirmatória da estrutura tri-fatorial do MHC-SF no presente estudo revelou uma boa qualidade do ajustamento global da escala MHC-SF à amostra (CFI = .970; GFI = .967; TLI = .958). Considerou-se ainda que os valores de $\chi^2 / gl = 17.876$ e RMSEA = .06, indicaram um bom ajustamento ao modelo.

Nos estudos 3 e 4 foi utilizado um Índice de Bem-Estar total (Anexo 9) que resultou da média dos itens do MHC-SF (Keyes, 2009, na sua versão portuguesa Matos et al., 2010) [Figura 14]

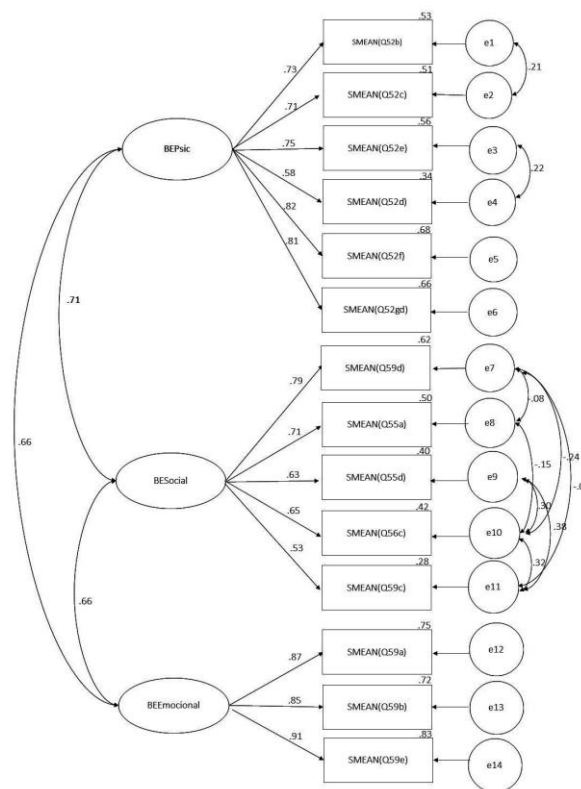


Figura 14 – Estrutura em 3 fatores relativos à Escala MHC-SF ajustada à amostra deste estudo (n= 4572).

2.3.6 Questionário de dados sociodemográficos e relativos à caracterização dos participantes como utilizadores do Facebook.

Algumas questões colocadas tinham como objetivo conhecer um pouco mais acerca dos jovens utilizadores (Anexo 6). Foi perguntado aos jovens a idade, género, ano escolar que frequentavam, país de residência e, no caso dos portugueses, em que região viviam. Foi incluída ainda uma questão de controlo acerca da idade, ou seja, para além da idade foi também perguntado “Em que ano nasceste?”. Na maioria dos casos a idade e o ano de nascimento coincidiram, nos casos em que tal não aconteceu (12 casos) o participante foi eliminado, já que apenas foram selecionados os jovens que colocaram uma data entre 1992 e 1998 (e que em 2012 tinham entre 14 e 20 anos).

Como algumas questões colocadas poderiam, no entender da Comissão de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (Anexo 2), “contribuir mesmo para alterações no funcionamento emocional dos jovens com maior vulnerabilidade psicológica”, foi sugerida “a possibilidade de apoio para jovens que sintam necessitar dele na sequência da sua participação” e, assim, foi incluído no final do questionário um endereço de e-mail a partir do qual os participantes poderiam contactar a responsável pelo estudo, quer para colocar questões, quer para pedir apoio. Em caso de necessidade seriam depois encaminhados para locais onde recebessem ajuda presencial, tendo sido elaborada uma listagem de recursos. Não foi feito qualquer contato por parte dos jovens que responderam ao questionário.

Como forma de se poder caracterizar os jovens enquanto utilizadores de redes sociais, foi averiguado que redes sociais utilizavam para além do Facebook.

Relativamente à utilização especificamente do Facebook, pretendeu saber-se que tipo de utilização faziam, quantos amigos tinham adicionados, quem costumavam adicionar, qual(ais) o(s) critério(s) base para aceitarem um pedido de amizade, que tipo de fotografia colocavam no perfil e se mudavam de status no Facebook quando iniciavam um namoro.

Capitulo III – Estudos Empíricos

Página propositadamente deixada em branco

3.1 Estudo 1 - Estudo psicométrico da Escala de Avaliação dos Riscos e das Oportunidades Online dos jovens utilizadores do Facebook¹⁰³

Em março de 2012, segundo dados da ComScore, cerca de 96% da população online era utilizadora de redes sociais, com especial incidência no Facebook. Porém, apesar desta ampla difusão, persiste algum desconhecimento acerca dos riscos e das oportunidades que esta rede acarreta para os seus utilizadores. O objetivo deste estudo foi o de construir e estudar as qualidades psicométricas de uma escala que permitisse avaliar, na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e em Macau, as oportunidades e os riscos do Facebook. Quando falamos em redes sociais, referimo-nos a sítios da Web, com perfis, comentários públicos e uma rede social transversal que se encontra publicamente articulada e associada a um perfil (Boyd & Ellison, 2007), sendo que cada um destes elementos desempenha uma função. Os perfis, personalizados por cada utilizador, permitem integrar o indivíduo na rede, enquanto os comentários testemunham a interação social mediada pelo computador. A rede social transversal é, na opinião de Boyd (2004), o que mais caracteriza as redes sociais e pode ser testemunhada através das listas de amigos, ou conhecidos, que sejam igualmente públicas.

O Facebook surgiu em 2004 e constitui uma alusão ao livro facultado nos EUA, por algumas administrações universitárias, para ajudar os estudantes a conhecerem-se uns aos outros. Qualquer pessoa que declare ter, pelo menos, 13 anos pode registar-se, criar um perfil pessoal, adicionar amigos e trocar mensagens publicamente (através do

¹⁰³ O estudo que se apresenta constitui parte de um manuscrito que se encontra publicado numa revista científica.

mural) ou em privado. Os recursos desta rede social incluem o botão “gosto/like”, através do qual os utilizadores podem assinalar se apreciaram certos conteúdos. Há ainda a possibilidade de organizar eventos (como uma festa de aniversário) e utilizar diversas aplicações (e.g. jogos, entre os quais se destaca o popular Farmville).

Diversas investigações têm explorado as relações entre o uso da Internet e múltiplas variáveis psicossociais dos utilizadores, mas, por ser uma realidade relativamente recente (final da década de 90), os trabalhos são escassos a nível das redes sociais. Com vista a conhecer os efeitos da utilização do Facebook, houve, por isso, a necessidade de construir um instrumento que avaliasse os riscos e oportunidades online dos jovens utilizadores, pelo facto de não termos identificado na literatura nenhum instrumento disponível.

Riscos das Redes Sociais

Os estudos revelam que quando falamos na Internet, em sentido mais amplo, os jovens se mostram conscientes e preocupados com os riscos envolvidos, mas o mesmo não acontece em relação às redes sociais. Segundo o relatório de 2008 do Office of Communications (OfCom), a fraca perceção de risco neste tipo de redes prende-se com diversos fatores, entre os quais se destaca o fato de as oportunidades que oferecem serem percebidas como superiores aos riscos envolvidos, havendo por isso uma tendência para os desvalorizar.

Correr riscos é uma característica dos adolescentes e, na opinião de Liporace e Casullo (2006), esta tendência poder-se-á associar ao processo de construção da identidade. Neste sentido, a mesma interatividade que atrai os jovens, a qual constitui uma oportunidade oferecida pelas redes sociais, é também um fator que pode

potenciar o surgimento de riscos, como a marcação de encontros e a interação via telefone ou webcam, com pessoas que conheceram online (Caetano, 2009; Falcão-Reis, 2008; Lin & Subrahmanyam, 2007). Do mesmo modo que facilita a formação de novas amizades, permite que facilmente se quebrem, já que basta um clique para apagar um amigo/desamigar (Suler, 2008). Esta atitude, muitas vezes impulsiva, leva a problemas no relacionamento interpessoal, uma vez que o ato de desamigar alguém é irreversível. Por outro lado, o utilizador frequentemente não respeita regras de privacidade e revela informações pessoais, coloca fotografias pessoais e/ou ousadas, tecla com desconhecidos, o que o deixa vulnerável ao aliciamento/grooming (Carroll & Kirkpatrick, 2011; Davies, 2009; Wallace, 2010; Wolak, Finkelhor, & Mitchell, 2008). Pode, ainda, ser vítima de cyberbullying, na forma de comentários rudes e agressivos, de cybersexting, através da divulgação pública de fotografias com o intuito de envergonhar, ou cyberstalking /perseguição online (Davies, 2009; Dias Neves, 2008; Ofcom, 2008). É, igualmente, comum a receção indesejada de fotografias de cariz sexual explícito e textos ofensivos ou violentos, seja por via direta, através da colocação no mural, seja de formas indiretas como um pedido de amizade (Wallace, 2010).

As redes sociais tornaram-se terreno fértil para a proliferação de grupos que assumem um discurso de ódio, através da defesa de ideais xenófobos, racistas e homofóbicos, e que procuram aliciar os mais jovens a juntarem-se a eles (Citron & Norton, 2011; Council of Europe, 2012; Suler, 2008). Existe também a possibilidade de os jovens receberem convites para aderir a páginas e/ou grupos onde há incitamento a comportamentos de risco que conduzam a perturbações alimentares, ao suicídio, fuga de casa, uso de drogas e de álcool ou a auto-mutilação (Becker, et al., 2013; Litt & Stock

2011; Morais, 2007; Niwa & Mandrusiak, 2012; Recuero, 2005). Há, ainda, grupos/páginas que desafiam os jovens a tirar fotografias em lugares arriscados (planking), em posições perigosas (horsemaning) ou a “tourear carros” para filmar pequenos vídeos e colocá-los online, o que pode conduzir a sérios riscos, em especial para a saúde física dos envolvidos (Marcusa, 2011; Salgueiro, 2011).

Apesar de todos os riscos existentes, Livingstone & Hasebrink (2011), apontam para que Portugal seja um dos países onde os riscos associados ao uso da Internet são mais baixos. Apenas 7% das crianças inquiridas refere ter-se confrontado com um ou mais riscos abordados no referido estudo, sendo que as percentagens mais elevadas se encontram no contato com pessoas desconhecidas (16%) e na revelação de informações pessoais (15%).

Oportunidades das Redes Sociais

Os jovens parecem encarar as redes sociais como mais uma oportunidade, entre outras, para interagir com os amigos com quem convivem diariamente na escola, manter contacto com os que estão distantes geograficamente ou para formar novas amizades e iniciar namoros, num meio relativamente seguro (Ellison, Steinfield, & Lampe, 2007; Lenhart & Madden, 2007; McKenna & Bargh, 2000; Subrahmanyam & Greenfield, 2008). As redes sociais constituem também um meio de obtenção de apoio, sobretudo para jovens isolados, solitários, fisicamente pouco atraentes ou por qualquer motivo ostracizados pelos seus pares (Kimberly & Ybarra, 2009; Mazalin & Moore, 2004; Subrahmanyam & Lin, 2007). Incluem-se, ainda, como oportunidades, a possibilidade de encontrar uma enorme variedade de grupos formados em torno de interesses comuns,

facilitando também a partilha de valores entre os seus membros (Bargh & McKenna, 2004; Recuero, 2009).

Os estudos apontam para que a frequência com que os jovens usam as redes sociais seja estimulada pela quantidade de amigos acrescentados e pelo tom (positivo / negativo) dos feedbacks recebidos. Assim, o efeito da frequência de utilização destas redes como preditora da autoestima social e do bem-estar, é moderado pelo tom dos comentários (Schouten, 2007). O forte impacto que os comentários têm ao nível da autoestima e do bem-estar, explica o fato de os jovens alterarem com frequência os seus perfis, tendo em vista a obtenção de mais comentários em tom positivo. Através da observação das fotografias e da leitura de posts, torna-se possível tomar conhecimento dos hábitos dos seus pares (e.g. em termos de vestuário ou locais frequentados), o que contribui para uma aprendizagem social (American Psychological Association, 2011) e para o reforço das competências sociais (Livingstone, 2008). Estas redes constituem também importantes fontes de informação, dando relevantes contributos a nível educacional.

Numa etapa do desenvolvimento em que muitas vezes o jovem experimenta momentos de mal-estar e tendência para comportamentos de risco (Casullo, Cruz, Gonzalez, & Maganto, 2003) alguns procuram informações sobre temas como depressão, violência, álcool e drogas, o que pode abrir caminho para a elaboração de campanhas de prevenção específicas para este contexto (Kimberly & Ybarra, 2009; Lenhart, 2010; Nielsen, Purcell, Smith, & Zickuhr, 2009; Recuero, 2009). Na área profissional e/ou académica, há a possibilidade de divulgação de trabalhos, permitindo a partilha de dúvidas e possibilitando que os jovens se sintam acompanhados pelos

colegas durante o estudo (Carroll & Kirkpatrick, 2011). Autores como Pfeil, Arjan e Zaphiris (2008) referem ainda que o Facebook se transformou num importante meio para encontrar emprego ou estágios académicos.

Em suma, é frequente destacarem-se os riscos, no entanto, a literatura mostra existirem também oportunidades relevantes para os jovens, associadas ao uso das redes sociais.

O objetivo do presente estudo foi construir uma escala sobre riscos e oportunidades do Facebook e avaliar as suas qualidades psicométricas junto de uma amostra de jovens da CPLP e Macau. A opção pela construção desta escala, através de uma amostra não apenas nacional, mas alargada aos referidos países, visa a possibilidade de realização de estudos transculturais que permitam conhecer continuidades e descontinuidades nas culturas e práticas de utilização do Facebook pelos jovens.

3.1.1 Método

3.1.1.1 Participantes

O estudo envolveu uma amostra de 4572 jovens, sendo 74.6% de Portugal, 9.9% do Brasil, 5.6% de Macau, 3.9% de Moçambique, 1.9% de Guiné, 1.7% de S. Tomé e Príncipe, 1.1 % de Angola, 0.8% de Cabo Verde e 0.1% de Timor. No que respeita à idade dos participantes, 50.4% encontrava-se entre os 14 e os 17 anos, a maioria (61.1%) frequentava o ensino secundário e 27.1% o ensino superior.

3.1.1.2 Construção da Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook (EAROJUF)

Para a construção dos itens da escala houve a preocupação de se manterem os requisitos básicos apontados por Almeida e Freire (2000) no que concerne à objetividade, simplicidade, relevância, amplitude de domínio e clareza dos itens.

Seguindo a sugestão de Pasquali (1998), pedimos a utilizadores frequentes do Facebook, portugueses, brasileiros e angolanos, que respondessem à escala e deixassem sugestões de possíveis alterações, quer em termos do conteúdo, quer da forma de colocação das perguntas. Aos consultores brasileiros e angolanos, foi-lhes também solicitado que avaliassem se os termos utilizados eram facilmente entendidos. Foram realizadas alterações residuais com base nas opiniões recolhidas. A escala ficou, assim, com 33 questões. De seguida, após obtido o consentimento informado dos pais de uma turma de 27 alunos portugueses do 9º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos, procedeu-se à aplicação piloto da escala em sala de aula, com o apoio do professor e da primeira autora. Nenhuma alteração foi sugerida e o tempo de preenchimento variou entre os 15 e os 20 minutos.

As dimensões e sub-dimensões inicialmente incluídas na escala decorreram da revisão bibliográfica e, como referido, da consulta a utilizadores frequentes.

Estando a presente investigação focada nos aspetos ligados estritamente às redes sociais, não pode deixar de considerar o suporte em que se configuram - a Internet – e, nessa medida, os dados da investigação relevante sobre os riscos associados ao seu uso, nomeadamente do Projeto EU Kids Online (Livingstone et al., 2011; Jorge, 2010). O referido Projeto assinala quatro grandes categorias de riscos (agressividade e violência, sexuais, valores negativos e comerciais) perante os quais as crianças se podem posicionar de três maneiras distintas, seja como recetoras de conteúdos, como participantes em contatos iniciados por adultos desconhecidos, ou como atores em relação de pares. No nosso estudo, excluímos a categoria de riscos comerciais e abordámos os restantes riscos apenas no posicionamento de recetor de conteúdos.

Acrescentámos alguns riscos (e.g. aderir a páginas e/ou grupos onde há incitamento a comportamentos de risco) e oportunidades (e.g. iniciar namoros num meio relativamente seguro) especificamente ligados às redes sociais, tendo por base outros estudos (Recuero, 2009; Ellison, et al., 2007). Por fim, agrupámos estes riscos em seis grandes áreas: segurança, privacidade, interatividade, agressividade, valores/ideologias e incitamento a comportamentos de risco. Na área da segurança, considerámos cinco subáreas: uso das ferramentas de segurança, mistura de audiências, avaliação ilusória, quantidade de amigos que já conhecia pessoalmente quando os adicionou e fornecimento de informações pessoais. A respeito da privacidade, abordámos tanto aspetos relativos às imagens (e.g. colocar *tags* nas fotografias) como aos conteúdos (e.g., revelar no mural onde vai nesse dia). Na área de riscos decorrentes da interatividade incluimos a aceitação de amizade pedida por desconhecidos, quebra de relacionamentos e uso das ferramentas de comunicação da rede social. No risco de sujeição à agressividade, incluimos os atos de assédio (*grooming*), exposição a conteúdos sexuais e cyberbullying (o qual inclui também o cyberstalking e o cybersexting). Na área dedicada aos riscos de valores/ideologias, abordámos os riscos associados a grupos/páginas nas redes sociais *online* que difundem mensagens com determinados valores/ideologias (racismo, xenofobia, homofobia, ódio contra alguém específico). Por fim, na área do incitamento a comportamentos de risco, referimo-nos à existência de grupos/páginas que instigam a determinados comportamentos, como por exemplo a automutilação.

No que respeita às oportunidades, foi considerado um conjunto de benefícios que resulta da utilização desta rede. Com base na literatura atrás referida (e.g. Bargh &

McKenna, 2004; Livingstone, et al, 2011) e em depoimentos de utilizadores frequentes, considerámos três grandes áreas: crescimento afetivo-social (incluiu aspetos como a obtenção de apoio psicológico, reforço da autoestima, ajuda para ultrapassar constrangimentos), aumento de competências sociais (referimo-nos ao estabelecimento de relações interpessoais, melhoria das competências sociais, aumento do sentimento de pertença) e inserção social e cultural (apoio no trabalho escolar, contacto com o mundo do trabalho, obtenção de informações acerca de aspetos ligados à saúde, sexualidade, notícias do país e do mundo).

Em cada pergunta, o jovem optava por respostas sugeridas, as quais correspondiam a níveis diferentes de risco/oportunidade. As alternativas de resposta apresentadas variaram entre quatro e onze, sendo que em alguns casos os participantes podiam escolher mais do que uma opção. Por exemplo, a pergunta “Já acabaram uma amizade contigo através do Facebook?” tinha como hipóteses de resposta: “Não”; “Sim, através de uma mensagem privada”; “Sim, através de uma mensagem colocada no mural”; “Sim e ficaste a saber porque foste apagado/a da lista de amigos/as, foste “desamigado/a” dessa pessoa”; “Sim, através de uma mensagem no mural e também uma mensagem enviada para ti e para todos/as os/as amigos/as comuns”. Existiram, ainda, algumas perguntas cuja opção de resposta era dicotómica (Sim/Não), como por exemplo “Alguma vez recebeste elogios através do Facebook, de uma pessoa mais velha e que não conhecias?”. Obtínhamos, então, informação sobre se o Facebook tinha/não, tinha criado determinada oportunidade, ou se o jovem tinha, ou não, corrido risco.

3.1.2. Procedimentos

3.1.2.1. Questões éticas

A EAROJUF foi inicialmente submetida a avaliação pela Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa¹⁰⁴, que considerou ser necessária a obtenção do consentimento informado por parte dos pais, para a participação dos jovens menores. Esta decisão foi consonante com a de outros investigadores que afirmam que, mesmo tratando-se de estudos cuja recolha se faz via web, o consentimento informado, a privacidade e o anonimato são fundamentais para a proteção dos participantes, sobretudo quando estes são particularmente vulneráveis (e.g. Ess, 2007). Certificámo-nos também que a plataforma *FreeOnline Surveys*, utilizada para recolha dos dados *online*, não retinha qualquer tipo de informação que permitisse a identificação dos participantes (por exemplo: IP, email...). No cabeçalho da escala incluiu-se um e-mail de contacto e, no final da mesma, uma listagem de recursos de ajuda a que os jovens poderiam recorrer, uma vez que na escala eram abordados temas sensíveis como a ideação suicida, a auto-mutilação, entre outros. Solicitámos também a autorização da entidade do Ministério da Educação¹⁰⁵ responsável pela monitorização de inquéritos em meio escolar (<http://mime.gepe.min-edu.pt/EntidadeRegisto.aspx>), cuja aprovação nos permitiu recolher dados em instituições de ensino público.

¹⁰⁴ Anexos 1 e 2

¹⁰⁵ Anexo 3

3.1.2.2 Recolha da amostra

A amostra foi obtida através de três procedimentos realizados em simultâneo. Lançámos no Facebook o pedido de colaboração a pais de jovens menores, para que estes incentivassem os filhos a preencher a escala. Paralelamente enviámos um e-mail¹⁰⁶ a todas as Associações de Pais e escolas (públicas e privadas) do ensino básico, secundário, profissional e universitário, em Portugal, nos países da CPLP e Macau, com a explicação do estudo e pedido de colaboração. Seguimos as diretrizes sugeridas por Solomon (2001), uma vez que este autor considera a inclusão de um e-mail explicativo como uma abordagem especialmente eficaz para solicitar a colaboração em estudos baseados em questionários *online*. Na sequência das respostas positivas por parte dos estabelecimentos de ensino, pedimos que nos informassem acerca do número de alunos com menos de 18 anos, para que fossem enviados (via CTT) os documentos de consentimento informado¹⁰⁷. Coube então aos professores a tarefa de distribuir estes documentos e recolhê-los passados 8 dias. Enviámos em seguida o link que dava acesso à escala colocada na plataforma FreeOnline Surveys. Os alunos cujos pais permitiram a colaboração no estudo acederam ao link e preencheram-no sob supervisão de um professor. Aos alunos maiores de 18 anos, foi-lhes pedida diretamente a colaboração.

A colocação da escala *online* facilitou o acesso a jovens que, de outro modo, dificilmente fariam parte da amostra. As exceções foram a amostra recolhida num colégio de Lisboa que considerou mais prático que as respostas fossem realizadas em papel e a amostra de S. Tomé e Príncipe que, devido a dificuldades de cobertura de

¹⁰⁶ Anexo 4

¹⁰⁷ Anexo 5

rede, recebeu a escala e os documentos de consentimento informado, em papel via CTT, sendo depois as respostas rececionadas pela mesma via.

Seguindo as recomendações de autores como Jeavons (1998) e Zhang (1999), simplificámos a escala, tornando-a não só esteticamente agradável e pouco extensa, como também de fácil resposta mesmo para jovens que não estivessem tão familiarizados com a web. A escala esteve *online* durante seis meses (de novembro a abril de 2012¹⁰⁸).

3.1.3. Procedimentos de análise

Para uniformizar as respostas, tendo em vista o tratamento estatístico dos dados, um painel de especialistas definiu para cada pergunta 4 níveis de risco / oportunidade, correspondendo 0 à ausência de risco/oportunidade e 3, a risco elevado/elevada oportunidade. Em função dessa definição, as várias alternativas de resposta foram reorganizadas nestas 4 categorias. As questões cujas respostas eram dicotómicas foram agrupadas a outras que abordavam a mesma temática, de forma a obterem-se opções de resposta com 4 níveis de risco/oportunidade.

Tratando-se de uma escala construída para esta investigação, não existia informação sobre a sua estrutura fatorial. Assim sendo, com recurso aos programas SPSS 19.0 e AMOS 18.0, foram realizadas análises para avaliar a validade e a fiabilidade das medidas. A validade fatorial foi testada, primeiramente, através de Análise Fatorial Exploratória e em seguida de Análise Fatorial Confirmatória. As validades convergente e

¹⁰⁸ Uma vez que a amostra era recolhida também noutros países, tivemos de ter em conta as diferenças no calendário escolar, já que em alguns casos (e.g. Brasil), o período de aulas em Portugal coincidia com as férias.

discriminante das subescalas foram calculadas através da Variância Extraída Média (VEM) e comparação desta com o quadrado da correlação entre os diferentes fatores.

Quanto à fiabilidade procedeu-se à análise da consistência interna dos fatores identificados, através do cálculo dos valores de alfa de Cronbach. Recorreu-se ainda à estatística descritiva dos itens e fatores e à análise das correlações de Pearson entre item e fatores e inter fatores.

Dividiu-se, aleatoriamente, a base de dados em duas partes e utilizou-se uma para realizar a Análise Fatorial Exploratória (AFE) dos itens relativos aos riscos e oportunidades *online*, recorrendo ao método de análise de componentes principais, seguido de rotação Varimax. Utilizaram-se 4 critérios para a determinação dos fatores e dos itens a reter, a saber, reter fatores com valor próprio igual ou superior a 1, retirar fatores de item único e retirar itens com peso fatorial no fator inferior a .45 e itens que saturassem noutro fator acima de .35. Com a outra metade da amostra, avaliou-se a qualidade do ajustamento dos modelos de medida das subescalas propostas, recorrendo-se à Análise Fatorial Confirmatória. O ajustamento dos modelos utilizou o qui-quadrado (χ^2), o índice de ajustamento comparativo (CFI), o índice de qualidade do ajustamento (GFI), o índice Tucker-Lewis (TLI) e a raiz da média quadrática dos erros de aproximação (RMSEA), sendo considerados ajustamentos satisfatórios valores de CFI, GFI e TLI > .90 (Bentler, 1990; Bentler & Bonett, 1980) e RMSEA < .07. Na Análise Fatorial Confirmatória o refinamento dos modelos de medida foi realizado com base nos índices de modificação, alterando-se trajetórias para índices de modificação superiores a 11 (Marôco, 2010). Aceitaram-se modelos de acordo com os valores referidos para os

índices de ajustamento. Todos os fatores foram estandardizados fixando as suas variâncias em 1.00 e correlacionados entre si.

3.1.4. Resultados

3.1.4.1 Validade de Construto e Fiabilidade, Validade Fatorial, Análise Fatorial Exploratória (AFE)

A melhor solução isolou 7 fatores e a estrutura final explicou 61% da variância dos resultados. Aplicou-se a prova de medida da adequação da amostra Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), a qual indicou que as variáveis mediam fatores comuns, uma vez ter-se obtido um valor para KMO de 0.855, indicador de correlação elevada entre os itens. O teste de esfericidade de Bartlett, que permite definir se a matriz de correlação é uma matriz de identidade, ao ter valores de p inferiores a .001 demonstrou que a própria matriz era fatorizável.

O fator 1 agregou os riscos *online* e defesa de valores e ideologias de discurso de ódio. Incluiu itens que remetem para ter aderido a um grupo/página que incentivasse determinados comportamentos ou atitudes, tais como o discurso de ódio contra uma pessoa (ROdio), contra homossexuais (RHomof), contra pessoas de outra raça ou país (xenofobia e/ou racismo – RXenorac), estimulassem a automutilação (RAutomut), os distúrbios alimentares (RDalim), a fuga de casa (RFuga), o suicídio (RSuic), a utilização de drogas e/ou álcool (RDroga), tirar fotografias em posições perigosas para serem colocadas no Facebook (planking e/ou *horsemaning* - RPlank) e/ou a filmagem de vídeos em situações perigosas (RVideos). O fator 2 remeteu para riscos específicos do cyberespaço e agregou itens relativos a ser vítima de cybersexting (RSext), cyberstalking (RStalk) e cyberbullying (RBully). O fator 3 referiu-se a oportunidades de inserção social e cultural, incluiu itens ligados ao contacto com o mundo do trabalho (OMtrb) e

obtenção de informação acerca do país e do mundo (OInf). O fator 4, agrupou diversas oportunidades de crescimento afetivo-social e, nele, saturaram itens sobre a possibilidade de obtenção de apoio por parte dos amigos (OApoio), expressão de afetos (OAfecto), melhoria das habilidades sociais (OHsoc), relacionamento interpessoal (ORelac) e colocação de conteúdos no mural referentes a informações pessoais (RCont). O fator 5, remeteu para riscos associados a desconhecidos e incluiu adicionar (RAdesc) ou entrar em contacto com desconhecidos (RCdesc) e ainda itens ligados à avaliação ilusória que pode preceder a aceitação de um pedido de amizade (RAvilus). O fator 6, incluiu itens relativos aos riscos de receção indesejada de conteúdos agressivos (RAgress) e/ou sexuais (RSex). O fator 7, referiu-se a riscos relativos ao terminar de relacionamentos e incluiu acabar um namoro (RAnam) e/ou acabar uma amizade (RAamiz) através da rede social.

No Quadro 1 observam-se os pesos fatoriais, as comunalidades e os alfas de cada item das subescalas. Os fatores foram constituídos por 2 a 10 itens. O item OMtrb obteve o peso fatorial mais elevado e o ORelac o mais baixo. No que respeita às comunalidades, a mais elevada surgiu no item OApoio e a mais baixa no item RAssad.

Quadro 1. Pesos fatoriais e comunalidades dos itens que definem os 7 fatores e correlações item- total da escala e valores de alfa obtidos na AFE.

Item - total da escala e valores de alfa obtidos na APL:										
Itens	Pesos fatoriais							Comunalidades h ²	Correlação item-total da escala	Alfas se o item for apagado
F1 - Riscos <i>online</i> e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio ($\alpha = .86$)										
RFuga	79							.48	.66	.83
RAutomut	78							.47	.61	.83
RDalim	74							.66	.61	.83
RXenorac	74							.62	.61	.83
RHomof	70							.43	.58	.83
RPlank	70							.73	.61	.83
RVideos	68							.75	.59	.84

ROdio	65							.93	.59	.84
RSuic	65							.87	.50	.84
RDroga	57							.90	.54	.86
F2 - Riscos específicos do Cyberespaço ($\alpha = .81$)										
RSext		90						.43	.70	.60
RBully		89						.53	.50	.90
RStalk		88						.50	.69	.57
F3 - Oportunidades de inserção social e cultural ($\alpha = .99$)										
OMtrb			97					.49	.94	α
OInf			96					.57	.90	α
ORelac			55					.94	.50	.52
F4 - Oportunidades de crescimento afetivo-social ($\alpha = .69$)										
OApoio				70				.95	.51	.55
RCont				68				.57	.50	.52
OAfeto				65				.54	.42	.60
OHsoc				58				.47	.44	.52
F5 - Riscos associados a desconhecidos ($\alpha = .53$)										
RAdesc					74			.49	.51	.55
RCdesc					65			.65	.50	.52
RAvilus					61			.63	.42	.59
RAssd					58			.37	.44	.52
F6 - Riscos de receção indesejada de conteúdos agressivos e/ou sexuais ($\alpha = .70$)										
RAgress						83		.59	.53	α
RSex						80		.55	.53	α
F7 - Riscos ligados ao terminar de relacionamentos ($\alpha = .60$)										
RAnam							76	.53	.42	α
RAamiz							74	.45	.42	α

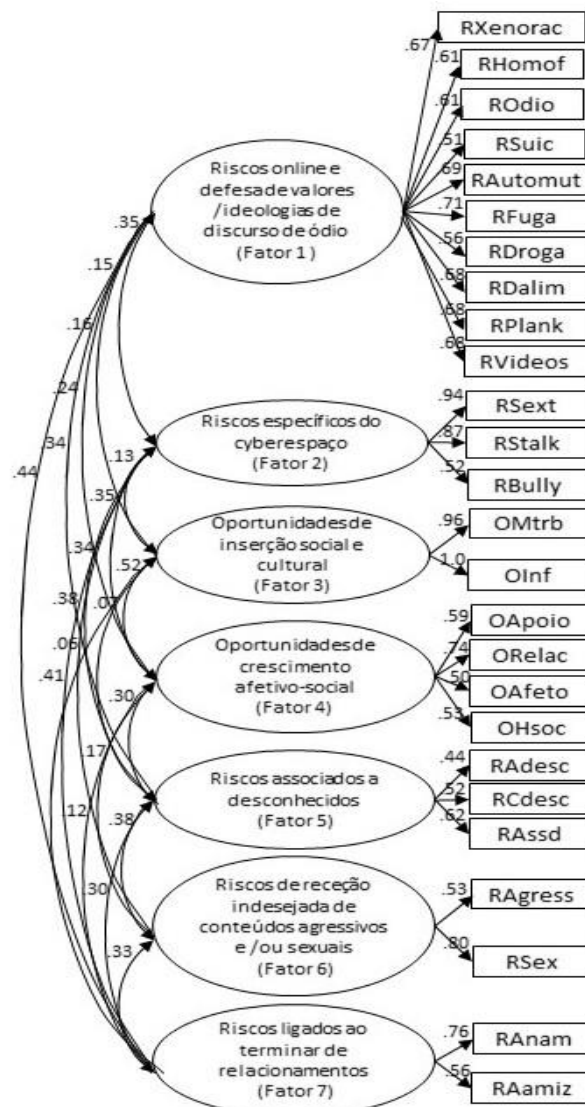
α - o valor é negativo devido a uma covariância negativa média entre os itens

3.1.4.2 Análise Fatorial Confirmatória (AFC)

Os resultados da Análise Fatorial Confirmatória da estrutura em 7 fatores apresentaram inicialmente um ajustamento sofrível. Após refinamento do modelo (que manteve a composição dos fatores, com exceção dos fatores 4 e 5, dos quais foram removidos os itens RAvilus e RCont, respetivamente, por apresentarem pesos fatoriais inferiores a 0.45 e do item ORelac que passou para o fator 4 por apresentar valores de covariância muito elevados com este fator), obteve-se um bom ajustamento à amostra

em estudo, $\chi^2 (278) = 2399.48$, CFI = .917, GFI = .925, TLI = .903 e RMSEA = .058. Na figura 1 apresentam-se os fatores finais da análise fatorial confirmatória.

Figura 1: Análise Fatorial Confirmatória dos fatores finais ajustada à amostra do estudo (n = 2286). Pesos fatoriais, $\chi^2 (278) = 2399.48$, CFI = .917, GFI = .925, TLI = .903, RMSEA = .058



3.1.4.3 Validade Convergente, Divergente e Fiabilidade

A variância extraída média (VEM), um indicador de validade convergente dos fatores, mostrou-se adequada para o fator 2 (.64), fator 3 (0.98) e fator 6 (.54), sendo menos aceitável para o fator 1 (.41), fator 4 (.35) e fator 7 (.43) e, em particular, para o fator 5 (.28). As VEM extraídas para cada par de fatores mostraram-se superiores ao quadrado da correlação entre os fatores, revelando assim boa validade discriminante dos fatores da escala.

A análise dos valores de alfa revelou boa consistência interna para o fator 1 (.87), fator 2 (.83), fator 3 (.99), fator 4 (.68) e fator 6 (.70), aceitável para o fator 7 (.60) e abaixo do desejável para o fator 5 (.53).

3.1.4.4 Análise Descritiva e Correlacional

Observamos no Quadro 2 que as médias mais elevadas surgiram num item de risco (adicionar desconhecidos) e num de oportunidade (obtenção de apoio por parte dos amigos), enquanto que as médias mais baixas se encontraram associadas a dois itens ligados a riscos (adesão a grupos/páginas de incentivo a filmagens de vídeos perigosos e adesão a grupos/páginas de incentivo a planking e/ou horsemaning).

Quadro 2 . Médias e desvios-padrão dos itens e dos fatores

	M	DP
Fator 1 – Riscos <i>online</i> e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio	.08	.27
Adesão a grupos/páginas de incentivo à xenofobia e racismo	.06	.33
Adesão a grupos/páginas de incentivo à homofobia	.12	.47
Adesão a grupos/páginas de incentivo ao ódio contra alguém	.08	.38
Adesão a grupos/páginas de incentivo ao suicídio	.11	.46
Adesão a grupos/páginas de incentivo à auto-mutilação	.05	.31
Adesão a grupos/páginas de incentivo à fuga de casa	.06	.35
Adesão a grupos/páginas de incentivo ao consumo de drogas e/ou álcool	.19	.69
Adesão a grupos/páginas de incentivo aos distúrbios alimentares	.05	.33
Adesão a grupos/páginas de incentivo a planking e/ou horsemaning	.04	.31
Adesão a grupos/páginas de incentivo a filmagens de vídeos em situações perigosas	.04	.30
Fator 2 – Riscos específicos do cyberspaço	.40	.68
Cybersexting	.21	.52
Cyberstalking	.30	.59

Cyberbullying	.63	.96
Fator 3 – Oportunidades de inserção social e cultural	.70	.96
Contacto com o mundo do trabalho	.69	.95
Manter-se informado acerca do seu país e do mundo	.72	.97
Fator 4 – Oportunidade de crescimento afetivo-social	1.12	.56
Obtenção de apoio por parte dos amigos	1.5	1.25
Estabelecimento de relações interpessoais	.95	.55
Expressão de afetos	1.17	.38
Melhoria de habilidades sociais	.82	.81
Fator 5 – Riscos associados a desconhecidos	1.14	.64
Adicionar desconhecidos	1.90	.74
Entrar em contato com desconhecidos	.93	1.11
Ser vítima de assédio	.61	.67
Fator 6 – Receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos	.54	.94
Receção indesejada de conteúdos agressivos	.60	1.06
Receção indesejada de conteúdos sexuais	.47	.93
Fator 7 – Riscos ligados ao terminar de relacionamentos	.14	.41
Terminar namoro via Facebook	.11	.43
Terminar amizade via Facebook	.17	.50

Legenda : as médias oscilam entre 0 (ausência de risco/oportunidade) e 3 (elevado risco/oportunidade)

Relativamente aos desvios-padrão, destacou-se novamente pelos seus valores elevados, a oportunidade de obtenção de apoio por parte dos amigos, enquanto os riscos de adesão a grupos/páginas de incentivo a filmagens de vídeos perigosos obtiveram os valores mais baixos.

Ao nível dos fatores, as médias mais elevadas surgiram nos riscos associados a desconhecidos e nas oportunidades de crescimento afetivo-social. Por sua vez, foram os riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio e os riscos ligados ao terminar de relacionamentos, aqueles onde se obtiveram valores mais baixos.

O desvio-padrão mais elevado foi encontrado no fator ligado às oportunidades de inserção social e cultural, enquanto o mais baixo surgiu no fator de riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio

O estudo das correlações entre fatores (Quadro 3) mostrou a existência de correlações moderadas entre vários fatores, a saber, entre os dois fatores de oportunidade; entre riscos ligados ao terminar de relacionamentos e os riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio; entre os riscos de recepção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos e os riscos específicos do cyberspaço; e entre os riscos de recepção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos e os riscos associados a desconhecidos.

Quadro 3. Correlações entre os 7 fatores que compõem a escala

	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7
F1	1						
F2	.35***	1					
F3	.15***	.13***	1				
F4	.16***	.35***	.52***	1			
F5	.24***	.34***	.07	.30***	1		
F6	.34***	.38***	.10***	.17***	.38***	1	
F7	.44***	.41***	.06	.12***	.30***	.33***	1

*** p<.001

Legenda : F1 - Riscos *online* e defesa de valores /ideologias de discurso de ódio ; F2 - Riscos específicos do cyberspaço; F3 - Oportunidades de inserção social e cultural ; F4 - Oportunidades de crescimento afetivo-social ; F5 - Riscos associados a desconhecidos ; F6 - Riscos de recepção indesejada de conteúdos agressivos e/ou sexuais; F7 - Riscos ligados ao terminar de relacionamentos

As correlações mais baixas surgiram entre os riscos associados a desconhecidos e as oportunidades de inserção social e cultural, e entre estas oportunidades e os riscos ligados ao terminar de relacionamentos. No que diz respeito às correlações entre itens e fatores (Quadro 4), os valores mais elevados surgiram: no fator 1, nos itens de riscos de incentivo à fuga de casa (RFuga), no fator 2 nos riscos de cyberstalking (RStalk), nos dois itens do fator 3 (oportunidades de contacto com o mundo de trabalho e de se manter informado acerca do seu país e do mundo – OMrtb e OInf), no fator 4 nos itens

de oportunidades de obtenção de apoio por parte dos amigos (OApoio), no fator 5 nos itens ligados aos riscos de ser vítima de assédio (RAssd), no fator 6 nos itens de riscos de receção indesejada de conteúdos agressivos (RAgress), e no fator 7, nos itens de riscos de terminar uma amizade (RAamiz).

Quadro 4. Correlações entre itens e fatores

Itens	Fatores						
	1	2	3	4	5	6	7
RXenorac	.68**	.18**	.05*	.10**	.13**	.19**	.23**
RHomof	.69**	.21**	.07**	.12**	.16**	.22**	.20**
ROdio	.65**	.19**	.07**	.09**	.10**	.24**	.18**
RSuic	.62**	.21**	.02	.14**	.11**	.20**	.15**
RAutomut	.68**	.24**	.02	.08**	.11**	.23**	.29**
RFuga	.73**	.18**	.05*	.08**	.09**	.20**	.14**
RDroga	.71**	.14**	.06**	.12**	.11**	.21**	.18**
RDalim	.68**	.23**	.02	.11**	.07**	.14**	.25**
RPlank	.68**	.20**	.06**	.10**	.10**	.18**	.24**
RVideo	.66**	.16**	.04*	.07*	.11**	.13**	.26**
RSext	.31**	.82**	.08**	.29**	.20**	.30**	.32**
RStalk	.27**	.95**	.10**	.28**	.22**	.30**	.30**
RBully	.21**	.94**	.07**	.24**	.24**	.28**	.31**
OMrtb	.05**	.12**	.99**	.34**	.01	.03	.02
OInf	.10**	.14**	.99**	.36**	.04	.06**	.04
OApoio	.13**	.27**	.19**	.86**	.15**	.11**	.11**
ORelac	.10**	.29**	.51**	.67**	.13**	.09**	.04**
OAfeto	.06**	.20**	.22**	.56**	.12**	.10**	.12**
OHsoc	.13**	.26**	.21**	.71**	.15**	.14**	.08**
RAdesc	.11**	.14**	.00**	.10**	.65**	.17**	.06**
RCdesc	-.00	.01	.10**	.09**	.05*	.04	.00
RAssd	.15**	.26**	.00	.20**	.66**	.19**	.18**
RAgress	.25**	.26**	.05*	.13**	.17**	.89**	.16**
RSex	.26**	.32**	.03	.15**	.23**	.86**	.21**
RAnam	.31**	.30**	-.01	.09**	.15**	.22**	.82**
RAamiz	.21**	.26**	.06**	.12**	.11**	.13**	.87**

*p≤ .05 ** p≤ .001

3.1.5 Discussão e Conclusões

Neste trabalho tivemos como objetivo realizar o estudo psicométrico de uma escala de avaliação dos riscos e das oportunidades do Facebook construída para o efeito e adaptada a jovens da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e de Macau.

O estudo realizado com 4572 jovens pôs em evidência as qualidades psicométricas satisfatórias do instrumento desenvolvido ao nível da sua validade fatorial, convergente, discriminante e fiabilidade.

Os resultados obtidos permitem-nos concluir que a presente escala possibilita a avaliação dos riscos e oportunidades em 5 e 2 dimensões, respetivamente. As análises estatísticas do conjunto de itens inicialmente propostas a partir da literatura sobre as dimensões de risco e oportunidades das redes sociais *online*, conduziram à eliminação de diversos itens e ao reagrupamento de outros em novos fatores de riscos e oportunidades. Assim, no que refere aos riscos, os itens relativos à segurança (cruzamento de audiências, avaliação ilusória, uso de ferramentas de segurança, fornecimento de informações pessoais) e à privacidade (privacidade de conteúdos, colocação de tags nas fotografias e vídeos, privar o perfil) inicialmente considerados, não mostraram ter qualidades psicométricas aceitáveis e foram excluídos. Os itens “adicionar desconhecidos” e “entrar em contato com desconhecidos”, agruparam-se ao item “assédio” passando a constituir uma dimensão designada por “riscos associados a desconhecidos”.

A receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos passou a constituir um único fator. O cybersexting, cyberbullying e cyberstalking, agruparam-se num só fator, constituindo perigos específicos do ciberespaço. Os riscos associados aos

grupos/páginas criados no Facebook com o objetivo de difundir ideais e valores xenófobos, racistas, homofóbicos, de discurso de ódio ou ligados à incitação de comportamentos de risco (e.g. automutilação, fuga de casa), reuniram-se num único fator a que chamámos riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio. Relativamente às oportunidades criadas pelas redes sociais *online*, foram excluídos os itens relativos ao reforço da autoestima, apoio nos trabalhos escolares e aumento do sentimento de pertença. Mantiveram-se as restantes oportunidades por nós consideradas, encontrando-se agora agregadas em dois fatores que designámos por crescimento afetivo-social (inclui a obtenção de apoio por parte dos amigos virtuais, melhoria das habilidades sociais, relacionamento interpessoal, possibilidade de expressão de afetos) e inserção social e cultural (estabelecimento de contacto com o mundo do trabalho, obtenção de informações acerca do seu próprio país e do mundo).

Assim sendo, a escala, inicialmente constituída por 33 questões, ficou na sua versão final composta por 26 questões, distribuídas por 5 fatores de risco e 2 fatores de oportunidade.

A correlação entre as oportunidades de inserção social e cultural e as oportunidades de crescimento afetivo-social sugere que o relacionamento com os amigos adicionados no Facebook permite, como prevíamos tendo por base estudos já referidos (Kimberly & Ybarra, 2009; Mazalin & Moore, 2004; Subrahmanyam & Lin, 2007), que o jovem sinta que tem permanentemente alguém disponível para o ouvir e apoiar nos momentos de crise. Paralelamente, as relações interpessoais que se estabelecem, propiciam trocas de informação que se podem revelar muito úteis, mesmo nos casos de procura de pequenos trabalhos, locais para estágio ou outras oportunidades profissionais.

Os resultados do presente estudo estão de acordo com os obtidos por Suler (2008), os quais mostraram que terminar uma relação via Facebook causava um impacto negativo nos relacionamentos interpessoais. De facto, ter visto o namoro e/ou uma amizade acabar por esta via encontra-se muito correlacionado quer com os riscos específicos do ciberespaço, quer com os riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio. Aliás, parece tornar os jovens vulneráveis aos outros riscos, mas também constituir uma oportunidade para crescimento afetivo-social. É possível que, face a uma situação deste tipo, os jovens desabafem com os amigos virtuais e obtenham apoio nos momentos mais críticos. No entanto, estes momentos podem facilitar que se transformem em vítimas de cyberbullying e cybersexting, ou seja, face à rutura, o(a) ex-namorado(a) ou ex-amigo(a) pode divulgar conversas íntimas, difundir boatos maldosos ou até publicar fotografias íntimas. Assim sendo, o agressor pode ser uma pessoa conhecida, e o perigo não estar no acto de adicionar desconhecidos como alguns autores pensavam/sugeriram (Davies 2009; Dias Neves, 2008; Ofcom, 2008). Acrescentamos o fato de os riscos associados a desconhecidos se mostrarem só muito levemente correlacionados com os outros tipos de risco, o que, mais uma vez, vem corroborar a ideia de que os agressores podem ser conhecidos e o contacto com desconhecidos não constituir o epicentro dos perigos da utilização do Facebook. No entanto, lembramos que este fator apresentou uma baixa validade convergente e fiabilidade, pelo que será necessário considerar estes resultados com reserva.

Ao mesmo tempo, na tentativa de animar /apoiar o(a) amigo(a) poderá ser colocada demasiada quantidade de mensagens, ou aplicativos no mural, a tal ponto que

comecem a ser sentidos como incómodos por parte de quem os receciona (ciberstalking).

Observamos também que as médias e os desvios-padrão mais elevados surgem num fator de risco associado a desconhecidos, e nos dois fatores ligados às oportunidades, ainda que os valores sejam baixos. Os riscos associados a desconhecidos andam a par das oportunidades de crescimento afetivo-social, estando muito correlacionados entre si. Este dado mostra-nos que riscos e oportunidades coexistem no Facebook. Por outro lado, o fato de as médias obtidas ao nível dos riscos serem muito baixas, opõe-se à ideia também disseminada de que as redes sociais sejam lugares muito perigosos para os jovens. O Facebook parece constituir um espaço que os jovens utilizam para partilhar afetos, zangas, ódios, vinganças, afastamentos e aproximações, bastante semelhante ao que se passa na vida *offline*.

Apesar destas contribuições importa referir algumas limitações deste trabalho, designadamente que os resultados apresentados se reportam à amostra em estudo e que será necessário em investigações futuras reforçar o estudo da sua validade com outras amostras. Por outro lado, pensamos que em futuros trabalhos será útil recolher dados não só via *online*, mas também efetuar entrevistas face-a-face que permitam clarificar alguns resultados deste estudo. Referimo-nos por exemplo, a explorar o tipo de solicitações que os jovens têm por parte dos grupos/páginas de discurso de ódio. Para além disso, importa também explorar o papel ativo do jovem, quer como gerador de riscos, quer como propiciador de oportunidades, uma vez que nesta escala só está contemplado o papel passivo (como vítima dos riscos ou beneficiário das oportunidades criadas). Por fim, o ciberstalking deverá ser abordado na sua vertente mais negativa,

uma vez que na presente escala considerámo-lo como fator de incômodo, mas ligado à insistência na colocação de mensagens e/ou aplicativos não agressivos. De futuro, importa incluir nesta escala a faceta de perseguição *online* propriamente dita.

Dispomos, assim, de um instrumento com boas qualidades psicométricas para o estudo dos riscos e oportunidades das redes sociais nos países de língua portuguesa, cuja existência permite o desenvolvimento de futuras investigações no domínio dos efeitos destas redes sociais *online*, junto dos jovens.

3.2 Estudo 2¹⁰⁹ - Hábitos de utilização, riscos e oportunidades criadas pelo Facebook para os jovens portugueses, segundo o género, a idade e a região geográfica

Em Portugal, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) (2015), 70% dos portugueses usa redes sociais e destes, 96% possui conta no Facebook. A proporção de portugueses que utiliza redes sociais é 14 pontos superior à média da União Europeia (INE, 2015).

Apesar da crescente preocupação em investigar os hábitos de utilização, os riscos e as oportunidades associados à utilização das redes sociais/Facebook, escasseiam estudos, designadamente em Portugal, sobre estes aspetos e, em especial, sobre a sua relação com o género, idade e regiões do país, constituindo este o objetivo principal do presente estudo.

As oportunidades muitas vezes surgem a par dos riscos, sendo a autorrevelação um processo ilustrativo desta relação. A necessidade de aprovação social e a procura de popularidade nas redes sociais constituem fortes preditores de divulgação de informações pessoais (Ellison, Steinfield & Lampe, 2007). Nas redes sociais os jovens facilmente se deixam levar pelo efeito de “desinibição benigna” que facilita a exposição online, já que a necessidade de expressarem os seus sentimentos e emoções faz com que se considerem seguros sob a proteção do ecrã (Suler, 2004). Assim, ainda que pareçam distinguir perfeitamente a dimensão privada da dimensão pública na utilização do Facebook, muitos consideram mais fácil partilhar online aspetos privados da sua vida do que face-a-face (Simões, Ponte, Ferreira, Doretto & Azevedo, 2014). Esta revelação

¹⁰⁹ o estudo que se apresenta constitui parte de um manuscrito que se encontra submetido a uma revista científica.

peçoal pode ter resultados nefastos, como aumentar o risco de violações de privacidade ou interações coercivas ou hostis, mas também benéficos como sejam a obtenção de apoio por parte dos amigos (LSE - Parenting for a Digital Future, 2016). Assim, mesmo quando interagem com desconhecidos os jovens podem estar a abrir caminho para o surgimento de oportunidades, por exemplo de aumento da rede de relacionamentos ou de obtenção de apoio emocional, isto é, correr riscos não conduz necessariamente à obtenção consequências negativas (Livingstone, Mascheroni, Ólafson, & Haddon, 2014). Alguns autores (Kujath, 2011; Manago, Graham, Greenfield, & Salimkhan, 2008) acentuaram que a autorrevelação não coloca necessariamente os jovens em risco, uma vez que a rede social funciona, na maioria das vezes, como uma extensão das amizades da vida real. E os jovens apesar de saberem que se expõem a riscos ao publicar dados pessoais, persistem em fazê-lo porque as vantagens em termos de popularidade/ inclusão social, parecem ultrapassar os prováveis efeitos negativos (Blaya, 2013).

No que respeita aos hábitos de utilização das redes sociais e a relação destes com os riscos e oportunidades, os resultados das investigações são contraditórios. Juvolen e Gross (2008) concluíram que o tempo passado no Facebook é um fator de risco, mas os resultados de outros estudos (e.g. Parenting for a Digital Future, 2016), apontam exatamente para o oposto, ou seja, para que o tempo e a utilização mais frequentes das redes sociais não equivalem a mais riscos, podendo sim contribuir para o aumento da segurança online. Segundo estes autores, quanto mais os jovens usam as redes sociais, mais poderão tomar consciência da importância de ter cuidado com as informações que divulgam. Deste modo, as redes sociais podem oferecer-se também como uma via para

surgimento de oportunidades, como a prática de habilidade sociais e consequente capacitação social dos jovens (Bento & Galhardo, 2016), ao invés de constituir apenas uma atividade de risco. Esta é uma opinião partilhada por Livingstone e Haddon (2009), isto é, há necessidade de os jovens correrem riscos para que possam desenvolver as suas capacidades de resiliência.

Estudos segundo o género

Autores como Lenhart e Madden, (2007a; 2007b), mostraram que o género feminino utiliza as redes sociais com maior frequência. Relativamente a Portugal, os resultados não são consensuais, enquanto alguns estudos referem que não existem diferenças entre géneros (Francisco & Crespo, 2012; Martins, 2013), outros concluíram que são os rapazes que mais frequentemente usam o Facebook (Simões et al., 2014), outros ainda, mostram ser as raparigas as maiores utilizadoras, tanto em termos de frequência como em tempo (Bento, 2016).

Os estudos existentes sobre a influência do género nos riscos de vitimização são inconclusivos. Assim, enquanto Patchin e Hinduja (2006) observaram que não existem diferenças entre géneros, outros autores (Lenhart, 2007; Mark & Ratlife, 2011; Ybarra & Michell, 2008) contrariaram estes resultados e mostraram que a maior parte das vítimas são do género feminino, e outros ainda (Livingstone, Haddon, Görzig, & Ólafson, 2011), concluíram que tudo depende do tipo de risco, já que por exemplo, o género masculino é maioritariamente vitimizado no que se refere à receção de imagens sexuais, enquanto o género feminino tende a receber com maior frequência mensagens agressivas ou desagradáveis. Segundo Seixas, Fernandes e Morais (2016), o facto de as raparigas serem as principais utilizadoras do computador para atividades de

socialização e de manterem uma presença muito ativa nas redes sociais, sobretudo se não tiverem namorado (Patrão & Hubert, 2016), pode favorecer a sua vitimização. As raparigas têm em média, três a quatro contas nas redes sociais, enquanto os rapazes mantêm duas a três contas (MiudosSegurosNa.Net, 2016). Além do mais, as jovens tendem a assumir mais riscos já que difundem, mais frequentemente que os rapazes, imagens e dados pessoais, o que as pode conduzir a situações de solicitação sexual online (Wolak, Mitchell, & Finkelhor, 2006), assédio (Agatson, Kowalski, & Limber, 2007; Livingstone et al., 2011; Smith et al., 2008), insultos (Mishna et al., 2012), exposição indesejada a conteúdos sexuais e cybersexting (Livingstone et al., 2011).

Em Portugal, as raparigas são mais frequentemente incomodadas do que os rapazes, por mensagens agressivas e pela solicitação de fotografias íntimas (Ventura, 2011). Assim, a influência do género na vitimização online é ainda pouco conhecida, enquanto alguns estudos apontam para que os rapazes sejam mais frequentemente vítimas, outros concluem que são as raparigas, ou que não existem diferenças entre géneros. Não existem estudos que abordem a relação entre oportunidades e género.

Estudos segundo a idade

Os resultados das investigações quanto à relação entre a idade dos utilizadores e a exposição aos riscos online, sobretudo ao nível do cyberbullying, quer na vitimização quer na agressão, são, à semelhança do género, inconclusivos. Autores como Ortega, Calamestra e Mora-Merchán (2008) mostraram não existirem quaisquer diferenças no que respeita a ações agressivas online, enquanto Kowalski e Limber (2007) apontaram para que os pré-adolescentes, sejam mais frequentemente ciberagressores. Seixas e colaboradores (2016) consideraram que os atos agressivos online são mais comuns no

início da adolescência, dado que nesta fase há, não só, uma maior utilização destas vias com o objetivo de socialização, como passa a existir uma maior autonomia e habilidade para usar estas plataformas. Os mesmos autores adiantaram que existe um aumento dos níveis de incidência de atos agressivos até à entrada no ensino secundário, com um pico por volta dos 14 anos, assistindo-se depois a um progressivo decréscimo a partir dos 15 anos. Estes dados foram contrariados por estudos de outros autores (Smith et al., 2008), que adiantaram que a ciberagressividade não tende a diminuir com a idade, havendo sim diferenças no tipo de ação agressiva, já que se torna mais frequente o discurso de ódio, podendo conduzir a situações extremas de linchamento online (Spitzberg & Hoobler, 2002). Desconhecemos a existência de estudos que estabeleçam a relação a idade e as oportunidades criadas pelo Facebook.

Estudos segundo a região geográfica

Além das diferenças em função do género e da idade também a região onde os jovens habitam pode determinar diferenças nos hábitos de utilização, nos riscos e nas oportunidades, ainda que sejam escassos os estudos que abordam esta variável. No que respeita aos hábitos, Simões (2011) revelou que os jovens do litoral são quem mais utiliza as redes sociais, em detrimento dos do interior. Relativamente aos riscos, mais uma vez os estudos focam exclusivamente o cyberbullying. Na sua investigação, Doroana (2011) verificou que 38.6% dos jovens residentes no distrito de Lisboa já tinha sido vítima de cyberbullying, como ser agredido e filmado e posteriormente o vídeo ser publicado nas redes sociais (*happy slapping*), fazerem-se passar por eles (usurpação de identidade) ou publicarem fotos e vídeos sem o seu consentimento com o objetivo de os humilhar (*photoshopping*). Noutro estudo, Ventura (2011) observou que os casos de

vitimização de cyberbullying são mais frequentes em Lisboa, Setúbal e Aveiro, e menos comuns no Porto e nos Açores. Não encontramos nenhum estudo que avalie as oportunidades segundo as regiões.

Como referido, os resultados das investigações acerca do papel do género e da idade na utilização do Facebook são muitas vezes contraditórios. Além do mais, desconhecemos estudos sobre a população portuguesa que analisem as diferenças de género, em função da idade e por regiões no que refere às oportunidades criadas pela rede social Facebook, bem como estudos sobre diferenças regionais relativos a outros riscos para além do cyberbullying.

3.2.1 Método

3.2.1.1 Amostra

O estudo envolveu uma amostra de 3494 jovens, a maioria do género feminino. As idades estiveram compreendidas entre os 14 e os 20 anos. A maioria dos jovens era do Centro do país, menor de idade e frequentava o ensino secundário (Quadro 1).

Quadro 1. Características sociodemográficas da amostra (<i>N</i> = 3494)								
Regiões	%	Género		Idade		Escolaridade		
		F	M	14-17	18-20	Ensino Básico	Ensino secundário	Ensino superior
Norte	10.9	57.1	42.9	53.4	46.6	24.3	47.6	28.0
Centro	68.2	56.8	43.2	58.2	41.8	15.4	67.7	16.8
Sul	15.4	48.6	51.4	44.7	55.3	8.4	81.6	10.1
Ilhas	5.5	68.8	31.2	13.5	86.5	7.3	8.3	84.4
Amostra Total	100	56.2	43.8	53.1	46.9	14.9	64.4	20.7

3.2.1.2 Instrumentos

A par das questões sobre variáveis sociodemográficas, como a região do país de onde eram oriundos os participantes (Norte, Centro, Sul, Ilhas), idade (14-17 anos; 18-20 anos), género e escolaridade (ensino básico, ensino secundário, ensino superior), o instrumento incluiu as seguintes medidas:

Hábitos de Utilização. A frequência de utilização, o tempo de utilização e a atitude perante o Facebook foram utilizados como indicadores dos hábitos de utilização do Facebook (tal como no estudo de Ellison, Steinfield, & Lampe, 2007).

O indicador de frequência resultou da média das respostas a quatro perguntas relativas ao número de vezes com que os participantes procediam a alterações nas suas páginas (alterar o perfil, colocar posts no seu próprio mural; aceder à rede social só para ler os comentários; colocar comentários no mural dos amigos). As cotações das respostas variavam de 1 (frequência muito alta) a 6 (não frequente). Para se avaliar o tempo despendido na rede social, perguntou-se aos jovens quantos minutos permaneciam, por dia, no Facebook. As opções de resposta variaram entre 1 (zero minutos) e 5 (mais de três horas). A atitude perante a utilização do Facebook foi avaliada através da resposta a seis afirmações, sobre o papel que a rede social ocupava na vida de cada jovem, como por exemplo “ficaria triste se o Facebook acabasse”. As respostas variaram numa escala entre 1 (nada favorável) e 5 (totalmente favorável).

Riscos online. Perigos a que os jovens estão expostos devido a utilizarem o Facebook (numa perspetiva de vitimização). Estes riscos foram quantificados através da Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens utilizadores do Facebook (Marques, Marques Pinto, & Alvarez, 2016), composta por 20 questões, através das quais foram

abordadas cinco grandes categorias de riscos: exposição indesejada a conteúdos agressivos e/ou sexuais; terminar relacionamentos; associados a desconhecidos; específicos do ciberespaço; riscos online e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio. Na categoria de exposição indesejada a conteúdos agressivos e/ou sexuais, questionámos os jovens se alguma vez tinham recebido material desse tipo, e de que forma o tinham recebido (e.g., mensagem privada). Relativamente ao terminar relacionamentos, perguntámos aos inquiridos se alguma vez tinham tido a experiência de alguém terminar com eles, via Facebook, uma amizade ou um namoro. Nos riscos associados a desconhecidos pretendíamos saber até que ponto os jovens adicionavam pessoas que não conheciam, entravam em contato com elas via rede social e, também, se alguma vez tinham sido vítimas de assédio por parte de um desconhecido. Foram ainda averiguados os riscos específicos do ciberespaço, através de questões referentes ao cyberstalking, cyberbullying e cybersexting. A categoria de riscos online e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio era a mais abrangente, incluindo questões acerca dos riscos resultantes da adesão a grupos/páginas: incentivo à xenofobia/racismo, homofobia, ódio contra alguém específico, tirar fotografias em lugares arriscados (*planking*)/ posições perigosas (*horsemanning*), realização de vídeos em situações arriscadas, instigação a determinados comportamentos, como por exemplo o suicídio. Cada categoria de risco recebeu um valor de 0 (ausência de risco) a 3 (elevado risco). O conjunto de respostas teve elevada consistência interna medida pelo alfa de Cronbach ($\alpha = .81$), o que permitiu a criação um índice global de riscos associados à utilização do Facebook, obtido através da média das respostas às categorias de risco.

Oportunidades online. Referimo-nos aos benefícios decorrentes da utilização do Facebook. Foram avaliados por meio de seis questões também incluídas na Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook (Marques, Marques Pinto, & Alvarez, 2016) que se dividem em duas grandes categorias: inserção social e cultural e crescimento afetivo-social. Nas oportunidades de inserção social e cultural, estavam integradas perguntas a propósito da possibilidade de a rede social ter propiciado um primeiro contato com o mundo do trabalho e, também, de proporcionar manterem-se sempre informados acerca do seu país e do mundo. A categoria de oportunidades de crescimento afetivo-social continha questões acerca da possibilidade de obtenção de apoio emocional através do Facebook, facilitar a expressão de afetos, de melhorar as habilidades sociais e também de expandir a rede de contatos sociais. Cada categoria recebeu um valor de 0 (não criou nenhuma oportunidade) a 3 (criou elevadas oportunidades). O conjunto das respostas teve elevada consistência interna ($\alpha = .82$), permitindo igualmente a criação de um índice global de oportunidades, resultante da média das respostas às categorias de oportunidades

3.2.1.3 Análise de dados

Procedeu-se à análise dos resultados através do SPSS, v.22. Primeiramente foi feita a análise descritiva (médias e desvios-padrão), de seguida foram efetuados os cálculos das diferenças de médias, comparando os resultados segundo as variáveis género, idade e região. Foi utilizado o teste t-Student para comparar as médias das variáveis (hábitos de utilização, riscos online, oportunidades online), em função da idade (categorical) e do género e ANOVAs para a comparação entre as regiões. Quando se verificaram diferenças significativas entre as regiões recorreu-se a testes post-hocs,

nomeadamente ao teste de Tukey para $\alpha=0.05$, de forma a analisar quais as regiões envolvidas e o sentido das diferenças.

3.2.2 Resultados

3.2.2.1 Estatística descritiva e comparação de médias

Hábitos de Utilização

Globalmente, os jovens utilizaram o Facebook uma a duas horas/dia (bastante tempo), com uma frequência “alta” e revelaram uma atitude “favorável” à utilização desta rede social (Quadro 2). Comparando por géneros, as raparigas utilizaram a rede social durante mais tempo, $t(3492) = 2.238, p < .001$, com menor frequência, $t(3492) = 4.727, p < .001$, e apresentaram uma atitude mais favorável $t(3492) = 7.923, p < .001$, havendo diferenças estatisticamente significativas entre géneros, nestes três indicadores de hábitos de utilização.

Quadro 2. Médias (M) e desvios-padrão (DP) dos hábitos de utilização dos jovens utilizadores de Portugal, segundo o género, a idade e a região

		HÁBITOS DE UTILIZAÇÃO					
		Tempo		Frequência*		Atitude	
		M	DP	M	DP	M	DP
Género	F	3.90	1.17	2.48	1.09	2.83	.86
	M	3.81	1.30	2.28	1.18	2.58	.96
Idade	14-17	3.96	1.23	2.45	1.19	2.75	.93
	18-20	3.75	1.22	2.32	1.07	2.68	.89
Regiões	Norte	4.19	1.15	2.66	1.17	2.81	.98
	Centro	3.90	1.21	2.36	1.12	2.74	.91
	Sul	3.62	1.24	2.46	1.16	2.65	.88
	Ilhas	3.39	1.30	2.03	1.10	2.50	.87
Amostra total		3.86	1.23	2.37	1.11	2.72	.91

*a escala é invertida

Relativamente à idade, os menores utilizaram o Facebook com menor frequência, $t(3492) = 2.887, p < .001$, mas manifestaram uma atitude mais favorável à utilização desta rede social, $t(3492) = 2.530, p < .001$, havendo diferenças significativas face aos maiores de idade. Não se encontraram diferenças significativas em relação ao tempo de utilização, $t(3492) = 5.009, p = .563$.

A análise da diferença de médias entre as diversas regiões revelou-se significativa para a variável tempo, $F(3,3490) = 27.334; p < .001; \eta^2 = 0.023$; potência (π) = 1.00. A partir dos testes post-hoc verificou-se haver uma utilização mais prolongada do Facebook por parte dos jovens da região norte relativamente às restantes regiões: centro ($M_{dif} = 0.29, EP = .067, p < .001$), sul ($M_{dif} = 0.57, EP = .081, p < .001$) e ilhas ($M_{dif} = 0.81, EP = .107, p < .001$). Por seu turno, os jovens da região centro utilizaram mais tempo esta rede social que os da região sul ($M_{dif} = 0.28, EP = .058, p < .001$) e das ilhas ($M_{dif} = 0.52, EP = .091, p < .001$). Existiram também diferenças por regiões, no que respeita à frequência de utilização $F(3,3490) = 17.051; p < .001; \eta^2 = 0.014$; potência (π) = 1.00. Verificou-se uma utilização menos frequente do Facebook a norte, comparativamente com a região centro ($M_{dif} = 0.32, EP = .061, p < .001$). Os jovens das ilhas utilizaram esta rede social com maior frequência que os do norte ($M_{dif} = 0.63, EP = .097, p < .001$), do centro ($M_{dif} = 0.31, EP = .083, p = .001$) e do sul ($M_{dif} = 0.44, EP = .093, p < .001$).

No que respeita a atitude perante a utilização do Facebook, existiram igualmente diferenças entre regiões, $F(3,3490) = 6.121; p = 0.000; \eta^2 = 0.005$; potência (π) = .962. A norte houve uma atitude significativamente mais favorável do que nas regiões sul

($M_{\text{dif}} = 0.16$, $EP = .061$, $p = .047$), ilhas ($M_{\text{dif}} = 0.30$, $EP = .080$, $p = .001$) e centro ($M_{\text{dif}} = 0.23$, $EP = .068$, $p = .004$).

Riscos online

O género masculino obteve resultados significativamente mais elevados, $t(3492) = -7.26$, $p < .001$, do que o género feminino nos riscos em geral, mas também em quatro das cinco categorias de riscos: riscos online e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio $t(3492) = -8.726$, $p < .001$, riscos específicos do ciberespaço $t(3492) = -2.943$, $p < .001$, riscos de receção de conteúdos agressivos e/ou sexuais $t(3492) = -8.408$, $p < .001$ e riscos de terminar relacionamentos, $t(3492) = -3.918$, $p < .001$. Não se encontraram diferenças entre géneros, relativamente à categoria de riscos associados a desconhecidos, $t(3492) = -1.437$, $p = .06$ (Quadro 3).

Relativamente à idade, não existiram diferenças significativas entre menores e maiores de idade, nos riscos online em geral, $t(3492) = .577$, $p = .493$. Analisando por categorias, os menores foram significativamente mais vítimas de riscos online e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio, $t(3492) = 3.652$, $p < .001$.

Globalmente os riscos foram reduzidos, havendo valores mais elevados no centro do país e mais reduzidos nas ilhas (Quadro 3). A análise da diferença de médias entre as diversas regiões revelou-se significativa para os riscos online no geral, $F(3,3490) = 5.639$; $p < .001$; $\eta^2 = 0.005$; potência (π) = .947. A partir dos testes post-hoc, verificou-se que os jovens das ilhas correram significativamente menos riscos que os jovens do centro ($M_{\text{dif}} = -0.12$, $EP = .029$, $p < .001$) e sul ($M_{\text{dif}} = -0.11$, $EP = .032$, $p = .003$).

Verificaram-se diferenças entre regiões no que respeita às categorias de riscos online e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio $F(3,3490) = 3.451$; $p = .016$; $\eta^2 = 0.003$;

potência (π) = .777, riscos associados a desconhecidos, $F(3,3490) = 7.476$; $p = .000$; $\eta^2 = 0.006$; potência (π) = .987 e receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos $F(3,3490) = 3.234$; $p = .021$; $\eta^2 = 0.003$; potência (π) = .746.

Quadro 3. Médias (M) e desvios-padrão (DP) dos riscos online dos jovens utilizadores de Portugal, segundo a região, género e idade

RISCOS ONLINE													
Categorias													
			Online e defesa de valores de discurso de ódio		Específicos do ciberespaço		Associados a desconhecidos		Receção de conteúdos agressivos e/ou sexuais		Terminar relacionamentos		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
F	.39	.33	.04	.67	.35	.62	1.05	.64	.36	.79	.10	.32	
M	.48	.44	.12	.32	.41	.73	1.08	.69	.61	.98	.15	.46	
14-17	.43	.38	.09	.27	.38	.67	1.08	.67	.46	.88	.13	.38	
18-20	.42	.39	.06	.21	.37	.68	1.04	.66	.48	.90	.12	.39	
Norte	.43	.42	.08	.24	.31	.62	1.10	.71	.47	.93	.12	.43	
Centro	.44	.39	.08	.24	.39	.69	1.07	.66	.49	.90	.13	.39	
Sul	.43	.37	.08	.31	.40	.65	1.09	.62	.43	.86	.11	.36	
Ilhas	.32	.31	.02	.08	.30	.59	.85	.62	.29	.66	.09	.30	
Amostra total	.43	.38	.08	.25	.38	.67	1.06	.66	.47	.89	.12	.38	

A partir dos testes post-hoc, verificou-se que nas ilhas os jovens correram menos riscos online e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio do que em todas as outras regiões (Norte, $M_{\text{dif}} = -0.06$, $EP = .022$, $p = .030$, Centro, $M_{\text{dif}} = 0.06$, $EP = .018$, $p = .012$, Sul, $M_{\text{dif}} = -.06$, $EP = .021$, $p = .013$). Relativamente aos riscos associados a desconhecidos, os jovens insulares correram novamente menos riscos relativamente a todas as restantes regiões, isto é, em comparação com a região norte ($M_{\text{dif}} = -0.25$, $EP = .058$, $p < .001$), região centro ($M_{\text{dif}} = -0.22$, $EP = .050$, $p < .001$) e sul

($M_{\text{dif}} = -0.24$, $EP = .056$, $p < .001$). Os jovens das ilhas foram também menos vezes vitimizados pela receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos que os da região centro ($M_{\text{dif}} = -.20$, $EP = .066$, $p = .017$)

Oportunidades online

Segundo a variável género, não se encontraram diferenças significativas nas oportunidades no geral, $t(3492) = 3.123$, $p = .766$. (Quadro 4). Na categoria inserção social e cultural, $t(3492) = 1.347$, $p = .002$, existiram diferenças entre géneros, sendo o género feminino quem usufrui significativamente mais deste benefício.

Quadro 4. Médias (M) e desvios-padrão (DP) das oportunidades online dos jovens utilizadores de Portugal, segundo o género, idade e região.

		Oportunidades					
		Oportunidades (geral)		Categorias			
				Inserção social e cultural		Crescimento afetivo-social	
		M	DP	M	DP	M	DP
Gênero	F	.92	.61	.82	.99	1.07	.54
	M	.86	.62	.67	.95	1.05	.55
Idade	14-17	.85	.59	.58	.91	.99	.53
	18-20	.94	.65	.82	.99	1.07	.54
Regiões	Norte	.89	.68	.73	.97	1.04	.59
	Centro	.90	.61	.68	.95	1.11	.53
	Sul	.86	.61	.63	.94	1.09	.53
	Ilhas	.96	.67	.93	1.01	.99	.53
	Amostra total	.89	.62	.69	.95	1.09	.54

Com respeito à variável idade, os maiores usufruíram significativamente mais das oportunidades no geral, $t(3492) = -4,414, p < .001$. Analisando por categorias, os maiores beneficiaram mais das oportunidades de Inserção social e cultural, $t(3492) = -7.325, p < .001$. Não se encontraram diferenças nas oportunidades no geral, segundo a variável região, $F(3,3490) = 1.368; p = 0.251; \eta^2 = 0.004$; potência (π) = .367. No entanto encontraram-se diferenças por regiões nas duas categorias: inserção social e cultural, $F(3,3490) = 5,210; p = .001; \eta^2 = 0.004$; potência (π) = .928 e crescimento afetivo-social, $F(3,3490) = 4.392; p = .004; \eta^2 = 0.004$; potência (π) = .875.

A partir dos testes post-hoc, verificou-se que os jovens das ilhas usufruíram significativamente de mais oportunidades de inserção social e cultural que os jovens da região centro ($M_{\text{dif}} = 0.25, EP = .071, p = .003$) e sul ($M_{\text{dif}} = -0.30, EP = .080, p = .001$). Os jovens das ilhas usufruem também significativamente mais das oportunidades de crescimento afetivo-social que os jovens do centro do país ($M_{\text{dif}} = 0.25, EP = .071, p = .003$).

3.2.3 Discussão dos resultados e conclusões

Pretendeu conhecer-se os hábitos de utilização do Facebook, bem como os riscos e as oportunidades online dos jovens utilizadores portugueses, segundo o género, a idade e a região do país.

Os resultados mostram que, no geral, os jovens permanecem no Facebook uma a duas horas por dia, acedem-lhe cinco a seis vezes por semana e revelam uma atitude favorável à utilização desta rede social. Assim sendo, os resultados apontam para que a intensidade (tempo e frequência) de utilização seja elevada.

Comparando por géneros, as raparigas são utilizadoras menos frequentes, mas quando estão no Facebook mantêm-se mais tempo online que os rapazes, revelando também uma atitude mais favorável que estes à utilização desta rede social. Contudo, embora as raparigas a usem durante mais tempo, são os rapazes que correm mais riscos e as raparigas que usufruem mais das oportunidades, sobretudo no que concerne à inserção social e cultural. Estes resultados vêm corroborar a ideia avançada por alguns autores (Livingstone & Haddon, 2009; Parenting for a Digital Future, 2016), de que o aumento da segurança online surge frequentemente a par do maior conhecimento da rede social, o que só se adquire através de uma utilização mais intensa, já que deste modo existe uma maior consciencialização dos riscos e também o desenvolvimento de aptidões para os ultrapassar, transformando-os muitas vezes em oportunidades. Assim, apesar de as raparigas passarem muito tempo nas redes sociais, este hábito pode constituir um fator de proteção, ou seja, não as colocar necessariamente em maior risco. Segundo os nossos resultados, as raparigas não só são menos vitimizadas, como aproveitam mais as oportunidades geradas pelo Facebook, ao contrário do que alguns autores tinham referido (e.g., Mark & Ratlife, 2011)

No que respeita à idade, os menores utilizam o Facebook com menos frequência, têm uma atitude mais favorável à utilização do Facebook e são mais frequentemente cibervítimas de riscos online (e.g., adesão a grupos de incentivo ao racismo/xenofobia) e discurso de ódio. Este resultado opõe-se ao que autores como Seixas e colaboradores (2016) referiram, uma vez que, no presente estudo, os menores surgem como cibervítimas. Todavia, Spitzberg e Hoobler (2002) já tinham referido que a agressividade, sobretudo no que respeita a situações de discurso de ódio, tenderia a

aumentar com a idade, sendo que os adolescentes mais novos seriam mais vítimas e os mais velhos, agressores. Relativamente à vitimização, os resultados no nosso estudo parecem confirmá-lo.

São os maiores de idade que mais sabem beneficiar das oportunidades, especialmente das oportunidades de inserção social e cultural. Possivelmente porque estão numa fase da vida em que estão já mais interessados em ter notícias sobre o que se passa no seu país e no mundo, assim como em procurar trabalho/estágio e o Facebook oferece-se como mais uma ferramenta a explorar.

Relativamente às regiões do país, observa-se que a norte os jovens revelam uma atitude mais favorável à utilização desta rede e permanecem mais tempo online. Mais uma vez, estes hábitos parecem surgir como fator de proteção de riscos, dado que os jovens desta região não se destacam como cibervítimas. São os jovens do centro do país que mais riscos correm. Em contrapartida, os jovens das ilhas são os menos favoráveis à utilização do Facebook, os que se mantêm menos tempo ligados, apesar de lhes acederem com maior frequência. No entanto, quando estão no Facebook, os insulares correm poucos riscos. Este resultado poderá ser, à partida, contraditório em relação aos estudos que defendem a relação muito uso/pouco risco (e.g., LSE - Parenting for a Digital Future, 2016). Se levarmos em conta que a maioria dos jovens da amostra das ilhas é maior de idade, poderemos também colocar a hipótese de que já utilizem esta rede social há mais tempo e esta experiência prévia lhes tenha permitido adquirir competências que os estejam atualmente a proteger dos riscos. Aliás, são igualmente os jovens das ilhas que mais usufruem das oportunidades, quer de inserção social e cultural, quer de crescimento afetivo-social. Assim, apesar de não permanecerem muito

tempo nesta rede social, parecem saber proteger-se dos riscos ou transformá-los em oportunidades. Podemos também colocar a hipótese de, ao acederem ao Facebook, terem já um objetivo predefinido (e.g., consultar páginas de notícias) o que os faz usufruírem dessas oportunidades e não se colocarem em risco.

No que respeita ao facto de os jovens do centro do país serem mais cibervitimizados, é possível que esteja relacionado com as características da amostra, em particular por ser uma amostra basicamente constituída por menores que, como já referido, são mais vulneráveis aos riscos. Pode colocar-se a hipótese também de influências socioculturais que terão de ser mais aprofundadas noutros estudos.

Este trabalho apresenta algumas limitações que deverão ser tidas em conta, designadamente ao nível da amostra, já que a maioria dos participantes é da região centro do país. Além do mais, a amostra de participantes das ilhas é em menor número e a maioria é maior de idade. Assim, estes fatores poderão ser responsáveis por algum enviesamento dos resultados.

De todo o modo, os resultados obtidos, ainda que não possam ser generalizados para a população portuguesa, contribuem para um maior conhecimento dos hábitos de utilização do Facebook, bem como dos riscos e oportunidades online dos jovens utilizadores portugueses, segundo o género, a idade e a região do país.

Em resumo, na amostra em estudo, relativamente aos hábitos, o género feminino mantém-se mais tempo online, tem uma atitude mais favorável à utilização do Facebook, mas acede-lhe com menos frequência que o género masculino. Por seu turno, os menores têm uma atitude mais favorável, mas iniciam sessão com menos frequência que os maiores. Em termos de regiões, os jovens nortenhos destacam-se dos

seus pares do resto do país, por terem uma atitude mais favorável e utilizarem mais tempo esta rede social, mas são os jovens das Ilhas que mais frequentemente acedem ao Facebook.

No que respeita aos riscos, na amostra em estudo o género masculino, os menores de idade e os residentes no centro do país, são mais frequentemente cibervítimas. Nas ilhas os jovens correm significativamente menos riscos. As oportunidades criadas pelo Facebook são mais aproveitadas pelos maiores de idade e pelos residentes nas Ilhas. Relativamente à diferença por géneros, embora ambos usufruam igualmente das oportunidades no geral, as raparigas sabem melhor tirar partido das oportunidades relativas à inserção social e cultural.

Há a referir que os resultados deste estudo não dão suporte à ideia muito difundida de que as redes sociais acarretam mais riscos que oportunidades. Certo é que as oportunidades são superiores aos riscos, o que sugere que passados treze anos do surgimento do Facebook, os jovens estarão a saber proteger-se dos riscos e a aproveitar os benefícios criados pelas redes sociais.

3.3 Estudo 3¹¹⁰ - Facebook: Risks and opportunities in Brazilian and Portuguese youths with different levels of psychosocial adjustment

Facebook is the largest and most popular online social network, with more than 1.2 billion users throughout the world. According to Facebook data, in 2015, 102 million users were recorded in Brazil, 24 million of whom were aged between 14 and 20 years.

In Portugal, out of 5.7 million, 900.00 people fell within this age bracket. The fascination with social networking may be partly explained by the phenomenon referred to by Alberts, Elkind and Ginsberg (2007) as the "personal fable". According to this developmental phenomenon, Facebook may be available to a vast audience, where youths rehearse behaviours that contribute to the construction of their identity (Cingel & Krcmar, 2014). Therefore, the self-centeredness of youths may trigger feelings of invulnerability and omnipotence, leading them to take risks as a result of their difficulty in measuring the consequences of their behaviours.

Opportunities created by Facebook

The networks also provide opportunities which, in the case of Facebook, constitute a set of benefits that include the possibility of adolescents creating a profile that corresponds to how they wish to be seen by their peers, maintaining and/or expanding their range of social relationships and interacting by means of private messages, thus beyond the scope of adult supervision (Bargh & McKenna, 2004).

Facebook fulfils adolescents' need to be heard and understood, and allows them to express thoughts, feelings and attitudes towards life and to establish relationships with

¹¹⁰ O estudo que se apresenta constitui parte de um manuscrito que se encontra aceite para publicação numa revista científica.

their peers (Suler, 2004). The protection created by the computer screen lends itself to the emergence of a "benign disinhibition effect", consisting of greater ease in revealing themselves within an online context, which, in turn, leads them to express their thoughts, feelings and attitudes towards life, to identify themselves with and display solidarity towards their peers (Lapidot-Lefler & Barak, 2015; Subrahmanyam & Lin, 2007). This online disinhibition effect simultaneously enables the most isolated youths, ostracized for whatever reasons by their peers, to gain access to social interaction opportunities that would otherwise not be possible. Moreover, this online training may then be extended to face-to-face interaction (Green, Wilhelmsen, Wilmots, Dodd, & Quinn, 2016).

Facebook Risks

"Toxic disinhibition", the opposite of "benign disinhibition" may easily lead to an occurrence of risks, and is characterized by a number of hazards to which young people are exposed in an online environment, such as, for example, undesired exposure to pornographic or violent content (Lay & Tsai, 2016; O'Keeffe & Clarke-Pearson, 2014). Although most youths know how to change the settings for added security (Tic Kids Online Brazil, 2014), many appear not to be aware of the risks posed by social networks, possibly due to their understanding that the opportunities being offered outweigh the dangers involved, thus leading to a tendency to minimize the latter (Metzger & Suh, 2017).

Cultural influence on the use of Facebook

Given the scarcity of cross-cultural studies, the influence of culture on the use of Facebook is still largely unknown (OfCom, 2008). However, some studies point to the

fact that the type and intensity of use, behaviour and attitudes towards networks and online risks present differences depending on the cultural context (Hofstede, 1980; Ólafsson, Livingstone, & Haddon, 2014), while studies focusing on opportunities are still unknown. One of the dimensions of Hofstede's model (1980) on the main lines of cultural orientation of a country or community, related to Individualism versus Collectivism, has frequently been used as a reference to explain the variability of social and online (Qiu, Lin & Leung, 2012) behaviour, and the relationship between individuals and their fellow citizens.

Individualism is associated with the loosening of ties among individuals from a specific social structure, while in the case of Collectivism, strong social ties are preferred, within the scope of which individuals can expect loyalty and unquestionable solidarity (Ferreira et al., 2002). Individualist cultures emphasize autonomy (Ciochină & Faria, 2009) and the priority of personal goals above the group to which they belong. Collectivist cultures, on the other hand, value cohesion through cooperation among individuals and relationships based on interdependence and collective encouragement, thus ensuring that success is guaranteed by belonging to groups or social institutions (Ciochină & Faria, 2009).

In the studies conducted by Hofstede (The Hofstede Center, N.D.), among the 53 countries under study, Brazil occupies an intermediate position in terms of Collectivism – Individualism. The Brazilians are collectivists when they consider the family as a broad structure that involves close and distant relatives, and when they transform their work environment, and all those within it, into a new 'family' where employers and employees are united through mutual protection and loyalty obligations (Oliveira,

Pereira & Oliveira, 2010). Portugal is collectivist, the most collectivist country in Europe according to some studies (Oliveira et al., 2010), even though over recent years it has become notably more individualist (Ciochină & Faria, 2009; Ricca, 2009) as a result of an economic revival and concern for its own fulfilment. Notwithstanding, Portugal is a more collectivist country than Brazil. Portuguese adolescents may be observed to have a tendency towards individualism in the family, while in peer groups, collectivist attitudes are mainly generated (Ciochină & Faria, 2009). To our knowledge, there are no studies that specifically compare Portuguese and Brazilian adolescents from this perspective.

Research has shown that in collectivist societies, the intensive use of online social networks is lower than in individualist societies, where there is greater demand for online entertainment (Ji et al, 2010).

In collectivist cultures, the importance of family, friends and groups may be partially responsible for the less frequent use of social networks, since support tends to be obtained from pre-existing social relations (Elmasry, Auter, & Peuchaud, 2014; Ji et al., 2010). In individualist cultures, interpersonal relations are more distant and short-lived, thus leading people to use Facebook more frequently in their search for entertainment, self-revelation and self-promotion (Elmasry et al., 2014; Ji et al., 2010).

Attitudes towards Facebook also appear to differ from culture to culture. A comparative study among North American and Ecuadorian youths found that the North Americans, as part of an individualist culture, displayed favourable attitudes towards social networks and used them more often, while the Ecuadorians, from a more

collectivist culture, were more negative in their attitudes towards social networks and used them less frequently (Pumper, Aeger, & Moreno, 2013).

Very few studies have focused specifically on the cultural differences in the relationship between intensity of use and risks (or opportunities) of social networks. According to the study of Ólafsson and collaborators (2014), there is a "high use, high risk" tendency in Northern European countries, while in Southern European countries, the relationship tends to be one of "low use, low risk". Portugal is regarded as a medium risk country (Ólafsson et al., 2014) and, to our knowledge, there are no studies that characterize Brazil as far as this matter is concerned.

As for the order of frequency of online risks, the study of O'Keeffe & Clarke-Pearson (2014) points to similarities across all European countries. It begins with the disclosure of personal information, the most frequent risk behaviour, followed by exposure to pornographic / violent / discriminatory content and becoming a victim of cyber-bullying and cyber-sexting. There is also the negative influence of groups, exposure to inappropriate content related to suicide, racist images and breach of privacy (O'Keeffe & Clarke-Pearson, 2014).

A face-to-face meeting with an online acquaintance is less common, however it continues to be the most dangerous risk (Ólafsson et al., 2014). In Brazil, Facebook has recorded the highest number of complaints related to racism, child pornography, incitement to crimes against life, homophobia, religious intolerance, human trafficking, xenophobia and Neo-Nazism (SaferNet Brazil, 2013).

The research data of TIC Kids Online Brazil (2014) also highlights the risk of adding unknown people and the sending of photos / videos to unknown people.

Despite these results regarding the cultural influences on Facebook-related variables, it is still an under studied topic (mainly as far as online opportunities are concerned), particularly since there are no known studies that compare Brazil and Portugal within this scope.

Psychosocial adjustment and the use of Facebook

The literature has also explored relations between the use of this social network and certain emotional states and mood, which are indicators of higher or lower psychosocial adjustment.

According to some authors (Błachnio, Przepiorka, & Pantic, 2015; Oberst, Wegmann, Stodt, Brand, & Chamarro, 2017) a number of individual vulnerability factors such as age, previous psychopathological state (depression and anxiety) and also loneliness determine the emergence of negative psychological effects of social networks. In fact, the use of Facebook by younger and/or more psychosocially maladjusted individuals contributes to this social network having a more emotionally negative impact on users with such a profile. Other studies (e.g. Błachnio, et al., 2015) further highlight the close connection between a more intense usage of social networks and depressive and/or emotional states, among which the Fear of Missing Out, or F.O.M.O. may be observed, namely social anxiety associated with new technologies and social networks, whereby the individual feels constantly worried about missing an opportunity for social interaction (Przybylski, Murayama, DeHaan & Gladwell, 2013). According to Beyens, Frison and Eggermont (2016), factors such as the need to belong to a group and to be popular among other youths are behind a heightened F.O.M.O. and, consequently, the increase in Facebook usage. Youths begin to access the social network more frequently

to check how many likes or comments their posts have generated. However, the more they use Facebook, the more they feel driven to use it, as a result of the F.O.M.O., thus creating a vicious cycle. Other studies (such as those of Kross and colleagues, 2013) have also shown that the frequent and intensive use of Facebook are negatively associated with happiness and general life satisfaction. Similarly, other studies (Przybylski et al., 2013) have pointed to an increase in stress and anxiety levels in Facebook users.

In short, the findings of the various studies are not linear. While some suggest prior vulnerability factors (e.g., depression, anxiety and loneliness) are responsible for youths' more frequent Facebook usage, others conclude that it is the frequent usage of this social network itself that triggers an increase in anxiety and depression and, consequently, a decrease in the well-being of its users. Nevertheless, most of the studies are of a correlational nature, therefore only associations between Facebook usage and some emotional states can be defined, but not causal relations.

The present study

The main goal of this study was to examine the relationship between Facebook usage habits and online risks and opportunities in young Portuguese-speaking users. From the results of the research on the relationship between the usage habits of social networks and indicators of psychosocial adjustment on the one hand, and between the usage habits of social networks and online risks / opportunities on the other, a specific goal of this study was to explore the moderating role of psychosocial adjustment in the relationship between Facebook usage habits and online risks and opportunities. Despite the availability of studies in Portugal and Brazil, some of which involve adolescents and

young adults, the role of nationality and youths' stage of development, in the relations between Facebook usage habits and online risks and opportunities, appears to be understudied and an analysis of this phenomenon is another aim of this study.

3.3.1 Method

3.3.1.1 Participants and Procedures

This correlational study was approved by the Ethics Committee of the Faculty of Psychology of the University of Lisbon. The criteria for inclusion were age, nationality (Portugal / Brazil) and parental consent in the case of minors. The sample was obtained by means of three procedures, which were conducted simultaneously. The collaboration of parents and youths was requested on Facebook, and parents were asked to authorize and encourage their children to access the link and answer the online questionnaire, on the freeonlinesurveys.com platform (<https://freeonlinesurveys.com/#/>). At the same time, an e-mail was sent to Parent Associations, secondary schools and higher education establishments (state and private) in both Portugal and Brazil, explaining the study and requesting collaboration. The documents requesting informed consent were mailed to the parents of minors and distributed and collected by the teachers at a later stage. Another email was then forwarded, providing the link to access the scale to which only the minors, whose parents had authorized their participation in the study, replied under the supervision of a teacher. Students over the age of 18 years were explained the goals of the study and their collaboration was requested. The study was available online for six months (from November 2011 to April 2012). Each participant took, on average, 20 minutes to answer the questions.

The study involved a sample of 952 youths, 500 of Portuguese nationality and 452 Brazilian, aged between 14 and 20 years (Table 1). In the Brazilian sample, the majority (81.4%) were over 18 years of age, while in the Portuguese sample, the majority of answers to the questionnaire came from minors (64%). There were slightly more female gender participants in the Brazilian sample. The highest percentage of participants were at secondary school in the Portuguese sample and in higher education in the Brazilian sample.

Table 1. Characterization of the samples from Brazil and Portugal based on age, gender and schooling

	n	Age (%)		Gender (%)		Schooling (%)		
		14-17	18-20	F	M	Primary Education	Secondary Education	Higher Education
Brazil	452	18.6	81.4	61.1	38.9	6.4	14.2	79.4
Portugal	500	64.0	36.0	59.0	41.0	25.4	64.4	10.2

3.3.1.2 Measures

In addition to questions on demographic variables, such as the country of origin of the participants (Portugal vs. Brazil), age ("14-17" and "18-20" years), gender and schooling (primary education, secondary education, higher education), the instrument contained the following measures:

Risks of using Facebook

Online risks were evaluated through 20 questions from the Assessment of Risks and Opportunities in Young Users of Facebook Scale (Marques, Marques Pinto, & Alvarez, 2016). These questions addressed the following issues: undesired exposure to sexual

and / or aggressive content (e.g. "Has an / ex-boyfriend / girlfriend of yours ever posted photographs of you in sensual positions or scantily dressed on a social network?"); cyber-sexting, cyber-bullying and cyber-stalking (e.g. "Has anyone ever posted an aggressive message, or an insult specifically addressed to you on your wall?"); risks arising from having joined groups / pages that encourage the practice of taking pictures in risky places (or in dangerous positions (planking/horsemaning), as well as making videos in risky situations (e.g. "Have you ever been invited to join groups / pages that encourage the publication of videos in which you are the protagonist of risky behaviours, for example: bullfighting cars"?); joining pages that encourage the practice of xenophobia, racism, homophobia, hatred towards someone specific (e.g. "Have you ever been invited to join groups / pages that organize acts of hatred against people?"; encouragement of risky behaviour (e.g.: "Have you ever been invited to join groups / pages that advocate adolescent suicide? "); risks of ending relationships (e.g. "Has anyone ever ended a relationship with you through Facebook?"); risks associated with stranger harassment, adding strangers and being in contact with strangers (e.g. "Has a stranger ever sent you a friend request?"). Each risk received a risk score ranging from 0 (*no involvement in the given practice*) to 3 (*high involvement in the given practice*). The set of answers had high internal consistency, as measured by Cronbach's alpha (alpha =.81), making it possible to analyse risk behaviour in the use of Facebook as a general index representing the average answers to the given questions.

Opportunities created by Facebook

The opportunities arising from the use of Facebook were evaluated on the basis of six questions, also observed in the Assessment of Risks and Opportunities in Young Users of

Facebook Scale (Marques, et al., 2016). The contents of these questions addressed the following issues: social and cultural integration (e.g. "Has Facebook enabled you to find an internship?"); and affective and social growth (e.g., "Have you ever used Facebook to declare your love to anyone?"). Each question received a score ranging from 0 (*no involvement in the given practice*) to 3 (*high involvement in the given practice*). The set of answers had high internal consistency ($\alpha = .82$), making it possible to analyse opportunities as a general index representing the average answers to the given questions.

Psychosocial adjustment

A general measure of psychosocial adjustment was created by averaging the responses to a loneliness scale and a social anxiety scale, and reversing the answers to the items of both scales to reflect absence of loneliness and absence of social anxiety. This aggregate measure showed a high level of internal consistency ($\alpha = .81$).

Absence of loneliness was evaluated with the Social and Emotional Loneliness Scale (SELSA-S), adapted to the Portuguese population (Neto, n.d.). This version of the scale includes nine items (e.g. "Do you feel lonely when you are with your family?"; "Do you have a boy/girlfriend to whose happiness you contribute?"). Absence of social anxiety was assessed by the Social Anxiety Scale for Adolescents (SAS-A) (Cunha, Pinto Gouveia, Salvador, & Alegre, 2004), consisting of nine items that address the following issues: Fear of Negative Evaluation (e.g. "Do you worry about what others say about you?"), Discomfort and Social Avoidance in new Situations (e.g. "Do you get nervous when you meet new people?"), General Discomfort and Social Avoidance (e.g. "Do you feel that others make fun of you?"). The answers to each item were quantified on an answer

scale ranging from 1, *totally agree*, corresponding to low adjustment, and 7, *totally disagree*, reflecting high adjustment.

Usage habits

Based on the study of Ellison, Steinfield and Lampe (2007), frequency of use, time period of use and attitude towards Facebook were used as indicators of Facebook usage habits. As an indicator of frequency, the mean value of answers to four questions was taken, on the number of times (ranging from 1 = *every day* to 6 = *never*) participants performed the following actions: "changing their profile"; "posting on their own wall"; "logging on only to read comments"; "posting comments on friends' walls". In order to quantify the amount of time spent on the social network, we asked the youths how long they stayed on Facebook. The answer options varied from 1, *zero minutes*, and 5, *over three hours*. Attitude was assessed using the answer to six statements (e.g.: "Facebook is part of my daily routine") for which the participants chose from a 5-point scale ranging from 1, *not favourable at all*, to 5, *totally favourable*.

3.3.2 Analysis Procedures

T-tests were used for independent samples to compare the mean values of the variables "time period of use", "frequency of use", "attitude to social network", "online risks" and "online opportunities", according to country and age. In order to study the predictors of online risks and opportunities and the moderating effects, multiple linear regression analyses (enter method) with the SPSS v.21 were run. Facebook usage habits (frequency, time period of use and attitudes), psychosocial adjustment, country and age were considered predictors. Age was analysed as a categorical variable, with a category of 14-17 years and another of 18 to 20 years. The role of psychosocial adjustment,

country and age in the relationship between usage habits and online risks and opportunities was considered to analyse moderation. Thus, model 1 included socio-demographic variables, variables related to habits and psychosocial adjustment, while in Model 2, in addition to the latter, the various moderating variables (psychosocial adjustment, country and age) were also inserted. The effect of gender and schooling was controlled in both analyses by including these variables as predictors in the regression analyses. The analysed data did not contain extreme univariate or multivariate outliers and the residuals were shown to be normally distributed.

3.3.3 Results

3.3.3.1 Descriptive statistics and comparison of means

Overall, in terms of usage habits, the youths used the social network with a "medium frequency" for "quite a long time" and showed a "favourable" attitude towards Facebook (Table 2). Comparing the two countries, the Brazilian youths used the social network more frequently, $t(950) = 5.64, p < .001$, for longer periods of time, $t(950) = -5.07, p < .001$ and presented a more favourable attitude $t(950) = -6.85, p < .001$, than their Portuguese counterparts. No differences were found between younger and older youths in frequency or time period of use, however, significantly more positive attitudes were observed among the young adults, $t(950) = -2.83, p < .001$.

Table 2. Means (*M*) and standard deviation (*SD*) of Psychosocial Adjustment, Facebook Usage Habits, Risks and Opportunities, by Age, in the Participants from Brazil and Portugal

	Age	Psychosocial Adjustment		Facebook Usage Habits									
				Time		Frequency		Attitude		Risks		Opportunities	
		<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>
Brazil	14-17	5.36	.74	4.30	.89	2.93	.81	3.11	.76	.22	.10	.91	.65
	18-20	5.34	.62	4.42	.95	3.12	.78	3.33	.84	.26	.18	1.12	.70
	Total	5.34	.64	4.40	.94	3.09	.79	3.29	.83	.26	.17	1.07	.69
Portugal	14-17	5.21	1.00	4.20	1.14	3.40	1.11	2.95	.93	.35	.30	1.00	.50
	18-20	5.23	1.06	3.77	1.20	3.50	1.03	2.80	.92	.40	.31	1.04	.51
	Total	5.21	1.02	4.04	1.18	3.43	1.08	2.89	.93	.37	.30	1.01	.50
Total	14-17	5.24	.96	4.22	1.09	3.30	1.07	2.98	.90	.32	.27	.98	.53
	18-20	5.31	.79	4.21	1.08	3.25	.89	3.15	.90	.32	.24	1.09	.64
	Total	5.27	.87	4.21	1.08	3.08	.90	3.08	.90	.32	.25	1.04	.60

Overall, psychosocial adjustment (PA) proved to be "medium high" (Table 2). The Portuguese participants showed lower PA than the Brazilians, $t(950) = -2.32, p < .05$. In the total sample, no significant differences were found between the youths aged 14 to 17 years and those aged 18 to 20 years.

The Portuguese referred to taking more risks than the Brazilians (Table 2), with significant differences between the two samples, $t(950) = 6.36, p < .001$. No significant differences were encountered in terms of age, $t(950) = .52, p = .611$.

Both Brazilian and Portuguese youths equally enjoyed the opportunities created by this social network, and no significant differences were found between them. Regarding age, youths over the age of 18 years benefited most from the use of Facebook, $t(950) = -2.88, p < .001$.

3.3.3.2 Regression analyses

Online opportunities

The analysis of the predictors of Facebook usage habits revealed frequency of use and attitude as significant predictors of online opportunities, and the higher the frequency of use and the more favourable the attitude, the greater the opportunities. A significant main effect of psychosocial adjustment was also found, and the lower the adjustment of the youths, the greater the opportunities (Table 3). There was also one significant interaction, namely between the frequency of Facebook usage and online opportunities, which denoted the presence of a moderating effect.

Table 3. Results of regression analyses in the predictors of risks and opportunities

	Opportunities				Risks			
	Model 1		Model 2		Model 1		Model 2	
	SE	β	SE	β	SE	B	SE	β
Gender	.038	.047	.039	.044	.016	.160***	.016	.134***
Schooling	.038	-.006	.039	-.027	.016	-.026	.016	-.034
Frequency	.022	-.088*	.023	-.069	.009	-.156**	.009	-.123*
Attitude	.024	.208**	.024	.203**	.010	.129**	.010	.121*
Time	.019	-.001	.019	-.014	.008	.012	.008	.027
Psychosocial adjustment	.022	-.069*	.025	-.081*	.009	-.070*	.010	-.056
Country	.048	-.032	.048	-.026	.020	-.302**	.020	-.294**
Age	.015	.068	.016	.08	.006	.132*	.006	.144*
PA x Frequency			.023	-.059			.009	.044
PA x Attitude			.024	-.041			.010	-.020
PA x Time			.022	.044			.009	-.031
Country x Frequency			.051	.123*			.021	.124*
Country x Attitude			.056	.043			.023	-.004
Country x Time			.043	.041			.018	.031
Age x Frequency			.014	-.045			.006	-.016
Age x Attitude			.016	.018			.006	.007
Age x Time			.012	-.006			.005	.009
PA x Country			.057	-.017			.023	.042
PA x Age			.015	.029			.006	-.001
Country x Age			.026	.056			.011	-.008
R ²	.076		.095		.121		.147	
F	2.8†		1.85†		35.11**		1.72*	

. Note: PA = Psychosocial adjustment; β = standardized regression coefficients; SE = standard error.

† $p < .07$; * $p < .05$; ** $p < .001$

The breakdown of this interaction indicated (Figure 1) that frequency of use predicted more opportunities for youths in Portugal ($b = -.103$, $SE = .027$, $t = -3766$, $p < .001$, Beta = -

.167), while this variable was not related to the opportunities of the Brazilian participants ($b = .031$, $SE = .038$, $t = .814$, ns, $Beta = .050$).

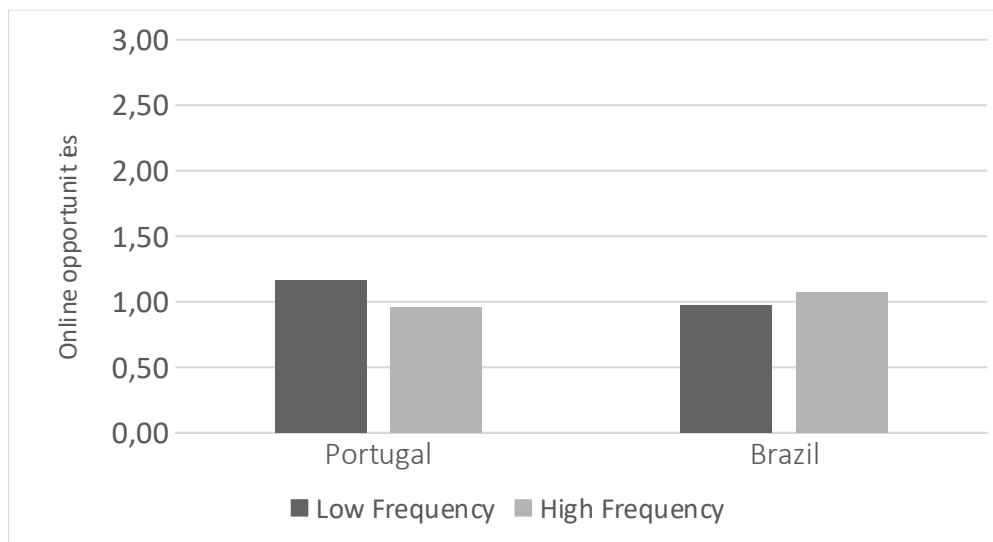


Figure 1 - Online opportunities according to the frequency of Facebook usage moderated by country.

Online risks

In the analysis of the risk predictors, the effects of age and country were observed as significant, with the highest risks among the older youths and the Portuguese, respectively (Table 3). In Facebook usage habits, frequency of use and attitude also proved to be significant predictors of risk, showing that the higher the frequency of use and the more favourable the attitude, the higher the risk. A significant main effect of psychosocial adjustment was also observed, namely the lower the psychosocial adjustment of the youths, the higher the risks. Additionally, the results showed one significant interaction which denoted the presence of a moderating effect, namely, the relationship between the frequency of Facebook usage and susceptibility to online risks was moderated by country.

A breakdown of this interaction showed that the effect of frequency of Facebook usage on risks was only significant in Portugal ($b = -.062$; $SE = .011$, $t = -5.491$, $p < .001$; $Beta = -.235$), to such an extent that the Portuguese youths who most frequently used Facebook, exhibited a higher risk than the users with a lower frequency of use. This phenomenon did not occur in Brazil ($b = .003$, $SE = .015$, $t = .169$; n.s. ; $Beta = .010$) (Figure 2).

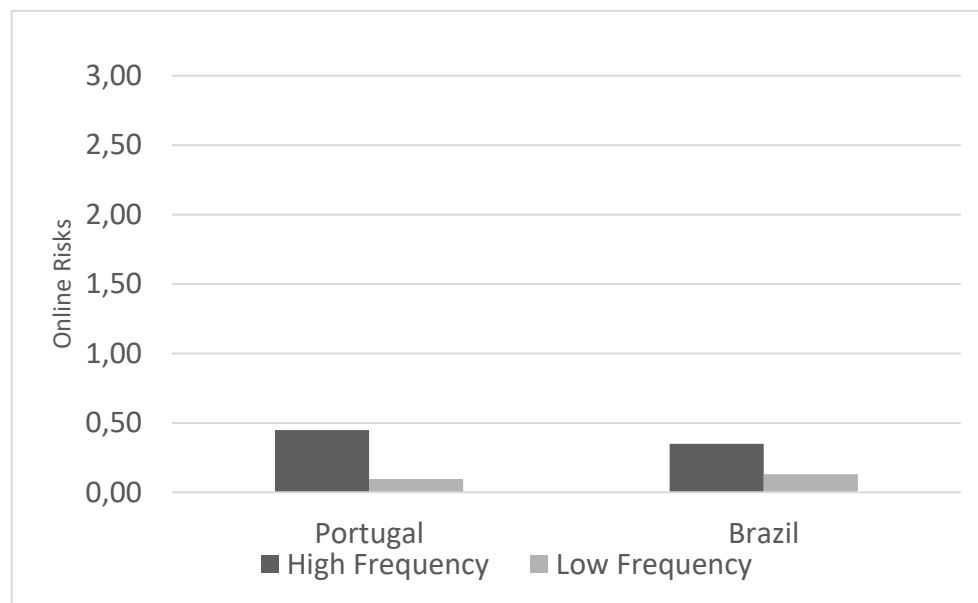


Figure 2 - Online Risks according to frequency of Facebook use, moderated by country

3.3.4 Discussion

The overall results show that youths that participated in the study spend a considerable amount of time on Facebook on a daily basis (one to two hours), using it with average frequency (three to four times a week) and revealing a favourable attitude towards its usage. The risks are relatively low, with values close to zero, while overall results are slightly higher in terms of opportunities.

In line with previous studies (Ciochină & Faria, 2009), we are also of the opinion that there is a lower intensity of Facebook usage in more collectivist societies. Brazil, a more individualist society than Portugal, is a prime example, in the present study presenting higher

figures among youths for both frequency and time spent on Facebook. Conversely, the Portuguese use this social network less frequently and less intensely, possibly due to the fact that they are part of a collectivist society. According to Ciochină and Faria (2009), this characteristic is more noticeable with peer groups, and tends to lead them to seek out more face-to-face encounters over online relationships.

As for the risks, the tendency in the sample under study seems to be “low usage, low risk”. The fact that a lower usage rate of Facebook leading to fewer online risk situations in this specific Portuguese sample, and that solely among the Portuguese youths an interaction effect between online risks and frequency of use was observed, may also be related to factors of a cultural and social nature. Indeed, according to the findings of the study of Ólafson and collaborators (2014), in the southern countries of Europe, there is a positive correlation between the frequency of use and the emergence of online risks, pointing to a “low use, low risk” tendency.

An analysis of the predictors and moderators of risks and opportunities also revealed that the more favourable the attitude towards the use of Facebook, and the more often it is used, the greater the risks run by youths, but also the more they benefit from the opportunities created by this social network. Nevertheless, our results point to a tendency towards “high use, high opportunity” and the opportunities arise on a par with the risks. As suggested by other studies (Ricca, 2009; Suler, 2004; The Hofstede Center, n.d.), the disclosure of personal information is the most frequent risk in European countries. However, this self-revelation may also enable youths to enjoy better social and cultural integration and to promote their affective and social growth, as has already been highlighted (Ólafsson et al., 2014).

The less psychosocially adjusted youths, in other words, the more lonely and anxious, simultaneously put themselves most at risk and benefit most from the opportunities. The

results of this study are consistent with those reported by a number of authors (e.g. Suler, 2004) who regard this social network as a privileged means for obtaining support, especially for lonely youths with interpersonal relationship difficulties, whose levels of loneliness are subsequently decreased (Subrahmanyam & Lin, 2007). However, in order for these beneficial effects to emerge, there are also some associated deleterious effects.

Notwithstanding, the psychosocial adjustment indicators neither moderate the impact of Facebook usage habits on risks nor on opportunities. Therefore, lower usage frequency reduces the risks and a more favourable attitude increases them, not only in youths with good adjustment indicators, but also in the most maladjusted youths. Such is the case for opportunities. Hence, in the sample under study, psychosocial adjustment is neither a vulnerability factor for risks, nor does it foster the emergence of opportunities. These findings may derive from the specific characteristics of the non-clinical sample under study, given that overall, the youths reported a good adjustment. In future studies, it might be important to include clinical samples in order to analyse whether the usage habits indicators (frequency and attitude) have a different impact, according to the psychosocial adjustment levels. In this case, it would also be interesting to consider the possibility of (mal)adjustment being a predictor of abusive social network usage and the latter acting as a mediator, as foreseen by the I-PACE model for the Internet in general (Brand, Young, Laier, Wölfling, & Potenza, 2016).

Age also appears to be a predictor of risk, and older youths in the sample under study are the most at-risk individuals, as has been reported by other studies (Biglan, Brennan, Foster & Holder, 2004). The time they spend on this social network, the frequency of use and their attitude towards Facebook indicate that it does, in fact, play an important role in the lives and development of 21st century youths. Virtual friends can take on the form of a huge

fictional audience (Cingel & Krcmar, 2014), towards which young people behave differently in order to act in accordance with the behaviour of other users and the social characteristics of the country (Tic Kids Online Brazil, 2013). Thus, Facebook may contribute to the process of identity construction in youths (Cingel & Krcmar, 2014) and to their socio-cultural integration, however a more in-depth analysis of these features should be conducted in future studies.

The results of this study, can not be generalised, and should be analysed in more detail in the future by collecting a more homogeneous sample, from both countries, in terms of age, and by further adding a qualitative approach in order to clarify the cultural aspects of the differences. On a final note, given the increasing number of children and adolescents who create profiles on this social network, in addition to the amount of time they spend on it, there will certainly be some impact, not only on their daily lives, but also on their development, and these effects should be the focus of future studies.

3.4 Estudo 4 ¹¹¹- Online and Offline: Cross-cultural study of young Facebook users from Portuguese-speaking countries

Facebook has come to occupy an increasingly important place in the lives of people in general, and in those of youths and young adults in particular. According to Internet World Stats data (2016), as far as Portuguese-speaking countries are concerned, Brazil ranks in at first place in number of users, recording a 70.5% rate of Internet users opting for this social network, followed closely behind by Portugal and Macao in terms of user percentage (50.1% and 51.0% respectively), while among the Community of Portuguese Speaking Countries¹¹² (CPLP) and Macao, Angola tops the list (16.8%), followed by Sao Tome and Principe (16.5%).

As a result of mobile technologies, online activity has increasingly become an offline extension, especially for adolescents (Boyd, 2008; Jordán-Conde, Mennecke, & Townsend, 2014). According to a number of authors (e.g. Gabriel, 2011), we are currently witnessing *Cybridism* (cyber + hybrid), in other words, the end of a division between on / offline realities, and the emergence of one line. *Cybridism* makes it possible to explain the extent to which online risks have a strong impact on offline risk behaviour, since there appears to be a bi-directional trend between these two realities (Boyd, 2015). An example of this is the fact that, on the one hand, violent offline behaviour leads youths to participate far more violently online (Boyd, 2015), while on the other, adolescents who take more risks on social networks, are those who also engage in risky offline behaviour (Berkman Center for Internet and Society, 2010).

¹¹¹ o estudo que se apresenta constitui parte de um manuscrito que se encontra submetido a numa revista científica.

¹¹² Angola, Guinea-Bissau, Cape Verde, Sao Tome and Príncipe, Brazil and Mozambique

Although social networks are used to some extent all over the world, there are few studies that focus on comparisons between countries / cultures in terms of their usage (Wilson, Gosling, & Graham, 2012), and most of such research is related to the United States of America (e.g., Christofides, Muise, & Desmarais, 2010; Ellison, Steinfield, & Lampe, 2007). It is known that culture regulates the way people communicate, defines what is or is not appropriate to disclose, and also establishes a distinction between private and public domains (Christofides, et al., 2010; Triandis, 1989).

Hofstede's Cultural Dimensions Theory (Hofstede, 1980) has been widely used in existing cross-cultural studies. This theory, based on one of the largest empirical studies on cultural differences ever developed, led Hofstede (2001) to consider the existence of six cultural dimensions that correspond to the way each culture deals with essential problems. Thus, the first dimension "Power Distance" expresses the attitude of a society towards inequalities among individuals. With regard to "Individualism / Collectivism," the key issue is the degree of interdependence a society maintains among its members. While in individualist societies people take care of themselves and their immediate family, collectivists are a part of larger groups and take care of each other. Another distinctive dimension of societies is the competition among its members (Masculinity) or values that are more focused on others and affect (Femininity). The fourth dimension, "Uncertainty Aversion," is related to the way society deals with the knowledge of what the future holds: Uncertainty Avoidance leads to the creation of laws / strict rules, while Uncertainty Acceptance presupposes higher approval levels of differences of opinion. The "Long-term orientation" dimension describes each society's need to maintain some connections with the past, in order to deal with present and future challenges. In this dimension, there is a contrast between normative societies and pragmatic societies, since, while the former prefer to uphold traditions, the latter adopt an

optimistic approach towards social change. "Indulgence/ Restraint", the sixth dimension, is defined as the extent to which people try to control their impulses based on their prior education, whereby poor control is associated with indulgence and a strong control over Restraint (Cranberry Toolbox, 2014).

The dimensions of Hofstede's theory (2001) enable general comparisons between cultures to be made, thus furthering understanding of the values and standards of a given society and their impact on individuals' offline and online behaviour. Among the various dimensions of the model, "Individualism / Collectivism" has been used most frequently to explain the variability of social, such as online, behaviour (Almakrami, 2015). Authors such as Qiu et al. (2012) suggest that in collectivist cultures, Facebook is used less frequently and with lower intensity, due to the importance given to offline relations with family, friends and groups in general. Conversely, in individualist cultures, the importance of having more friends, although these friendships are not so close or long-lasting, is partly responsible for a more frequent and intense use of Facebook. In other words, individualist cultures display a more favourable attitude to the use of social networks (Pumper, Aeger, & Moreno, 2013). In collectivist cultures, people are more focused on others, a contributory feature to a number of profile characteristics: there is greater sharing of content considered useful for others, profiles contain political and / or religious information, the relationship status is not displayed, they are more likely to use false names, the profile image is a picture of something / someone or a zoomed-out photograph of themselves, and the friend list is not visible (Elmasry, Auter, & Peuchaud, 2014; Huang & Park, 2013). In contrast, in individualist cultures, posts and publications focus on peoples' social lives and personal activities, with higher disclosure of information about themselves, such as the publication of photographs / videos for the purpose of self-disclosure / self-promotion. They also state that they are "in a

relationship”, use their real names, place a zoomed-in or group photograph on their profile, and allow visibility of their friend list (Elmasry, et al., 2014; Huang & Park, 2013). Basically, differences are observed in the way each type of society exposes itself on this social network, whereby collectivist cultures appear to be more concerned with privacy.

Despite the fact that several cross-cultural studies only use the individualism / collectivism dimensions, some authors consider that it is also preferable to take other factors into account, such as the characteristics of their own social networks, since it is difficult to explain the results based solely on cultural differences (Ji et al., 2010). On the one hand, some studies (e.g. Kim, Sohn, & Choi, 2013) have shown that the culture of origin is reflected in the behaviour users express on social networks, and proof of this is that Koreans maintain a collectivist way of establishing relationships on Facebook, even though this network has a marked individualist style. On the other hand, however, other studies have pointed to users from both collectivist and individualist countries having a number of online attitudes in common, namely spending less than an hour per day on social networks and expressing security concerns, since only their listed friends can access their profile, which may reflect a degree of cultural blurring as a result of globalization (Luo, 2014). This view is shared by other authors who believe that the Internet tends to homogenize cultural components due to the free communication among people all over the world (Robbins & Stylianou, 2009).

Although the influences of cultural contexts on Facebook usage are still relatively unknown, studies suggest that there are differences in the type and intensity of use, in attitudes towards social networking and also in the online risks (Ólafsson, Livingstone, & Haddon, 2014). In line with other social networks, Facebook depends on the content shared by its users (Burke, Marlow, & Slow, 2009) which, in turn, involves potential privacy risks, such as the involuntary disclosure of personal information, undesired contact with strangers,

vulnerability to harassment, stalkers or paedophiles, or having one's identity stolen (Boyd, 2008; Debatin, Lovejoy, Horn, & Hughes, 2009; Taraszow, Arsoy, Shitta, & Laoris 2008).

Furthermore, existing groups on social networks may negatively influence users by encouraging them to commit suicide, by spreading racist values or hate speech, which are highly common phenomena, especially in European countries (Ólafsson, et al., 2014).

However, research has shown that social networks not only involve risks but also create opportunities, namely a series of benefits with on and offline implications (Bergh & McKenna, 2004). Youths and young adults develop social, technical and image management skills through social networks (Ito et al., 2008). This platform also provides openings for the establishment of social ties, increased popularity, peer recognition and emotional support, while these youths simultaneously benefit from the sharing / discussion of tastes in music and are in contact with other aspects of adolescent culture (Bargh & McKenna, 2004).

Some studies also try to understand how social networks impact the personal well-being of their users. Hence, several authors have shown that introverted youths are able to increase their network of contacts and social opportunities through Facebook, which is subsequently reflected in increased emotional well-being, self-esteem and quality / satisfaction with life (McKenna & Bargh, 2000; McKenna, et al., 2002; Valkenburg, Shouten, & Peter, 2005). Furthermore, when this social network is used to interact with peers, depression and anxiety decrease while the frequency of use increases (Grieve, Indian, Witteveen, Tolan, & Marrington, 2013). However, these results are not in keeping with those of other studies which have shown that frequent use of Facebook has negative effects on emotional well - being (Amichai-Hamburger, Kingsbury, & Schneider, 2013; Huang, 2010; Shapiro & Margolin, 2013). Rideout, Foehr and Roberts (2010) further stated that the more frequent and intense use of Facebook may even increase the sadness and boredom of

youths, and such states of mind may subsequently lead them to violent online behaviour, such as creating pages for the purpose of insulting or provoking someone. According to authors such as Davila and colleagues (2012), psychological processes such as the construction of the self and identity, typical of adolescence and frequently associated with offline depression, have an impact on the depressive symptoms manifested online, resulting from cybridism (Castells, 2010). In contrast, psychological well-being increases the resilience of youths to online risks in general, and particularly to exposure to sexual content, cyber-bullying and cyber-sexting (Livingstone & Haddon, 2011).

In short, the virtual should be regarded as another dimension of reality, not as two separate worlds, so that the opportunities youths enjoy through Facebook may have a direct impact on their personal well-being. By the same token, when they put themselves at risk online, they may also adopt risky behaviour offline and expose themselves to psychological disorders such as depression and anxiety. However, there is no in-depth knowledge on the impact of users' cultures on how they use Facebook, despite the fact that existing studies point to the possibility of differences both in terms of the information entered into the profile, and the frequency and intensity of use.

Present Study

Notwithstanding increased interest in the study of social networks in general, and of Facebook in particular, most of the available research focuses on understanding the risks and opportunities associated with their use. There are, indeed, far fewer studies geared towards examining the relationship of these variables with offline risk behaviours and personal well-being, and the cultural differences in the use of this social network. Moreover, most intercultural studies related to Facebook have been conducted on East Asian and American users, while there are none that address the differences between other countries.

Thus, the aim of this study was to explore the role of online risks and opportunities in addition to the effect of usage habits (frequency and attitude towards this social network), on offline behaviour (risk behaviour and personal well-being). A further goal was to ascertain whether the aggregate structure of the data, deriving from the participants belonging to different countries, contributed to explaining the variance of offline behaviour. If so, our aim was also to explore the differences in usage habits and online risks and opportunities among the Portuguese-speaking countries.

3.4.1 Method

3.4.1.1 Participants

The study involved a sample of 4695 youths and young adults from CPLP and Macao. Participants were aged between 14 and 20 years. Most of the youths were female minors in secondary education (Table 1).

Table 1. Socio-demographic characteristics of the sample, percentages related to gender, age and schooling

Countries	%	Gender		Age		Schooling		
		F	M	14-17	18-20	Primary Education	Secondary Education	Higher Education
Angola	1.1	64.7	35.3	23.5	76.5	13.7	49.0	37.3
Brazil	9.6	61.1	38.9	18.6	81.4	6.4	14.2	79.4
Cape Verde	0.8	66.7	33.3	38.5	61.5	15.4	30.8	53.8
Guinea Bissau	1.8	61.6	38.4	59.3	40.7	0.0	98.8	1.2
Macao	5.1	59.0	41.0	84.0	16.0	5.1	94.1	.8
Mozambique	5.4	49.6	50.4	89.4	10.6	23.6	74.6	1.8
Portugal	74.4	56.2	43.8	53.1	46.9	14.8	64.5	20.7
Sao Tome and Principe	1.7	66.7	33.3	65.4	34.6	7.7	87.2	5.1
Timor	0.1	100	0.0	40.0	60.0	0.0	40.0	60.0
Total sample	100	57.0	43.0	53.3	46.7	12.7	63.4	24.2

Measures

The instrument included the following measures:

Facebook usage habits - assessed by frequency of use and attitudes towards this social network. The frequency indicator was obtained by averaging the answers to four questions on the frequency with which the youths changed their profiles, put posts on their own wall, logged on to the network solely to read comments, or posted comments on the walls of friends. The answers ranged from 1 "logged on every day" to 6, "never logged on" (the response scale was inverted to facilitate interpretation of data). In order to assess attitudes, the youths replied to six statements, on a scale ranging from 1 "not favourable at all" to 5 "totally favourable", regarding the importance of the social network in their lives (e.g., "I would be sad if Facebook ended").

Online risks and opportunities - the Assessment of Risks and Opportunities in Young Users of Facebook Scale (Marques, Marques-Pinto, & Alvarez, 2016) was used. The risks were divided into five dimensions: online risks and defence of values / hate speech ideologies (e.g., "Have you ever joined groups/pages that organize acts of hate against people?"), specific cyberspace risks (e.g., "Could you tell us if a fake profile has ever been created specifically to attack and/or insult you?"), risks associated with strangers (e.g., "Have you ever been complimented through Facebook by an older person you did not know? "), receiving undesired sexual and/or aggressive contents (e.g., "Have you ever received photos or films containing sexual content? "; ($\alpha = .70$), risks of ending relationships (e.g., "Has anyone ever broken up with you through Facebook?"). The opportunities were divided into two dimensions: socio-cultural integration (e.g. "Has Facebook enabled you to remain informed / with regard to news related to your own country and the rest of the world?"), socio-affective growth (e.g. "Have you ever used Facebook to express your grief owing to the death of

someone? "). The answer alternatives corresponded to four risk / opportunity levels, ranging from 0 (absence of risk / opportunity) to 3 (high risk / opportunity level). The scale may be used with the seven dimensions separately or by combining the five risk dimensions and the two opportunity dimensions into a single score, ($\alpha = .81$ and $\alpha = .82$, respectively).

Offline risk behaviour - the Offline Risk Behaviour Scale - ORBS (reference omitted to preserve the identity of the authors) was used. The nine items of the questionnaire were distributed into two dimensions. The first dimension is related with the participation in activities that may compromise the physical and mental health of youths and are associated with joining a Facebook group / page, and includes behaviours such as taking photographs and / or making videos in dangerous positions / situations to put on the social network (e.g., "Have you ever planned to take photographs in dangerous places/positions just to put them online?"), participation in acts of hate or the defence of Hate Speech values and ideologies against someone specific, such as homosexuals or people of another race / country (e.g., "Have you ever planned to participate in acts of hate against anyone?"). The second dimension is associated with risk behaviour in relation to oneself, resulting from the influence of a social network group / page (e.g., "Could you tell us now if you have ever engaged in self-mutilation?"). The various answer alternatives corresponded to four levels of risk behaviour, ranging from 0 (absent) to 3 (very high).

Personal well-being – the Portuguese version (Matos, André, Cherpe, Rodrigues, Figueira, & Pinto, 2010) of the Mental Health Continuum-Short Form (SF-MHC; Keyes, 2009) was used. The scale consisted of 14 items related to the most representative symptoms of well-being (emotional - "Over the last month, how often have you felt happy?"; psychological – "Over the last month how often have you felt that your life has a direction or meaning?"; and social – "Over the last month how often have you felt that people are essentially good?"), which

were answered on a 6-point scale ranging from 1 (never) to 6 (every day), through which the participants rated how often they had experienced such feelings over the past month. In this study, we used the total well-being index, calculated by the mean of the scale items ($\alpha = .92$). With a view to characterizing the sample in socio-demographic terms, data such as the participants' country of origin, age (two categories "14-17" and "18-20" years), gender and schooling were collected.

3.4.2 Procedure

In order to obtain the sample, an email was sent to the Parent Associations, primary and secondary schools and universities of all the participating countries, explaining the purpose of the study and requesting collaboration. Minors, whose parents filled in the informed consent, responded to the scale under the supervision of a teacher. Collaboration was directly requested of students over the age of 18 years. In the case of Sao Tome and Principe, both the informed consent and the paper version of the questionnaire were sent and received by post, given the difficulties of Internet access. A request for the collaboration of parents and youths was also posted on the Facebook page of the first author, asking parents to authorize and encourage their children to answer the online questionnaire.

3.4.3 Data Analyses

Due to the hierarchical structure of the data, multilevel modelling was applied using R software (R Core Team, 2015), particularly the nlme R package (Pinheiro, Bates, DebRoy, Sarkar & R Core Team, 2016) for linear and nonlinear mixed effects models and papeR (Hofner, 2015) for simulated confidence intervals. Individual participants (level 1) were nested within countries (level 2), assuming similarities between participants belonging to the same level 2 units. All variables were measured at level 1, and centred on the grand mean to

facilitate interpretation of parameters and to correct for relationships between predictors (Bickel, 2007).

The first model to be tested was the null model, in order to decompose both levels' variance and to calculate the intra-class correlation coefficient (ICC), the values of which indicate the percentage of variance of the dependent variable explained by level 2 clusters (countries). The null model is a random intercept model and only contains a level 1 dependent variable. Theoretically, the higher the ICC values, the higher the importance of level 2 structures (Snijders & Bosker, 2012) to explain the dependent variable variance. However, since literature regarding the percentage of explained variance of the outcomes under analysis is scarce, the null model was compared with another without a random intercept. Whenever a null model fits the data better, then a solution that takes within and between variation into account is deemed more adequate (Bliese, 2013).

A level 1 prediction model (Model 1) with fixed effects was then tested. The use of fixed effects was due to the level 2 sample size. Multilevel literature indicates that these types of effects are best for producing unbiased estimates of the parameters when the number of clusters is small (e.g. Snijders & Bosker, 2012). Furthermore, model complexity is an important factor when testing multilevel models with small level 2 sample sizes. For instance, Bryan and Jenkins (2015) performed a Monte Carlo simulation for sample sizes concerning country level effects. Results suggested that for a model with fixed effects, comprising only level 1 predictors, whenever the number of level 1 units is high, estimates tend to be unaffected by the small number of clusters.

Finally, a second model (Model 2) was tested, integrating only the predictors that had proven to be significant in the previous model and whose parameters (beta values), in the context of high level 1 units, exceeded 0.1 (Cohen, 1988). In addition to hierarchical

modelling, and by taking the literature on multilevel sample sizes into account, simulated confidence intervals for mixed models with 1000 samples were calculated for the estimated parameters (e.g. Bryan & Jenkins, 2015).

After confirming the explanatory value of the country, in the relationship between the predictor variables (frequency, attitude, online risks and opportunities) and offline risk behaviours and total well-being, the differences between the countries in the predictor variables were explored. This was conducted by means of a set of multiple regression analyses (Enter method), controlling for the effects of age, gender and number of Facebook users, and introducing the variables relative to the different countries, after their transformation into dummies, with the exception of Timor, given the small size of this subsample ($n = 5$).

3.4.4. Results

3.4.4.1 Sample Characterization (Hofstede Dimensions)

With regard to the cultural characteristics of the countries, we took the typology of Hofstede¹¹³. Thus, in the "Power Distance" dimension, all countries included in this study reveal a high distance culture, with Mozambique and Angola presenting very high values, and Portugal representing the least distant (see Figure 1). In the "Individualism / Collectivism" dimension, Mozambique and Angola are the most collectivist, while Brazil is the more Individualist.

¹¹³ Data retrieved from <http://geert-hofstede.com/dimensions.html>

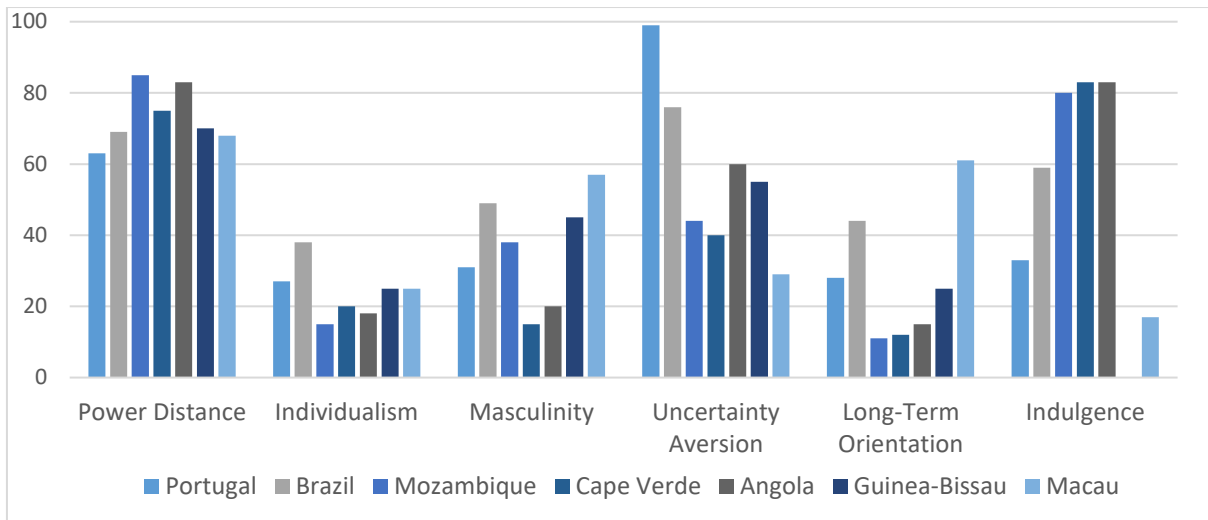


Figure 1 - Cultural dimensions of the countries, according to Hofstede's Theory

For its part, in recent years the Portuguese society has shifted towards individualism, despite being the most collectivist country in Europe (Baptista, n.d.; Wong, 2009). In the Masculinity / Femininity dimension, Macao is the only masculine society, while Cape Verde is the most feminine country. In "Uncertainty Aversion", Portugal and Brazil stand out from the other countries for their higher values, while Macao has the lowest values. Macao is also the most pragmatic country (high "Long-term orientation" dimension), while Mozambique and Cape Verde are the most normative. Finally, with regard to the "Indulgence" dimension, Cape Verde and Angola are the most indulgent countries, while Macao is a strongly restrained culture. We did not find results for Guinea-Bissau.

3.4.4.2 Descriptive statistics

The descriptive statistics data (Table 2) revealed that, in general, youths and young adults logged into Facebook with average frequency and showed a favourable attitude towards its usage.

Table 2- Means, standard deviations and correlations of habits, online risks and opportunities, offline risk behaviours and total well-being

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Attitude	1														
Frequency	.35**	1													
Online risks	.31**	.22**	1												
Specific cyberspace risks	.22**	.15**	.72**	1											
Online risks and defence values	.06**	.07**	.49**	.28**	1										
Ending relationships	.10**	.12**	.50**	.33**	.29**	1									
Receiving unwanted sexual and/or aggressive content	.07**	.14**	.72**	.32**	.28**	.22**	1								
Associated with strangers	.14**	.22**	.58**	.25**	.19**	.15**	.22**	1							
Online opportunities	.38**	.18**	.27**	.26**	.12**	.07**	.10**	.10**	1						
Social and cultural integration	.20**	.07**	.14**	.15**	.07**	.03	.05**	.02**	.91**	1					
Affective-social growth	.53**	.28**	.38**	.34**	.15**	.12**	.14**	.19**	.71**	.35**	1				
Offline risk behaviour	.05**	.06**	.45**	.27**	.81**	.29**	.25**	.19**	.13**	.08**	.14**	1			
Participation in hate acts	.04**	.04**	.33**	.20**	.51**	.23**	.18**	.16**	.12**	.09**	.11**	.88**	1		
Risk behaviour in relation to itself06**	.05**	.28**	.20**	.32**	.17**	.18**	.12**	.13**	.09**	.14**	.48**	.52**	1	
Total well-being	.22**	-.03	.09**	.09**	.04**	-.04**	-.04**	-.02	.24**	.16**	.27**	.04*	.03*	.05**	1
Mean	2.75	3.53	.31	.39	.07	.14	.53	1.13	.98	.72	1.12	.08	.09	.07	3.39
SD	1.01	1.05	.29	.69	.25	.40	.93	.63	.57	.97	.56	.25	.32	.27	1.85

Note: * $p < .05$ ** $p < .01$

Overall, the risks were low and the mean values suggest that the youths were more vulnerable to risks associated with strangers and the undesired reception of sexual and / or aggressive content.

The opportunities created by this social network were also low, and those related to affective-social growth were the most enjoyed. As for offline risk behaviours, the mean values were also very low, although slightly higher figures were observed for behaviours linked to the defence of values / hate speech ideologies. Finally, the youths and young adults in this study presented relatively average levels of total well-being.

The results showed that most of the variables are moderately correlated (Table 2). The more frequent use of Facebook was observed to be related to higher online risks (mainly associated with strangers), but more opportunities were also found to arise (especially affective growth), leading to higher total well-being. By the same token, the more favourable the attitude to the use of Facebook and the more frequently it was used by youths and young adults, the higher the online risks, but also online opportunities, as well as total well-being. The increase in online risks was also observed to increase the likelihood of an emergence of offline risk behaviours linked more to the defence of values / hate speech ideologies.

3.4.4.3 Hierarchical linear models

3.4.4.3.1 Random intercept-only model (empty model)

The null model for both outcomes indicated that individual participants nested within countries explained 4% of participants' offline behaviours and 8% of their well-being variance. When these models were compared to a solution without a random intercept (offline behaviours log-likelihood = -178.6628; well-being log-likelihood = -9546.023), differences were significant, and log-likelihood values were lower for the random intercept model (offline behaviours log-likelihood = -166.4605; well-being log-likelihood = -9501.536),

indicating the importance of the hierarchical structure and variance between and within levels, thus supporting the decision to apply the subsequent multilevel models.

3.4.4.3.2 Level 1 prediction model (fixed effects)

Tables 3 and 4 illustrate multilevel modelling results for both the outcomes under analysis: offline behaviours and well-being, respectively. With regard to offline behaviours, the main significant predictors were participants' attitudes, online risks and online opportunities. Considering the recommendations of Cohen (1988), in the subsequent model, only online risks were entered as predictors (beta value > 0.1), with a disaggregation of this variable into five types of risks, namely online risks and defence values / hate speech ideologies, specific cyberspace risks, contact with strangers, receiving undesired sexual and/or aggressive contents, ending relationships. Results indicated that sexual contents were the only non-significant risk, while defence values / hate speech ideologies were the strongest and most significant ($\beta = 0.80$, $p = 0.00$), positively impacting offline behaviours.

When focusing on well-being as an outcome, participants' attitudes, frequency of use and online opportunities presented significant parameters, and due to their beta values above 0.1, all three were entered into the following prediction model. As previously conducted with the online risks, online opportunities were disaggregated into two types of opportunities: socio-cultural integration and affective-social growth. In this model, all predictors were significant and had a positive impact on well-being. Affective-social growth was the online opportunity with the highest impact on well-being ($\beta = 0.65$, $p = 0.00$) and was also the strongest predictor.

Table 3. Results of the multilevel models regarding offline behaviours (level 2 = 9 countries, level 1 = 4695 individuals)

		Null Model	Model A			Model B		
Effects			β	SE (β)	95% CI	β	SE (β)	95% CI
Fixed								
	Intercept	.00	.02	[-0.04, 0.04]	-.00	.01	[-0.01, 0.01]	
	Attitudes	-.03***	.00	[-0.03, 0.02]				
	Frequency	.00	.00	[-0.01, 0.01]				
	Online Risks	.31***	.01	[0.29, 0.32]				
	Online risks and defence values / hate speech ideologies					.80***	.01	[0.78, 0.82]
	Specific cyberspace risks					.01*	.00	[0.00, 0.02]
	Risks associated with strangers					.01*	.00	[0.00, 0.02]
	Receiving unwanted sexual and / or aggressive content					.00	.00	[-0.00, 0.01]
	Ending relationships					.03***	.01	[0.02, 0.04]
	Online Opportunities		.02**	.01	[0.00, 0.03]			
Random								
	Countries (level 2)	.002		.00		.00		
	Participants (level 1)	.063		.05		.00		

*** < .001 **< .01 * <.05

Table 4: Results of the multilevel models regarding well-being (level 2 = 9 countries. level 1 = 4695 individuals)

	Null Model	Model A			Model B		
Effects		β	SE(β)	95% CI	β	SE(β)	95% CI
Fixed							
Intercept		1.00***	.21	[0.58,1.41]	.80***	.21	[0.39, 1.20]
Attitudes		.37***	.03	[0.32, 0.43]	.29***	.03	[0.23, 0.35]
Frequency		.17***	.03	[0.12, 0.22]	.20***	.03	[0.15, 0.25]
Online Risks		-.07	.07	[-0.21, 0.07]			
Online Opportunities		.53***	.04	[0.45, 0.62]			
	Socio-cultural				.13***	.03	[0.07, 0.18]
	Affective				.65***	.06	[0.54, 0.76]
Random							
Countries (level 2)		.27	.19		.17		
Participants (level 1)		3.34	3.03		2.99		

*** < .001 **< .01 * <.05

Given that the ICC values decreased from the null model to the level 1 prediction model, it may be argued that the variables entered to explain both offline behaviours and well-being were important for the study of these outcomes and to explain the decomposition of variance.

3.4.4.3.3 Regression analyses

The countries that presented more differences in relation to the others in frequency of Facebook usage were Brazil (using Facebook less than Angola and Cape Verde, more than Portugal, Mozambique, Sao Tome and Macao) and Cape Verde (using Facebook less than Portugal, Angola, Sao Tome, Cape Verde and more than Mozambique), $F(9.4680) = 15,462$; $p < .000$ (Table 5).

As for attitude towards the use of Facebook, Angola manifested a more favourable attitude above all the other countries, $F(9.4680) = 21,768$; $p < .000$. The second country to differ most in relation to the others was Brazil, which was more favourable to the use of Facebook than Portugal, Mozambique, Cape Verde and Sao Tome. No differences in relation to the other countries were observed for Guinea-Bissau and Cape Verde.

As far as the risks are concerned, $F(9.4680) = 17,506$; $p < .000$, the Angolan youths and young adults ran significantly higher risks than five of the other countries (Portugal, Mozambique, Cape Verde, Sao Tome and Principe and Macao), and those of São Tome and Principe ran more risks than their peers of Guinea, Mozambique, Cape Verde and Macao. Brazil was the only country which, when compared with the others, presented no significant differences with regard to online risks.

Table 5. Multiple regression analysis of frequency, attitude, risks and opportunities, according to country

		Frequency		Attitude		Online risks		Online opportunities	
Model		Standardized Coefficients	Sig	Standardized Coefficients	Sig	Standardized Coefficients	Sig	Standardized Coefficients	Sig
		Beta		Beta		Beta		Beta	
(Constant)			.000		.000		.000		.000
n_users		-.124	.000	.110	.000	-.095	.000	.020	.191
Gender_dummy		.096	.000	-.112	.000	.114	.000	-.042	.004
Age_cat_total		.048	.001	-.035	.017	-.020	.175	.017	.245
(Constant)			.000		.000		.000		.000
n_users		-.490	.000	-2.665	.000	-.766	.167	-1.995	.000
Gender_dummy		.096	.000	-.107	.000	.116	.000	-.040	.006
Age_cat_total		.059	.000	-.024	.111	-.014	.341	.031	.045
Portugal	Angola	.034	.036	.049	.002	.054	.001	.044	.006
	Brazil	.361	.000	.776	.000	.677	.220	.015	.000
	Guinea Bissau	-.026	.098	.003	.860	.017	.284	-.040	.011
	Mozambique	-.006	.715	-.023	.149	.017	.277	.017	.287
	Cape Verde	-.034	.027	-.017	.257	-.006	.698	-.013	.415
	Sao Tome	-.020	.230	.056	.001			.039	.021
	Macao					.066	.000		

Angola	Portugal	-.133	.036	-.194	.002	-.211	.001	-.174	.006
	Brazil	.264	.000	.634	.000	.523	.327	.888	.000
	Guinea Bissau	-.070	.012	-.062	.026	-.054	.055	-.098	.000
	Mozambique	-.080	.049	-.131	.001	-.101	.013	-.081	.049
	Cape Verde	-.064	.004	-.061	.006	-.053	.017	-.052	.022
	Sao Tome	-.062	.030	-.006	.835	-.001	.985	-.016	.568
	Macao					-.211			
Brazil	Portugal	-.224	.000	-.791	.000	-.925	.220	-.752	.000
	Angola	-.788	.000	-.917	.000	-.182	.327	-.657	.000
	Guinea Bissau	-.099	.000	-.259	.000	-.291	.257	-.956	.000
	Mozambique	-.810	.000	-.144	.000	-.501	.242	-.523	.000
	Cape Verde	-.761	.000	-.872	.000	-.214	.223	-.633	.000
	Sao Tome	-.043	.000	-.147	.000	-.227	.359	-.834	.000
	Macao								
Guinea Bissau	Portugal	.077	.098	-.008	.860	-.050	.284	.121	.011
	Angola	.053	.012	.047	.026	.041	.055	.075	.000
	Brazil	.418	.000	.770	.000	.641	.257	.104	.000
	Mozambique	.038	.183	-.027	.333	-.011	.699	.084	.003
	Cape Verde	-.017	.331	-.019	.265	-.017	.320	.014	.410
	Sao Tome	.005	.818	.053	.008	.050	.011	.077	.000
	Macao								

Mozambique	Portugal	.010	.715	.040	.149	-.030	.277	-.030	.287
	Angola	.036	.049	.060	.001	.046	.013	.037	.049
	Brazil	.369	.000	.805	.000	.655	.242	.993	.000
	Guinea Bissau	-.022	.183	.016	.333	.006	.699	-.050	.003
	Cape Verde	-.032	.043	-.008	.595	-.013	.416	-.020	.222
	Sao Tome	-.017	.331	.068	.000	.057	.001	.029	.090
	Macao								
Cape Verde	Portugal	.152	.027	.077	.257	.027	.698	.056	.415
	Angola	.073	.004	.069	.006	.060	.017	.059	.022
	Brazil	.473	.000	.832	.000	.697	.223	.057	.000
	Guinea Bissau	.025	.331	.028	.265	.025	.320	-.021	.410
	Mozambique	.080	.043	.021	.595	.032	.416	.048	.222
	Sao Tome	.028	.251	.080	.001	.075	.003	.057	.023
	Macao								
Sao Tome and Principe	Portugal								
	Angola	.034	.036	.049	.002	.054	.001	.044	.006
	Brazil	.361	.000	.776	.000	.677	.220	.015	.000
	Guinea Bissau	-.026	.098	.003	.860	.017	.284	-.040	.011
	Mozambique	-.006	.715	-.023	.149	.017	.277	.017	.287
	Cape Verde	-.034	.027	-.017	.257	-.006	.698	-.013	.415
	Macao	-.020	.230	.056	.001	.066	.000	.039	.021

Macao	Portugal								
	Angola	.034	.036	.049	.002	.054	.001	.044	.006
	Brazil	.361	.000	.776	.000	.677	.220	.015	.000
	Guinea Bissau	-.026	.098	.003	.860	.017	.284	-.040	.011
	Mozambique	-.006	.715	-.023	.149	.017	.277	.017	.287
	Cape Verde	-.034	.027	-.017	.257	-.006	.698	-.013	.415
	Sao Tome	-.020	.230	.056	.001	.066	.000	.039	.021

Note: Blank cells mean that the variables were excluded from the regression equation.

Angola and Brazil stood out as the two countries to benefit most from the opportunities created by Facebook, $F(9, 4680) = 6.371$; $p < .000$, with both presenting significant differences in relation to Portugal, Mozambique, Cape Verde, Sao Tome and Principe and Macao. Mozambique was the only country for which, when compared with the others, no differences for online opportunities were observed.

In short, Brazil stood out more significantly from the remaining countries in terms of frequency and attitude towards the use of Facebook, while the Angolan youths and young adults simultaneously ran more online risks and enjoyed the opportunities created by this social network more than the other populations.

3.4.5 Discussion

This study set out to explore the role of usage habits (frequency and attitude towards Facebook) in the emergence of online risks and opportunities and to analyse whether online risks and opportunities were related to offline risk behaviours and total well-being. It also sought to assess whether the fact that participants were from different countries, contributed to explaining the variance in risk behaviour and total well-being. The results point to a predictor effect of usage habits on offline risk behaviours and total well-being. A predictor effect of online risks and opportunities may also be observed on offline risk behaviours and total well-being. Online risks are shown to be predictors of offline risk behaviours, with the exception of risks related to "receiving undesired sexual and / or aggressive contents". The "defence of hate values" is the online risk that best predicts offline risks. This result, in fact, reinforces what has already been advanced in other studies (Boyd, 2015) and emphasizes the fact that cybridism may be responsible for the

interconnection of online risks and offline behaviours (Berkman Center for Internet and Society, 2010). Opportunities are not significant predictors of offline risk behaviour. However, they were observed to be predictors of total well-being, especially those connected to affective-social growth. This result is in line with the studies of Bargh and McKenna (2004), by accentuating the importance youths attribute to the emotional support received online and the establishment of social ties, which, when experienced online, will contribute to increased well-being offline.

We also found that, In the sample under study the different nationalities of the participants helped to explain the variance of the online risks/opportunities and behaviour/total well-being, thus corroborating the idea previously advanced by other authors (e.g. Lewis et al., 2011), that the cultural context influences both environments.

With regard to the inter-country analysis, the countries that presented most differences in relation to the others were Angola and Brazil. Although Angola is one of the most normative countries in other words, not very future-oriented, it appears to be considerably receptive to the use of new technologies. Angola is one of the most collectivist countries under study and the Angolan youths use Facebook more frequently and have a very favourable attitude towards this social network, which contradicts the results of previous studies reporting less interest in social networks and a lower usage frequency in the countries with collectivist characteristics (e.g. Pumper, et al., 2013). This discrepancy in results may be due to the fact that Facebook might be being used as a means, not only to keep in touch with family and friends, but also for young people to expand their range of relationships.

However, it is not only in terms of usage that Angola does not correspond to the characteristics identified for the collectivist countries. As far as risks and opportunities are concerned, Angola also holds a prominent position in relation to the other countries. As collectivists, one would expect youths to be more restrained in disclosing personal information. Nevertheless, this more reserved attitude may serve as a prevention against risks (such as harassment), but it can also hamper the emergence of opportunities, especially social and emotional support (Bargh & McKenna, 2004). Despite the collectivist features, the youths and young adults of this country simultaneously run more risks and enjoy more opportunities, thus suggesting that there are other factors beyond this dimension of Hofstede's theory that are responsible for explaining the results obtained in our study. Moreover, since Angola is a country with a medium-high level of uncertainty avoidance and very high-power distance, one would once again expect particular restraint in the sharing of information. Our results are not in keeping with such cautious usage, as referred to above, but rather there appears to be disclosure of personal information not just to a restricted circle of people with whom these youths have offline relationships, but to a far broader circuit of individuals. It is only on this basis that it is possible to understand the marked emergence of risks, in addition to the benefits enjoyed from the opportunities. However, there are some important and differentiating factors of the Angolan culture related to its "Masculinity / Femininity", "Long-term Orientation" and "Indulgence" dimensions.

Angola is a short-term oriented society, albeit with bold feminine and indulgent characteristics. All of these features may be associated with a society where there is

greater interest in interpersonal relationships, as well as incentive in affection manifestations and well-being. Those features are sure to make a difference and even contribute to the explanation of most of the results, since Facebook can then present itself as another tool that facilitates the establishment of a higher number of social relations, which is highly cherished by societies of this nature.

Brazil is the second country with greater differences in relation to the other countries, as far as opportunities and usage habits (frequency and attitude) are concerned, despite the fact that it does not display online risk differences. It is a normative, pragmatic country, which means it has average values in the cultural dimension "Long-term orientation", which assumes a certain degree of openness to the use of new technologies such as social networks.

Being the most individualistic country in the sample, one is not to be surprised by the fact that it's youngsters utilize social networks with greater extent and have a more positive attitude regarding their use (Pumper, et al., 2012). Average indulgence values show a predisposition for a more outward facing attitude, for interpersonal amusement and joyful coexistence (Intercultural Link, 2011). Brazil also shows a high power distance and uncertainty avoidance, which, as already referred to above, generally lead to higher restraint over disclosing personal information, also as a means to avoid the emergence of online risks, which appears to be the case here. We may then hypothesize that Brazil differs in terms of opportunities as a result of some restraint in the disclosure of personal information on Facebook, or due to an undervaluation on the part of these youths of the risks to which they expose themselves in relation to the importance they attribute to the

opportunities offered by Facebook (Ofcom, 2008). Moreover, if we consider that Brazil is a country with average levels of femininity, youths tend to balance commitment to work with leisure and social time, in which the use of Facebook may be included. Hence, this dimension of Hofstede's theory is importance in order to understand the results obtained in this study.

The results show that despite the culture of the two most prominent countries in terms of difference, Angola and Brazil, being collectivist, their youths and young adults appear to behave in a more individualistic fashion on Facebook. Thus, one may hypothesize that, in line with the considerations of Robbins and Stylianou (2009), the use of the Internet in general, and social networks in particular, lead to a homogenization of cultural components.

Despite the contributions of the current study, some limitations must be acknowledged namely regarding sample biases, thus advising for caution in the generalisation of the results. It is important to note that both in Angola and Brazil, the vast majority of participants were females over the age of 18 years, which may have skewed the sample. However, the Cape Verde sample presented the same characteristics as these two countries yet the results were different, therefore, this feature, per se, does not appear to explain the results. As for the multilevel analysis, although the sample size met the minimum usage requirements, in addition to the non-use of level-2 predictors, the emphasis of the analysis being geared towards fixed regression coefficients and use of the restricted maximum likelihood estimation (RMLE) (Hox, 2010; Raudenbush & Bryk, 2002), which benefit the quality of the estimates when the sample size is small, the small number of group units used is still a limitation. In future studies, strengthening the estimation of results should be carried out

not only with a larger sample, but also by means of group predictors that may contribute to the explanation of variance at this level. Finally, we are also of the opinion that in future studies qualitative methodologies should be used (e.g. interviews), to complement those used in this study, so as to clarify and further understand the results.

In short, according to the results of the presente study none of these six cultural Hofstede dimensions alone is enough to sufficiently explain the differences in habits, risks and opportunities of Facebook among the countries under study. Instead, one must take these dimensions as a set into consideration, as well as, in future work, explore the role of other factors (besides the cultural dimensions in Hofstede's theory), which could better provide explanation for the differences found. This is especially relevant with regard to Angola and Brazil, countries which stood out the most in this study.

Esta página foi propositadamente deixada em branco

Capitulo IV- Discussão e considerações finais

Esta página foi propositadamente deixada em branco

O Facebook é a maior rede social do planeta, com mais de mil milhões de utilizadores em todo o mundo – e quase cinco milhões em Portugal, tendo comemorado a 4 de fevereiro de 2017, treze anos de existência.

Perante esta massiva adesão dos jovens (e menos jovens), importa que os profissionais da Psicologia conheçam as dinâmicas que se estabelecem online e as suas repercussões ao nível da saúde e do bem-estar físico, mental e social dos utilizadores.

A presente dissertação, de carácter exploratório, teve como foco o conhecimento mais aprofundado dos hábitos de utilização do Facebook, dos riscos e das oportunidades online, dos jovens da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e de Macau. Paralelamente importou explorar o impacto da cultura na utilização desta rede social, uma vez que as características culturais parecem ter impacto na utilização das redes sociais.

Para além disso, teve como objetivo clarificar o papel moderador do (des)ajustamento psicossocial e da idade, na relação entre os hábitos de utilização e os riscos e oportunidades para os utilizadores. Por fim, outro aspeto intimamente ligado ao conceito de cibridismo, intentou avaliar até que ponto os riscos a que os jovens se expõem em ambiente online, se repercutem em comportamentos de risco offline, assim como as oportunidades surgidas online têm impacto no bem-estar.

Guiados por estes objetivos foram desenvolvidos quatro estudos, um dos quais envolveu a construção e validação de um instrumento de avaliação dos riscos e oportunidades online para a Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP) e de Macau. Cada um dos outros estudos possibilitou a obtenção de uma perspetiva única acerca das variáveis e relações em análise do contexto do estudo e, em conjunto, uma

compreensão global do tema em causa. Os resultados foram apresentados de forma independente nos capítulos anteriores e importa agora realizar uma reflexão integrada sobre os mesmos.

O Facebook passou a constituir um meio importante de socialização para os jovens, em especial para os menos ajustados psicossocialmente, havendo repercussões positivas na sociabilidade offline, sobretudo quando utilizado de um modo ativo (e.g., Hampton & Wellman, 2003; Subrahmanyam & Lin, 2007). Por sua vez, uma utilização passiva pode favorecer o surgimento da Inveja Facebook que, por sua vez, poderá conduzir à Depressão Facebook e à diminuição do bem-estar dos jovens (Hayes, et al., 2015). Estes estados emocionais mais negativos têm impacto a outros níveis, já que tornam os jovens vulneráveis a páginas / grupos perigosos da Internet que incentivam comportamentos agressivos ou autodestrutivos no dia-a-dia (Steers et al., 2014).

Não é por isso de estranhar que os riscos das redes sejam motivo de preocupação para os educadores, enquanto os jovens valorizam mais os benefícios que estas criam e dos quais podem usufruir, desvalorizando os perigos (Ofcom, 2008). É, no entanto, inegável que a utilização do Facebook acarreta riscos, embora estes surjam muitas vezes a par de oportunidades. Por exemplo, a autorrevelação, tanto pode ser um risco como uma oportunidade, estando o risco relacionado com a revelação de dados sobre o próprio que conduzam, por exemplo, a interações hostis, e a oportunidade associada à obtenção de apoio socio-emocional mesmo que da parte de desconhecidos (Buhrmester & Prager, 1995; Kim & Hancock, 2015).

Paralelamente ao estudo dos aspetos ligados aos riscos e às oportunidades, tem havido algum interesse em explorar a influência da cultura na utilização desta rede social, sendo que os escassos estudos mostraram a existência de diferenças motivadas por fatores culturais (Hofstede, 2001; OfCom, 2008). As investigações têm tido por base o modelo de Hofstede, sobretudo a dimensão “individualismo / coletivismo” (Almakrami, 2015), para caracterizar os hábitos, riscos e oportunidades à luz do tipo de cultura do utilizador. À semelhança daquelas, também neste estudo foi levado em conta o modelo de Hofstede (1981), mas foram consideradas todas as dimensões do modelo.

Posto isto, no capítulo que agora se inicia pretende-se: destacar os resultados considerados mais significativos nos quatro estudos efetuados; relacionar os resultados encontrados com estudos de referência na área; enfatizar os resultados menos expectáveis, ou relativamente aos quais se considera haver necessidade de aprofundamento em estudos futuros; salientar os principais contributos deste trabalho e; apontar alguns limites aos estudos realizados, assim como sugerir outras abordagens a este tema.

4.1 Resultados mais significativos

4.1.1 Construção e estudo psicométrico de instrumentos de avaliação

Um dos resultados mais importante prende-se com a construção de um instrumento de avaliação dos riscos e das oportunidades online (estudo 1). Adicionalmente encontra-se em preparação o estudo psicométrico do questionário de avaliação dos comportamentos de risco offline. Ambos foram construídos especificamente para esta investigação e

adaptados aos jovens da CPLP e de Macau. Assim, dispõe-se agora de instrumentos com boas qualidades psicométricas, cuja existência permite o desenvolvimento de futuras investigações no domínio dos efeitos do Facebook, on e offline, junto dos jovens.

4.1.2 O jovem utilizador português

Foi possível caracterizar o perfil dos jovens utilizadores portugueses da nossa amostra (estudo 2) no que respeita aos hábitos de utilização do Facebook, riscos e oportunidades, assim como identificar as diferenças nestas variáveis em função da idade, do género e da região do país.

Conclui-se que os jovens do nosso país que responderam ao questionário têm uma atitude favorável à utilização do Facebook, o que os leva a aceder-lhe cinco a seis vezes por semana e a manterem-se nesta rede social uma a duas horas por dia.

Os jovens portugueses da nossa amostra mostram que o Facebook é a sua rede social de eleição, apesar de utilizarem simultaneamente outras redes, sobretudo o Youtube¹¹⁴. Algumas notícias (e.g., The Guardian, 2013; Revista Época Negócios, 2014) apontam para que os mais novos estariam a desinteressar-se do Facebook e a migrar para outras redes como o Twitter, Instagram ou Snapchat, como reação, nomeadamente, à presença dos pais e de pessoas mais velhas no geral, tal parece não corresponder à realidade, no nosso país. Em contrapartida, um estudo recente da ComScore (citado pela revista Marketeer, 2016) revelou que, apesar de o Snapchat e do Instagram estarem a ganhar relevância, o Facebook ainda ocupava um lugar cimeiro na preferência dos jovens. Certo é que a maioria

¹¹⁴ Ver capítulo II – participantes

dos jovens do presente estudo refere não ter os pais¹¹⁵ adicionados, provavelmente porque pretendem manter-se longe dos olhares dos mais velhos, algo que não é específico do ambiente online e que, mais uma vez mostra a estreita ligação entre on e offline. Assim, fruto do processo de construção da identidade, os jovens tendem a aproximar-se mais dos seus pares, ao mesmo tempo que se afastam, ainda que temporariamente, dos progenitores (Papalaia & Olds, 2009).

Relativamente ao género, as raparigas do nosso estudo mostram-se mais favoráveis à sua utilização, permanecem mais tempo nesta rede social, mas acedem-lhe com menos frequência que os rapazes. Estes resultados estão de acordo com as conclusões do estudo de Bento (2016) mas também de Simões e colaboradores (2014). Segundo Bento (2016), as raparigas seriam as maiores utilizadoras do Facebook e no presente estudo, apesar de não estarem com tanta frequência nesta rede social, quando fazem *login*¹¹⁶ mantêm-se mais tempo online. Para Simões e colaboradores (2014), são os rapazes que mais utilizam esta rede social, o que também não é contraditório com os nossos resultados, já que apesar de permanecerem ligados menos tempo, são estes que mais vezes iniciam sessão. Assim sendo, enquanto as raparigas estão mais tempo online, os rapazes acedem ao facebook com maior frequência, mas permanecem menos tempo.

Conclui-se também que, no presente estudo, são os mais novos que menos frequentemente acedem ao Facebook, mas não se possuem dados de outros estudos

¹¹⁵ Ver capítulo II – participantes

¹¹⁶ Expressão que funciona como sinónimo de "iniciar sessão" (<https://www.significados.com.br/login/>)

portugueses com os quais se possam comparar estes resultados. No entanto, o relatório do Eu Kids Online (Livingstone & Hasebrink, 2011) refere uma percentagem de utilização de 73% aos 13 -14 anos e de 82% aos 15 -16 anos, de onde se pode concluir que os mais velhos utilizam mais as redes sociais, o que vem ao encontro dos resultados do presente estudo.

Em relação aos hábitos de utilização segundo as regiões do país, na nossa amostra, a norte os jovens mostram uma atitude mais favorável ao uso desta rede social e permanecem mais tempo a utilizá-la que no resto do país. Os jovens das Ilhas são os que lhe acedem com maior frequência que os restantes. Estes resultados podem sugerir que a sociedade nortenha seja tendencialmente mais individualista e nas ilhas seja mais coletivista que as restantes regiões do país. Alves Marques (1999, p. 6) já tinha concluído que, apesar de haver “uma grande homogeneidade de valores em relação à vida e em relação ao trabalho no nosso país, Lisboa e Porto tendiam a ser mais orientadas para o indivíduo, talvez porque os aspetos individualistas se encontrem relacionados com a riqueza das regiões” (Hofstede, 1984, citado por Alves Marques, 1999). Como já referido, as características individualistas, ou coletivistas, podem repercutir-se numa maior ou menor utilização do Facebook, fruto da relevância concedida às relações offline, que, no caso das sociedades individualistas, é mais orientada para os amigos e comunidade no geral, e nas coletivistas é, sobretudo, intrafamiliar (Qiu et al., 2012). Assim, os jovens insulares iniciam sessão com maior frequência que os seus pares do resto do país, este comportamento pode relacionar-se com aspetos de ordem cultural, mas também com

outros fatores como a idade ou a escolaridade (a maioria é universitária e maior de dezoito anos).

Os riscos online referidos pelos jovens em estudo, no seu conjunto, são reduzidos¹¹⁷. Assim sendo, tendo em conta a elevada frequência e tempo de utilização, coloca-se a hipótese de que o uso desta rede social pelos jovens portugueses seja tendencialmente ativo. Aliás, se tivermos em conta que quando questionados sobre para que fins utilizam o Facebook, os jovens referem que o fazem, em primeiro lugar, para “estar a par da vida dos amigos” e em segundo, para “conhecer pessoas, fazer amigos, arranjar namorados”. Antevê-se que o primeiro objetivo pode conduzir a uma utilização mais passiva (e.g., observação das fotografias ou posts que os amigos colocam no mural referentes às atividades sociais destes), mas também ativa, se para saberem da vida dos amigos, os jovens estabelecerem com eles conversas através do chat. A segunda atividade (conhecer pessoas...) é claramente mais ativa, já que pressupõe que o jovem faça/aceite pedidos de amizade e estabeleça contactos. Uma utilização mais passiva, remeteria, segundo Subrahmanyam e Lin (2007) para um acréscimo da solidão, estado emocional que torna os jovens vulneráveis a sentimentos de inveja e “Depressão Facebook”, o que os pode levar a aderir a páginas/grupos perigosos da Internet (Steers et al., 2014). No entanto, os resultados obtidos para a amostra em estudo, mostram que os riscos, no geral, são muito baixos, o que pode levar a concluir que a utilização não seja passiva. As médias mais

¹¹⁷ Média = .43 (numa escala de 0 a 3) – ver capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 2– Quadro 3

elevadas¹¹⁸ surgem na categoria de riscos associados a desconhecidos, dado que é consonante com o segundo objetivo que os jovens referiram, de “conhecer pessoas, fazer amigos, arranjar namorados”.

Torna-se difícil estabelecer comparações, tendo em conta que os estudos relativos aos riscos online na população portuguesa incidem quase exclusivamente sobre o ciberbullying (e.g., Doroana, 2011; Francisco, 2012; Ventura, 2011) e o presente estudo teve em conta outros riscos para além desse. No estudo de Doroana (2011), que incidiu numa amostra constituída apenas por jovens lisboetas, com idades entre os 12 e os 17 anos, os valores da vitimização devido a ciberbullying foram médios (cerca de 38%). O estudo de Francisco (2012) também com jovens residentes em Lisboa, mas um pouco mais velhos (universitários), mostrou que 25% já tinha sido “algumas vezes” vítima e 2% “muitas vezes” e que a percentagem de vítimas excedia a de agressores (8%). Por seu turno, Ventura (2011), numa amostra nacional com alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico (14 a 17 anos), concluiu que as percentagens de casos de ciberbullying foram mais reduzidas (19.5%) em comparação com outros estudos já referidos. Na presente investigação, os valores apurados de riscos online (no geral) foram baixos. Estes resultados poderão ser explicados à luz do que já havia sido referido por Livingstone e Haddon (2009), ou seja, que as percentagens baixas de riscos podiam relacionar-se com o facto de os jovens não os experienciarem como algo desconfortável ou nocivo e optarem por valorizar as oportunidades. No entanto, também se pode colocar a hipótese de que os hábitos de

¹¹⁸ Média = 1.06 (numa escala de 0 a 3) - ver Capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 2 - Quadro 3

utilização (manterem-se muito tempo online e acederem frequentemente a esta rede social) os esteja, efetivamente, a proteger dos riscos, já que uma maior utilização pode facilitar a tomada de consciência sobre os riscos existentes, promover o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento para lidar com os riscos e, ainda, favorecer o surgimento de estratégias para reverter os riscos em oportunidades (e.g., Livingstone & Haddon, 2009; Parenting for a Digital Future, 2016).

Do ponto de vista do género, os rapazes do presente estudo são mais vitimizados (em todas as categorias, mas com médias mais elevadas nos riscos associados a desconhecidos¹¹⁹). Em contrapartida, as raparigas usufruem mais das oportunidades no geral, com maior relevância para os benefícios que dizem respeito à inserção social e cultural. Estes resultados são coincidentes com alguns trabalhos (Simões et al., 2014), mas não com outros (Beirão & Martins, 2009; Ventura, 2011; Vieira, Matos, Amado, Freire, & Simão, 2016). Os estudos de Simões e colaboradores (2014) apontam para que os rapazes sejam menos cautelosos na aceitação de pedidos de amizade por parte de desconhecidos, podendo tornar-se vítimas dos riscos que daí decorrem. Já nos estudos de Beirão e Martins (2009), de Ventura (2011), assim como nos de Vieira e colaboradores (2016) que incidiram sobre o cyberbullying, as raparigas revelaram ser mais frequentemente vítimas. Contudo, como na maior parte dos estudos que se acabaram de referir, os riscos avaliados se circunscreveram ao cyberbullying não se podem estabelecer muitas comparações entre aqueles e o presente estudo.

¹¹⁹ Média = 1.08 (numa escala de 0 a 3) – ver Capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 2 - Quadro 3

O facto de os rapazes surgirem, neste estudo, maioritariamente como vítimas pode, uma vez mais, estar também relacionado com as diferenças encontradas ao nível dos hábitos de utilização. De notar que as raparigas utilizam o Facebook mais tempo, mas acendem-lhe com menos frequência, podendo este tipo de hábitos constituir um fator de proteção. O tempo passado nesta rede social poderá revelar que o tipo de utilização é mais interativo/relacional, aspeto que, como já foi referido, não tem tanto impacto negativo a nível emocional, o que desde logo diminui a vulnerabilidade ao risco (Livingstone & Haddon, 2009 ; Parenting for a Digital Future, 2016). Pode novamente encontrar-se alguma ligação entre os hábitos e o desenvolvimento de capacidades, quer de resiliência, quer de transformação de riscos em oportunidades (Areias da Silva, 2016; Livingstone & Haddon, 2009; Parenting for a Digital Future, 2016). Daí que essa possa ser também uma das explicações para que as raparigas usufruam de mais oportunidades do que os rapazes. Além disso, as oportunidades de que estas mais beneficiam referem-se à categoria de inserção social e cultural, que inclui aspetos como o estabelecimento de um primeiro contacto com o mundo do trabalho e uma importante via de acesso para informação/notícias tanto locais, como de âmbito mais alargado. Este resultado poderá estar relacionado com as características da amostra feminina, uma vez que a percentagem de maiores de idade é superior nesta amostra¹²⁰ e, também se observa que uma percentagem considerável de raparigas frequenta o ensino superior¹²¹. Assim, devido a

¹²⁰ 49% no género feminino; 44.1 % no género masculino

¹²¹ 29% no género feminino; 10.1% no género masculino

estas características é provável que as raparigas estejam mais despertas para o mundo do trabalho, uma vez que se encontram numa fase de vida em que brevemente entrarão na vida ativa.

De acordo com os resultados do presente estudo, ao nível dos riscos em geral, não existem diferenças entre os jovens mais novos e os mais velhos, resultado que, uma vez mais, não coincide com as conclusões de outros estudos (e.g. Ventura, 2011), em que se encontrou um aumento de vitimização online aos 13 anos (32.2%) seguido de um decréscimo à medida que a idade avançava (aos 17 anos era apenas de 4.9%). No entanto, como já referido, o estudo de Ventura (2011) incidiu apenas sobre os riscos de cyberbullying, enquanto na presente investigação se teve em conta um leque mais amplo de riscos.

Ao analisar-se os resultados com maior detalhe, constata-se que persistem algumas diferenças relativas à idade já que são os menores que mais aderem a grupos/páginas que instigam a comportamentos de risco e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio¹²². Este resultado está de acordo com o referido por Simões e colaboradores (2014), uma vez que, segundo estes autores, 8% das crianças/jovens portugueses (com maior incidência na faixa etária dos 13-14 anos) já esteve exposta, nas redes sociais, a mensagens de ódio contra certos grupos. Esta tendência para que os mais novos se sintam atraídos pelo risco, pode estar também associada a questões desenvolvimentais, isto é, à curiosidade própria

¹²² Média = .09 (numa escala de 0 a 3) – ver Capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 2 - Quadro 3

da idade, e à falsa convicção de não serem afetados negativamente por estes, ou de facilmente conseguirem livrar-se de situações mais incómodas (OfCom, 2008).

Relativamente às oportunidades, conclui-se que, na nossa amostra, são os mais velhos que mais usufruem das oportunidades no geral¹²³ e, em particular, das que dizem respeito à inserção social e cultural ¹²⁴. Como atrás foi referido, a faixa etária dos 18-20 anos é maioritariamente composta por raparigas (género que corre menos riscos), além do mais, ao serem mais velhas provavelmente já utilizam o Facebook há mais tempo que os outros jovens da amostra, aspeto que poderá facilitar o desenvolvimento de capacidades de resiliência e de aptidões para contornar os riscos, de forma a não se repercutirem em danos e, inclusive, revertê-los em benefícios (Livingstone & Haddon, 2009; Parenting for a Digital Future, 2016). Estes resultados podem também dever-se ao facto de os utilizadores nesta faixa etária estarem já mais interessados em manter-se a par das notícias, assim como em procurar trabalho/estágio, e o Facebook oferece-se como mais uma ferramenta a explorar tendo em conta esses objetivos.

Os resultados permitem ainda concluir que na amostra em estudo, os jovens da região centro são mais frequentemente cibervítimas¹²⁵ que os jovens do resto do país. Por seu turno, nas ilhas há menos ocorrência de riscos que em todas as outras regiões¹²⁶, nas categorias de riscos online e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio e também

¹²³ Média = .94 (numa escala de 0 a 3) – ver Capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 2 - Quadro 4

¹²⁴ Média = .82 (numa escala de 0 a 3) – ver Capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 2 - Quadro 4

¹²⁵ Média = .44 (numa escala de 0 a 3) – ver Capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 2 - Quadro 3

¹²⁶ Média = .32 (numa escala de 0 a 3) – ver Capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 2 - Quadro 3

nos riscos associados a desconhecidos. Os jovens dos Açores e da Madeira são também menos cibervitimizados pela receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos do que os do centro. A maior parte dos insulares é maior de idade, pelo que pode, novamente, colocar-se a hipótese de, por um lado ter adquirido, através da experiência prévia, competências que os estejam agora a proteger dos riscos (e.g., Livingstone & Haddon, 2009), ou a idade levar estes jovens a desvalorizar mais os riscos, uma vez que o impacto emocional destes será menor (Areias da Silva, 2016). Além do mais, podem já saber exatamente o que procuram no Facebook e quando acedem fazerem-no com objetivos previamente definidos, o que explicaria o facto de permanecerem menos tempo online. Gostam de se manter a par da vida dos amigos, mas também de ler notícias, ou eventualmente procurar trabalho ou estágios escolares. Em contrapartida, se se considerar as características da amostra do centro do país, observa-se que é, de todas as regiões, aquela onde existe uma maior percentagem de menores e também de raparigas. (o que acontece igualmente nas Ilhas, pelo que não se considera que estas diferenças estejam associadas ao género). É, então, aceitável que hajam influências de particularidades regionais, aspeto que terá de ser explorado em estudos futuros.

Conclui-se que, na nossa amostra, em todas as regiões os jovens sabem tirar partido dos benefícios (em geral) criados pelo Facebook. Analisando os benefícios em particular, constata-se que os insulares usufruem mais das oportunidades de inserção social e cultural que o resto do país. Esta evidência poderá estar ligada às características da amostra, uma vez que se tratam basicamente de jovens maiores de idade e de universitários, atributos que os podem levar a explorar mais estes benefícios criados pela rede social.

Em resumo, os jovens portugueses que responderam ao questionário, revelaram uma atitude favorável à utilização do Facebook, utilizam-no muito tempo e com muita frequência. A cibervitimização é reduzida, sendo os valores mais elevados no género masculino, enquanto que ao nível das oportunidades é o género feminino que mais se destaca. Concluiu-se ainda que os jovens da região centro são os que correm mais riscos online, e os insulares os que menos se colocam em risco. Globalmente, as oportunidades são usufruídas por todas as regiões, no entanto, nas Ilhas os jovens beneficiam mais dos aspetos ligados à inserção social e cultural.

4.1.3 Facebook e (des)ajustamento psicossocial

O estudo das variáveis ajustamento social, país e idade como moderadoras na relação entre os hábitos de utilização e os riscos e as oportunidades online foram avaliados nas amostras portuguesa e brasileira (estudo 3). Conclui-se que, na nossa amostra, os indicadores de ajustamento psicossocial (ausência de solidão e ausência de ansiedade social) não são moderadores do impacto dos hábitos de utilização, quer nos riscos, quer nas oportunidades online. Ou seja, encontram-se relações de “menos frequência de utilização, menos riscos e menos oportunidades” e de “atitude mais favorável à utilização, mais riscos e mais oportunidades” tanto nos jovens mais como menos desajustados. .

Os resultados do presente estudo não vão ao encontro das conclusões dos estudos de alguns autores (e.g., Kross et al., 2013; Selfhout et al., 2008) que assinalam o (des)ajustamento psicossocial como variável importante em termos de vulnerabilidade aos riscos. No entanto, não se pode excluir a hipótese de estes resultados serem fruto das características dos jovens que responderam ao presente questionário, já que apesar de os

níveis de ajustamento psicossocial serem mais baixos nos jovens portugueses que nos brasileiros, uns e outros são bem ajustados psicossocialmente. Em estudos posteriores será importante aprofundar estes resultados utilizando uma amostra clínica, já que deste modo se poderá avaliar se os hábitos de utilização passam a ter um impacto diferente nos riscos e nas oportunidades, consoante os níveis de ajustamento psicossocial.

Apesar de o ajustamento psicossocial, na nossa amostra, não surgir como fator de vulnerabilidade, na comparação de Portugal com o Brasil é possível observar que os jovens mais desajustados psicossocialmente (os portugueses) se colocam mais em risco no Facebook, mas também beneficiam mais das oportunidades criadas por esta rede social. Aliás, pode observar-se que os jovens brasileiros menores de idade, sendo os mais ajustados da amostra¹²⁷ correm menos riscos, mas também usufruem de menos oportunidades.

Uma vez mais, é notório que se torna necessário expor-se ao risco para poder usufruir das oportunidades (Livingstone et al., 2014). Além do mais, estes resultados corroboram o que já outros autores (e.g., Courtois, All, & Vanwynsberghe, 2012; Leary, 1983 citado por McKenna, 2014; Suler, 2004) tinham concluído, isto é, para os jovens com dificuldades de relacionamento interpessoal o Facebook cria oportunidades a este nível que se podem repercutir na diminuição da solidão. Porém, como as aptidões sociais offline são muitas vezes transpostas para o online, os mais desajustados não conseguem obter muitos pedidos de amizade (Craig et al., 2009), o que pode levá-los a arriscar e a pedir amizade a

¹²⁷ Ver tabela 2, estudo 3

desconhecidos, abrindo deste modo caminho para o possível surgimento de riscos. Além do mais, como sublinham diversos autores, a utilização tendencialmente passiva desta rede social (situação frequente nos utilizadores menos ajustados), pode conduzir a riscos como a inveja e a depressão Facebook (Hayes, et al., 2015). Por sua vez, estes estados emocionais diminuem o bem-estar e constituem um fator de vulnerabilidade para que os jovens adiram a páginas /grupos perigosos existentes no Facebook que se dedicam a incentivar comportamentos agressivos ou autodestrutivos no dia-a-dia (Steers et al., 2014). Ainda assim, importa acentuar, que os riscos não se repercutem necessariamente em danos, ou seja, existem oportunidades que surgem a par destes riscos, sendo que o adicionar de desconhecidos pode propiciar a obtenção de apoio socio emocional (Kim & Hancock, 2015). De todo o modo, estes aspetos mais ligados às alterações emocionais decorrentes da utilização do Facebook (inveja e depressão Facebook) não foram abordados no presente estudo e merecem ser analisados em estudos futuros.

4.1.4 Facebook e aspetos culturais

Relativamente aos hábitos de utilização do Facebook nos diferentes países/culturas, podem tirar-se diversas conclusões, dado estas variáveis terem sido avaliadas em dois dos estudos (estudos 3 e 4). No estudo 3 compararam-se as amostras de Portugal e Brasil, enquanto no estudo 4, todas as amostras da CPLP e Macau foram comparadas entre si.

4.1.4.1 Hábitos de utilização

Concluiu-se que, na nossa amostra, existem diferenças entre Brasil e Portugal (países onde se recolheram amostras de maiores dimensões) no que respeita aos hábitos de

utilização desta rede social. Assim, comparativamente aos portugueses¹²⁸, os jovens brasileiros utilizam o Facebook mais tempo, com maior frequência e apresentam uma atitude mais favorável à utilização desta rede.

Sendo o individualismo uma característica cultural mais presente no Brasil¹²⁹ que em Portugal¹³⁰, não será de estranhar que a utilização do Facebook por parte dos jovens brasileiros seja mais elevada em todos os indicadores de hábitos (frequência, tempo, atitude). Estes resultados estão de acordo com as conclusões dos estudos de Pumper et al. (2013), segundo as quais nas culturas mais individualistas a perceção das redes sociais é mais positiva, levando as pessoas a utilizarem-nas mais, verificando-se o oposto nas culturas mais coletivistas.

Por seu turno, os jovens da CPLP e de Macau (estudo 4), que responderam ao nosso questionário, no geral utilizam o Facebook com uma frequência média e têm uma atitude favorável à utilização desta rede social. Conclui-se também que em Portugal a frequência de utilização é mais baixa e a atitude é menos favorável, quando comparadas com Angola, São Tomé e Príncipe e com o Brasil. No que respeita a São Tomé e Príncipe, o facto de não se possuir a caracterização sociocultural deste país, impede de se avançar com algumas hipóteses explicativas para estes resultados. Relativamente às diferenças encontradas entre Portugal, Angola e Brasil, e tendo em conta as dimensões culturais de Hofstede (Capítulo 2 - figura 3), observa-se que Portugal e Angola são países femininos e o Brasil

¹²⁸ Ver estudo 2

¹²⁹ 38% de individualismo / 62% de coletivismo (ver capítulo I - figura 3)

¹³⁰ 27% de individualismo / 73% de coletivismo (ver capítulo I - figura 3)

tem valores intermédios entre masculinidade e feminilidade. A orientação a longo prazo é muito baixa em Angola, baixa em Portugal e média no Brasil. A diferença mais acentuada entre o nosso país e os outros dois encontra-se na dimensão aversão à incerteza, que em Portugal assume valores muito mais elevados. Portugal é também, dos três, o país mais contido (valores mais baixos de indulgência).

Uma sociedade com elevada aversão à incerteza, como é o caso da portuguesa, é cautelosa, com pouca abertura a inovações por considerar que podem daí advir riscos (Wen, et al. , 2007). Apesar de ser uma sociedade feminina, é também pouco indulgente, aspetos estes que são de alguma forma contraditórios já que, ao ser feminina tende a apresentar um comportamento mais relacional, por outro lado a fraca indulgência mostra que não é conferida tanta importância às relações interpessoais e ao lazer, como nas sociedades brasileira e angolana. Por seu turno, o Brasil sendo uma sociedade mais masculina que a portuguesa, tem valores comparativamente mais elevados de individualismo e de indulgência, o que possivelmente levará os jovens brasileiros a utilizarem mais as redes sociais porque, por um lado, a perceção destes locais online é mais positiva e, por outro, é dado mais valor às relações sociais, mesmo via online. Estas características poderão contribuir para explicar a utilização mais frequente do Facebook por parte dos jovens brasileiros.

Angola, apesar de muito coletivista, é uma sociedade feminina, acentuadamente indulgente e com uma aversão à incerteza mais reduzida que Portugal e Brasil, pelo que o perfil cultural dos jovens deste país propicia uma utilização intensa das redes sociais.

Assim sendo, as características atrás descritas podem ser importantes no sentido de uma melhor compreensão do facto de os jovens portugueses da nossa amostra, em comparação com os angolanos e brasileiros, utilizarem o Facebook com menos frequência e terem para com esta rede social uma atitude menos favorável. Os aspectos culturais referidos mostram que os portugueses conferem menos importância ao lazer e às relações sociais que os outros dois países, característica esta que pode certamente ter repercussões também ao nível do uso das redes sociais, já que estas são utilizadas maioritariamente para esses fins.

No geral, Brasil e Cabo Verde são os países que maiores diferenças apresentam relativamente aos restantes em relação à frequência com que acedem ao Facebook. Enquanto o Brasil mostra uma frequência superior à maioria dos outros países (com exceção de Angola e Cabo Verde), Cabo Verde apresenta uma frequência inferior à maioria dos países (com exceção de Moçambique). Quanto à atitude perante a utilização do Facebook, Angola e Brasil revelaram uma atitude mais favorável do que todos os outros países.

Tendo em conta a classificação de Hofstede, Cabo Verde (CV) e Brasil (BR) diferem substancialmente em todas as dimensões: Distância ao poder (CV com valores muito elevados e BR com valores elevados); Individualismo (embora sejam ambos coletivistas, CV é-o muito mais que o Brasil); Masculinidade / Feminilidade (CV é o mais feminino dos países em análise; BR tem características mistas); Aversão à incerteza (CV – média; BR – elevada); Orientação a curto prazo (CV – baixa; BR – média) e Indulgência (CV – muito elevada; BR – médio).

Posto isto, tratando-se de um país muito coletivista, não é de estranhar que em Cabo Verde a taxa de utilização do Facebook seja mais reduzida, uma vez que os estudos existentes apontam nesse sentido (e.g., Elmasry, et al., 2014). No entanto, Cabo Verde é um país que se destaca na presente amostra por ser também acentuadamente feminino e indulgente, qualidades que levam os jovens a valorizar o convívio e as relações interpessoais (Hofstede, 1980). Certo é que este atributo cultural não está espelhado nos hábitos online, ou seja, é possível que os jovens cabo-verdianos continuem a privilegiar os contactos face-a-face em detrimento das redes sociais.

Os jovens brasileiros, a par dos angolanos, são os que revelam atitudes mais favoráveis à utilização do Facebook, apesar de serem países com traços culturais distintos em algumas das dimensões descritas por Hofstede (Capítulo I - Figura 3). Assim sendo, Angola (A) e Brasil (BR) diferem substancialmente nas dimensões: Distância o poder (A com valores muito elevados e BR com valores elevados); Individualismo (A- muito mais coletivista que BR); Masculinidade (A – feminino; BR – misto); Orientação a longo prazo (A - baixa; BR – orientação média); e Indulgência (A - muito elevado; BR – média indulgência).

O facto de serem ambos países coletivistas (sobretudo Angola), levaria a supor que a perceção das redes sociais fosse mais negativa (Pumper, et al., 2013), mas os resultados do presente estudo refutam essa conceção. Assim sendo, terá de levar-se em conta a influência de outras dimensões culturais destas duas sociedades, isto é, serem femininas (ou mistas, no caso do Brasil) e indulgentes (aspeto mais presente na sociedade angolana). Consequentemente, a valorização das relações interpessoais e do tempo dedicado ao lazer poderão ser responsáveis por uma atitude mais positiva e recetiva à utilização do

Facebook, sendo este encarado como mais uma, de entre outras vias, para estabelecer contactos com a família e o grupo de pares. Não se pode, contudo, excluir a hipótese de existirem fatores adicionais que terão de ser futuramente explorados no âmbito de outros estudos.

4.1.4.2 Riscos e oportunidades online

Comparando os jovens portugueses com os brasileiros (estudo 3), nas nossas amostras, em termos de exposição aos riscos online, conclui-se que quem corre mais riscos são (1) os portugueses, (2) os mais velhos, (3) os utilizadores mais frequentes (4) e os que revelam uma atitude mais favorável à utilização desta rede social.

São os jovens portugueses que se colocam mais em risco embora, comparativamente aos brasileiros, acessem menos a esta rede social, e revelem uma atitude menos favorável ao seu uso.

Importa ter-se em conta a influência de outras variáveis para além dos hábitos de utilização, como o país, o qual na nossa amostra, revelou ser um moderador de riscos. Além do mais, embora no geral a frequência de utilização seja superior nos jovens brasileiros, e se tivesse concluído que esta variável era preditora de riscos, certo é que a frequência é moderada pelo país e, mais do que isso, este efeito de moderação só foi significativo para Portugal (isto é, os utilizadores portugueses que mais frequentemente acessem ao Facebook são os que revelaram estar mais expostos aos riscos). Assim sendo, a aparente contradição nos resultados obtidos poderá ser explicada se se tiver em conta o conjunto de moderações e interações existentes entre as variáveis.

Relativamente às oportunidades, na nossa amostra, não se encontraram diferenças entre os jovens dos dois países. Mais uma vez (tal como ocorreu ao nível dos riscos), a frequência de utilização e a atitude perante o Facebook revelaram-se preditoras do surgimento de oportunidades. À semelhança do que acontece com os riscos, há uma significativa relação entre as oportunidades e a frequência de utilização, sendo esta interação apenas significativa para os jovens portugueses (os utilizadores portugueses que acedem mais frequentemente a esta rede social que relataram usufruir de mais oportunidades, tal como haviam referido ser mais frequentemente vítimas).

Assim sendo, pode colocar-se a hipótese de os jovens portugueses que responderam ao questionário, ao acederem ao Facebook com maior frequência, terem também uma utilização mais ativa (não se limitarem, por exemplo, à observação das fotografias e posts dos murais dos amigos), e colocarem conteúdos nos seus murais de forma a obterem comentários e likes. Esta atividade gera riscos (à semelhança do que acontece numa utilização passiva), mas o tipo de riscos parece ser distinto nos dois tipos de utilizações, sendo que na utilização passiva propicia alterações mais a nível emocional, sobretudo inveja e depressão Facebook (Hayes, et al., 2015), enquanto que a utilização ativa, aparentemente, favorece o surgimento de riscos com uma componente mais comportamental (como os que são abordados neste estudo).

Uma vez mais sobressai a existência de uma estreita relação entre os riscos e surgimento de oportunidades, consonantes com as conclusões já anteriormente referidas por diversos autores (e.g., Ellison, et al., 2007; Wolak & Finkelhor, 2008).

Em relação aos países da CPLP e Macau (estudo 4), nas nossas amostra, no geral os resultados revelaram que os riscos a que os jovens se expõem são reduzidos¹³¹, havendo uma maior vulnerabilidade aos riscos associados a desconhecidos¹³², e à receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos¹³³.

As oportunidades criadas por esta rede social, revelaram-se no presente estudo, superiores aos riscos¹³⁴, sendo os benefícios que os jovens mais usufruíram ligados ao crescimento afetivo-social¹³⁵.

Outros estudos (e.g., Ofcom, 2008) já tinham chamado a atenção para o facto de os jovens possuírem uma fraca perceção dos riscos, ou tenderem a valorizar mais as oportunidades criadas pela utilização das redes sociais. Desconhece-se se no presente estudo se assiste também a uma desvalorização dos riscos por parte dos jovens, ou se efetivamente estes são bastante reduzidos.

Parecem não existir meios de evitar os riscos, já que tanto uma utilização passiva, como uma utilização ativa os acarreta. No entanto, conforme anteriormente já foi referido, um risco não acarreta necessariamente um dano, e só por via da exposição ao risco é que os utilizadores do Facebook poderão usufruir das oportunidades geradas por esta rede social. Por exemplo, o contato com desconhecidos e a marcação de encontros presenciais, caso

¹³¹ Média geral de .31 (Estudo 4 – tabela 2)

¹³² Média de 1.13 (Estudo 4 – tabela 2)

¹³³ Média de .53 (Estudo 4 – tabela 2)

¹³⁴ Média geral de .98 (Estudo 4 – tabela 2)

¹³⁵ Média de 1.12 (Estudo 4 – tabela 2)

estes estejam movidos por más intenções, pode conduzir a riscos de assédio e/ou de cybersexting (Caetano, 2009; Falcão-Reis, 2008; Lin & Subrahmanyam, 2007). Contudo, não há necessariamente uma relação entre o contato com desconhecidos e o surgimento de danos. Esta interação pode, inclusive, abrir caminho para o surgimento de oportunidades, como a obtenção de apoio socioemocional e/ou o aumento da rede de relacionamentos (Kim & Hancock, 2015; Livingstone et al., 2014).

Os riscos associados a desconhecidos (adicionar; entrar em contato; ser vítima de assédio) foram os mais pontuados na presente amostra. Todavia no questionário informativo¹³⁶ os jovens referiram que da sua lista de amigos (superior a 400), constavam maioritariamente pessoas que conheciam offline, colegas de escola, ou familiares¹³⁷ e que o principal critério para aceitarem um pedido de amizade era, exatamente, haver um conhecimento prévio. Deste modo, adicionar desconhecidos parece não ser prática comum e, consequentemente, também os riscos associados são reduzidos.

Por outro lado, como já alguns autores haviam referido (e.g., Dias Neves, 2008; Ybarra & Mitchell, 2008), a receção de textos ofensivos/violentos, de fotografias/vídeos de cariz sexual explícito, ou a manutenção de diálogos com temas sexuais com desconhecidos, aumentam a vulnerabilidade dos jovens ao assédio online. Assim sendo, os dois tipos de riscos que mais se destacam (ligados a desconhecidos e à receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos) é possível que estejam interligados.

¹³⁶ Ver Anexo 6

¹³⁷ Ver Capítulo II. - 2.2.2 – Participantes

Estes resultados acentuam a importância de se efetuarem estudos que não incidam apenas sobre o cyberbullying, mas também sobre outro tipo de riscos, como os que estão associados a desconhecidos e também à receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos, já que estes parecem ser também um problema das redes sociais.

Em referência às oportunidades, o facto de as que mais se destacaram no presente estudo, serem relativas ao crescimento afetivo-social está de acordo com alguns estudos pré-existentes. Assim, diversos autores (e.g., Ferreira et al., 2013; Gross et al., 2002; Lampe, Ellison, & Steinfield, 2007) já haviam mostrado que o Facebook é utilizado principalmente para o relacionamento interpessoal (e.g., complementar as amizades offline, manter amizades com pessoas que estão distantes geograficamente). Além disso, fruto da desinibição benigna (Suler, 2004), os jovens mais facilmente expressam afetos, sentimentos, emoções, ao mesmo tempo que desabafam online com os amigos (Manago, et al., 2012). Paralelamente, a observação de fotografias e leitura de posts dos outros utilizadores aumenta o conhecimento dos hábitos dos seus pares, contribuindo para a aprendizagem social e, conseqüentemente, para o processo de socialização dos jovens (American Psychological Association, 2011).

No que respeita à comparação interpaíses, Portugal, Moçambique e Cabo Verde, são os países que no presente estudo, os jovens relatam ter estado sujeitos a menos riscos. Por seu turno, os jovens angolanos correram significativamente mais riscos do que os jovens de cinco outros países (Portugal, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau) e os jovens de São Tomé e Príncipe correram mais riscos que os seus pares da Guiné, Moçambique, Cabo Verde e Macau. Os brasileiros foram os únicos que não apresentaram

diferenças significativas, relativamente aos riscos online, em comparação com os restantes jovens dos outros países.

Observando as características culturais de Portugal, Moçambique e Cabo Verde, conclui-se que os dois países africanos têm características comuns entre si (com exceção da dimensão masculinidade, muito mais acentuada em Moçambique), mas distinguem-se bastante de Portugal. A sociedade portuguesa possui uma distância ao poder mais baixa e, embora coletivista é, ainda assim, mais individualista que os outros dois países, feminina (mais que Moçambique e menos que Cabo Verde), com uma acentuada aversão à incerteza, mais orientada a longo prazo que Moçambique ou Cabo Verde e muito menos indulgente que estes dois países.

Nos países onde a sociedade sente um grande desconforto perante a incerteza (como é o caso de Portugal) existe uma tendência para as pessoas adotarem uma postura cautelosa, ou seja, há maior resistência à mudança por receio das suas consequências negativas, daí que não seja muito recetiva às inovações (Wen, et al., 2007). As pessoas são também mais fechadas ao exterior, mais relutantes em dialogar ou partilhar informações com desconhecidos (Cozby, 1973). Por seu turno, uma orientação a curto prazo, reflete uma sociedade que prefere manter as tradições e normas e encara as mudanças com desconfiança (Hofstede, 2001). Ou seja, tanto uma como outra dimensão acentua uma atitude de maior precaução da sociedade face ao que é inovador e, possivelmente, tal atitude também se aplica ao Facebook. Portugal reúne estes dois aspetos (aversão à incerteza e orientação a curto prazo), enquanto que nos países africanos se constata sobretudo a presença de valores baixos na orientação a longo prazo. Além disso, o facto de

estes três países serem coletivistas (ainda que uns mais do que outros) poderá também explicar estes resultados. Há que ter em conta que os riscos que mais se destacaram (no conjunto das subamostras da CPLP e Macau) foram os que se encontram associados a desconhecidos e se os jovens destes países, por via deste traço cultural, tendem a relacionar-se mais dentro de um grupo restrito de pessoas (tanto off como online), esta atitude poderá servir de escudo protetor para o surgimento de maior número de riscos deste tipo.

Ao nível das oportunidades, os jovens portugueses da nossa amostra usufruíram, previsivelmente, menos delas do que os angolanos, brasileiros, guineenses e são-tomenses. Tendo em conta que os riscos se transformam muitas vezes em oportunidades, havendo por parte dos portugueses menos exposição ao risco que nos referidos países, este aspeto consequentemente reduz as hipóteses de surgirem oportunidades.

Conclui-se que, de entre toda a CPLP e Macau, Angola e Brasil são os países que, no nosso estudo, mais se destacaram quer ao nível de hábitos, quer de riscos e oportunidades, pelo que se passará a analisá-los com maior pormenor.

Angola é, do ponto de vista cultural (Hofstede, 1981), um país que se caracteriza por uma elevada distância ao poder, por ser coletivista, acentuadamente feminino, com alta aversão à incerteza (resistente à inovação), muito baixa orientação a longo prazo (encara as mudanças com alguma desconfiança) e muito indulgente. Tendo em conta os níveis de coletivismo¹³⁸, seria de esperar menor recetividade e interesse pelas redes sociais e, por

¹³⁸ 82 % de coletivismo (ver figura 3)

consequente, uma utilização menos frequente (Pumper et al., 2013). Contudo, os jovens angolanos parecem não transportar para o Facebook estas características culturais, muito pelo contrário, manifestam uma atitude favorável para com esta rede social e utilizam-na com frequência, destacando-se dos seus pares oriundos de outros países, tanto nos hábitos como no binómio riscos/oportunidades. Pode estar-se perante uma situação de “aculturação Facebook”, no sentido em que os jovens, apesar de viverem inseridos numa sociedade coletivista, poderão tender a comportar-se no Facebook de um modo mais individualista, ou seja, consistente com as características da própria rede social (Qiu et al., 2012). Seria igualmente de esperar que os jovens angolanos fossem mais cautelosos na utilização desta rede social mas, aparentemente existem autorrevelações online e não só para um grupo restrito. Com base nos resultados do presente estudo, conclui-se também que apesar de se tratar de uma sociedade que não está muito recetiva à inovação, os jovens angolanos mostram-se muito abertos à utilização do Facebook, e certamente divulgam informações pessoais também para um circuito mais alargado, que incluirá desconhecidos. Assim se poderá entender que os riscos sejam mais acentuados em Angola que nos restantes países. Os resultados sugerem também a interferência de outras dimensões para além da de individualismo /coletivismo (a mais frequentemente utilizada nos estudos transculturais), tanto nos hábitos de utilização como nos riscos e oportunidades online. O facto de se tratar de uma sociedade feminina e acentuadamente indulgente, faz com que as relações interpessoais sejam muito valorizadas, o convívio e o lazer sejam apreciados, possivelmente on e offline. Neste contexto, o Facebook eventualmente será encarado como mais uma ferramenta que não só está ao serviço da

manutenção e fortalecimento de relações pré-existentes, como também da formação de novas relações. Posto isto, as características femininas e indulgentes da cultura angolana poderão fazer a diferença e contribuir para a explicação dos resultados obtidos.

Os jovens angolanos da nossa amostra também se destacam como aqueles que usufruem mais das oportunidades, ou seja, está presente uma vez mais a dupla faceta das redes sociais, no sentido em que um risco pode ser concomitante à criação de uma oportunidade.

No que respeita ao Brasil, os jovens brasileiros que responderam ao nosso questionário, destacam-se nos hábitos de utilização (frequência e atitude) e nas oportunidades, mas não apresentam diferenças ao nível dos riscos online. É um país com alta distância ao poder, coletivista¹³⁹, com valores médios de masculinidade/feminilidade, elevada aversão à incerteza, níveis médios na dimensão orientação a longo prazo e com indulgência média. Assim sendo, apesar de estarem inseridos num país coletivista, os jovens brasileiros da nossa amostra utilizam o Facebook com mais frequência e intensidade que os seus pares dos restantes países. Este resultado pode, uma vez mais, estar relacionado com a “aculturação Facebook”, mas também revela uma abertura à utilização das novas tecnologias, o que pode ser fruto de se tratar de uma sociedade medianamente orientada a longo prazo. Aos resultados também não será alheio o facto de se tratar de uma sociedade com níveis médios de feminilidade e indulgência. Como já referido, estas duas características culturais estão intimamente ligadas à importância que as pessoas conferem

¹³⁹ Com 62% de coletivismo é o mais coletivista da amostra (ver Figura 3)

às relações sociais e ao lazer. Assim sendo, os jovens brasileiros mostram ter bastante interesse pelo Facebook, possivelmente porque esta rede social vai também ao encontro destes aspetos culturais, no sentido em que constituem mais um meio disponível para interagirem e passarem algum do seu tempo livre.

A inexistência de diferenças significativas comparativamente aos outros países, no que diz respeito aos riscos, poderá ter diversas leituras. Por um lado vai ao encontro do que é descrito por Hofstede (2001) a propósito dos países com pontuações altas nas dimensões de distância ao poder e aversão à incerteza, isto é, revela alguma cautela na utilização do Facebook, possivelmente no que respeita à autorrevelação, aspeto que funciona como proteção para o surgimento de riscos online. Por outro, este resultado pode também decorrer de alguma desvalorização dos riscos por parte dos jovens, a par de uma valorização das oportunidades. Além do mais, a constatação de que os jovens brasileiros acedem mais frequentemente ao Facebook, mas que tal não se repercute em riscos elevados, é possível ser também explicado à luz do que já alguns autores (e.g., Parenting for a Digital Future, 2016) tinham referido, isto é, que uma utilização mais frequente pode constituir um fator de proteção já que assim os jovens adquirem um maior conhecimento desta rede social e desenvolvem estratégias mais eficazes tanto para se protegerem dos riscos que surjam online, como para converterem os riscos em oportunidades. Cardoso, Espanha e Lapa (2009, p. 42) corroboram essa opinião: “os jovens ao utilizarem mais a internet ganham experiência e competências para aceder aos recursos da internet, e vão crescendo e aprendendo, muitas vezes sem acompanhamento, sobre as oportunidades e riscos associados a essa utilização”.

Relativamente às oportunidades, a amostra do Brasil apresenta diferenças significativas relativamente aos outros países. Se tivermos presentes as características da amostra, vemos que a maioria dos jovens é universitária (maiores de 18 anos), o que os posiciona numa fase da vida em que já existe alguma preocupação em termos profissionais, mas também apreciam o convívio, onde certamente incluem a utilização das redes sociais. Aliás, para estes jovens, a utilização do Facebook tem como objetivos “manterem-se a par da vida dos amigos”, mas também “estabelecer contactos com jovens que estejam a frequentar o mesmo curso que pretendem seguir”¹⁴⁰, ou seja, os objetivos/motivações têm a ver com o relacionamento interpessoal, mas também com o profissional/académico, o que vem acentuar o que já foi referido a propósito das características femininas e indulgentes desta sociedade.

Em resumo, conforme observado, os resultados obtidos levam a concluir que, apesar de a cultura dos dois países que mais se destacaram (Angola e Brasil) ser coletivista, os jovens das nossas amostras parecem comportar-se no Facebook de um modo tendencialmente mais individualista, isto é, utilizam bastante esta rede social e, aparentemente, fazem mais autorrevelações do que seria de supor. Diversos autores (e.g., Lamoreaux & Morling, 2008; Qiu et al., 2012) já tinham referido que as redes sociais poderiam conduzir a uma homogeneização dos componentes culturais. Ou seja, o próprio Facebook enquanto rede social, com características marcadamente individualistas, poderia ser responsável por uma aculturação, em que as diferenças culturais tendessem a esbater-se e os utilizadores

¹⁴⁰ ver Capítulo II – 2.2.2 Participantes

passassem a comportar-se de um modo semelhante online, ainda que a sua cultura offline fosse distinta. Observa-se, de facto que, em certos aspetos os jovens se comportam no Facebook de um modo diferente ao que seria de esperar tendo em conta as características culturais dos seus países de origem, no entanto, noutros continuam a agir em consonância.

Para além disso, características femininas e indulgentes existentes tanto num como noutro país (embora muito mais acentuadas em Angola), conduzem a uma valorização das relações interpessoais e do bem-estar, contexto em que facilmente se pode incluir a utilização desta rede social. De notar que os jovens angolanos referiram como principal motivo para a utilização do Facebook “conhecer pessoas” (Capítulo II – participantes), podendo extrapolar-se que os contatos online não se restrinjam aos amigos pré-existentes, mas que também se aventurem a estabelecer contactos com desconhecidos. Em contrapartida, para os jovens brasileiros, o que principalmente os motiva é, como já referido, “manterem-se a par da vida dos amigos”, estímulo que continua a ser de âmbito mais relacional, mas que aparentemente se encontra mais direccionado para amizades pré-existentes (o que pode em parte explicar os resultados ao nível dos riscos online).

Tendo em conta o exposto conclui-se que as diferenças entre países quer no que respeita aos hábitos de utilização, quer aos riscos e oportunidades online, só podem ser compreendidas se se tomar em consideração todas as dimensões culturais (não só a dimensão “individualismo /coletivismo”, como até agora tinha sido adotado noutros trabalhos transculturais).

4.1.5 Comportamentos de risco (offline) e bem-estar

Relativamente aos comportamentos de risco offline que se encontram relacionados com a influência de uma página/grupo a que o jovem aderiu no Facebook, verificou-se no presente estudo serem também muito baixos¹⁴¹, havendo valores um pouco mais elevados nos comportamentos associados à defesa de valores/ideologias e discurso de ódio¹⁴². Por seu lado, os níveis de bem-estar dos jovens utilizadores situaram-se nos valores médios da escala.

Conclui-se que, na nossa amostra, os hábitos de utilização, os riscos e as oportunidades são preditores dos comportamentos de risco e do bem-estar. Assim, uma atitude mais favorável à utilização desta rede e acedê-la com maior frequência prediz o aumento dos comportamentos de risco offline, mas também do bem-estar. Por seu turno, os riscos¹⁴³ podem ser geradores de comportamentos de risco (danos) e as oportunidades geradoras de bem-estar. De entre as categorias de riscos online tidas em conta¹⁴⁴, os riscos online ligados à defesa de valores/ideologias de discurso de ódio, apesar de serem os menos assinalados pelos jovens¹⁴⁵, quando estão presentes, são os que mais se repercutem em

¹⁴¹ Média geral de .08 (Capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 4 - Quadro 2)

¹⁴² Média de .09 (Capítulo 3 – Estudos Empíricos – Estudo 4 - Quadro 2)

¹⁴³ Devido a critérios estatísticos (Cohen, 1988) apenas os riscos foram tidos em consideração para as análises posteriores (estudo 4)

¹⁴⁴ Riscos online e defesa de valores /ideologias de discurso de ódio; Riscos do ciberespaço; Riscos ligados a desconhecidos; Riscos de receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos; Riscos ligados ao terminar de relacionamentos (ver capítulo II – 2.3.3)

¹⁴⁵ Média = .07 (Capítulo III – Estudos Empíricos – Estudo 4 - Quadro 2)

comportamentos de risco offline (ou seja, os que potencialmente mais podem conduzir a danos).

Estes resultados vêm reforçar o que já tinha sido adiantado noutros estudos (Boyd, 2015) e acentuar o papel desempenhado pelo cibridismo na medida em que os riscos online parecem ser responsáveis pelo surgimento de comportamentos de risco offline (Berkman Center for Internet and Society, 2010). Efetivamente, alguns comportamentos que acarretem risco para o próprio¹⁴⁶, assim como outros comportamentos de risco onde se inclui o discurso de ódio¹⁴⁷, são os que mais frequentemente passam a ténue barreira que divide o online do offline.

Por outro lado, nesta estreita relação entre o on e o offline, os hábitos de utilização e as oportunidades online predizem o bem-estar. Assim, as oportunidades de âmbito do crescimento afetivo-social¹⁴⁸, foram as que mostraram ter um maior impacto no bem-estar e serem preditoras do mesmo. Se tivermos em conta que este tipo de oportunidades está bastante relacionado com aspetos emocionais, área muito importante para os adolescentes, apesar de serem vividos online vão ter impacto offline, sobretudo ao nível do bem-estar (Bargh & McKenna, 2004), o que vem também corroborar a conceção do cibridismo.

¹⁴⁶ Fuga de casa, tentativas de suicídio, automutilação, alteração de hábitos alimentares que possam conduzir a distúrbios desta ordem.

¹⁴⁷ Fazer parte de ações contra alguém específico; contra pessoas de diferentes raças ou países; contra homossexuais, filmagem de vídeos em situações perigosas, fotografias em locais e/ou posições arriscadas.

¹⁴⁸ Referimo-nos à possibilidade de obtenção de apoio emocional; aumento da frequência de relacionamentos interpessoais; facilidade de expressão de afetos; melhoria de habilidades sociais (Capítulo II – 2.3.3.)

Conclui-se, então, na nossa amostra, quanto mais frequente é a utilização e mais favorável é a atitude relativamente ao Facebook, a mais riscos online os jovens se expõem, mais comportamentos de risco offline podem surgir, mas também mais usufruem das oportunidades e mais elevado é o bem-estar.

4.1.6 Estamos online e vivemos offline?

Está-se agora em condições de responder à principal questão que foi o ponto de partida para este estudo - *Estamos online e vivemos offline?* Avançamos uma resposta negativa.

Conclui-se existir uma estreita relação entre o online e o offline, sendo que os riscos/oportunidades não ficam circunscritos a um só ambiente e repercutem-se quer em comportamentos de risco, quer em bem-estar. Fruto do cibridismo, caminha-se cada vez mais para o esbatimento das fronteiras e se para Gabriel (2012) passámos de “estar conectados” para “ser conectados”, após este estudo, pode concluir-se que “*vivemos on e offline*”.

Ao olharmos à nossa volta constata-se que os jovens vivem permanentemente ligados, alguns possuem mais do que um smartphone para conseguirem estar constantemente a comunicar com os amigos. Estes aparelhos tornaram-se, por isso, objetos omnipresentes nas vidas dos mais novos (e não só), vinte e quatro horas por dia. Concordamos com alguns autores (Beiguelman, 2013; Haraway, 2000; Siqueira & Medeiros, 2011) quando referem que o ser humano se está a transformar num ciborgue. De facto, as tecnologias são agora extensões do corpo humano, como outrora só se via na ficção científica. Um smartphone possui quase todas as características dos computadores e, através dele, é possível desempenhar, em simultâneo, múltiplas funções seja em que local for, e a

diminuição do tamanho dos aparelhos permite uma cada vez maior portabilidade. Os jovens podem estar presencialmente com os amigos, ao mesmo tempo que interagem com outros à distância, ou se colocam a par das últimas notícias, respondem a e-mails, comentam posts no Facebook, o que “os coloca em total interação com seu mundo pessoal e com o mundo à sua volta” (Santos Pereira, 2016, p. 4).

As redes sociais (sobretudo o Facebook) têm sido frequentemente diabolizadas e associadas frequentemente a danos. Com o presente trabalho pode contribuir-se para desmistificar a ideia tão difundida de que redes sociais são, sobretudo, sinónimo de riscos e de danos. De facto, esta ideia não corresponde ao revelado pelos resultados deste estudo. Os dados do presente estudo foram recolhidos em 2012, tinha o Facebook surgido há oito anos. A rede social conta agora com 13 anos de existência e os jovens estão bastante mais familiarizados com a sua utilização. Ainda que sejam por vezes noticiadas situações que se iniciam online e que colocam os jovens em comportamentos de risco offline (e.g., o assédio online/violação offline, as situações de happy slapping) estas são pouco frequentes se se tiver em conta o rácio entre número de utilizadores e situações que conduzem a danos. Contudo, sempre que surge um caso, os media acabam por acentuá-lo, enquanto as oportunidades que diariamente são geradas pelo Facebook são remetidas para segundo plano. Daí que, no geral, as pessoas (sobretudo os adultos que não estão tão a par desta realidade) partilhem a ideia de que as redes sociais são um lugar perigoso, onde pouco de bom acontece. De facto, existem riscos, mas estes não se repercutem necessariamente em danos, podendo inclusivamente ser transformados em oportunidades caso o jovem tenha adquirido competências nesse sentido. Assim sendo,

uma importante conclusão que pode retirar-se destes estudos é que, à semelhança do que se passa no nosso quotidiano offline, é preciso arriscar para se colherem alguns frutos, pelo que os riscos online vivem paredes-meias com as oportunidades.

Importa então, e cada vez mais (como referiu Levy, 1999) explorar as potencialidades mais positivas das redes sociais como meio de socialização, com finalidades lúdicas, económicas ou intelectuais. Além disso, como foi referido, estes espaços virtuais desempenham cada vez mais um importante papel no desenvolvimento psicossocial dos jovens deste século, aspeto este que importa aprofundar em termos de conhecimento científico.

Posto isto, vivemos on/offline e assim continuaremos, já que as redes sociais vieram para ficar e o seu estudo deverá constituir uma prioridade para as ciências humanas, em especial para a Psicologia. Só através do conhecimento aprofundado deste fenómeno poderemos elaborar programas de prevenção, dirigidos a pais, professores e a jovens, que visem informar os mais velhos acerca dos riscos e oportunidades criados por estes lugares virtuais, mas também sensibilizar os jovens para o facto de existir uma linha ténue entre o virtual e o real, pelo que há necessidade de se protegerem dos riscos de forma a evitar os danos e potenciar o surgimento de oportunidades/aumento do bem-estar.

Importa alertar os jovens para o facto de que o que muitas vezes observam nas redes sociais não corresponder exatamente à verdade. Não nos referimos apenas às *fake news*¹⁴⁹, mas também aos posts e fotografias publicadas pelos amigos onde,

¹⁴⁹ Tratam-se de notícias falsas (e.g. anúncio de morte de artistas) em que o Facebook se transformou no principal veículo para a sua disseminação.

invariavelmente, é transmitida uma ideia de felicidade e sucesso. Fruto desta imagem distorcida, muitos jovens são levados a invejar a vida dos amigos, e da inveja surge a depressão e outras alterações emocionais, com consequente diminuição do bem-estar. Posto isto, pensamos ser de extrema importância incidir neste ponto como forma de prevenir as perturbações desenvolvidas nas redes sociais (iDisorder).

Há também que prevenir os efeitos devastadores que podem decorrer da desinibição tóxica. O que é comentado/divulgado nas redes sociais pode ter um enorme impacto no quotidiano offline da vítima. Mais uma vez, os jovens não devem considerar que existem dois mundos separados e que um não tem influência no outro.

Concordamos com Morais (2013, p. 290) quando expressa que “a segurança online deve ser como uma cadeira. Deve ter quatro pernas. Com três, não é uma cadeira, é um banco. Aguenta-se, mas quanto menor for a criança, mais instável será o equilíbrio”. As quatro pernas da cadeira equivalem, segundo o mesmo autor, a outras tantas abordagens: regulamentar, educacional, parental e tecnológica. A abordagem regulamentar “define os direitos, deveres e obrigações dos utilizadores”, a educacional visa “a sensibilização para a segurança de crianças e jovens” (2013, p. 292-293), a parental diz respeito ao papel que os pais devem desempenhar no sentido de orientar os mais novos a saberem estar no ambiente online; a tecnológica refere-se à importância de os utilizadores conhecerem e saberem acionar os instrumentos disponíveis tendo em vista a sua proteção.

Assim, a prevenção dos riscos on e offline passará também por formar/informar os jovens no sentido de encararem o virtual como uma realidade aumentada (Milgram & Kishino, 1994,) na qual o virtual e o real são duas faces de uma só realidade.

4.2 Principais contributos

Um dos principais contributos desta investigação consistiu no desenvolvimento da “Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook” (Marques et al., 2016). Este instrumento torna possível o estudo destes aspetos nos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa e Macau. No que respeita aos restantes estudos empíricos, num deles pôde traçar-se o perfil do jovem utilizador português, analisando as diferenças em função do género, da idade e por regiões no que se refere aos riscos e às oportunidades criadas por esta rede social. Relativamente aos outros dois, contribuíram para um conhecimento mais aprofundado dos hábitos de utilização do Facebook, dos riscos e das oportunidades online, dos comportamentos de risco e do bem-estar offline dos jovens da CPLP e de Macau. Pôde igualmente clarificar-se, um pouco mais, o impacto de variáveis como o ajustamento psicossocial e a cultura, na utilização da rede social Facebook.

Outra importante contribuição relaciona-se com a existência de indicações de que vivemos num mundo híbrido, isto é, o on e o offline sem existências separadas, sendo duas dimensões que se complementam entre si. Assim sendo, as oportunidades de que os jovens usufruem via Facebook influenciam o seu bem-estar total offline, assim como ao colocarem-se em risco nas redes sociais, os jovens poderão assumir offline alguns tipos de comportamentos de risco que podem conduzir a danos.

Concluiu-se também, que riscos e oportunidades são duas faces da mesma moeda, ou seja, torna-se necessário correr riscos para se poder usufruir das oportunidades criadas

pelo Facebook, assim como muitos riscos podem ser ao mesmo tempo eles próprios oportunidades.

Relativamente aos aspetos culturais e sua relação com a utilização do Facebook, persistem diferenças entre os países, no que respeita quer aos hábitos de utilização da rede social, quer aos riscos e oportunidades online. Alguns autores (e.g., Robbins & Stylianou, 2009) tinham concluído que os utilizadores do Facebook, mesmo de cultura coletivista, passam a comportar-se nesta rede social de um modo individualista. De facto, Angola, por exemplo, sendo um dos países mais coletivistas da presente amostra é também um dos maiores utilizadores desta rede social (caraterística comum aos países individualistas). Assim, o facto de se ser utilizador de uma rede social criada por um país individualista e, por conseguinte, com caraterísticas individualistas, parece constituir um fator facilitador para a “aculturação Facebook”, de algum modo semelhante ao que ocorre nos processos grupais. Muitos autores do âmbito da psicologia (e.g., Erikson, 1987) mostraram que pertencer a um grupo é particularmente importante durante a adolescência, mas “para o funcionamento harmonioso do grupo é necessário que o papel subjetivo do indivíduo (atribuído pelo próprio) seja coerente com o que dele esperam os demais participantes” (Alexandre, 2002). Autores como Gangadharbatla (2008) já haviam referido que a utilização de redes sociais preenchia necessidades de pertença, e esta “é uma razão compreensível pela qual os adolescentes procuram estabelecer e ter êxito nas relações com os colegas” (p.54). Este êxito é hoje, e cada vez mais, desejado não só offline, mas também online. Posto isto, pode colocar-se a hipótese de que algumas das mudanças comportamentais ocorridas nos jovens utilizadores do facebookFacebook se devam não só

às características estruturais da própria rede, mas também a processos de ordem desenvolvimental, como é o caso da influência do grupo de pares com quem se relacionam online. No entanto, estas conclusões terão de ser melhor exploradas em outros estudos.

Ainda assim, a homogeneização cultural/comportamental não é total, uma vez que persistem diferenças entre países, quer ao nível dos hábitos, quer de riscos / oportunidades, o que nos leva a concluir que algumas características culturais das sociedades transpõem as barreiras do offline e passam para o ambiente online. No entanto, a leitura/compreensão dos resultados só é viável se tivermos em conta todas as dimensões da teoria de Hofstede (2001), e não só a dimensão “individualismo / coletivismo”, a mais utilizada nos estudos transculturais. Importa também, em futuros estudos, aprofundar os resultados agora obtidos.

Com base nas conclusões desta investigação torna-se possível elaborar programas de prevenção de riscos on e offline e de promoção de hábitos saudáveis de utilização das redes sociais, dirigidos a pais, a jovens e também a professores. Deste modo pensamos ter dado um importante contributo para a Psicologia Educacional e aberto caminhos para investigação futura nesta área.

4.3 Algumas limitações

Terminada esta investigação, é fundamental referir um conjunto de limitações e enunciar pistas para estudos futuros. Embora extensa, trata-se de uma amostra por conveniência e apresenta alguns desequilíbrios, nomeadamente em termos de distribuição por países e por idades. Apesar destes constrangimentos, há que referir que houve o maior cuidado no tratamento/leitura dos dados, para o qual contamos com a ajuda de diversos

especialistas na área da estatística aplicada às ciências humanas. Assim, no que se refere ao estudo das diferenças entre regiões (estudo 2) a dimensão das subamostras permitiu a utilização de testes paramétricos robustos (ANOVA), que permitiram identificar diferenças estatisticamente significativas entre as subamostras apesar das suas diferentes dimensões. Relativamente ao estudo que analisa as diferenças entre países (estudo 4) a dimensão das amostras foi estatisticamente controlada nas análises multinível. Apesar de tudo, os resultados e conclusões obtidos no presente trabalho terão sempre de ser encarados com alguma cautela e, de futuro, será importante aprofundá-los, através da recolha de uma amostra mais homogénea e representativa em todos os países, quer em tamanho, quer em idade.

Um ponto igualmente relevante é que, apesar de os países em análise terem como língua oficial o português, em alguns (e.g., Timor e Guiné Bissau) a língua portuguesa não é a mais utilizada. Assim sendo, em estudos futuros o questionário deve ser traduzido / adaptado aos países em análise (à semelhança do que foi feito para os jovens brasileiros em que alguns termos foram modificados por forma serem por eles mais facilmente entendidos).

Uma outra limitação prendeu-se com a recolha de uma amostra através de um questionário online, a qual é um processo que possui alguns constrangimentos. As dificuldades ao nível de acesso à Internet em alguns países (e.g., em São Tomé e Príncipe e em Angola) causaram impedimentos na celeridade do processo de recolha da amostra, pelo que se tornou necessário optar, ou pelo preenchimento do questionário em papel (São Tomé e Príncipe), ou aguardar para que houvesse rede. De futuro é também

importante que o questionário seja alojado numa plataforma que permita ser preenchido de modo faseado, para que quando os jovens deixam de ter acesso à Internet, o possam retomar sem perder os dados entretanto preenchidos. No presente estudo, a plataforma não permitia duplicações, o que protegia de situações de duplo preenchimento, mas também impedia a interrupção do seu preenchimento e a sua retoma mais tarde. Ainda relativamente à metodologia de recolha de dados, será relevante complementar o estudo por questionário com uma abordagem qualitativa, de modo a aprofundar e clarificar designadamente os aspetos culturais associados às diferenças encontradas. No que respeita ao questionário (EAROJUF) este aborda os riscos e as oportunidades apenas numa perspetiva passiva, ou seja, encara o jovem apenas como vítima dos riscos e beneficiário das oportunidades criadas. Assim, importa também explorar o papel ativo do jovem, quer como gerador de riscos, quer como propiciador de oportunidades. O cyberstalking deverá também ser abordado na sua vertente mais negativa, uma vez que na presente investigação foi considerado como fator de incómodo, mas ligado à insistência na colocação de mensagens e/ou aplicativos não agressivos. Há que incluir a faceta de perseguição online propriamente dita. Importa igualmente incluir no questionário outro tipo de riscos que, entretanto, se tenham tornado problemáticos (e.g., gravar vídeos com agressões a colegas para os disseminar online; outros desafios lançados nas redes sociais).

Relativamente à análise transcultural, apesar de não estarem disponíveis dados culturais à luz da perspetiva de Hofstede (1981) sobre São Tomé e Príncipe, outra pista para estudos futuros consiste em recorrer a outras abordagens, ou dados de caracterização sobre este país que permitam fazer uma melhor interpretação dos

resultados encontrados. A caracterização de Macau e da Guiné Bissau teve de ser efetuada tendo como referência outros países (Hong-Kong e Senegal, respetivamente), os quais apesar de serem apontados noutros estudos como culturalmente semelhantes (Leng, 2013; Sousa, 2016), certamente terão algumas diferenças que não nos foi possível identificar.

No que diz respeito à análise entre regiões de Portugal, será também importante noutros estudos recolher uma amostra mais homogénea de cada região, quer em tamanho, quer em idade. Para além disso, interessa ter em conta as particularidades socioculturais de cada região de Portugal, de modo a clarificar algumas das diferenças encontradas entre elas. Por fim, de 2012 para 2017 algumas mudanças se operaram na própria rede social. Em 2015, as alterações parecem ter sido realizadas no sentido de haver uma maior valorização da imagem em detrimento dos conteúdos escritos (e.g., possibilidade de colocar uma fotografia de perfil temporária, um vídeo como fotografia de perfil, não haver só likes, mas também diferentes emoticons/emojis, haver a possibilidade de transmissão direta de um evento, ...), sendo que estas e outras mudanças deverão ser igualmente estudadas no sentido de se aprofundar quais as consequências que acarretam em termos de riscos e de oportunidades.

Enunciaram-se diversas limitações relativas a um trabalho de investigação que, por um lado, teve como foco um tema inovador (o Facebook) e, por outro enfrentou o desafio de ser transcultural. No entanto, apesar destas, temos a convicção de que os estudos apresentados podem servir de ponto de partida, quer para outras investigações complementares, quer para projetos mais orientados para a intervenção. As redes sociais

no geral, e em especial o Facebook, possuem um grande potencial, que poderá/deverá ser explorado, por exemplo, no sentido da organização de campanhas de informação e de prevenção dos riscos / promoção das oportunidades dirigidas aos jovens.

Página propositadamente deixada em branco

Capitulo V – Referências Bibliográficas

Página propositadamente deixada em branco

- Abeele, M. V., & Roe, K. (2011). New life, old friends: A cross-cultural comparison of the use of communication technologies in the social life of college freshmen. *Young Nordic Journal of Youth Research*, 19, 219–240. doi: 10.1177 /11033088 1001 900205.
- Adams, G., Anderson, S. L., & Adonu, J. K. (2004). The cultural grounding of closeness and intimacy. *Personal Relationships*, 10, 333–34. Retrieved from: http://www.sow.vu.nl/pdf/FPS/Adams_Plaut_%202003.pdf.
- Afsar, B. (2013). The relation between internet and social media use and the demographic and clinical parameters, quality of life, depression, cognitive function and sleep quality in hemodialysis patients. *General Hospital Psychiatry*, 35, 625–630. doi: 10.1016/j.genhosppsych.2013.05.001.
- Agatson, P.W., Kowalski, R.M., & Limber, S.P. (2007). Student's perspectives on cyberbullying, *Journal of Adolescent Health*, 41, 59-60. doi:10.1016 /j.jadohealth. 2007.09.003.
- Alberts, A., Elkind, D., & Ginsberg, S. (2007). The Personal fable and risk-taking in early adolescence. *Journal Youth Adolescence*, 36, 71-76. doi: 10.1007/s10964-006-91444.
- Alexandre, M. (2002). Breve descrição sobre processos grupais. *Comum*, 7 (19) , 209 – 219. Retrieved from: <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/marcosalexandre.pdf>
- Almakrami, H. A. A. (2015). *Online self-disclosure across cultures: A study of Facebook use in Saudi Arabia and Australia*. (Doctoral dissertation, Queensland University of Technology). Retrieved from: <http://eprints.qut.edu.au/84494/>
- Almeida, L.S., & Freire, T. (2000). *Metodologia de investigação em psicologia da educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Alves Marques, C. (1994). O Individualismo: do senso comum a dimensão cultural. *Análise Psicológica*, 1 (XII): 5-13.

- Amado, J., & Matos, A. (2014). O *cyberbullying* entre os comportamentos de risco *online*. In G.L. Miranda (Org.), *Psicologia dos comportamentos online*. 81-101. Lisboa: Relógio D'Água.
- American Psychological Association (2011). Social networking's good and bad impacts on kids. Retrieved from: <http://www.apa.org/news/press/releases/2011/08/social-kids.aspx>.
- Amichai-Hamburger, Y., Kingsbury, M., & Schneider, B. H. (2013). Friendship: an old concept with a new meaning? *Computers in Human Behaviour*, 29, 33-39. doi:10.1016/j.chb.2012.05.025.
- Appel, H., Crusius, J., & Gerlach, A. (2015). Social comparison, envy, and depression on Facebook: a study looking at the effects of high comparison standards on depressed individuals. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 34, 277-289. Retrieved from: http://soco.uni-koeln.de/docs/Appel_Crusius_Gerlach_2015_JSCP.pdf
- Areias da Silva, P. (2016). *As implicações do uso da rede social Facebook para a felicidade dos adolescentes*. (Dissertação de Mestrado em Gestão Comercial não publicada). Faculdade de Economia. Universidade do Porto.
- Agatson, P.W., Kowalski, R.M., & Limber, S.P. (2007). Student's perspectives on cyberbullying. *Journal of Adolescent Health*, 41, 59-60. Retrieved from: [http://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(07\)00368-0/pdf](http://www.jahonline.org/article/S1054-139X(07)00368-0/pdf).
- Barcelos, G.T., Passerino, L.m. & Behar, P.A., (2010). Redes sociais e comunidades : definições, classificações e relações. *CINTED-UFRGS - Novas Tecnologias na Educação*, 8(2). Disponível em <http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/15251/9008>
- Bancaleiro, C. (2015, 17 Novembro). Reacções com emojis no Facebook já disponíveis em Portugal. Portugal é o quarto país escolhido pela rede social para testar os pequenos ícones como resposta a conteúdos partilhados. *Jornal Público*. Disponível em

<https://www.publico.pt/2015/11/17/tecnologia/noticia/reaccoes-com-emojis-no-facebook-ja-disponiveis-em-portugal-1714611>

Baker, D. A., & Algorta, G. P. (2016). The relationship between online social networking and depression: a systematic review of quantitative studies. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 19, 638-648. doi:10.1089 /cyber.2016.0206.

Baptista, T.M. (2014). Infidelidade Digital: Uma velha história com novos meios. In G.L. Miranda (Org.), *Psicologia dos comportamentos online*. 149-161. Lisboa: Relógio D'Água:

Bargh, J., & McKenna, K. (2004). The internet and social life. *Annual Review of Psychology*, 55, 573-90. doi: 10.1146/annurev.psych.55.090902.141922.

Barwinski, L. (2010). *O que é cibercultura?* Retrieved from: <https://www.tecmundo.com.br/internet/4232-o-que-e-cibercultura-.htm>

Bassett, P. (2004). Chinese and Australian students' cultural perceptions: A comparative study. *Victoria University, Melbourne*. Retrieved from: http://www.ouhk.edu.hk/cridal/gdenet/Teaching/Design/smith_and_smith.pdf

Becker, K., Mayer, M., Nagenborg, M., El-Faddagh, M., & Schmidt, M. (2004). Parasuicide online: Can suicide websites trigger suicidal behaviour in predisposed adolescents? *Nordic Journal of Psychiatry*, 58. doi: 10.1080 /080394804 10005602.

Beiguelman, G. (2013) Admirável mundo cíbrido. Retrieved from: http://www.academia.edu /3003787/Admir%C3%A1vel_mundo_c%C3%ADbrido

Beiguelman, G. (2010). Arte do cibridismo. (Entrevista) Retrieved from: <http://culturadigital.br/ artedocibridismo/entrevistas/giselle-beiguelman>.

Beirão, M. C., & Martins, M. J. D. (2009). *Cyberbullying and emotions in adolescence*. Comunicação apresentada na Conferência Internacional “Psicologia e Educação:

- Práticas, Formação e Investigação”. Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade da Beira Interior. Retrieved from: <http://files.cyberbullying4.webnode.pt/2000000004-b1df8b293e/beirao-maria-cyberbullying-and-emotions-in-adolescence.pdf>.
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238-246. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.107.2.238>
- Bentler, P.M., & Bonett, D.G. (1980). Significance tests and goodness of fit in the analysis of covariance structures. *Psychological Bulletin*, 88, 588-606. doi:10.1037/0033-2909.88.3.588.
- Bento, M. C. (2016). *A utilização do Facebook por adolescentes, ansiedade, depressão, stress e vergonha: Que ligação?* (Tese de Mestrado não publicada. Instituto Superior Miguel Torga). Retrieved from: <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/498>.
- Bevan, J. (2012). How Dare You "Unfriend" Me. *Science of relationships*. Retrieved from: <http://www.scienceofrelationships.com/home/2012/7/10/how-dare-you-unfriend-me.html>
- Bevan, J. L., Pfyl, J., & Barclay, B. (2012). Negative emotional and cognitive consequences to being unfriend on Facebook: An exploratory study. *Computers in Human Behavior*, 28, 1458-1464. doi: 10.1016/j.chb.2012.03.008
- Beyens, I., Frisonb, E., Eggermontb, S. (2016). I don't want to miss a thing: Adolescents' fear of missing out and its relationship to adolescents' social needs, Facebook use, and Facebook related stress. *Computers in Human Behavior*, 64, 1–8. Retrieved from: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.05.083>
- Berkman Center for Internet and Society. Harvard Law School. Internet Safety Technical Task Force (2010). *Enhancing Safety and Online Technologies: Final Report of the Internet Safety Task Force to the Multi-State Working Group on Social Networking for*

the State Attorneys General of the United States. Retrieved from:
http://cyber.law.harvard.edu/sites/cyber.law.harvard.edu/files/ISTTF_Final_Report.pdf.

Betancourt, H., & López, S. R. (1993). The study of culture, ethnicity, and race in American psychology. *American Psychologist*, 48, 629-37. Retrieved from : <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.48.6.629>.

Bhagat, S. (2015). Is Facebook a planet of lonely individuals? A review of literature. *The International Journal of Indian Psychology*, 3(1), 5- 9. Retrieved from: <http://oaji.net/articles/2015/1170-1445163339.pdf>

Bickel, R. (2007). *Multilevel Analysis for Applied Research: It's Just Regression*. New York: The Guilford Press.

Biglan A., Brennan P., Foster S. E., & Holder H. (2004). *Helping adolescents at risk: Prevention of multiple problem behaviors. Influences on the development of multiple problems*. N.Y.: Guilford.

Błachnio, A., Przepiorka, A., & Pantic, I. (2015). Internet use, Facebook intrusion, and depression: Results of a cross-sectional study. *European Psychiatry*, 30(6), 681e684. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.eurpsy.2015.04.002>.

Blaya, C. (2013). *Os adolescentes no ciberespaço. Atitudes de risco e ciberviolência*. Edições Piaget: Horizontes pedagógicos.

Blease, C. R. (2015). Too many 'friends,' too few 'likes'? Evolutionary psychology and 'Facebook depression'. *Review of General Psychology*, 19, 1-13. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1037/gpr0000030>

- Bliese, P. (2013). Multilevel Modeling in R (2.5): A brief Introduction to R, the multilevel package and the nlme package. In *R Development Core Team, An Introduction to R*. Retrieved from: https://cran.r-project.org/doc/contrib/Bliese_Multilevel.pdf.
- Bodroza, B., & Jovanovi, T. (2016). Validation of the new scale for measuring behaviors of Facebook users: Psychosocial aspects of Facebook use. *Computers in Human Behavior*, 54, 425 - 435. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2015.07.032>.
- Bogart, N. (2016). Catfish beware: Facebook is working on a feature to alert users of online impersonation. *GlobalNews*. Retrieved from: <https://globalnews.ca/news/2596153/catfish-beware-facebook-is-working-on-a-feature-to-alert-users-of-online-impersonation/>
- Boyd, D. (2004). *Friendster and Publicly Articulated Social Networking*. *Conference on Human Factors and Computing Systems*. Paper presented at meeting ACM, Vienna. Retrieved from: <http://www.danah.org/papers/CHI2004Friendster.pdf>.
- Boyd, D. (2007). Social Network Sites: Public, Private, or What? . *Knowledge Tree 13*, Disponível em <https://www.danah.org/papers/KnowledgeTree.pdf>
- Boyd, D. M. (2008). Facebook's privacy trainwreck: Exposure, invasion, and social convergence. *International Journal of Research Into New Media Technologies*, 14, 13–20. doi:10.1177/1354856507084416.
- Boyd, D. (2015). *É Complicado. As vidas sociais dos adolescentes em rede*. Lisboa: Relógio D'Água. Coleção: A Sociedade Digital.
- Boyd, D., & Ellison, N. B. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13, 1-11. doi: 10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x.

- Boyer, A. (2012). Online Trolls, Toxic Disinhibition, and How We can Change the Internet. *NMX Media Revolution Web site*. Retrieved from : <http://www.blogworld.com/2012/10/02/online-trolls-toxic-disinhibition-and-how-we-can-change-the-internet/>.
- Bryan, M., & Jenkins, S. (2015). Multilevel modelling of country effects: A cautionary tale. *European Sociological Review*, 1-20. doi: 10.1093/esr/jcv059.
- Buckels, E., Trapnell, P., & Paulhus, D. (2014). Trolls just want to have fun. *Personality and Individual Differences*, 67, 97-102. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2014.01.016>.
- Buhrmester, K.J., & Prager, D. (1995). Intimacy and need fulfillment in couple relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 435-469 . Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/249719447_Intimacy_and_Need_Fulfillment_in_Couple_Relationships.
- Burke, M., Kraut, R., & Marlow, C. (2011). *Social capital on Facebook: Differentiating uses and users*. In Conference on Human Factors in Computing Systems, 571-580. <http://www.cameronmarlow.com/media/burke-2011-social.pdf>.
- Burke, M., Marlow, C., & Slow, T. (2009). *Feed me: Motivating newcomer contribution in social network sites*. In Proceedings of the 27th International Conference on Human Factors in Computing Systems (pp. 945–95). Retrieved from: <https://pdfs.semanticscholar.org/c444/e23a87f3f3b2978877bbd4923aec5264db03.pdf>.
- Cao, J., & Everard, A. (2008). User attitude towards instant messaging: The effect of espoused national cultural values on awareness and privacy. *Journal of Global Information Technology Management*, 11, 30-57. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/280170999_User_Attitude_Towards_Instant_Messaging_The_Effect_of_Espoused_National_Cultural_Values_on_Awareness_and_Privacy.

- Caetano, H. D. (2009). *A segurança na utilização da Internet numa escola de ensino secundário: situação actual e perspectivas futuras*. (Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa). Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10451/2091>.
- Capua, I.D. (2012). A literature review of research on Facebook use. *The Open Communication Journal*, 6, 37–42. Retrieved from: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1461444813488061>.
- Carona, R. (2017). *iAgora ?Liberte os seus filhos da dependência dos ecrãs . Ensine as crianças a gerir o tempo que passam com telemóveis, tablets, consolas, computadores ...* Lisboa: Esfera dos Livros
- Carbonated.tv (2011). Horsemaning: The new planking? Retrieved from: <http://www.carbonated.tv/lifestyle/horsemaning-the-new-planking-photos>.
- Carbonell, X., & Panova, T. (2016). A critical consideration of social networking sites' addiction potential. *Addiction Research & Theory*, 6359, 1 -13. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1080/16066359.2016.1197915>
- Cardoso, G., Espanha, R., & Lapa, T. (2009). *Do quarto de dormir para o mundo. Jovens e media em Portugal*. Âncora Editora: Lisboa.
- Carrapatoso, T. (2010). A arte do cibridismo – As tecnologias e o fazer artístico no mundo contemporâneo. *Fundação Nacional das Artes*. Retrieved from: http://www.academia.edu/2553888/A_Arte_do_Cibridismo.
- Carroll, J.A., & Kirkpatrick, R.L. (2011). *Impact of social media on adolescent behavioural health*. Oakland, CA: California Adolescent Health Collaborative . Retrieved from: <http://www.californiateenhealth.org/wp-content/uploads/2011/09/SocialMediaAug2011.pdf>.

- Carter, D. (2005). Living in virtual communities: an ethnography of human relationships in cyberspace. *Information, Communication & Society*, 8, 148-167. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1080/13691180500146235>.
- Carvalho, X. (2009). Dez anos de valores em Portugal. *Led On Values*. 41-65. in Kerr, D. , Henriques, M., Lopes, J., Cardoso do Amaral, P., Almeida, P., Carvalho & X. , Carneiro, R. , Carvalho , R (Coord). Retrieved from <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Esaude/ebookled.pdf>
- Castells, M. (2002). *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Casullo, M.M., Cruz, M.S., Gonzalez, R., & Maganto, C. (2003). Síntomas psicopatológicos em adolescentes: Estudo comparativo. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 16, 135-150. Retrieved from: <http://www.sc.ehu.es/ptwmamac/articulos/30a.pdf>.
- Chang, B. (2011). No sag yet for planking. *The New York Times*. Retrieved from: http://www.nytimes.com/2011/11/24/fashion/plankings-curious-staying-power.html?_r=0
- Chauí, M. (2011). Espaço, tempo e o mundo virtual. Café filosófico. *São Paulo, Tv Cultura*. Web site. Retrieved from: <http://ade-arte.blogspot.pt/2011/12/espaco-tempo-e-mundo-virtual-contracao.html>.
- Chen, G. M. (1995). Differences in self-disclosure patterns among Americans versus Chinese. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 26, 84-91. Retrieved from: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0022022195261006>
- Choi, J., Jung, J., & Lee, S.-W. (2013). What causes users to switch from a local to a global social network site? The cultural, social, economic, and motivational factors of

- Facebooks globalization. *Computers in Human Behavior*, 29, 2665–2673. doi:10.1016/j.chb.2013.07.006.
- Christofides, E., Muise, A., & Desmarais, S. (2010). Privacy and Disclosure on Facebook: Youth and Adults' Information. Disclosure and Perceptions of Privacy Risks. *Delivered to the Office of the Privacy Commissioner of Canada. University of Guelph*. Retrieved from: http://ndc.gov.bd/lib_mgmt/webroot/earticle/1172/Privacy_and_Disclosure_on_Facebook.pdf.
- Cingel, D.P., & Krcmar, M. (2014). Understanding the experience of imaginary audience in a social media environment: Implications for adolescent development. *Journal of Media Psychology: Theories, Methods, and Applications*, 26, 155–160. doi: 10.1027/1864-1105/a000124.
- Ciochină, L., & Faria, L. (2009). Individualismo e colectivismo: Fundamentos conceituais para o estudo intercultural das concepções pessoais de inteligência de estudantes Portugueses e Romenos. *Revista Antropológicas*, 11, 127-141. Retrieved from: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v20n2/v20n2a07.pdf>.
- Citron, D.K., & Norton, H. (2011). Intermediaries and hate speech: Fostering digital citizenship for our information age. *Boston University Law Review*, 91, 1435. Retrieved from: <https://ssrn.com/abstract=1764004>
- Clark, A. (2003). *Natural-Born Cyborgs: Minds, technologies, and the future of Human Intelligence*. New York: Oxford University Press. Kindle Edition.
- Chirkov, V. I., Ryan, R. M., & Willness, C. (2005). Cultural context and psychological needs in Canada and Brazil: Testing a self-determination approach to the internalization of cultural practices, identity, and well-being. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36, 423-443. Retrieved from: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0022022105275960>.

- Cho, S. E. (2010). Cross-cultural comparison of Korean and American social network sites: Exploring cultural differences in social relationships and selfpresentation. *Rutgers University-Graduate School-New Brunswick*. Retrieved from: <http://dx.doi.org/doi:10.7282/T3833S6Z>.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis of the behavioral sciences* (2nd ed.). New York: Academic Press.
- ComScore (2012). The State of Social Media. *ComScore Web Site*. Retrieved from: <http://www.slideshare.net/karanbhujbal/the-state-of-social-media2012-comscore-report>.
- Costa, E. (2016). Social media in Southeast Turkey. UCLPRESS. Retrieved from: <http://discovery.ucl.ac.uk/1474828/2/Social-Media-in-Southeast-Turkey.pdf>.
- Costa, A.M.L. (2014). *Redes sociais na Internet: O que fazem as crianças/jovens e o que pensam os encarregados de educação*. (Tese de mestrado em Educação não publicada. Área de Especialização em Tecnologia Educativa. Instituto de Educação. Universidade do Minho). Retrieved from: <http://hdl.handle.net/1822/30223>.
- Council of Europe (2012). *Young people combating hate speech on-Line - Mapping study on projects against hate speech online*. Retrieved from: http://www.coe.int/t/dg4/youth/Source/Training/Training_courses/2012_Mapping_projects_against_Hate_Speech.pdf.
- Cozby, P. C. (1973). Self-disclosure: A literature review. *Psychological Bulletin*, 79, 73-91. doi:10.1037/h0033950.
- Cranberry Toolbox (2014). Dimensões da cultura (Hofstede). Retrieved from: <http://www.cranberryabc.com/wp-content/uploads/2014/11/Cranberry-CTB-Dimens%C3%B5es-da-Cultura-Hofstede.pdf>.

- Craig , R., Orr, E., Sisic, M., Arseneault, J. M., Simmering, M. G., & Orr, R. (2009). Personality and motivations associated with Facebook use. *Computers in Human Behavior*, 25, 578-586. Retrieved from: <http://scholar.uwindsor.ca /psychologypub/31>.
- Cunha, M., Pinto Gouveia, J., & Salvador, M.C. (2008) Social fears in adolescence.The social anxiety and avoidance scale for adolescents. *European Psychologist*, 13, 197–213. doi: 10.1027/1016-9040.13.3.197.
- Cunha, M., Pinto Gouveia, J., Salvador, M.C., & Alegre, S.(2004). Avaliação da ansiedade social na adolescência: A versão portuguesa da SAS-A. *Psychologica*, 35, 249-63. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication /257652189_Avaliacao_da_ansiedade_na_adolescencia_A-versao-portuguesa_da_SAS-A.
- Cyber Bullying (n.d.). Overcomebullying.org. Retrieved from: <http://www.overcomebullying.org /cyber-bullying.html>.
- Davies, T. (2009). Safe and effective SNS applications for young people. Considerations in building social networking applications for under 19s. *Safe and Effective Social Network Site Applications for Young People - Version 1*. Retrieved from: <http://www.timdavies.org.uk>.
- Davila, J., Hershenberg, R., Starr, L. R., Feinstein, B. A., Gorman, K., & Bhatia, V. (2012). Frequency and quality of social networking among young adults: Associations with depressive symptoms. rumination. and corumination. *Psychology of Popular Media Culture*, 1, 72-86. doi: 10.1089/cyber.2011.0324.
- Debatin, B., Lovejoy, J. P., Horn, A., & Hughes, B. N. (2009). Facebook and online privacy: Attitudes, behaviors, and unintended consequences. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 15, 83–108. doi: 10.1111/j.1083-6101.2009.01494.x.
- Derlega, V., Metts, S., Petronio, S., & Margulis, S.T. (1993). *Self-Disclosure*. SAGE Publications.

- Deuze, M. (2012). *Media Life*. Cambridge: Polity Press. Retrieved from:
<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0163443710386518>.
- Dias Neves, M.G. (2008). *Crianças e comunicação online: Pistas para uma prevenção precoce do risco*. (Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Tecnologias da Informação, Comunicação e Cultura. Não publicada. Lisboa: ISCTE. Departamento de Sociologia). Retrieved from:
<http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/TeseMestradoMartaNeves.pdf>.
- Dicionário Infopédia de Inglês|Português Porto Editora (2003-2017). Retrieved from: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/multitasking>.
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico.(2003-2017). Porto Editora. Retrieved from:<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/post>.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa . Retrieved from: <https://www.priberam.pt/dlpo/smartphone>
- Doroana, M. M. (2011). *Quando a agressão é online mas o sofrimento é offline: Cyberbullying e os estilos parentais*. (Tese de mestrado não publicada). Psicologia Especialidade em Psicologia Clínica, ISPA - Instituto Universitário.
- Dossey, L. (2014) FOMO, Digital Dementia, and Our Dangerous Experiment . *Explore Journal*, 10 (2). Retrived from: [http://www.explorejournal.com/article/S1550-8307\(13\)00347-9/pdf](http://www.explorejournal.com/article/S1550-8307(13)00347-9/pdf)
- Duggan, M. (2014). Online harassment. *PewResearch Internet Center, Internet, Science & Tech*. Retrieved from: <http://pewrsr.ch/1wtypb7>
- Dominick, J.R (1999). Who do you think you are? Personal home pages and self-representation on the World Wide Web. *Journalism Communication Quarterly and Mass*, 76, 646-58. doi: 10.1177/107769909907600403

- Ellison, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2007). The benefits of Facebook "friends:" Social capital and college students' use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12. Retrieved from: <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>
- Elmasry, M.H, Auter, P.J, & Peuchaud, S.R. (2014). Facebook across cultures: A cross-cultural content analysis of Egyptian, Qatari, and American student Facebook pages. *Journal of Middle East Media*, 10, Retrieved from: FacebookContent Analysis _Elmasry-paper.pdf
- Emmer, J. (2013) Self mutilation groups thrive on Facebook. *Examiner.com*. Retrieved from: <http://www.examiner.com/article/self-mutilation-groups-thrive-on-Facebook>
- Erikson, E. (1987). *Infância e Sociedade*. (2ª ed). Rio de Janeiro: Zahar editores
- Ess, C. (2007). Internet research ethics. In A. N. Joinson, K. Y. McKenna, T. Postmes, & U. Reips (Eds), *The Oxford handbook of Internet psychology*, 487-503. Northamptonshire: Oxford University Press. doi:10.1093/oxfordhb/9780199561803.013.0031
- EU Kids Online III (2013). A vulnerabilidade 'offline' e 'online' estão relacionadas. Retrieved from: http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/PR_EUKOL3_4.1.2013.pdf
- Evelyn, P., Meier, M.A., & James Gray, P. (2013). Facebook photo activity associated with body image disturbance in adolescent girls. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17, 199-206. doi: 10.1089/cyber.2013.0305.
- Facestore. Estatísticas do Facebook. Disponível em https://facestore.pt/estatisticas_do_facebook
- Falcão-Reis, F. (2008). *Digital identity – Identity, security and privacy*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Retrieved from: <https://cracs.fc.up.pt/sites/default/files/Digital%20Identity%20-%20Identity,%20Security%20and%20Privacy%20-%20Bibliog.pdf>

- Falcão-Reis, F., Costa-Pereira, A., & Correia, M. E. (2008). *Access and privacy rights using web security standards to increase patient empowerment*. Computer Science Department, Faculty of Science, University of Porto. Retrieved from: <http://2008.icmcc.org/?p=1852>
- Feijó, R.B., & Amaro de Oliveira, E. (2001). Comportamentos de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria*, 77. Retrieved from: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54698/000386001.pdf>
- Feinstein, B.A., Hershenberg, R., Bhatia, V., & Davila, J. (2013). Negative social comparison on Facebook and depressive symptoms: Rumination as a mechanism. *Psychology of Popular Media Culture*, 2, 161–170. doi: 10.1037/a0033111
- Fernandes, H., & Neto, F. (2009). Adaptação portuguesa da Escala de Solidão Social e Emocional (SELSA-S). *Psicologia Educação e Cultura*, XIII, 7-31.
- Fernández, J.F. (2013). Redes sociais, privacidade, uso seguro das tecnologias de informação e comunicação. In Nabuco de Abreu, C., Eisenstein, E. & Estefenon, S.G. (Org.) *Vivendo esse mundo digital – impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais*. (261-278). Porto Alegre: Artmed
- Ferreira, M.C, Assmar, E.M., & Souto, S.O. (2002). O individualismo e o coletivismo como indicadores de culturas nacionais: Convergências e divergências teórico-metodológicas. *Psicologia em Estudo*, 7, 81-89. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722002000100011>
- Ferreira, A.C., Lopes, C., Loureiro, M., Caetano, A., & Gaspar de Matos, M. (2013). Internet e redes sociais: a voz dos jovens. In M. Gaspar de Matos, & M. Ferreira (Coord). *Nascidos digitais: novas linguagens, lazer e dependências*. 269- 283. Vialonga: Coisas de Ler.

- Forrest, A.L., & Wood, J.V. (2012). When social networking is not working: Individuals with low self-esteem recognize but do not reap the benefits of self-disclosure on Facebook. *Psychological Science*, 23, 295-302. doi: 10.1177 /095679 7611429709
- Francisco, R., & Crespo, C. (2012). *Adolescentes “na net e no face”: estudo da relação entre o ambiente familiar e a utilização da internet e das redes sociais*. Comunicação oral apresentada no 2^a Congresso Ibérico de Terapia Familiar, Lisboa, Portugal.
- Francisco, S. M. (2012). *Cyberbullying: A faceta de um fenómeno em jovens universitários portugueses*. (Dissertação de Mestrado não publicada. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia). Retrieved from : <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8031>
- Friar, C. (2011) Horsemanning is the latest photo-posing trend. *Huffington Post*. Disponível em http://www.huffingtonpost.com/2011 /08/09/horsemaning-latest-photo-posing-trend_n_922605.html
- Gabriel, M. (2011 a). *Cibridismo: O fim da vida OFF line*. Palestra apresentada no youPIX. Retrieved from: www.martha.com.br/cibridismo-o-fim-da-vida-off-line/
- Gabriel, M. (2011). Marketing na era digital. Conceitos, plataformas, estratégias. S.P – Brasil: Ed. Novatec. Retrieved from: <http://www.ebah.pt/content/ABAAAgoBI AJ /marketing-na-era-digital-martha-gabriel-completo#>
- Gabriel, M. (2012). *Cibridismo: ON e OFF line ao mesmo tempo*. Retrieved from: <http://www.martha.com.br/cibridismo-on-e-off-line-ao-mesmo-tempo/>
- Gangadharbatla, H. (2008). Facebook me: Collective self-esteem, need to belong, and internet self-efficacy as predictors of the iGeneration's attitudes toward social networking sites, *Journal of Interactive Advertising*, 8. Retrieved from : <http://dx.doi.org/10.1080/15252019.2008.10722138>

- Green, T., Wilhelmsen, T., Wilmots, E., Dodd, B., Quinn, S. (2016). Social anxiety, attributes of online communication and self-disclosure across private and public Facebook communication. *Computers in Human Behavior*, 58, 206–213.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.12.066>
- Grieve, R., Indian, M., Witteveen, K., Tolan, G. A., & Marrington, J. (2013). Face-to-face or Facebook: Can social connectedness be derived online? *Computers in Human Behaviour*, 29, 604–609. doi:10.1016/j.chb.2012.11.017.
- Gross, E., Juvonen, J., & Shelly, L. (2002). Internet use and well-being in adolescence. *Journal of Social Issues*, 58, 75-90. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/227714504_Internet_Use_and_Well-Being_in_Adolescence
- Hamdan, C. (2009). *Realidade híbrida*. (Dissertação Mestrado em Artes não publicada. Universidade de Brasília, Brasília). Retrieved from: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5312/1/2009_CamilaCavalheiroHamdan.pdf
- Hampton, K., & Wellman, B. (2003). Neighboring in netville: How the internet supports community and social capital in a wired suburb. *City and Community* 2, 277– 311. Retrieved from: <http://www.mysocialnetwork.net/downloads/cityncomm12-mp.pdf>
- Haraway, D. J. (2000). Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Silva, Tomaz T. (Org.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós humano*. Belo Horizonte: Autêntica. Retrieved from : <http://www.rodrigomedeiros.com.br/pos/download/oriana/01-ManifestoCyborgI.pdf>
- Hayes, M., Stolk-Cooke, K. V., & Muench, F. (2015). Understanding Facebook use and the psychological affects of use across generations. *Computers in Human Behavior*, 49, 507–511. doi: 10.1016/j.chb.2015.03.040

- Hasebrink, U., Görzig, A., Haddon, L., Kalmus, V., & Livingstone, S. (2011). Patterns of risk and safety online: Indepth analyses. LSE Web site. Retrieved from: <http://eprints.lse.ac.uk/39356/>
- Hyde, L. (1998). *Trickster makes this world*. New York: Farrar Straus & Giroux. Retrieved from: <http://www.lewishyde.com/publications/trickster/excerpt--2>
- Hobbs, W., Burke, M., Christakis, N.A., & Fowler, J.H. (2016). Online social integration is associated with reduced mortality risk. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, doi: 10.1073/pnas.1605554113
- Hofner, B. (2015). PapeR: A. Retrieved from: <http://CRAN.R-project.org/package=papeR>.
- Hofstede, G. (s.d.). Country comparison. Disponível através de: <https://geert-hofstede.com/countries.html>
- Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences: International differences on work-related values*. Beverly Hills, CA: Sage
- Hofstede, G. (2001). *Culture's Consequences - Comparing Values. Behaviors. Institutions and Organizations Across Nations*. Thousand Oaks: CA : Sage Publications
- Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1). <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1014>
- Hong, Y.- Y., Morris, M. W., Chiu, C.- y., & Benet-Martinez, V. (2000). Multicultural minds. *American Psychologist*, 55, 709-720. Retrieved from: <http://php.scripts.psu.edu/users/n/x/nxy906/COMPS/individualismandcollectivism/culture%20lit/Hongminds.pdf>
- Hox, J. (2010). *Multilevel analysis: Techniques and applications*, (2nd Ed). London: Routledge.

- Huang, C. (2010). Internet use and psychological well-being: A meta-analysis. *Cyberpsychology, Behaviour, and Social Networking*, 3, 241-52. doi: 10.4018/978-1-4666-0315-8.ch026
- Huang, C., & Park, D. (2013). Cultural influences on Facebook photographs. *International Journal of Psychology*, 1-10. doi: 10.1080 /00207594.2011.649285
- Hyllegard, K. H., Ogle, J. P., Yan, R.-N., & Reitz, A. R. (2011). An exploratory study of college students' fanning behavior on Facebook. *College Student Journal*, 45, 601-616.
Retrieved from: <http://search.proquest.com/openview/3d788227b089274b51156495d57d160b/1?pq-origsite=gscholar>
- Instituto Nacional de Estatística (2015). Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias. Retrieved from: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=224732374&DESTAQUESmodo=2 Internet World Stats 2016. Retrieved from: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>
- Internet World Stats 2016. Retrieved from: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>
- Intercultural Link news magazine – an AFS Learning Program, (2011). Dimensões culturais de Hofstede 3(4) , retrieved from: <https://woca.afs.org/education/m/icl-for-afs--friends/7478/download>.
- Ito, M. ,Horst, H., Bittanti, M., Boyd, D., Herr-Stephenson, B... Lange, P.G., &Tripp, L. (2008). Living and learning with new media: Summary of findings from the digital youth project. *The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Reports on Digital Media and Learning*. Retrieved from: <http://digitalyouth.ischool.berkeley.edu/files/report/digitalyouth-WhitePaper.pdf>

- Jeavons A. (1998). *Ethology and the Web: Observing respondent behavior in Web surveys*. Proceedings of the Worldwide Internet Conference, Amsterdam: ESOMAR. Retrieved from: <http://w3.one.net/~andrewje/ethology.html>
- Jelenchick, L. A., Eickhoff, J. C., & Moreno, M. A. (2013). Facebook depression?: Social networking site use and depression in older adolescents. *Journal of Adolescent Health, 52*, 128–130. Retrieved from: <http://www.csus.edu/faculty/m/fred.molitor/docs/social%20networking%20and%20depression.pdf>
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph. Retrieved from: http://www.editoraaleph.com.br/site/media/catalog/product/f/i/file_1.pdf
- Ji, G.Y., Hwangbo, H., Yi, J.S, Patrick Rau, P.L., Fang, X., & Ling, C. (2010). The influence of cultural differences on the use of social network services and the formation of social capital. *International Journal of Human-Computer Interaction, 26*, 1100-1121. doi: [org/10.1080/10447318.2010.516727](https://doi.org/10.1080/10447318.2010.516727)
- Joinson, A. N. (2001). Self-disclosure in computer-mediated communication: The role of self awareness and visual anonymity. *European Journal of Social Psychology, 31*, 177-192. Retrieved from: http://www.communicationcache.com/uploads/1/0/8/8/10887248/selfdisclosure_in_computermediated_communication-_the_role_of_selfawareness_and_visual_anonymity.pdf
- Joinson, A.N. (2007). *Disinhibition and the Internet. Psychology and the Internet: Intrapersonal, interpersonal, and transpersonal implications*. Academic Press. 81-85.
- Jordán-Conde, Z., Mennecke, B., & Townsend, A. (2014). Late adolescent identity definition and intimate disclosure on Facebook. *Computers in Human Behaviour, 33*, 356-366. doi:10.1016/j.chb.2013.07.015
- Jorge, A. (2010). Redes Sociais, Crianças e Jovens: Uma perspectiva sobre riscos e oportunidades – Eu Kids Online. *Comunicação no Goethe Institut*. Retrieved from:

http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/PT_AJ_Redes%20sociais,crian%C3%A7as%20e%20jovens_Goethe.pdf

Jornal Sol (2011). *Planking é a nova tendência (perigosa) do Facebook*. Retrieved from: <http://sol.sapo.pt/artigo/22683/planking-e-a-nova-tendencia-perigosa-do-facebook-com-fotos>

Jornal Correio da Manhã (2011). *Simular decapitações é nova moda no Facebook*. Retrieved from: <http://www.cmjornal.pt/insolitos/detalhe/simular-decapitacoes-e-nova-moda-no-facebook-com-fotos>

Juvolen, J., & Gross, E.F. (2008). Extending the school grounds? – Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health*, 78, 496-505. Retrieved from: http://www.cdmc.ucla.edu/Research_files/sheva%203.pdf

Kelly, K. (2009). The new socialism: Global collectivist society is coming online. *Wired Magazine*. Retrieved from http://www.wired.com/culture/culturereviews/magazine/17-06/nep_newsocialism?currentPage=all

Keyes, C. L. M. (2009). Atlanta: Brief description of the Mental Health Continuum–Short Form (MHC–SF). Retrieved from: <https://www.aacu.org/sites/default/files/MHC-SFEnglish.pdf>

Kimberly J. M., & Ybarra, M. (2009). Social networking sites. Finding a balance between their risks and benefits. *Archives of Pediatric Adolescent Medicine*, 163, 87-89. doi: 10.1001/archpediatrics.2008.534

Kim, S. J., & Hancock, J. T. (2015). Optimistic bias and Facebook use: Self–other discrepancies about potential risks and benefits of Facebook use. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18, 214-220. doi:10.1089/cyber.2014.0656.

- Kim, Y., Sohn, D., & Choi, S.M. (2013). Cultural difference in motivations for using social network sites: A comparative study of American and Korean college students. *Computers in Human Behavior*, 27, 365–372. doi: 10.1016/j.chb.2010.08.015
- Kinsley, C. (2003). *Ecologia híbrida: Arte, tecnologia e sistemas vivos. VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. Universidade de Brasília/UnB. Retrieved from: https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2009.GT2_Camila_Hamdan_UnB_Poeticas_V.pdf
- Konnikova, M. (2013) How Facebook makes us unhappy. *The New Yorker*. Retrieved from: <http://www.newyorker.com/online/blogs/elements/2013/09/the-real-reason-facebook-makes-us-unhappy.html>
- Kowalski, R.M., & Limber, S.P. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, 41, 22-30. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.017
- Krasnova, H., Wenninger, H., Widjaja, T., & Buxmann, P. (2013). Envy on Facebook: A hidden threat to users' life satisfaction? *Wirtschaftsinformatik Proceedings. Paper 92*. Retrieved from: <http://aisel.aisnet.org/wi2013/92>
- Kraut, R., Petterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox. A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53, 1017-1031. doi: 10.1037/0003-066X.53.9.1017
- Kross, E., Verduyn, P., Demiralp, E., Park, J., Lee, D.S., Lin, N., & Ybarra, O. (2013). Facebook use predicts declines in subjective well-being in young adults. *PLoS ONE*, 8. doi:10.1371/journal.pone.0069841.
- Kujath, C. (2011). Facebook and Myspace: Complement or substitute for face-to-face interaction. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 14, 75–78. doi: 10.1089/cyber.2009.0311

- Lafferty, J. (2012). Facebook - The dynamics of being unfriended on Facebook. *SocialTimes*. Retrieved from: <http://www.adweek.com/socialtimes/unfriend-chapman-study/404106>
- La Greca, A.M., & Lopez, N. J.(1998). Social anxiety among adolescents: linkages with peer relations and friendships. *Abnormal Child Psychology*, 26, 83-94. doi:10.1023/A:1022684520514
- Lamoreaux, M., & Morling, B. (2008). Outside the head and outside individualism-collectivism: Further meta-analyses of cultural products. *Personality and Social Psychological Review*, 12, 199-221. doi:10.1177/1088868308318260
- Lampe, C., Ellison, N., & Steinfield, C. (2007). *A familiar Face(book): Profile elements as signals in an online social network*. Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems (pp. 435–444). New York: ACM Press.
- Lapidot-Lefler, N., & Barak, A. (2015). The benign online disinhibition effect: Could situational factors induce self-disclosure and prosocial behaviors?. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 9(2), article 3. doi:<http://dx.doi.org/10.5817/CP2015-2-3>
- Lay, C-Y. & Tsai, C-H. (2016). *Cyberbullying in the Social Networking Sites: An Online Disinhibition Effect Perspective*. Proceedings of the The 3rd Multidisciplinary International Social Networks Conference on Social Informatics, Data Science 2016, 4. Doi 10.1145/2955129.2955138
- Leng, K. M. (2013). *Cultural discrepancy and challenges when doing business in Macau 's cross cultural environment*. Saimaa University of Applied Sciences Faculty of Business Administration, Lappeenranta Degree Programme in International Business . Retrieved from: http://theseus32-kk.lib.helsinki.fi/bitstream/handle/10024/69978/Kou_Man%20leng.pdf?sequence=1

Lenhart, A. (2007). Cyberbullying on online teens. *Pew Internet & American Life Project*.

Retrieved from: <http://www.pewinternet.org/2007/06/27/cyberbullying/>

Lenhart, A., & Madden, M. (2007a). Teens, privacy, & online social networks. *Pew Internet and American Life Project Report*. Retrieved from: http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_Teens_Privacy_SNS_Report_Final.

Lenhart, A., & Maden, M. (2007b). Social networking websites and teens. *Pew Internet & American Life Project, Internet, Science & Tech*. Retrieved from: <http://www.pewinternet.org/2007/01/07/social-networking-websites-and-teens/pdf>

Lenhart, A., Madden, M., Smith, A., Purcell, K., Zickuhr, K., & Rainie, L. (2009) Teens, kindness and cruelty on social network sites. *Pew Research, Pew Internet*. Retrieved from: <http://www.pewinternet.org/2011/11/09/teens-kindness-and-cruelty-on-social-network-sites/>

Lenhart, A., Purcell, K., Smith, A., & Zickuhr, K. (2010). Social media & mobile internet use among teens and young adults. *Pewinternet*. Retrieved from: http://web.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2010/PIP_Social_Media_and_Young_Adults_Report_Final_with_toplevels.pdf

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. C. Costa (Trad). São Paulo: Editora 34. Retrieved from: <http://www.scielo.org/pdf/icse/v4n6/15.pdf>

Lewis, K., Gonzalez, M., & Kaufman, J. (2012). *Social selection and peer influence in an online social network*. Proceedings of the National Academy of Sciences of The United States Of America. PNAS, 109, 68-72. doi:10.1073/pnas.1109739109

Lin, G., & Subrahmanyam, K. (2007) Adolescents on the net: Internet use and well-being. *Adolescence*, 42, 659-77. Retrieved from: http://www.cdmc.ucla.edu/KS_Media_biblio_files/kaveri_lin_2007_1.pdf

- Liporace, M.F., & Casullo, M.M. (2006). Validación factorial de una escala para evaluar riesgo suicida. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 1, 9-22. Retrieved from: http://www.aidep.org/03_ridep/R21/R211.pdf
- Lisboa, M., Mendes, N., & Salvucci, M. (2013). Plataformas sociais e suas implicações no processo de ensino aprendizagem social. *Colabor@ - A Revista Digital da CVA-RICESU*, 7, 1-10. Retrieved from: <http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/196>
- Litt, D.M., & Stock, M. (2011). Adolescent alcohol-related risk cognitions: The roles of social norms and social networking sites. *Psychology of Addictive Behaviors*, 25, 4. Retrieved from: <http://www.nabca.org/News/Files/Adolescent%20Alcohol-Related%20Risk%20Cognitions.pdf>
- Livingstone, S. (2008). Taking risky opportunities in youthful content creation: Teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression. *New Media & Society*, 10, 393-411. Retrieved from: <http://nms.sagepub.com/content/10/3/393.short>
- Livingstone, S., & Haddon, L. (2009). EU Kids Online: final report. LSE, Web site. London: EU Kids Online. EC Safer Internet Plus Programme Deliverable D6.5. Retrieved from: [http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20I%20\(2006-9\)/EU%20Kids%20Online%20I%20Reports/EUKidsOnlineFinalReport.pdf](http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20I%20(2006-9)/EU%20Kids%20Online%20I%20Reports/EUKidsOnlineFinalReport.pdf)
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full findings. LSE, Web site. London: EU Kids Online. Retrieved from <http://eprints.lse.ac.uk/33731/1/Risks%20and%20safety%20on%20the%20internet%28Isero%29.pdf>
- Livingstone, S., Mascheroni, G., Ólafsson, K., & Haddon, L. (2014). Children's online risks and opportunities: Comparative findings from EU Kids Online and Net Children Go Mobile. London School of Economics and Political Science. London: EU Kids Online.

Retrieved from: <http://netchildrengomobile.eu /ncgm/wp-content/uploads /2014/11/EU-Kids-Online-Net-Children-Go-Mobile-comparative-report.pdf>.

Livingstone, S., & Hasebrink, U. (2011). Risks and opportunities on the internet: The perspective of European children, children, risk and safety online: research and policy challenges in Comparative perspective conference, 22-3. Retrieved from: <http://www.lse.ac.uk /media@lse/research /EUKidsOnline /Presentations /RisksAndOpportunities.pdf>

Lonnqvist, J.-E., & Deters, F. G. (2016). Facebook friends, subjective well-being, social support, and personality. *Computers in Human Behavior, 55*, 113–120. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2015.09.002>

Luo, S. (2014). *Cross-cultural differences between American and Chinese college students on self-disclosure on social media*. (Dissertation. Paper, Iowa State University). Retrieved from: <http://lib.dr.iastate.edu/cgi/viewcontent.cgi? article= 4975 &context=etd>

Lustig, M. W., & Koester, J. (2006). *Intercultural competence: Interpersonal communication* (5th ed.). Boston: Allyn and Bacon.

Manago, A. M., Graham, M. B., Greenfield, P. M., & Salimkhan, G. (2008). Self-presentation and gender on MySpace. *Journal of Applied Developmental Psychology, 29*, 446–58. doi:10.1016/j.appdev.2008.07.001.

Manago, A.M., Taylor, T., & Greenfield, P.M. (2012). Me and my 400 friends: the anatomy of college students' Facebook networks, their communication patterns, and well-being. *Developmental Psychology, 48*(2), 369-80. doi: 10.1037/a0026338

Marketing Tecnológico (2010). Retrieved from: <http://www.marketingtecnologico.com /Artigo/o-que-sao-apps>

- Marquioni, C.E. (2014). Do uso concomitante de dispositivos tecnológicos: A experiência de segunda tela enquanto reconfiguração no modo de assistir TV. *Geminis: Grupo de Estudos sobre Mídias Interativas em Imagem e Som (UFSCar)*. São Carlos, 5, 6- 22. Retrieved from: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/viewFile/83584/86520>
- Mark, L., & Ratlife, K.T (2011). Cyber words: New playgrounds for bullying. *Computers in the schools*, 28, 92-116. Retrieved from: <http://www.bridgingworlds.org/modelsandmetrics/FINALAERABully40810.pdf>
- Marktest (2016). *Os Portugueses e as Redes Sociais 2016* . Retrieved from: <http://www.marktest.com/wap/a/grp/p~96.aspx>
- Marketeer (2016). Estão os jovens (mesmo) a deixar o Facebook? Retrieved from: <http://marketeer.pt/2016/04/01/estao-os-jovens-mesmo-a-deixar-o-facebook/>
- Martins, D.A. (2013). *Adolescentes internautas, família e depressão: Estudo da relação entre a utilização da internet e das redes sociais, o ambiente familiar e a sintomatologia depressiva*. (Tese de mestrado não publicada. Psicologia - Secção de Psicologia Clínica e da Saúde). Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10451/9495>
- Marques, T.P., Marques Pinto, A., & Alvarez, M.-J. (2016). Estudo psicométrico da Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos jovens utilizadores do Facebook. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica. RIDEP*, 41, 145-158
- Marcusa, A. (2011). Why the Facebook ‘planking’ craze and why you too could die from it. *Social Times*. Retrieved from: http://socialtimes.com/the-facebook-planking-craze-and-why-you-too-could-die-from-it_b62617
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW statistics*. Lisboa: Report Number.

- Matos, A. P., André, R. S., Cherpe, S., Rodrigues, D., Figueira, C., & Pinto, A. M. (2010). Preliminary psychometric study of the Mental Health Continuum – Short Form – for youth, in a sample of Portuguese adolescents. *Psychologica*, 53, 131-156. doi:10.14195/1647-8606_53_7
- Mazalin, D., & Moore, S. (2004). Internet use, identity development and social anxiety among young adults. *Behavior Change*, 2, 90-102. doi: <https://doi.org/10.1375/bech.21.2.90.55425>
- McKenna, K.Y.A. (2014). Do outro lado do espelho. Expressar e validar o “verdadeiro eu”. In G.L. Miranda. (Org.) *Psicologia dos Comportamentos Online*. 195-226. Lisboa: Relógio D’Água:
- McKenna, K.Y.A., & Bargh, J.A. (2000). Plan 9 from cyberspace: the implications of the Internet for personality and social psychology. *Personality and Social Psychology Review*, 4, 57-75. doi: 10.1207/S15327957PSPR0401_6
- McKenna, K.Y.A., Green, A.S., & Gleason, M.J. (2002). Relationship formation on the Internet: What’s the big attraction? *Journal of Social Issues*, 58, 9-31. doi: 10.1111/1540-4560.00246
- McDunnigan, M. (s.d.) Difference between a troll & a cyberbully. *Tech in our everyday life*. Retrieved from: <http://techin.oureverydaylife.com/difference-between-troll-cyberbully-5054.html>
- Melro, A., & Oliveira da Silva, L. (2013). A ecrãcultura emergente nas vivências dos jovens portugueses: Poderá falar-se de uma geração de ecrãs? *Observatório Jornal*, 7, 169-198. Retrieved from: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/obs/v7n3/v7n3a10.pdf>
- Metzger, M. J. and Suh, J. J. (2017), Comparative Optimism About Privacy Risks on Facebook. *Journal Communication*, 67, 203–232. doi:10.1111/jcom.12290

- Milgram, P. & Kishino, F. (1994). A Taxonomy of Mixed Reality Visual Displays.. *IEICE Transactions on Information Systems*, 77-D, 12, p. 1321-1329
- Miller, D. , Costa, E. , Haynes, N. , McDonald, T., Nicolescu, R., Sinanan , J., Spyer, J., Venkatraman, S., & Wang, X. (2016). *How the world changed – social media*. UCLPress: University College London. Retrieved from: <http://discovery.ucl.ac.uk/1474805/1/How-the-World-Changed-Social-Media.pdf>
- MiudossegurosNa.net. (2016). Facebook e MiudosSegurosNa.Net lançam a campanha "Pensa Antes de Partilhar". Retrieved from: <http://www.miudossegurosna.net /press-releases/pensa-antes-de-partilhar-infografia.jpg>
- Mishna, F., Khoury-Kassabri, M., Gadalla, T., & Daciuk, J. (2012). Risk factor for involvement in cyberbullying: Victims, bullies and bully-victims. *Children and Youth Services Review*, 34, 63-70. Retrieved from: <http://dx.doi.org /10.1016 /j.chilyouth.2011.08.032>
- Mitchell , K. J., Ybarra, M., & Finkelhor, D. (2015) The relative importance of online victimization in understanding depression, delinquency, and substance use. *Child Maltreatment*, 12. doi: 10.1177/1077559507305996
- Morais, T. (2007). Redes sociais: Diferenças entre o real e o virtual. MiúdosSegurosNaNet. Web Site, Retrieved from: <http://miudossegurosna.net /artigos/2007-03-08.html>
- Morais, T. (2013). Segurança na net e a cadeira de 4 pernas. In Nabuco de Abreu, C., Eisenstein, E. & Estefenon, S.G. (Org.) *Vivendo esse mundo digital – impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais*. (288-301). Porto Alegre: Artmed
- Morais, C. (2016). Milhares pedem fim de canal do Youtube por induzir a anorexia. Retrieved from: <http://www.delas.pt/milhares-pedem-fim-de-canal-do-youtube-por-induzir-a-anorexia/>

- Na, J., Kosinski, M., & Stillwell, D.J. (2015). When a new tool is introduced in different cultural contexts: Individualism–collectivism and social network on Facebook. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 46, 355–370. doi: 10.1177 /0022022114563932
- Nabi, R.L., Prestin, A., & So, J. (2013). Facebook friends with (health) benefits? Exploring social network site use and perceptions of social support, stress, and well-being. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16, 721-7. doi: 10.1089 /cyber.2012.0521. Epub 2013 Jun 21.
- Nauert, R. (2009). Web now seen as beneficial for teens. *PsychCentral*. Retrieved from: <http://psychcentral.com/news/2009/03/04/web-now-seen-as-beneficial-for-teens/4527.html>
- Nauert, R. (2012a). Being excluded on Facebook is painful. Retrieved from: <http://psychcentral.com /news/2012/04/04/being-excluded-on-facebook-is-painful/36899.html>
- Nauert, R. (2012b). Using Facebook improves mood. *Psychcentral*. Retrieved from: <http://psychcentral.com/news/2012/02/08/using-facebook-improves-mood/34597.html>
- Nauert, R. (2013a). Partying on Facebook may spur teens’ risky behavior. *Psychcentral*. Retrieved from: <http://psychcentral.com/news/2013/09/04/partying-on-facebook-may-spur-teens-risky-behavior/59175.html>
- Nauert, R. (2013b). Anxiety, alcohol linked with college students’ emotional ties to Facebook. *Psychcentral*. Retrieved from: <http://psychcentral.com/news /2013/04/11 /anxiety-alcohol-linked-with-college-students-emotional-ties-to-facebook/53686.html>
- Neto, F. (s.d.). Avaliação da solidão. *Psicologia Clínica*, 2, 65-79.

Nicole B. Ellison, N.B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2008, sept). The Benefits of Facebook “Friends:” Social Capital and College Students’ Use of Online Social Network Sites. *Journal of Applied Developmental Psychology* , 29(6), 1143–1168. doi: 10.1016/j.appdev .2008.07.002

Niwa, K.D., & Mandrusiak, M.N. (2012). Self-Injury groups on Facebook. Des groupes d'automutilation sur Facebook. *Canadian Journal of Counselling & Psychotherapy*, 46, 1-20. Retrieved from: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ969552.pdf>

Oberst, U., Wegmann, E., Stodt, B., Brand, M., Chamarro, A. (2017) Negative consequences from heavy social networking in adolescents: The mediating role of fear of missing out. *Journal of Adolescence*, 55, 51-60. doi: 10.1016/j.adolescence .2016.12.008

Oberst, U., Renau, V., Chamarro, A., & Carbonell, X. (2016). Gender stereotypes in Facebook profiles: Are women more female online?. *Computers in Human Behavior*, 60, 559 - 564. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2016.02.085>.

OfCom (2008). Social networking – A quantitative research report into attitudes, behaviours and use. *OfCom Office of Communications*. Retrieved from: <http://stakeholders.ofcom.org.uk/binaries/research/media-literacy/report1.pdf>

O GLOBO (2014) Pesquisa mostra o lado perverso das redes sociais para usuárias adolescentes. Retrieved from: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/pesquisa-mostra-lado-perverso-das-redes-sociais-para-usuarias-adolescentes-13494923>

Ólafsson, K., Livingstone, S., & Haddon, L. (2014). Children’s use of online technologies in Europe. *A review of the European evidence base*. LSE. Web site. London: EU Kids Online. Retrieved from: <http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>

- Oliveira, M.C., Pereira, M.G., & Oliveira, L.P. (2010). Brasil e Portugal: Até que ponto iguais, até que ponto diferentes. Comparação entre Brasil e Portugal: Dimensões Culturais. *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*. Retrieved from: [http://www.geocities.ws/ail_br/brasileportugualatequeponto.html#Pages 1100-1121](http://www.geocities.ws/ail_br/brasileportugualatequeponto.html#Pages%201100-1121)
- Ortega, R., Calamestra, J., & Mora-Merchán, J.A. (2008). Cyberbullying. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8, 183-92. Retrieved from: <http://www.ijpsy.com/volumen8/num2/194/cyberbullying-ES.pdf>
- Olweus, D. (2012). Cyberbullying: An overrated phenomenon? *European Journal of Development Psychology*, 9, 520-538. Retrieved from: [http://dx.doi.org/ 10.1080 /17405629. 2012.682358](http://dx.doi.org/10.1080/17405629.2012.682358)
- Ozimek, P., & Bierhoff, H. (2016). Facebook use depending on age: The influence of social comparisons. *Computers in Human Behavior*, 61, 271–279. Retrieved from: [http://dx.doi.org/ 10.1016/j.chb.2016.03.034](http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2016.03.034)
- O'Keeffe, G.S., & Clarke-Pearson, K. (2014). The impact of social media on children, adolescents, and families. *Pediatrics*, 127, 800-804. doi: 10.1542/peds.2011-0054
- Papalaia, D.E., Olds, S.W. (2009). *O mundo da criança da infância à adolescência*. (11. Ed). McGraw Hill Brasil
- Park, S., Lee, S.W., Kwak, J., Cha, M., & Jeong, B. (2013). Activities on Facebook reveal the depressive state of users. *Journal of Medical Internet Research*, 15. doi: 10.2196/jmir.2718.
- Parks, M. R., & Floyd, K. (1996). Making friends in cyberspace. *Journal of Communication*, 46, 80-97. doi: 10.1111/j.1460-2466.1996.tb01462.x
- Parker, M. (s.d.). What does "troll" mean on Facebook? *Tech in our everyday life*. Disponível em: <http://techin.oureverydaylife.com/troll-mean-facebook-2805.html>

- Parenting for a Digital Future (2016). Please share (because we care): Privacy issues in social networking. Retrieved from: <http://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2016/05/05/elisabeth-staksrud-privacy-issues-in-social-networking-please-share-because-we-care/>
- Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de Psiquiatria Clínica, 25, Edição Especial*, 206-213. Retrieved from: <http://www.docfoc.com/pasquali-principios-de-elaboracao-de-escalas-psicologicas>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice, 4*, 148-169. doi: 10.1177/1541204006286288
- Patrão, I. (2017). *#Geraçãoocordão. A geração que não desliga*. Lisboa:Pactor
- Patrão, I., & Hubert, P. (2016). Os comportamentos e as preferências online dos portugueses: O jogo online e as redes sociais. In I. Patrão., & D. Sampaio. (Coord.), *Dependências online – o poder das tecnologias*, 97-116. Lisboa: Pactor – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação
- Pew Research Center's Social & Demographic Trends Project. (2014). Millennials in adulthood. Retrieved from: <http://www.pewsocialtrends.org/2014/03/07/millennials-in-adulthood/>
- Pinho, L. (2012). Relação à distância? Beija o Kissenger. *Jornal Público*. Retrieved from: <http://p3.publico.pt/vicios/hightech/2479/relacao-distancia-beija-o-kissenger>
- Pfeil, U., Arjan, R., & Zaphiris, P. (2008). Age differences in online social networking – A study of user profiles and the social capital divide among teenagers and older users in MySpace. *Computers in Human Behavior, 25*, 643-654. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2008.08.015>

- Pinheiro, J., Bates, D., DebRoy, S., Sarkar, D., & R Core Team (2016). nlme: linear and nonlinear mixed effects models. R package version. Retrieved from: <http://CRAN.R-project.org/package=nlme>.
- Ponte, C. (2013). A vulnerabilidade “offline” e “online” estão relacionadas. Eu Kids Online. Retrieved from: http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/PR_EUKOL3_4.1.2013.pdf
- Ponte, C., & Simões, J.A. (2014). Comportamentos *online* de crianças e jovens portugueses. In G.L. Miranda. (Org.), *Psicologia dos Comportamentos Online*, 51-79. Lisboa: Relógio D'Água
- Ponte, C., & Vieira, N. (2008). Crianças e internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional. Projecto EUKids Portugal. Universidade Nova de Lisboa. Retrieved from: http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/EU_Kids_OnlineVersao170707.pdf
- Pplware. (2016). EUA quer saber de si nas redes sociais antes de emitir o visto. Retrieved from: <https://pplware.sapo.pt/inforMacau/eua-quer-saber-si-nas-redes-sociais-emitir-visto-entrada/>
- Przybylski, A. K., Murayama, K., DeHaan, C. R., & Gladwell, V. (2013), Motivational, emotional, and behavioral correlates of fear of missing out. *Computers in Human Behavior* 29, 1841–1848, doi:10.1016/j.chb.2013.02.014
- Pumper, M.A., Yaeger, J. P., & Moreno, M.A. (2013). Perceptions and use of social networking sites in the United States and Ecuador: A mixed-methods approach. *Psychology and Behavioral Sciences Collection*, 47, 478-484. doi:10.5539/ies.v9n1p20
- Qiu, L., Lin, H. ,& Leung, A. (2012). Cultural differences and switching of in-group sharing behavior between an American (Facebook) and a Chinese (Renren) Social Networking Site. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 106-121. doi: 10.1177/0022022111434597

- Raudenbush, S. W. ,& Bryk, A. S. (2002). *Hierarchical Linear Models: Applications and Data Analysis Methods*, 2nd ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- R Core Team (2015). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. Vienna. Austria. Retrieved from: <https://www.R-project.org/>.
- Recuero, R. (2012). As redes sociais na internet e a conversação em rede. Retrieved from: <http://www.raquelrecuero.com/ciseco.pdf>
- Recuero, R. (2009). Cinco pontos sobre redes sociais na internet. Retrieved from: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>
- Recuero, R. (2005). Comunidades em redes sociais na internet: Um estudo de uma rede pró-ana e pró-mia. *Vaparaíso*, 1. Retrieved from: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/ana_mia.pdf
- Rego, A. (2004). Uma visão peculiar sobre a cultura nacional: A tourada portuguesa como metáfora. Retrieved from: http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD12/gestaodesenvolvimento12_105.pdf
- Revista Época Negócios. (2014). Facebook perde o encanto e site lista razões para deixar a rede. Retrieved from: <http://epocanegocios.globo.com/InforMacau/Dilemas/noticia/2014/01/facebook-perde-o-encanto-e-site-lista-razoes-para-deixar-rede.html>
- Ricca, P. (2009). Portugueses estão mais individualistas e menos preconceituosos. *Jornal Público*. Retrieved from: <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/portugueses-estao-mais-individualistas-e-menos-preconceituosos-1389381>

- Rideout, V.J., Foehr, U.G., & Roberts, D.F. (2010). Generation M2: Media in the lives of 8-18 year olds. *Kaiser Family Foundation website*. Retrieved from: <http://www.kff.org/entmedia/upload/8010.pdf>
- Robbins, S.S., & Stylianou, A.C. (2009). A longitudinal study of cultural differences in global corporate web sites. *Journal of International Business and Cultural Studies*, 3. Retrieved from: <http://www.aabri.com/manuscripts/09352.pdf>
- Rosenthal, R., Buka, S.L., Marshall, B.D.L., Carey, K.B., & Clark, M.A. (2016). Negative experiences on Facebook and depressive symptoms among young adults. *Journal of Adolescent Health*, 59, 510–516 . doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.06.023>
- Rosen, L. (2010a). Understanding the iGeneration - Before the next mini-generation arrives. *Nieman Reports Summer 2010*. Retrieved from: <http://niemanreports.org/articles/understanding-the-igeneration-before-the-next-mini-generation-arrives/>
- Rosen, L. (2010b). Welcome to the iGeneration! Welcome to the iGeneration! *The Psychology of Technology*. Retrieved from: <https://www.psychologytoday.com/blog/rewired-the-psychology-technology/201003/welcome-the-igeneration>
- Rosen, L. (2013). Is Facebook creating “iDisorders”? The link between clinical symptoms of psychiatric disorders and technology use, attitudes and anxiety. *Computers in Human Behavior*, 29, 1243–54. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2012.11.012>
- Ryan, R.M & Kuczkowski, R. (1994, Jun) . The Imaginary Audience, Self-Consciousness, and Public Individuation. *Adolescence. Journal of Personality*, 62:2. Retrieved from : https://selfdeterminationtheory.org/SDT/documents/1994_RyanKuczkowski_JOP.pdf
- SaferNet Brasil (2013). Canal de ajuda online recebeu quase mil pedidos sobre perigos na Internet. Retrieved from: <http://www.safernet.org.br/site/noticias/canal-ajuda->

orienta%C3%A7-psicol%C3%B3gica-online-recebeu-quase-mil-pedidos-sobre-perigos-internet.

Salgueiro, A. (2011, 26, julho). Jovem morre a 'tourear' carros. *Jornal Diário de Notícias*. Retrieved from: <http://www.dn.pt/portugal/interior/morreu-atropelado-a-tourear-carros-1929597.html>

Samovar, L. A., & Porter, R. E. (2004). *Communication between cultures*. Belmont, CA: Wadsworth/Thomson.

Samuelson-Glushko (s.d.). Social networking sites. Canadian internet policy interest clinic. Retrieved from: <http://www.cippic.ca/social-networking>

Santos Pereira, A.P. (2016). Onipresença dos aplicativos e ubiquidade dos dispositivos móveis: Cibridismo do mundo contemporâneo. Curso de Gestão, Design e Marketing. *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia*. Retrieved from: <http://bd.centro.iff.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1161/1/ONIPRESEN%C3%87A%20DOS%20APLICATIVOS%20M%C3%93VEIS.pdf>

Santaella, L. (2003). Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista FAMECOS*, 22. Retrieved from: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493>

Seshan, B. (2011) Top 10 Facebook sensations of 2011. *International Business Times*. Retrieved from: <http://www.ibtimes.com/top-10-facebook-sensations-2011-387476>

Selfhout, M.H., Branje, S.J., Delsing, M., Tom, F.M., Bogt, T., & Meeus, W. (2009) Different types of internet use, depression, and social anxiety: The role of perceived friendship quality. *Journal of Adolescence*, 32, 819–33. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2008.10.011>

- Seixas, S., Fernandes, L., & Morais, T. (2016). *Cyberbullying, um guia para pais e educadores*. Lisboa: Plátano editora
- Sengupta, A., & Chaudhuri, A. (2011). Are social networking sites a source of online harassment for teens? Evidence from survey data. *Children and Youth Services Review*, 33, 284–90. Retrieved from: http://online.sfsu.edu/~anoshua/research/Sengupta_Chaudhuri_WP.pdf
- Schouten, A.P. (2007). Adolescents' online self-disclosure and self-presentation. Partners Ipskamp. Retrieved from: https://pure.uva.nl/ws/files/4172050/143769_schouten.pdf
- Shapiro, L. A. S., & Margolin, G. (2013). Growing up wired: Social networking sites and adolescent psychosocial development. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 17, 1-18. doi 10.1007/s10567-013-0135-1.
- Significados Tecnologia. Disponível em <https://www.significados.com.br/touch-screen/>
- Sibona, C., & Walczak, S. (2011). Unfriending on Facebook: Friend request and online/offline behavior analysis. In *Proceedings of the 44th Annual Hawaii International Conference on System Sciences*. Hawaii: Computer Society Press. doi 10.1109/HICSS.2011.467
- Simões, J., Ponte, C., Ferreira, E., Doretto, J., & Azevedo, C. (2014). *Crianças e meios digitais móveis em Portugal: Resultados nacionais do projeto Net Children Go Mobile*. Lisbon: CESNOVA. Fundação para a Ciência e Tecnologia. Retrieved from: http://netchildrengomobile.eu/ncgm/wpcontent/uploads/2013/07/ncgm_pt_relatorio1.pdf.
- Simões, R.M. (2011). *As redes sociais na adolescência em Portugal – quem utiliza? Estudo de caso nos alunos do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico em alguns Conselhos*. (Trabalho de Projecto apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estatística e Gestão da Informação). Instituto Superior de Estatística e Gestão da

Informação. Retrieved from: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/7359/1/TEGI0295.pdf>

Siqueira, H.S., & Medeiros, M.F. (2011). Somos todos ciborgues: Aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico. *Revista de Sociologia Configurações*. Retrieved from: <https://configuracoes.revues.org/882#tocto1n4>

Smith, P.K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49, 376-85. doi: 10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x.

Smith, R.H., & Kim, S.H.(2007). Comprehending envy. *Psychological Bulletin*, 133, 46. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/6598645_Comprehending_envy

Snijders, T., & Bosker, R. (2012). *Multilevel analysis: An introduction to basic and advanced multilevel modeling* (2nd edition). London: SAGE Publications.

Solomon, D. J. (2001). Conducting web-based surveys. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 7. Retrieved from: <http://PAREonline.net/getvn.asp?v=7&n=19>

Souza, S.B, Simão, A.M.V., Francisco, S.M. (2014). Cyberbullying: incidência, consequências e contributos para o diagnóstico no ensino superior. *Revista@mbienteeducação*, 7, 88-102

Spitzberg, B.H., & Hoobler, G. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society*, 4, 71-92. doi: 10.1177/14614440222226271

Steers, M., Wickham, R., & Acitelli, L. (2014). Seeing everyone else's highlight reels: How Facebook usage is linked to depressive symptoms. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 33, 701-31. doi: 10.1521/jscp.2014.33.8.701

- Subrahmanyam, K., & Lin, G. (2007). Adolescents on the net: Internet use and well-being in adolescence. *Adolescence*, 42, 659-77. Retrieved from: http://www.cdmc.ucla.edu/KS_Media_biblio_files/kaveri_lin_2007_1.pdf
- Suler, J. (2008). Social networking for teens online: MySpace & Facebook. *Self Help Magazine*. Retrieved from: <http://www.selfhelpmagazine.com/articles/teens-online>
- Suler, J. (2004). The online disinhibition effect. *CyberPsychology and Behavior*, 7, 321-326. doi:10.1089/1094931041291295
- Stickland, E. (2016). *Robotic kiss transmitter lets you smooch a loved one from afar*. Disponível através de <https://spectrum.ieee.org/the-human-os/biomedical/devices/robotic-kiss-transmitter-lets-you-smooch-a-loved-one-from-afar>
- Tandoc, E., Ferrucci, P., & Duffy, M. (2015). Facebook use, envy, and depression among college students: Is facebooking depressing? *Computers in Human Behavior*, 43, 139-146. doi: 10.1016/j.chb.2014.10.053
- Tapscot, D. (1999). *Geração Digital – crescente e irreversível ascensão da Geração Net*. São Paulo: Makron Books, 1999.
- Taraszow, T., Arsoy, A., Shitta, G., & Laoris, Y. (2008). *How much personal and sensitive information do Cypriot teenagers reveal in Facebook?* In Proceedings From 7th European Conference on E-Learning (871–76). Reading. England: ACI.
- Teppers, E., Luyckx, K., Klimstra, T.A., & Goossens, L. (2013). Loneliness and Facebook motives in adolescence: A longitudinal inquiry into directionality of effect. *Journal of Adolescence*, 37, 691-699. doi: 10.1016/j.adolescence.2013.11.003
- The Hofstede Center. Strategy – Culture – Change. Retrieved from: <https://geert-hofstede.com/countries.html>

- The Guardian (2013). Teenagers migrate from Facebook as parents send them friend requests. Retrieved from: <https://www.theguardian.com/technology/2013/dec/27/facebook-dead-and-buried-to-teens-research-finds>
- Tic Kids Online Brasil (2014). Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. Retrieved from: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2013.pdf>
- Tidweel, L., & Walther, J. B. (2002). Computer-mediated communication effects on disclosure, impressions, and interpersonal evaluations getting to know one another a bit at a time. *Human Communication Research*, 28, 317–48. Retrieved from: <http://www.etchouse.com/mcma503/readings.old/tidwell-2002.pdf>
- Ting-Toomey, S. (1991). Intimacy expressions in three cultures: France, Japan, and the United States. *International Journal of Intercultural Relations*, 15, pp 2946. doi:10.1016/0147-1767(91)90072-O
- Tito de Moraes, A. (2007). Redes sociais: diferenças entre o real e o virtual. Retrieved from: <http://miudossegurosna.net/artigos/2007-03-08.html>
- Triandis, H. C. (1989). The self and social behavior in differing cultural contexts. *Psychological Review*, 96, 506-20. doi: org/10.1037/0033-295X.96.3.506
- Turkle, S. (1999). *Fronteiras do real e do virtual*. FAMECAS. Retrieved from : <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3057/2335>
- UNESCO (1982). Declaração universal sobre a diversidade cultural. Retrieved from: http://portal.Unesco.org/culture/es/files/12762/112762/1329542/4031mexico_sp.pdf/mexico_sp.pdf.

- Valença, J. T. (1985). Egocentrismo adolescente. Revisão bibliográfica dos principais estudos recentemente publicados. *Revista de Psicologia*, 3(1), 63-66. Retrieved from : http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10768/1/1985_art_jtvalenca.pdf
- Valkenburg, P.M., & Peter, J. (2009). Social consequences of the Internet for adolescents: A decade of research. *Current Directions in Psychological Science*, 18, 1-5. doi: 10.1111/j.1467-8721.2009.01595.x
- Valkenburg, P. M., Peter, J., & Schouten, A.P. (2006). Friend networking sites and their relationship to adolescents well-being and social self-esteem. *CyberPsychology & Behavior*, 9, 585-590. Retrieved from: <http://faculty.coe.uh.edu/flopez/docs/Valkenburg.pdf>
- Valkenburg, P.M., Schouten, A.P., & Peter, J. (2005). Adolescents' identity experiments on the Internet. *New Media & Society*, 7, 383-02. doi: 10.1177/1461444805052282
- Vanderbeeken, R (2011). The Screen as an In-between. *Foundations of Science*, 16, 245-57. doi: 10.1007/s10699-010-9191-x
- Vazire, S., & Goslin, S.D. (2004). E-Perceptions: Personality impressions based on personal websites. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87, 123-32 . doi: 10.1037/0022-3514.87.1.123
- Ventura, P.M. (2011). *Incidência e impacto do cyberbullying nos alunos do terceiro ciclo do ensino básico público português*. (Tese Doutoral não publicada). Universidade de Granada. Faculdade de Ciências da Educação. Departamento de Didática e Organização Escolar.
- Vieira, C.C. , Matos, A. Amado, J. Freire, I., & Simão, A.M. (2016). Boys' and girls' cyberbullying behaviours in Portugal: Exploring sex differences in adolescence using gender lenses. *Ex æquo*, 34, 143-159. doi: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2016.34.10>

- Wallace, S. G. (2010). Their space or yours? Social networking sites bring risks and rewards to the camp community. Retrieved from: <http://www.acacamps.org/campmag/0609wallace>
- Wan, C., & Chiu, C.-Y. (2010). Culture as intersubjective representations of values. In A. K.-Y. Leung, C.-Y. Chiu, & Y.-Y. Hong (Eds.), *Cultural processes: A social psychological perspective*, 40-64. New York: Cambridge University Press.
- Weiser, M. (1991). The Computer for the 21st Century. *Mobile Computing and Communications Review*, 3, 3–11. Retrieved from: <https://www.ics.uci.edu/~corps/phaseii/Weiser-Computer21stCentury-SciAm.pdf>
- Wen, G., Zhan, G. L., & Rodney, L. S. (2007). Global internet use and access: Cultural considerations. *Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics*, 19, 57-74. doi: 10.1108/13555850710720902.
- Wilson, R.E., Gosling, S.D., & Graham, L.T. (2012). A review of Facebook research in the social sciences. *Perspectives on Psychological Sciences*, 7, 203-220 doi: 10.1177/1745691611442904
- Wheless, L. R., & Grotz, J. (1976). Conceptualization and measurement of reported selfdisclosure. *Human Communication Research*, 2, 338-346. doi:10.1111/j.1468-2958.1976.tb00494.x
- Wheless, L. R., Erickson, K. V., & Behrens, J. S. (1986). Cultural difference in disclosiveness as a function of locus of control. *Communication Monographs*, 23, 36-46. Retrieved from: <http://dx.doi.org/10.1080/03637758609376124>
- Wolak, J., & Finkelhor, D. (2008). Is talking online to unknown people always risky? Distinguishing online interaction styles in a national sample of youth internet users. *Cyberpsychology & Behavior*, 11, 340-43. Retrieved from: http://scholars.unh.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1281&context=soc_facpub

- Wolak, J., Mitchell, K., & Finkelhor, D. (2006). Online victimization of youth: Five years later. Report from crimes Against Children Research Center, *University of New Hampshire*. Retrieved from: <http://www.unh.edu/ccrc/pdf/CV138.pdf>
- Woodman, D. (2015). *Youth and Generation*. London: Sage Publications.
- Wright, KB, Rosenberg, J., & Egbert, N., Ploeger, N.A., & King, S. (2013) Communication competence, social support, and depression among college students: a model of Facebook and face-to-face support network influence. *Journal of Health Communication, 18*, 41–57. doi: 10.1080/10810730.2012.688250
- Ybarra, M.L., & Mitchell, K. J. (2008). How risky are social networking sites? A comparison of places online where youth sexual solicitation and harassment occurs. *Pediatrics, 121*, 350-357. Retrieved from: <http://www.pediatrics.org/cgi/content/full/121/2/e350>
- Yum, Y.-O., & Hara, K. (2005). Computer-mediated relationship development: A cross-cultural comparison. *Journal of Computer-Mediated Communication, 11*. Retrieved from: <http://jcmc.indiana.edu/vol11/issue1/yum.html>
- Xie, B. (2008). The mutual shaping of online and offline social relationships. *Information Research, 13*. Retrieved from: <http://InformationR.net/ir/13-3/paper350.html>
- Zhang, Y. (1999). Using the Internet for survey research: A case study. *Journal of the American Society for Information Science, 51*, 57-68. Retrieved from: http://www.tim.ethz.ch/education/courses/courses_fs_2007/course_docsem_fs_2007/literature/9_Zhang_Using_the_internet_for_survey_research.pdf

Anexos

Página propositadamente deixada em branco

Anexo 1 – Pedido de parecer à Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia

Com esta investigação pretende-se aprofundar o conhecimento sobre riscos e benefícios para os jovens resultantes da utilização de redes de relacionamento social na internet, motivo que nos leva a considerar que a recolha da amostra deverá ser efetuada nesse próprio ambiente (ou seja, nas redes de relacionamento social). Para além disso, pretendemos estender o nosso estudo a outros países como o Brasil e Palops, o que só se torna possível se o questionamento for via online. Esta foi a proposta por nós colocada no projeto apresentado em maio de 2010.

Na discussão do referido projeto, o Júri composto pelos Srs. Professores Doutores Adelina Lopes da Silva, Joaquim Armando Ferreira e Maria João Alvarez, colocou a questão da dificuldade de obtenção do consentimento informado dos pais (tendo em conta que os sujeitos são menores de idade), uma vez que grande parte da investigação será feita através de um questionário colocado online.

Desde logo começámos a procurar fontes bibliográficas que pudessem lançar luz sobre esta questão. Certo é que, devido a tratar-se de uma técnica muito recente, constatámos que não existe nenhum documento (artigo, livro, parecer) que aborde este assunto. Daí que tenha sido necessário efetuarmos um trabalho de levantamento de opiniões/pareceres junto de diversos especialistas e Entidades. Queríamos perceber, até que ponto seria mesmo imprescindível a obtenção do consentimento informado dos pais, no caso de investigações online. São essas diligências que passamos a descrever:

Começámos por estabelecer um contacto via e-mail com a Mestre Filipa Falcão Reis¹⁵⁰, investigadora cuja amostra para a tese de mestrado foi recolhida através de um questionário colocado online. Esta especialista considerou que, *“na era da internet devemos aproveitar o que de melhor têm as ferramentas Web 2.0. Penso que deverá seguir a política*

¹⁵⁰ Mestre em *Informática Médica* pela Faculdade de Medicina e em *Engenharia de Redes e Sistemas Informáticos* pela Faculdade de Ciências, ambas da Universidade do Porto. É investigadora no Center for Research in Advanced Computing Systems (CRACS), laboratório associado do INESC PORTO, sendo um dos seus principais interesses a área da segurança de redes e sistemas, onde presentemente está a elaborar a sua dissertação de doutoramento no âmbito do programa doutoral MAP-i, das Universidades do Minho, Aveiro e Porto. Tem um interesse particular pelas redes de comunicação, em especial a Internet, e a interação dos jovens em redes sociais. Neste contexto, e juntamente com a psicóloga Diana Vaz Ribeiro, lançou o projeto “Tu e a Internet” (<http://tueainternet.sapo.pt/>), cujo objetivo é a promoção de uma utilização saudável e segura da Internet e das novas tecnologias.

de privacidade das páginas online no que respeita a privacidade e confidencialidade dos dados, ou seja, colocar uma check box dirigida ao jovem com "os meus pais consentiram que eu respondesse ao inquérito e participasse no estudo" e outra com "li, compreendo e aceito todas as regras e condições apresentadas". Para esta investigadora, este tipo de procedimento é suficiente, não havendo necessidade de obter o consentimento por parte dos pais pois "se em termos legais o é, no caso dos serviços online e até mesmo em alguns downloads, numa investigação também é suficiente".

Colocámos de seguida a mesma questão à Sr.ª Professora Doutora Rita Espanha¹⁵¹ tendo-lhe adiantado a solução sugerida pela Mestre Filipa Falcão Reis. A Professora Rita Espanha considerou *"uma boa sugestão, a da Mestre Filipa Falcão Reis, a do aviso de confidencialidade. Penso que é o suficiente."*

A terceira especialista contactada foi a Sr.ª Professora Doutora Ana Nunes de Almeida¹⁵². A opinião da Professora vem reforçar o que já tinha sido dito pelas anteriores especialistas, ou seja, que não é necessário obter o consentimento informado por parte dos pais, uma vez que se *"está a trabalhar com uma franja de jovens dos 14-18, um caso diferente de crianças mais pequeninas. Aliás, a partir dos 16 eu penso que a questão do consentimento informado dos pais já não se põe do mesmo modo: repare que a partir dessa idade o jovem é livre, por Exemplo, de tomar decisões relativas à sua autonomia sexual."*

A opinião da Sr.ª Prof. Doutora Margarida Gaspar de Matos¹⁵³, segue a mesma linha das anteriores. A Professora Margarida enviou-nos o link para um documento relativo ao projeto TEMPEST <http://tempestproject.eu/>, já que considera tratar-se de uma situação semelhante. Este projeto Holandês tem parceiros na Bélgica, Dinamarca, Finlândia,

¹⁵¹ Socióloga, (Instituto Universitário de Lisboa), investigadora do CIES/ISCTE-IUL, está atualmente a desenvolver pesquisas nas áreas da "Comunicação e Saúde", "Crianças, Jovens e Tecnologias de Comunicação", "Open Science" e "Cinema e Redes P2P". É membro da equipa de investigação do OBERCOM (Observatório da Comunicação) participa na rede de investigação europeia COST 298: Participation in the Broadband Society e na Rede World Internet Project (USC Annenberg School for Communication).

¹⁵² Investigadora Coordenadora no Instituto de Ciências Sociais (Universidade de Lisboa) e Pró-Reitora da Universidade de Lisboa

¹⁵³ Psicóloga, Investigadora Sénior e coordenadora do Grupo de Pesquisa - Saúde e Educação na Faculdade de Motricidade Humana

Alemanha, Polónia, Roménia, Inglaterra e Portugal. Para a sua elaboração, foram levadas em consideração as questões éticas no que concerne ao aspeto dos questionários online, *“a MedLaw Consult indicou não ser necessário o consentimento parental para questionários administrados através da internet”*. Ainda que estas regras se apliquem à situação holandesa em particular, a MedLaw Consult é de opinião que as conclusões serão idênticas para os outros países envolvidos no TEMPEST, o que inclui Portugal.

Recorremos depois ao parecer da Comissão Nacional de Ética para as Ciências da Vida, através da Dr.ª Cíntia Águas¹⁵⁴. Como advogada, debruçou-se, sobretudo sobre os aspetos legais. Lembrou que *“em Portugal vigora a Lei n.º 67/98 de 26 de outubro - Lei da proteção de dados pessoais, e que existe uma entidade - a Comissão Nacional de Proteção de Dados, que fiscaliza e se pronuncia sobre o tratamento de dados individualizáveis, para mais se se tratar de informação pessoal sensível (saúde, comportamentos sexuais) de menores.”* De forma a esclarecermos este ponto, estabelecemos um contacto formal com a Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd). Em resposta ao nosso pedido de esclarecimento, a Dr.ª Alice Gomes¹⁵⁵ considera que *“relativamente ao seu trabalho de investigação, e tendo em conta os dados que recolhe, não se aplica a Lei 67/98 de 26 de Outubro, Lei da Proteção de Dados Pessoais, uma vez que não há dados que identifiquem ou permitam identificar os inquiridos. “A Dr.ª Cíntia Águas adiantou ainda que, se após a recolha de dados for possível “ligar o inquérito a uma pessoa concreta e identificar pela informação pessoal sobre um dado menor, a questão do consentimento tem muito relevo, e aí temos de ter em conta os pais.”* A questão deixará de ser problemática *“caso nunca haja acesso à informação destes jovens, para além de sexo, idade, proveniência, ou seja, terá de ser completamente barrado o acesso do servidor ao IP do computador”*. Isto é, na opinião da referida especialista *“não se trata de uma anonimização dos dados (porque isso implica a recolha destas informações e a sua posterior anulação), mas sim do completo anonimato. Assim, segundo a lei, deixam de ser “sujeitos” (pelo que não se pode pedir consentimento a “não-sujeitos”) e passam a ser unicamente “dados/números” que vão ser tratados estatisticamente”*.

¹⁵⁴ Advogada, Secretária Executiva da Comissão Nacional para as Ciências da Vida

¹⁵⁵ GAP - Gabinete de Atendimento ao Público - Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd)

Colocámos também a questão de, sendo um estudo que ultrapassará as nossas fronteiras, ser importante saber o que é que a lei dos outros países (Brasil e Palops) diz acerca deste assunto. Fomos então informadas pela Dr.^a Cíntia Águas de que *“as regras são impostas pelo país responsável pelo estudo, ou seja, será sempre a nossa lei que vigora”*.

Por sugestão da Dr.^a Cíntia Águas, estabelecemos um contacto com o Mestre André Pereira¹⁵⁶, advogado especialista na área de consentimento informado. Colocámos-lhe a questão de, no caso de garantirmos o total anonimato dos participantes, ainda assim poder ser necessário o consentimento dos pais. A sua opinião foi muito clara *“se os dados são totalmente anónimos, não são dados pessoais, então é aplicável o artigo 3.º: para efeitos da presente lei, entende-se por:*

a) «Dados pessoais»: qualquer informação, de qualquer natureza e independentemente do respetivo suporte, incluindo som e imagem, relativa a uma pessoa singular identificada ou identificável («titular dos dados»); é considerada identificável a pessoa que possa ser identificada direta ou indiretamente, designadamente por referência a um número de identificação ou a um ou mais elementos específicos da sua identidade física, fisiológica, psíquica, económica, cultural ou social;”. Suportado nesta definição/artigo, o referido especialista concluiu *“donde não está sujeita às obrigações acima mencionadas. A partir dos 14 anos o adolescente goza de um certo grau de autonomia, pelo que me parece não ser ilícito solicitar-lhes que responda a um inquérito, mesmo sobre a sua vida pessoal. Aliás, o interesse da privacidade do adolescente face aos pais pode conduzir no mesmo sentido. Parece-me que pode fazer o inquérito online, desde que a pessoa não seja identificada nem identificável.”*

Com base nestes pareceres, questionámos diversos especialistas em Informática, tentando perceber, por um lado, até que ponto através dos IP's se conseguem identificar os sujeitos e, por outro, se existem meios técnicos que possam impedir que fique registado o IP no servidor.

¹⁵⁶ Licenciado em Direito, Pós-graduado em Direito da Medicina, Mestre em Ciências Jurídico-civilísticas, Doutorando em Ciências Jurídico-civilísticas, Secretário científico do Centro de Direito Biomédico e Assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Autor de diversos livros sobre consentimento informado, entre os quais *“O Consentimento Informado na Relação Médico-Paciente. Estudo de Direito Civil”*, Publicações do Centro de Direito Biomédico, 9, Coimbra, Coimbra Editora, 2004

Na opinião do Eng.º Sérgio Pinto¹⁵⁷ " O IP é atribuído pelo fornecedor do serviço e só este o pode associar a um determinado cliente. Resumindo, se no âmbito do seu trabalho não recolher informação pessoal das pessoas que preenchem o formulário, então nada terá que recear, pois qualquer tentativa ilícita de aceder aos IP só será possível a alguém que esteja a violar a lei (um Hacker, por Exemplo) ou a própria lei (com um mandato judicial)".

Igual opinião é defendida pelo Eng.º João Gonçalves¹⁵⁸ da Autoridade Nacional de Comunicações (AnaCom). Segundo este especialista em informática "uma eventual quebra de anonimato, através do IP deve encarar-se como algo do foro jurídico".

O Eng.º Guilherme Carvalho¹⁵⁹ é da mesma opinião e acrescenta " a manutenção de anonimato acontece através do encapsular da informação com um protocolo de segurança (ssl/https). Com a devida encriptação (SSL/HTTPS) da página de registo e um sistema de alojamento bem configurado e protegido, é improvável que alguém possa chegar aos IP. Existem plataformas (como o Surveymonkey) que asseguram o completo anonimato dos dados. Assim, havendo as devidas cautelas na elaboração do questionário, ninguém poderá ser acusado de ter facilitado informação de terceiros, porque essa informação a ser obtida não foi cedida, mas sim violada."

O Eng.º Miguel Cruz¹⁶⁰ corrobora a sugestão do Eng.º Guilherme Carvalho, ou seja, "a encriptação da página de registo, associada a um sistema de alojamento como é o caso do <http://pt.surveymonkey.com/> possibilita o total anonimato dos sujeitos, sendo muito improvável que alguém possa aceder aos IP's".

Em resumo,

A utilização da internet como meio de recolha de dados está a tornar-se uma prática cada vez mais frequente, sobretudo quando o tema da investigação se prende exatamente com

¹⁵⁷ Licenciado e Mestre em Engenharia Eletrotécnica e Computadores pelo Instituto Superior Técnico – Informático na Optimus, Grupo Sonae.Com

¹⁵⁸ Licenciado em Engenharia Eletrotécnica e Computadores pelo Instituto Superior Técnico – Consultor da AnaCom

¹⁵⁹ Licenciado e Mestre em Engenharia Eletrotécnica e Computadores pelo Instituto Superior Técnico - Direção de projetos e Marketing da *Nec Portugal* - Telecomunicações e Sistemas SA

¹⁶⁰ Licenciado em Engenharia Informática pela Central CT State University – Connecticut, EUA, Consultor independente de TI/E-Business

a pesquisa de fenómenos ocorridos online (e.g. EU Kids Online, <http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>).

Esta técnica de recolha de dados é também, na opinião dos diversos investigadores consultados, a que mais se adapta ao presente estudo. Contudo, tratando-se de uma amostra constituída por menores, não poderão ser recolhidas informações que possibilitem a sua identificação, isto é, os dados terão de ser totalmente anónimos, pois só deste modo se pode dispensar o consentimento informado por parte dos pais. Segundo opinião de diversos especialistas na área da informática, este anonimato pode ser garantido através de meios técnicos.

Tendo por base as opiniões expostas ao longo deste documento, consideramos não haver motivos éticos, nem legais, que possam constituir um entrave para que a recolha de dados da amostra da presente investigação seja efetuada através de um questionário respondido online.

Anexo 2 - Parecer emitido pela Comissão Especializada de Deontologia (CED) do Conselho Científico (CC) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Parecer da Comissão Especializada de Deontologia (CED) do
Conselho Científico (CC) da Faculdade de Psicologia
da Universidade de Lisboa

Lisboa, 19 de Julho de 2011

Exmas. Sras. Prof. Doutora Alexandra Marques Pinto e
Prof. Doutora Maria João Alvarez

Em resposta ao Vosso pedido de parecer relativo ao estudo *"Estar online, viver offline: Bem-estar e comportamentos de risco em jovens utilizadores de sítios de relacionamento social"*, gostaríamos de começar por elogiar o cuidado e preocupação com as questões éticas subjacentes à investigação em causa, os quais se captam não só pela iniciativa de se obter informação adicional sobre a necessidade de consentimento informado junto de especialistas com formação diversa, mas também pelo próprio pedido formulado à CED do CC, uma vez que a submissão de projectos só constituirá uma obrigatoriedade a partir do próximo ano lectivo. Após análise do Questionário a ser utilizado no estudo, entende esta Comissão ser recomendável, neste caso, o pedido de consentimento informado dos pais de tais jovens menores. Esta recomendação prende-se com o carácter delicado de algumas das temáticas em estudo (por exemplo, violência, acções de ódio, abandono da casa dos pais, distúrbios alimentares, consumo de álcool e drogas, automutilação, suicídio), e com a possibilidade de o próprio estudo poder criar oportunidades de conhecimento e/ou incentivo à tomada de comportamentos de risco, e/ou contribuir mesmo para alterações no funcionamento emocional de jovens com uma maior vulnerabilidade psicológica. Nesta sequência, considera-se que os pais têm o direito de receber toda a *informação necessária para darem* (ou não) o consentimento para a participação dos filhos, e poderem assim discutir/prevenir eventuais comportamentos de risco. Acresce que se julga pertinente que o estudo contemple a possibilidade de haver alguma forma de apoio para os jovens que sintam necessitar dele na sequência da sua participação.

J. P. L. K₃

Anexo 3 - E-mail de autorização do Ministério da Educação

From: mime-noreply@gepe.min-edu.pt

Sent: Tuesday, November 22, 2011 3:03 PM

To: marques.teresapaula@gmail.com ; marques.teresapaula@gmail.com

Subject: Monotorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0250700001

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0250700001, com a designação *Estar online, viver offline (Bem-estar e comportamentos de risco em jovens utilizadores de redes de relacionamento social)*, registado em 04-11-2011, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo(a) Senhor(a) Dr(a). Teresa Paula marques

Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

Isabel Oliveira

Directora de Serviços de Inovação Educativa

DGIDC

Observações:

a) Deverá ser obtida a autorização expressa dos encarregados de educação dos alunos com menos de 18 anos a inquirir .

Na questão 53 substituir "coias" por "coisas"

Anexo 4 -E-mail enviado aos diretores das escolas



Exmo(a) Sr(a) diretor(a) da Escola,

O meu nome é Teresa Paula Marques e sou Doutoranda em Psicologia da Educação no curso de doutoramento Interuniversitário em Psicologia da Educação das Faculdades de Psicologia de Lisboa e de Coimbra. Nesse âmbito, estou a desenvolver uma investigação sobre o “Bem-estar e comportamentos de risco nos jovens utilizadores de sites de relacionamento social”. A investigação é coordenada pelas Professoras Doutoradas Alexandra Marques Pinto e Maria João Alvarez e será realizada não só em Portugal, mas também no Brasil e nos Países de Língua Oficial Portuguesa.

Os resultados deste estudo permitirão conhecer melhor o impacto, positivo e negativo, da utilização de redes sociais pelos jovens e, assim, facilitar a construção de programas de prevenção e de sensibilização dirigidos a esta população-alvo,

Este estudo envolve o preenchimento de um questionário (via online), por jovens dos 9º anos e secundário (idades entre os 14 e os 20 anos), cujo objetivo será a recolha de dados sobre os hábitos, riscos e oportunidades criadas pela utilização de redes sociais. Para além disso, avaliaremos o ajustamento social e o bem-estar destes jovens.

O preenchimento do questionário tem uma duração aproximada de 20 minutos e terá de ser realizado individualmente num computador com acesso à internet. Apesar do inquérito se realizar *online* é obrigatório a autorização dos Encarregados de Educação (Despacho n.º 15847/2007) e aprovação prévia do Ministério da Educação (já solicitada - n.º de registo 0250700001). As respostas são anónimas e confidenciais e destinam-se apenas a fins de investigação científica.

Exposto o que pretendo, venho por este **meio questionar se a vossa escola se encontra disponível a colaborar nesta investigação.**

Agradecendo desde já a vossa atenção, encontro-me ao vosso dispor para retirar qualquer dúvida sobre este assunto.

Certa da Vossa atenção, deixo os meus melhores cumprimentos,
Teresa Paula Marques

Anexo 5 – Documento de Consentimento informado (enviado aos pais)



Exmos. Senhores
Encarregados de Educação

Vimos por este meio informar que está a ser desenvolvido um projeto de investigação sobre “Bem-estar e comportamentos de risco em jovens utilizadores de sites de relacionamento social”, realizado no âmbito de um doutoramento interuniversitário em Psicologia da Educação das Faculdades de Psicologia da Universidade de Lisboa e de Coimbra. O estudo abrangerá não só jovens portugueses, mas também brasileiros e residentes em países de língua oficial portuguesa. Mais informamos que a nossa escola aceitou colaborar no estudo.

A Internet, no geral, e os sites de relacionamento social (SRS) em particular, são um fenómeno de popularidade entre os jovens de todo o mundo. Estamos perante novas formas de relacionamento cujo impacto nos comportamentos de risco e no bem-estar dos jovens está contudo por determinar. Importa, pois, a diversas áreas das ciências sociais e humanas, designadamente à Psicologia, estudar este fenómeno de forma a identificar fatores que o associam quer a riscos quer a oportunidades para os jovens e propor medidas concertadas de prevenção de comportamentos de risco e de promoção do seu bem-estar.

Deste modo, vimos pedir a sua autorização para que o seu educando possa participar preenchendo um questionário online, com o objetivo de conhecer os hábitos de utilização dos SRS, os riscos que corre, as oportunidades de que usufrui e o bem-estar resultante.

Pedimos o favor de entregar à/ao Diretor/a de Turma o destacável até ao próximo dia ____ de _____, no caso de **não autorizar** a participação do seu Educando.

..... destacar e entregar à(ao) diretor(a) de Turma

Eu _____ (nome) Encarregado
de Educação do aluno _____ (nome do Educando)

☐ Não autorizo a participação do meu educando no estudo sobre bem-estar e comportamentos de risco em jovens utilizadores de sites de relacionamento social

Assinatura: _____

Anexo 6 - Itens informativos

Itens informativos

1.Qual, ou quais, são as redes sociais que costumás utilizar? (podes assinalar várias opções)		
a)	Facebook	
b)	Hi5	
c)	MySpace	
d)	Twitter	
e)	Flickr	
f)	Orkut	
g)	Netblog	
h)	Youtube	
i)	Sonico	
j)	Bebo	
k)	Friendster	
l)	Linkedin	
m)	Outra(s)	
2.No geral utilizas o FACEBOOK para (podes escolher várias opções)		
a)	Conhecer pessoas, fazer amigos/as, arranjar namorados/as	
b)	Divulgar trabalhos (por Exemplo, músicas que fazes, fotografias, trabalhos manuais, etc...)	
c)	Saber notícias do teu país e do mundo	
d)	Estabelecer contactos com outros jovens que estejam a frequentar o mesmo curso que pretendes seguir	
e)	Jogar (Farmville, Cityville; BuddyPoke...)	
f)	Fazer quizzes (testes)	
g)	Estar a par da vida dos/as teus/as amigos/as	
h)	Outros motivos	
3. Quantos/as amigos/as tens no Facebook ?		
a)	Zero	
b)	Menos de 10	
c)	De 11 a 50	

d)	De 51 a 100	
e)	De 101 a 150	
f)	De 151 a 200	
g)	De 201 a 250	
h)	De 251 a 300	
i)	De 301 a 350	
j)	De 351 a 400	
k)	Mais de 400	
Na tua LISTA DE AMIGOS/AS estão adicionados/as (podes assinalar várias opções)		
a)	Colegas da tua escola ou do ginásio	
b)	Professores/as ou chefes (no caso de trabalhares)	
c)	Diretor/a da escola que frequentas	
d)	Os teus pais	
e)	Outros elementos da tua família (primos, tios...)	
f)	Vizinhos/as	
g)	Namorado/a	
h)	Amigos/as	
i)	Para não misturares as pessoas, tens uma página só para os/as amigos/as e colegas e outra para os/as restantes	
j)	Fazes diferentes listas e não misturas as pessoas	
k)	Estão adicionados/as outro tipo de pessoas.	
5. Qual o CRITÉRIO que segues para adicionares pessoas à tua lista ? Adicionas (podes escolher várias opções)		
a)	Não adicionas ninguém	
b)	Todos/as os que te pedem amizade	
c)	Os/as que têm amigos em comum contigo	
d)	Os/as que têm bom aspecto	
e)	Os/as que são amigos/as de figuras públicas	
f)	Os/as que parecem ser da tua idade	
g)	Família	
h)	Amigos/as que conheces pessoalmente	
i)	Figuras públicas	
j)	Colegas de escola	
k)	Tens outro critério para adicionar amigos	

6. Em que ano nasceste ? _____		
7. Que tipo de FOTOGRAFIA colocaste para ilustrar o teu PERFIL (assinala só uma resposta)		
a)	Não colocaste fotografia	
b)	Uma fotografia de outra pessoa	
c)	Uma imagem, um boneco, uma paisagem	
d)	Uma fotografia tua, só de cara	
e)	Uma fotografia de corpo inteiro	
f)	Uma fotografia tua em pose sensual	
g)	Uma fotografia tua em fato-de-banho, calções de banho ou lingerie	
h)	Colocaste outro tipo de fotografia	
8. Quando inicias um namoro MUDAS O TEU STATUS para “numa relação com ...” ?		
a)	Sim	
b)	Não	

Anexo 7 - Questionário sobre os Hábitos de Utilização do Facebook

Frequência

Diz-nos QUANTAS VEZES(assinala uma resposta em cada linha)

		Todos os dias	5 a 6 vezes / semana	3 a 4 vezes / semana	1 a 2 vezes / semana	Só em ocasiões especiais (Natal, dia dos Namorados...)	Nunca
a)	Alteras o perfil (mudas a fotografia, por Exemplo)						
b)	Colocas posts no teu mural						
c)	Acedes ao Facebook só para ler os comentários						
d)	Colocas comentários no mural dos/as teus/as amigos/as						

Tempo

Numa semana normal, quantos minutos estás POR DIA , em média no Facebook ?
(assinala só uma resposta)

a)	Nenhum	
b)	1 a 30 minutos	
c)	31 a 60 minutos	
d)	1 a 2 horas	
e)	Mais de 3 horas	

Atitude

Assinala em cada linha, a opção que mais corresponde ao lugar que o Facebook ocupa NA TUA VIDA ... (só uma resposta em cada linha)

		Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
a)	O Facebook faz parte da tua atividade diária					
b)	Sentes orgulho em dizer às/aos teus/as amigos/as que estás no Facebook					
c)	O Facebook tornou-se parte da tua rotina					
d)	Não te sentes bem se estiveres sem aceder ao Facebook por algum tempo					
e)	Sentes que fazes parte da comunidade do Facebook					
f)	Ficarias triste se o Facebook acabasse					

Anexo 8 – Índice de Ajustamento Psicossocial

Escala de Solidão Social e Emocional (SELSA-S)

		Totalmente em desacordo	Muito em desacordo	Pouco em desacordo	Indiferente	Pouco de acordo	Muito de acordo	Totalmente de acordo
1	Fazes parte de um grupo de amigos							
2	Tens um/a namorado/a com quem partilhas os teus sentimentos e pensamentos mais íntimos							
3	Tens um/a namorado/a que te dá o apoio e encorajamento que precisas							
4	Sentes-te próximo da tua família							
5	A tua família realmente preocupa-se contigo							
6	Tens um/a namorado/a para cuja felicidade contribuis							
7	Os teus amigos compreendem os teus motivos e razões							
8	Podes contar com a ajuda dos teus amigos							
9	Sentes que fazes parte da tua família							

Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A)

Diz-nos de que forma tem a ver contigo ...

		De forma nenhuma	Difícilmente	Algumas vezes	A maioria das vezes	Todas as vezes
1	Sentes-te tímido/a quando estás com pessoas que não conheces					
2	Preocupas-te com o que os outros pensam de ti					
3	Tens medo que os outros possam não gostar de ti					
4	Ficas nervoso/a quando tens de falar com colegas que não conheces bem					
5	Preocupas-te com o que os outros dizem acerca de ti					
6	Ficas nervoso/a quando conheces pessoas novas					
7	Sentes que os outros fazem troça de ti					
8	Sentes-te tímido/a mesmo com colegas que conheces bem					
9	É difícil para ti convidar outras pessoas para fazer coisas contigo					

Anexo 9 - Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades do Facebook



Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades do Facebook

Se tens entre 14 e 20 anos de idade, este questionário é para ti. Lê, com atenção, as instruções e responde de acordo com aquilo que pensas, ou sentes. Não existem boas más respostas. O tempo de preenchimento é de 15 a 20 minutos. Os dados recolhidos são completamente anónimos e confidenciais.

Instruções:

À frente de cada pergunta encontras um quadradinho. Basta colocares uma cruz X no lugar que corresponde à tua resposta. Em algumas perguntas (que estão assinaladas) podes dar mais do que uma resposta.

Exemplo:

1. És rapaz ou rapariga ?		
a)	Rapariga	X
b)	Rapaz	

Podes virar a página e começar a responder ...

1. És rapaz ou rapariga ?		
a)	Rapariga	
b)	Rapaz	
2. Que ano de escolaridade frequentas?		
a)	1º ciclo (1º, 2º, 3º, 4º anos)	
b)	2º ciclo (5º, 6º anos)	
c)	3º ciclo (7º, 8º, 9º anos)	
d)	Secundário (10º, 11º, 12º anos)	
e)	Faculdade	
f)	Outro. Qual ?	
3. Que idade tens?		
a)	14 anos	
b)	15 anos	
c)	16 anos	
d)	17 anos	
e)	18 anos	
f)	19 anos	
g)	20 anos	
4. Em que País vives?		
a)	Portugal	
b)	Angola	
c)	Brasil	
d)	Guiné	
e)	Moçambique	
f)	Cabo Verde	
g)	S. Tomé e Príncipe	
h)	Timor	
i)	Macau	
j)	Outro. Diz qual	
5. Se vives em Portugal, diz-nos em que região		
a)	Norte	
b)	Centro	

c)	Sul	
d)	Ilhas	
6. Já algum/a DESCONHECIDO/A te pediu amizade ?		
a)	Sim, mas recusaste sempre	
b)	Sim e habitualmente recusas	
c)	Sim e aceitaste	
d)	Não	
7. Quando ACEITAS pedidos de amizade de desconhecidos/as, depois estabelece algum CONTACTOS PESSOAL com ele/a? (através de e-mail, SMS, telemóvel, mensagem privada no Facebook...)		
a)	Sim	
b)	Não	
8. Alguma vez foste convidado/a por um/a desconhecido/a para IR AO ENCONTRO? (assinala só uma resposta)		
a)	Não	
b)	Sim, mas respondeste-lhe que não irias	
c)	Sim, mas nem sequer lhe respondeste e apagaste-o/a da tua lista	
d)	Sim e aceitaste o convite. Foste ter com ele/a e não contaste nada a ninguém	
e)	Sim e aceitaste o convite. Foste ter com ele/a mas levaste contigo um/a amigo/a	
9. Alguma vezes recebeste ELOGIOS através do Facebook, de uma pessoa mais velha e que não conhecias?		
a)	Sim	
b)	Não	
10. Se RECEBESTE ELOGIOS essa pessoa prometeu DAR-TE ALGUMA COISA caso fosses ter com ele/a? (assinala só uma resposta)		
a)	A pessoa não te prometeu nada	
b)	A pessoa prometeu-te coisas mas nem sequer lhe respondeste	
c)	Prometeu-te coisas e tu respondeste-lhe a recusar	
d)	Recebeste prendas e carregamentos no teu telemóvel	
e)	Recebeste as prendas pessoalmente	
11. No Facebook ESTÁS ATENTO/A (podes assinalar várias opções)		
a)	Aos locais que os/as teus/as amigos/as frequentam (discotecas, bares, ...)	
b)	Nas fotografias observas a roupa que eles/as vestem ou como se penteiam	
c)	Aos filmes, exposições, livros ... que eles/as dizem que gostaram	

d)	Ao modo como os/as teus/as amigos/as mais populares escrevem os comentários	
e)	Ao tipo de posts que os/as teus/as amigos/as mais populares colocam no mural	
f)	Não tens atenção a nenhum destes aspetos	
12. Se tiveres um problema e o DESABAFARES no mural, o que é que os/as teus/as amigos/as fazem? (assinala só uma resposta)		
a)	Nunca partilhas problemas com os/as teus/as amigos/as através do mural	
b)	Dão-te conselhos acerca da maneira como o resolver	
c)	Apenas se limitam a ler e não dizem nada	
d)	Colocam aplicações no teu mural (Exemplo: flores, corações, músicas ...para te animarem)	
e)	Enviam-te mensagens privadas no sentido de te apoiarem	
f)	Têm outra atitude	
13. Já acabaram UM NAMORO contigo através do Facebook ?(assinala só uma resposta)		
a)	Não	
b)	Sim, através de uma mensagem privada	
c)	Sim, através de uma mensagem colocada no mural	
d)	Sim, através de uma mensagem no mural e também uma mensagem enviada para ti e para todos/as os/as amigos/as comuns	
e)	Sim, ficaste a saber através da mudança de estado no perfil (passar de “numa relação” para “solteiro/a”	
14. Já acabaram UMA AMIZADE contigo através do Facebook ?(assinala só uma resposta)		
a)	Não	
b)	Sim, através de uma mensagem privada	
c)	Sim, através de uma mensagem colocada no mural	
d)	Sim, através de uma mensagem no mural e também uma mensagem enviada para ti e para todos/as os/as amigos/as comuns	
e)	Sim e ficaste a saber porque foste apagado/a da lista de amigos/as, foste “desamigado/a” dessa pessoa	

15. Alguma vez RECEBESTE (assinala só uma resposta em cada linha)

		Através de mensagem privada	Colocaram no mural	Enviaram através de um pedido de amizade	Nunca aconteceu
a)	Fotografias ou filmes com conteúdos sexuais				
b)	Fotografias ou filmes com conteúdos agressivos				

16. Diz-nos se ALGUMA VEZ ... (podes assinalar várias opções)

a)	Colocaram no teu mural uma fotografia tua, numa situação que te envergonhava	
b)	Marcaram com vários tags uma fotografia que te envergonhava, para que aparecesse também na página dos teus/as amigos/as	
c)	Colocaram no teu mural, uma mensagem agressiva, ou um insulto dirigido a ti	
d)	Tiveste um/a amigo/a que te enviava mensagens (não agressivas) a toda a hora, a ponto de começar a incomodar-te pela insistência	
e)	Alguém criou um perfil falso só para te agredir e/ou insultar	
f)	Colocaram no teu mural fotografias tuas que te envergonhavam, mas tu conseguiste apagá-las antes que alguém as visse	
g)	Nunca aconteceu nada do que foi anteriormente referido	

17. Diz-nos AINDA...(podes assinalar várias opções)

a)	Um/a ex-namorado/a mostrou fotografias tuas na rede social, em poses sensuais ou com pouca roupa	
b)	Um/a ex-namorado/a divulgou a todos os/as amigos/as da rede social, conversas íntimas que tiveste com ele/a	
c)	Tiveste um/a amigo/a que colocava todos os dias imagens ou mensagens no teu mural (não agressivas) mas que te começou a aborrecer pela insistência	
d)	Recebeste mensagens com ameaças	
e)	Colocaram no teu mural imagens/mensagens agressivas , mas tu conseguiste apagá-las antes que alguém as visse	
f)	Nunca aconteceu nada do que foi anteriormente referido	

18. Se UTILIZAS o CHAT (sala de bate-papo), do Facebook, diz-nos PARA QUE FINS (podes assinalar várias opções)

a)	Desabafar com os/as amigos/as quando tens algum problema	
b)	Contar as experiências do dia-a-dia	
c)	Combinar encontros com os/as amigos/as e colegas de escola	
d)	Conhecer melhor os/as desconhecidos/as	
e)	Tirar dúvidas acerca de sexo e/ou aspetos de saúde	

f)	Teres companhia quando te sentes sozinho/a	
g)	Para namorar	
h)	Não utilizas o Chat	
i)	Utilizas para outros fins	
19. O Facebook JÁ TE PERMITIU (podes assinalar várias opções)		
a)	Reencontrar amigos/as através de outros/as amigos/as	
b)	Manter contacto com amigos/as que vivem longe	
c)	Arranjar novos/as amigos/as	
d)	Estreitar relações com colegas da escola	
e)	Arranjar um estágio escolar ou um trabalho (mesmo pequenos trabalhos de férias)	
f)	Manteres-te informado/a acerca das notícias sobre o teu país e o mundo	
g)	Arranjar material para trabalhos escolares	
h)	O Facebook não trouxe nada de novo à tua vida	
i)	Outras coisas. Diz quais	
20. É para ti MAIS FÁCIL TER UM ACTO DE CARINHO através de comentários no mural , envio de flores virtuais, corações, etc , uma rede social do que diretamente à pessoa		
a)	Sim	
b)	Não	
21. Alguma vez UTILIZASTE O FACEBOOK para ... (podes assinalar várias opções)		
a)	Fazer uma declaração de amor	
b)	Dizer a um/a amigo/a que gostas muito dele/a	
c)	Fazer convites (Exemplo: para o teu aniversário, para ir ao cinema, etc...)	
d)	Namorar	
e)	Organizar um <i>Flash Mob</i> (Exemplo: guerra de almofadas, etc...)	
f)	Expressar a tua dor face à morte de alguém	
g)	Expressar o teu desagrado por algum acontecimento	
h)	Expressar a tua satisfação por algum acontecimento	
i)	Não utilizas a rede social para estes fins	
22. Alguma vez FOSTE CONVIDADO/A para aderir a grupos/páginas que ... (podes assinalar várias opções)		
a)	Defendem o suicídio na adolescência	
b)	Incentivam à automutilação (fazer cortes em diversas partes do corpo)	
c)	Incentivam a ideia de violência contra pessoas de outra raça ou de outro país	

d)	Defendem ideias de violência contra homossexuais/gays	
e)	Organizam ações de ódio contra alguém	
f)	Defendem a ideia de que deverias fugir de casa dos teus pais	
g)	Estimulam os distúrbios alimentares (Exemplo: anorexia e bulimia)	
h)	Incentivam ao uso de drogas e/ou álcool	
i)	Incentivam à publicação de fotografias tuas tiradas em lugares perigosos (<i>planking</i>) ou posições perigosas (<i>horsemaning</i>)	
j)	Incentivam a publicação de vídeos em que és protagonista de comportamentos arriscados (por Exemplo: “tourear carros”)	
l)	Nunca foste convidado/a	
23. No caso de teres sido convidado, a que grupos/páginas ADERISTE? (podes assinalar várias opções)		
a)	Defesa do suicídio na adolescência	
b)	Incentivo à automutilação (fazer cortes em diversas partes do corpo)	
c)	Incentivo à de violência contra pessoas de outra raça ou de outro país	
d)	Defesa de ideias de violência contra homossexuais/gays	
e)	Organização de ações de ódio contra alguém	
f)	Defesa da ideia de que deverias fugir de casa dos teus pais	
g)	Estimulo dos distúrbios alimentares (Exemplo: anorexia e bulimia)	
h)	Incentivo ao uso de drogas e/ou álcool	
i)	Incentivo à publicação de fotografias tuas tiradas em lugares perigosos (<i>planking</i>) ou posições perigosas (<i>horsemaning</i>)	
j)	Incentivo à publicação de vídeos em que és protagonista de comportamentos arriscados (por Exemplo: “tourear carros”)	
k)	Foste convidado/a mas não aderiste a nenhum grupo deste tipo (então passa para a pergunta nº 49)	

Anexo 10 - Questionário sobre Comportamentos de Risco Offline

Questionário sobre Comportamentos de Risco Offline

1. Se foste convidado e aderiste, estabeleceste depois ALGUM CONTACTO com os referidos grupos/páginas (através de SMS, e-mail, telemóvel/celular, mensagem privada no Facebook) ou de outra maneira qualquer? (assinala só uma resposta)		
a)	Estabeleceste contacto	
b)	Não estabeleceste contacto	
2. Alguma vez PLANEASTE (podes assinalar várias opções)		
a)	Suicidar-te	
b)	Automutilar-te	
c)	Participar em atos de violência contra pessoas de outra raça ou de outro país	
d)	Participar em atos de violência contra homossexuais/gays	
e)	Participar em atos de ódio contra alguém	
f)	Fugir de casa dos teus pais	
g)	Alterar os teus hábitos alimentares	
h)	Passar a consumir drogas e/ou álcool	
i)	Tirar fotografias em lugares perigosos (<i>planking</i>) ou posições perigosas (<i>horsemanship</i>) só para as colocares online	
j)	Ter de comportamentos arriscados (por Exemplo: "tourear carros") só para fazeres um vídeo e colocares online	
k)	Nunca planeaste nada disso	
3. Diz-nos agora SE ALGUMA VEZ ... (podes assinalar várias opções)		
a)	Tentaste suicidar-te	
b)	Te automutilaste	
c)	Participaste em atos de violência contra pessoas de outra raça ou de outro país	
d)	Participaste em atos de violência contra homossexuais/gays	
e)	Fizeste parte de ações de ódio contra alguém	
f)	Fugiste de casa dos teus pais	
g)	Foste anorético/a e/ou bulímico/a	
h)	Foste consumidor/a de drogas e/ou álcool	

i)	Tiraste fotografias em lugares perigosos (<i>planking</i>) ou posições perigosas (<i>horsemaning</i>) só para as colocares online	
j)	Tiveste comportamentos arriscados (por Exemplo: “tourear carros”) só para fazeres um vídeo e colocares online	
k)	Nunca fizeste nada disso	

Anexo 11 – Índice de Bem-Estar

Escala de Bem-estar Social e Saúde Mental (MHC-SF)

Durante o ÚLTIMO MÊS quantas vezes te sentiste.... (assinala uma opção em cada linha)

		Nunca	1 ou 2 vezes/mês	1 a 2 vezes/semana	2 ou 3 vezes/ semana	Quase todos os dias	Todos os dias
a)	Feliz						
b)	Interessado/a pela vida						
c)	Satisfeito/a						
d)	Que tinhas alguma coisa importante para contribuir para a sociedade						
e)	Que pertencias a uma comunidade (a um grupo social, à tua escola, ou do teu bairro)						
f)	Que a nossa sociedade se está a tornar num lugar melhor para pessoas como tu						
g)	Que as pessoas são essencialmente boas						
h)	Que a forma como a nossa sociedade funciona te faz sentido						
i)	Que gostavas da maior parte das características da tua personalidade						
j)	Que geriste bem as responsabilidades da tua vida diária						
k)	Que tiveste relações calorosas e de confiança com pessoas da tua idade						
l)	Que tiveste experiências que te permitiram crescer e tornares-te numa pessoa melhor						
m)	Confiante para pensar , ou exprimir as tuas próprias ideias e opiniões						
n)	Que a tua vida tem uma direção ou significado						

Anexo 12 - Exemplos de perfis/páginas/grupos¹⁶¹ do Facebook que podem ilustrar riscos, mas também oportunidades

Figura 1 – Exemplo de post de expressão de emoções



Figura 2 – Exemplo de um post com uma fotografia ousada(nude selfie) no mural



¹⁶¹ Todos os conteúdos que aqui reproduzimos são públicos, ou seja, qualquer utilizador do Facebook os pode visionar. Ainda assim, por forma a garantir a privacidade, a identidade (imagem e nome) das pessoas foi ocultada.

Figura 3 – Exemplo de página para denúncia de perfis falsos



Figura 4 - Exemplo de mudança de status



Figura 5 – Exemplo de um grupo fechado com ideais xenófobos



Figura 6 – Exemplo de um post com conteúdo racista



Figura 7 - Exemplo de um grupo aberto com ideais homofóbicos



Figura 8 - Exemplo de post com conteúdo homofóbico



Figura 9 - Exemplo de página de incentivo ao suicídio



Figura 10 - Exemplo de uma página de incentivo à fuga de casa



Figura 11 - Exemplo de um perfil de instigação à bulimia (Mia) e anorexia(Ana)



Figura 12 – Exemplo de post de incentivo à anorexia



Figura 13 - Exemplo de uma página de instigação à automutilação



Figura 14 - Exemplo de uma página que instiga ao consumo de álcool



Figura 15 - Exemplo de uma página que instiga ao consumo de álcool (desafio de necknomination)



Figura 16 - Exemplo de uma página e de uma fotografia de planking (tirada no meio de uma autoestrada)



Figura 17 - Exemplo de uma página e de uma fotografia de Horsemaning

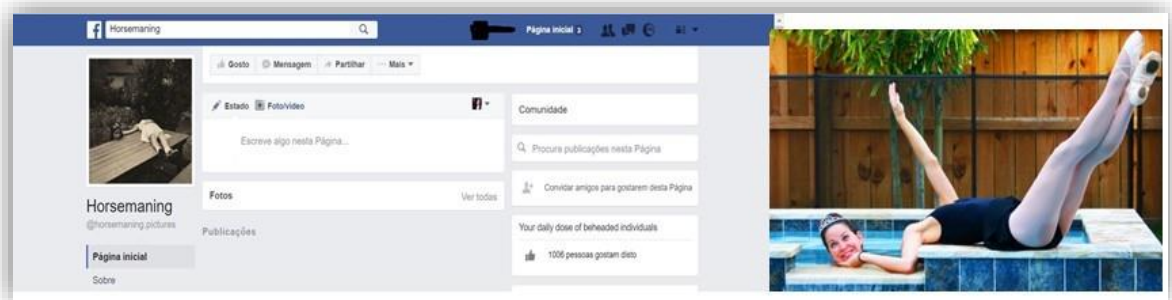


Figura 18 - Exemplo de uma página de desafios em vídeo e de uma fotografia de “tourear carros”



Figura 19 – Exemplo de um post onde jovens aparecem a consumir álcool e tabaco



Figura 20 – Exemplo de post/fotografia em que há consumos (tabaco)

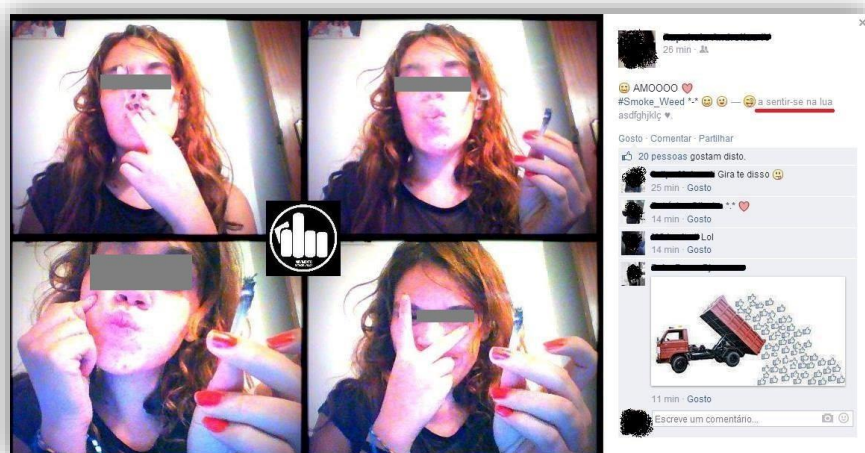


Figura 21 – Exemplo de selfie



Figura 22 – Exemplo de perfil, desbloqueado, com dados sobre o próprio (local onde estuda, número de telemóvel, e-mail)



Figura 23 – Exemplo de post onde há expressão de sentimentos/emoções (desejo de arranjar namorada)



Figura 24 – Exemplo de post onde há a procura de apoio emocional



Figura 25 – Exemplo de uma página de apoio a deficientes auditivos



Figura 26 - Exemplo de página com o objetivo de organizar Flash Mobs

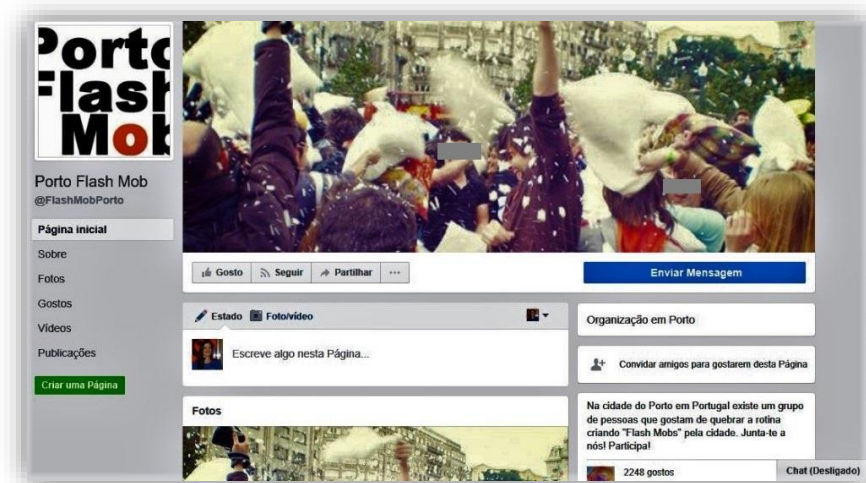


Figura 27 - Exemplo de página de informação (sobre drogas)



Figura 28 – Ferramenta do Facebook com o objetivo de apoiar pessoas com ideiação suicida, ou que sintam o impulso de se automutilarem



Figura 29 – Ferramenta do Facebook que pode ser acionada caso alguém detecte que há o risco de suicídio ou de automutilação



Figura 30 - Exemplo de um grupo dedicado à procura/oferta de emprego



Figura 31 – Post de jovem com o objetivo de obter “Likes”



Figura 32 - Exemplo de uma página de ódio contra alguém específico



Figura 33 – Exemplo de um post de ódio contra o género masculino (misandria)

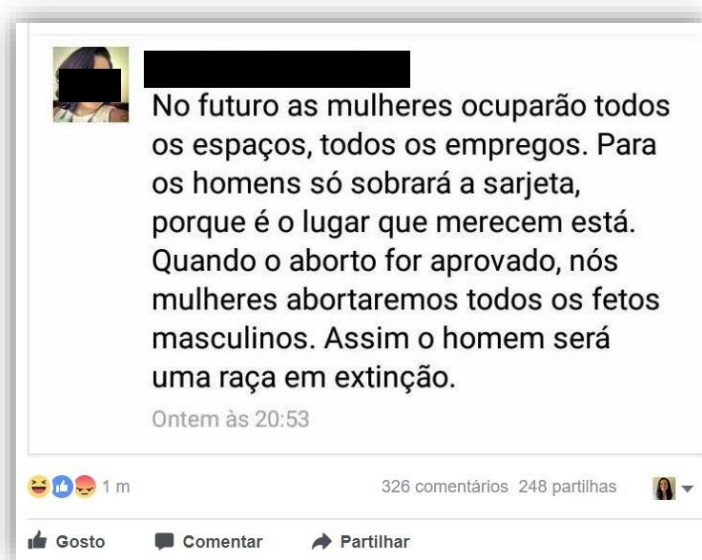


Figura 34 – Exemplo de página de cyberbullying



Figura 35 – Exemplo de uma página/post de cybersexting



Figura 36 - Exemplo de uma página de informação sobre o país



Figura 37- Exemplo de página de informação (Associação de Apoio à Vítima)



Figura 38 – Exemplo de uma página com informações relativas a saúde



Figura 39 - Exemplo de uma página em memória de um falecido (expressão de emoções)

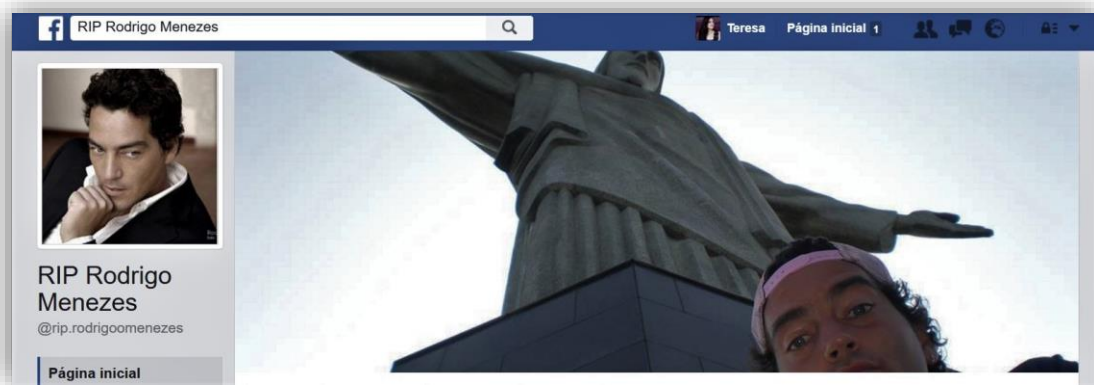


Figura 40 – Exemplo de post onde é expressa a dor pela morte de alguém



